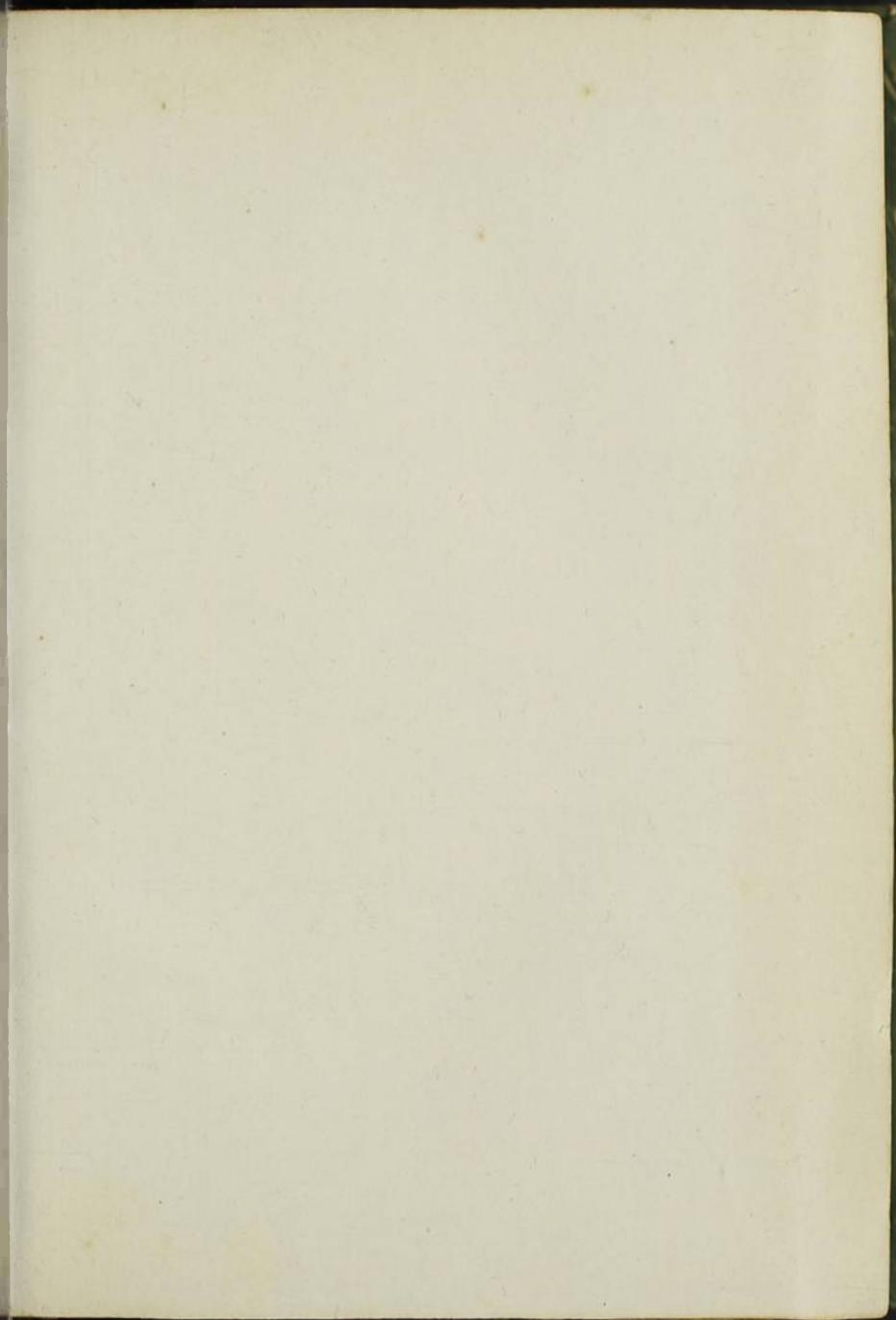
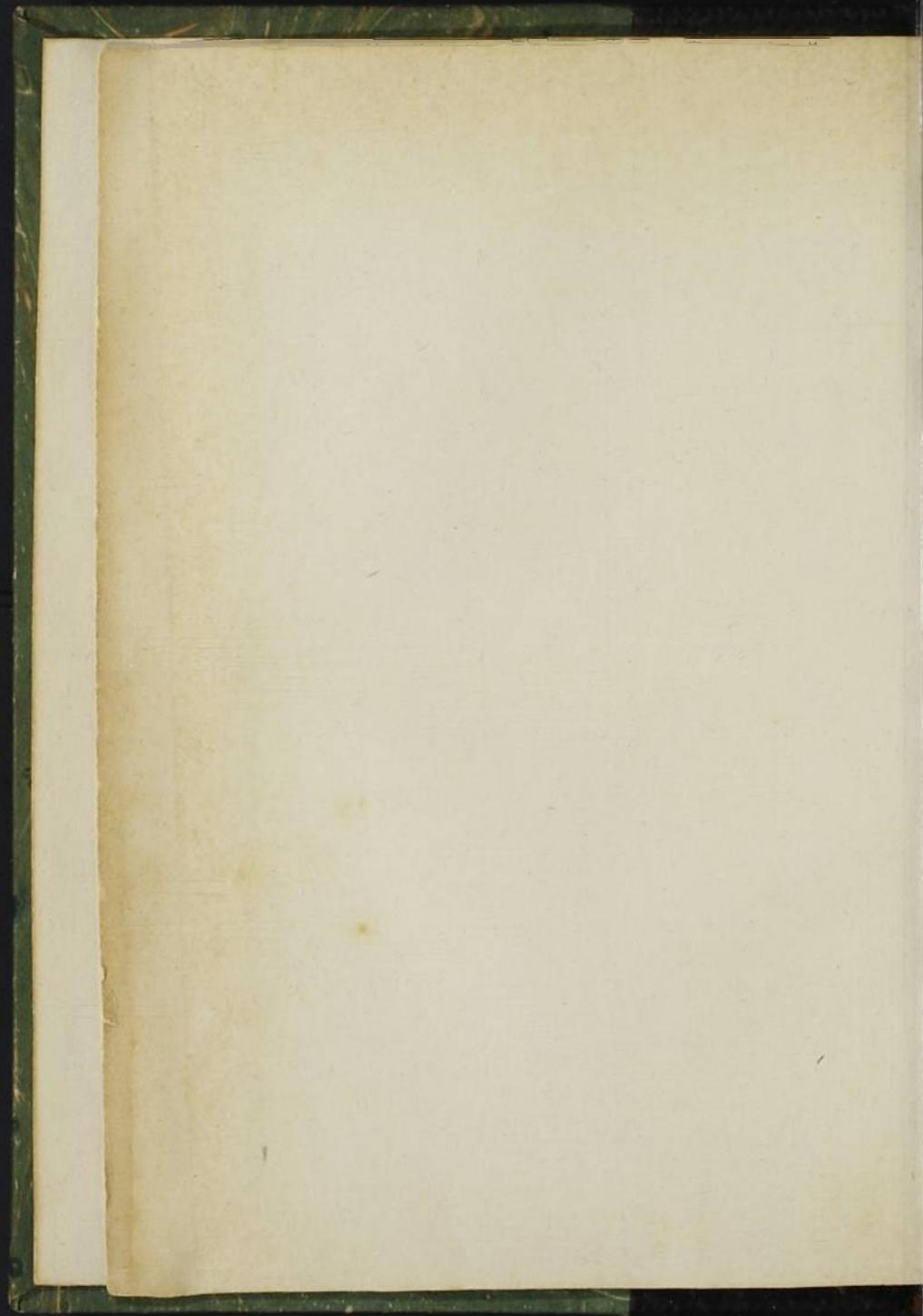


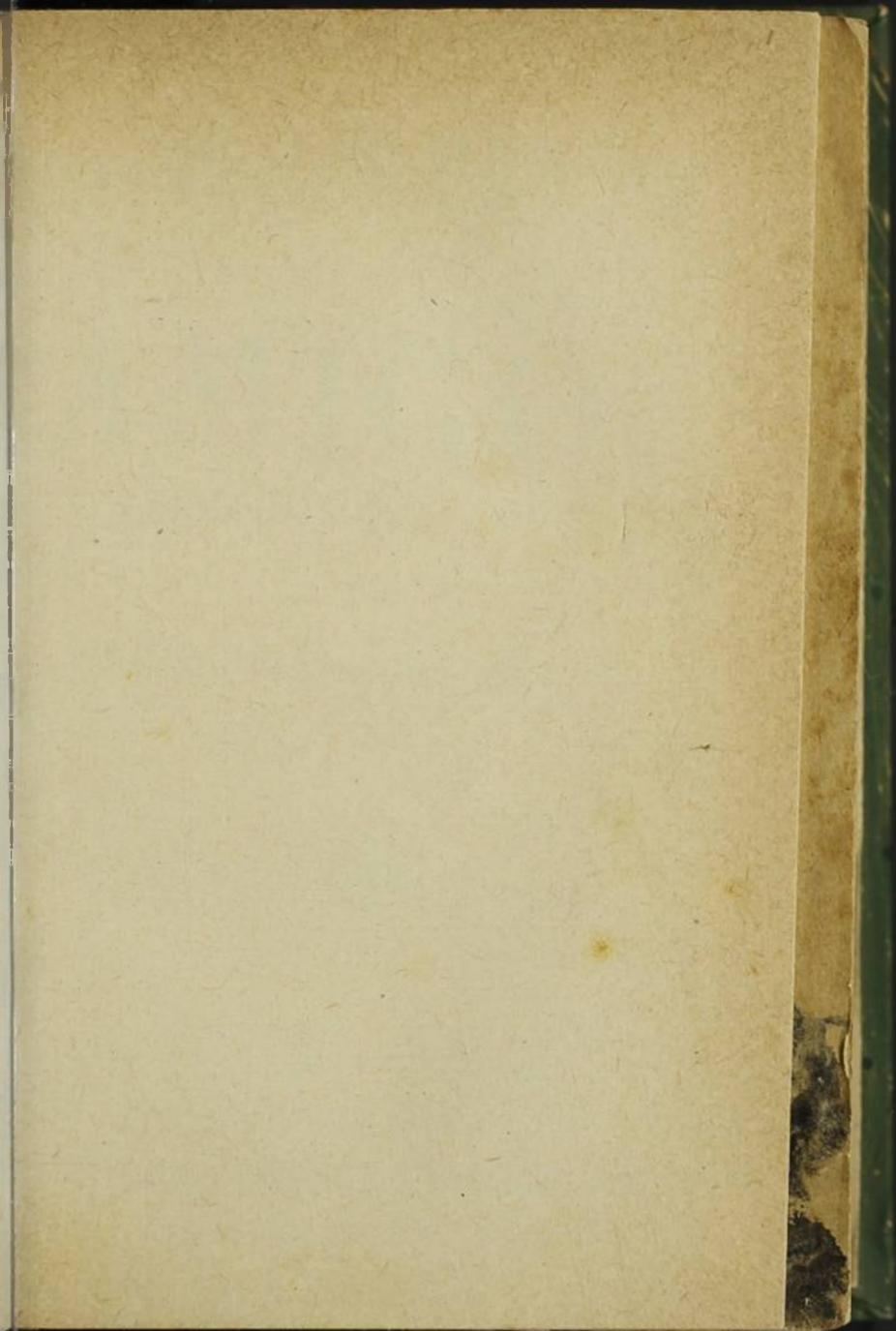
le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

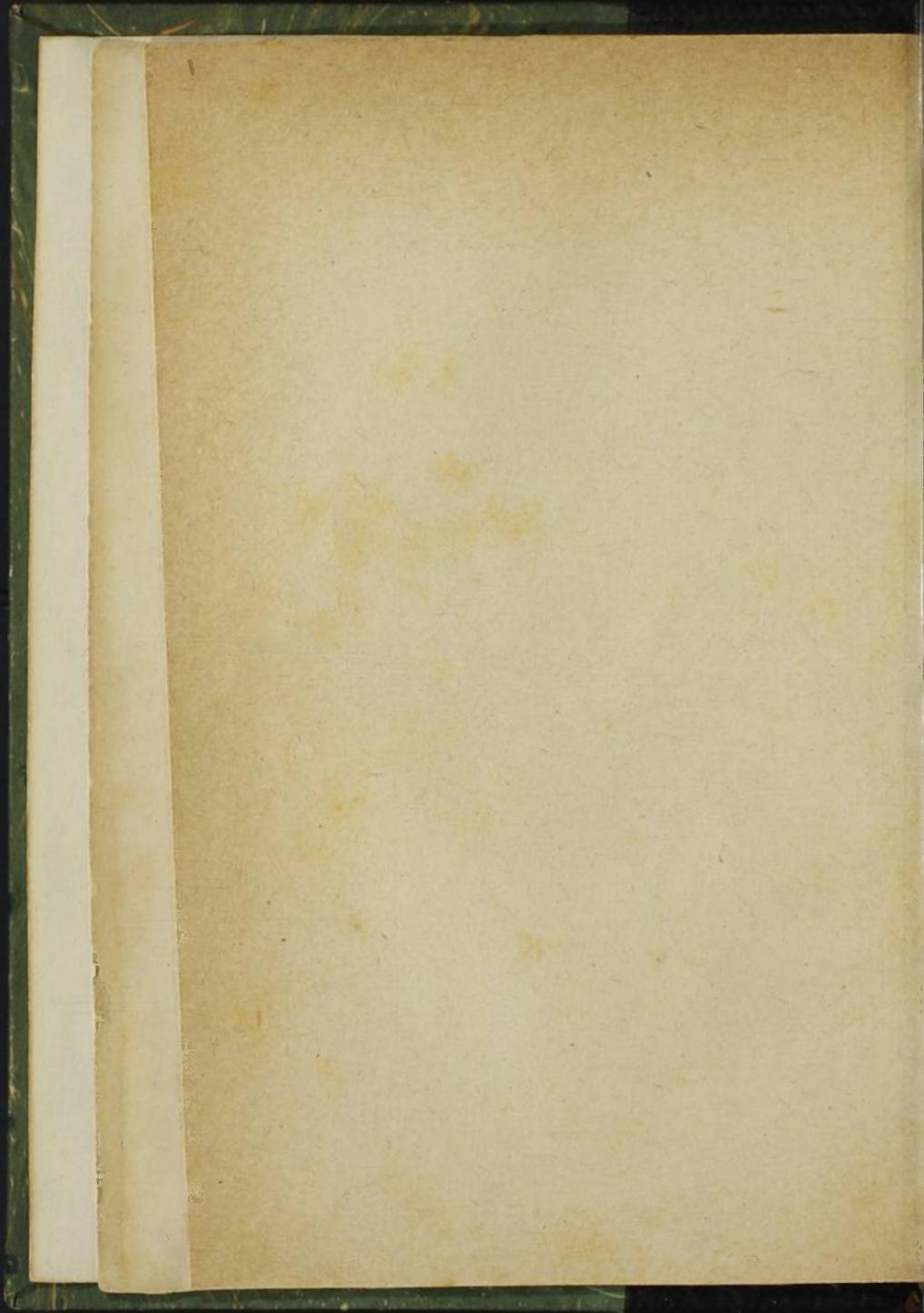
*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin









O QUE SÃO

OS

AMIGOS

COMEDIA EM 1 ACTO

DE

*Luiz de França Almeida e Sá.*



RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DE

AGOSTINHO GONÇALVES GUIMARAES & C.<sup>a</sup>

Rua do Sabão N.º 26

Esta comedia só poderá ser re-  
presentada com prévio consenti-  
mento do autor.

A scena passa-se em S. Gonçalo.

Epoca, actualidade.

---

### PERSONAGENS.

Engenheiro.....	22	annos.
Dr. Abecedario, Juiz....	38	»
Cirurgião Dentista.....	23	»
Padre Liborio.....	26	»
D. Modesta Pudibunda.	54	»
D. Tartaruga Scorpião..	80	»

Journal of the

Exploring Expedition

Under the Command

of Captain James W. Cook

in the Years 1771, 1772, 1773, 1774, 1775, 1776

and 1777

By James King, Esq.

Surgeon, and Secretary to the Expedition

London, Printed by R. DODD, in Pall-mal

1781

# O QUE SÃO OS AMIGOS.

---

## ACTO UNICO.

A scena representa uma sala de sitio mobiliada, tendo um relógio na parede, e uma estante com livros, jornaes, etc.

### SCENA 1.<sup>a</sup>

Engenheiro *junto á estante, e Dr. Abecedario no sophá, lendo um jornal.*

Engenheiro.— A Grecia curva-da ás doces reminiscencias dos sete sabios, de que tanto nos falla a historia, o Pentelico e o Hymmeto produzindo os sazoados fructos da poesia a mais assucarada, e o Vaticano de cocaras amparando as magestosas abobodas da monumental bazilica, nunca sentirão tão dolorosas rendeduras (pondo as mãos nas virilhas) com as que

experimento neste momento, diante de tão respeitaveis alfarrabios. (percorre a estante com o olhar e tira um livro). Ossian! magnifico trilho que tantos wagons de imaginação tem conduzido. (tira outro). Pelletan! trêna possante, que tanto tem medido a sciencia dos conhecimentos humanos. (substituindo por outro). Benthán! bussola fiel que tão alcantiladas cabeças has dirigido (ainda substituindo). Lobão! nivel precioso que innumeradas demandas tem livrado dos cachôpos e baixios do fôro; quantas protuberancias e emblemas da therapeutica, em fórmula de projectis, lançaes por minuto! Mas que?... E tu, tu que pozestes em reboção o orbe, tu que envolveres na mais gostosa luta os seres sensiveis, e que espancando as trevas trouxestes a luz! tu, meu Paulo de Kock...

Juiz.—Alto a banca, que agora toca-me a vez. Paulo de Kock, Snr. Engenheiro, esse prodigio da mais aperfeiçoada moralidade, esse ente sobrehumano do seculo dos Philipinos Codigos, esse fructo de uma sentença lavrada por mão de patologica virgem, esse cultor infatigavel da sciencia moderna...

Engenheiro.—Eu diria antes do sexo amavel.

Juiz.—Pois eu sustento o que disse, e não aceito o embargo.

Engenheiro.—Eu já sabia, mas o doutor veja bem que, segundo o art. 901 da lei das Terras, ficaria muito melhor empregar a palavra —progresso—de preferencia á que empregou.

Juiz.—Pois vá que seja ; — do progresso da sciencia moderna...

Engenheiro.—E o doutor a dar-lhe com a sciencia.

Juiz. — Deixe-me completar o

periodo, e depois repete-o, se achar que deve...

Engenheiro.—Pelo que vejo quer fazer um discurso.

Juiz.—Quero apenas lavrar uma sentença.

Engenheiro.—Como, se estamos em ferias?

Juiz.—Não importa. E' uma sentença puramente individual.

Engenheiro.—Nesse caso, dar-se-ha que eu tenha de aguentar com as custas?

Juiz.—E mais a multa correspondente á distancia em que se acha do ponto á que eu me refiro.

Engenheiro.—Pois meu caro Sr., declaro-lhe que estou de louça sem um pires; salvo se quizer esperar até que eu dê por acabada a planta desta Fazenda.

Juiz.—A proposito, falta-lhe muito?

Engenheiro.—Ando agora ob-

servando os arrebaldes da visinhança; em breve espero entrar no conhecimento do interior da nossa proprietaria.

Juiz.—Conta então, entrar-lhe de rijo!

Engenheiro.—Por certo. Hei de metter-lhe o dente, sem dó nem piedade.

Juiz.—Cautéla que não a aleije.

Engenheiro.—Antes temo quebral-o em algum osso.

## SCENA II.

*Os mesmos e D. Modesta.*

D. Modesta.—Se não os interrompo quero dar-lhes os bons dias antes que mãisinha se acorde.

Juiz.—Pelo contrario, dá-nos o prazer de gozarmos de sua amavel companhia.

Engenheiro.— Cuja falta ha muito que deploravamos.

D. Modesta.—Ora! Que falta póde fazer uma moça que já caminha na casa dos sessenta, sem ter a belleza que aos moços encanta?

Juiz.—Mas ainda o é sympathica e bondosa, quanto basta para attrahir a nossa attenção.

Engenheiro— E, além d'isso, intelligente e rica.....

D. Modesta.— Obrigada. Digame cá a ma cousa o Sr. Engenheiro: quanto calcula que possa a mãisinha ter de fundo?

Engenheiro.— Pois o defunto Sr. seu pai nunca lhe disse?

Juiz.—Elle nem sabia o thesouro que possuia.

D. Modesta.— Não sei nada d'isso; o que eu quero é que me diga, muito em particular, assim como quantos covados de terra tem de frente esta Fazenda, desde o primo Cirurgião Mentira até o tio Tamanduá Moleque.

Engenheiro.—E' questão um pouco intrincada, minha Senhora, só amanhã é que poderei responder á V. Ex<sup>a</sup>.

D. Modesta.—Aposto que ainda vai medir?

Engenheiro.—Não, Senhora, é que tenho a medida em metros, para reduzi-la a covados, preciso recorrer aos diferentes processos do Dr. Taboada, que requerem disposição, tempo e concentração. E' facil de ver que as reduções para braças, aunes, varas, jardas, palmos, e finalmente, pés e covados, exigem que o enunciado da questão seja claro e intelligivel, assim como que a discussão das equações se faça calma e regular, em toda a sua marcha, afim de evitar o resultado que se obtem todas as vezes que se procura provar a immortalidade da alma.....

D. Modesta.—Oh ! Sr. Enge-

nheiro, explique-me, que resultado é esse á que o Sr. se refere.

Engenheiro.—E', e será sempre minha Senhora, um resultado negativo, embora mesmo conhecendo-se os valores nominaes de todas as incognitas do Olympo.

Juiz—. Muito bem. Sim Sr. Dê-me a sua mão e receba os meus cumprimentos.—E', D. Modesta, tal qual elle o diz; vê-se atravez de todo *calculo* transluzir a verdade nas razões que acaba de expender o nosso habil Agrimensor. (D. Modesta contempla admirada o Engenheiro). Aposto que se se tratasse de uma questão puramente judicial, eu não me sahiria com tão feliz exito.

D. Modesta.— Como? Pois o Sr. Seabra Pipoca, não é só Engenheiro, é Agrimensor tambem?

Engenheiro.—Eu vou explicar a V. Ex<sup>a</sup> o que sou, conforme o

neu fraco modo de entender: A Engenharia, minha Senhora, exigindo pleno conhecimento das sciencias abstractas, não deixa por isso de ser uma arte, sendo no entretanto dentre todas a que tem caminhado com mais velocidade na estrada do progresso.

Juiz.—Pois que até anda a vapor.

Engenheiro— Diz muito bem, Dr. Abecedario. A ella é que devemos as redes d'estradas de ferro que estão semeadas pelas nações cultas do velho e novo mundo. A ella é que devemos o alcance gigantesco que nos trouxe a navegação feita a vapor. A ella é que devemos a defeza dos portos, a construcção dos encouraçados, a ascensão do aerotastico, a installação do thelegrapho, a organisação do gazometro e finalmente a...a... a... a descoberta da polvora.

D. Modesta.—Mas isto já foi a tantos annos!

Juiz.—Se bem me lembro foi no seculo decimo quarto!

Engenheiro.—Que importa se a organização da esphéra e seus movimentos são a prova mais evidente de que a engenharia já era applicada antes da criação do mundo? Que importa, se os sonhos de Pharaó encontravão explicação unicamente no calculo, esse sustentaculo fiel das sciencias exactas? Que importa, se o templo de Diana, em Ephéso, fôra construido sob as regras mais tarde estabelecidas por Newton, Leibnitz, Lagrange, e mais tarde ainda por Christianini e Lisboa?

Juiz.—Neste ponto tem toda a razão.

D. Modesta.—A ser verdade, eu tambem acho.

Engenheiro.—Comprehendendo

pois o corpo de Engenheiros, minha Snra., os engenheiros militares, os engenheiros civis, os engenheiros geographicos e os engenheiros fiscaes e seus ajudantes, é facil de ver que, nós, que tambem fazemos applicação da engenharia, devemos ser considerados e usar das regalias de engenheiros agrimensores. Já vê V. Exc. que tem diante de si, nada menos que um...

D. Modesta.—... Homem!

Juiz.—Não.

Engenheiro.—Sim Dr., um homem, que é engenheiro agrimensor.

Juiz.—Então digo mais, um homem que é um habil orador, e que conhece, não só as principaes regias da bôa rhetorica, como tambem os homens que mais modificações têm feito na sciencia de Augusto Courte. Dos citados é o penultimo, minha Snra., dotado

de tão grande cabeça que garantio. em letra redonda, ter as linhas parallelas um ponto de encontro no infinito. E o ultimo...

D. Modesta.—...O ultimo, eu conheço muito, é barrigudinho e usa pince-nez.

Engenheiro.—Justamente.

D. Modesta.—Já estive aqui por occasião do Natal.

Juiz.—Dizia pois, que é pena que o nosso Engenheiro não se dedique ao estylo sentimental.

D. Modesta.—No que o Snr. é mestre.

Engenheiro á Juiz.—Espero que me proporcionará occasião de ouvi-lo.

D. Modesta.—Para o que vou mandar preparar o almoço.

Engenheiro.—O que é muito hygienico.

D. Modesta.—Hygienico ?!!

Engenheiro.—Sim Snra., a junta

manda que o almoço seja preparado antes de comido.

D. Modesta.—Ah!

Juiz.—Quer dizer; a carne lavada, a panella no fogo, a lenha de molho, digo mal...

D. Modesta.—Compreendo, comprehendo, e ha de ser um môlho bem apimentado. (Sahe).

### SCENA 3.a

*Os mesmos, menos D. Modesta.*

Engenheiro.—Então não temos almoço.

Juiz.—Como assim?

Engenheiro.—Pois vai pôr a lenha em um môlho bem apimentado.

Juiz.—Ora não me faça rir. Dê-me licença. (Sahe rindo-se).

## SCENA 4.a

Engenheiro só.

E foi-se a rir deixando-me-entregue a estas quatro paredes (olhando para o relógio), 8 horas, bem (deitando-se no sofá), posso ainda dormir uma boa meia hora (vira-se). E' incontestavel que a posição horisontal é de todas a mais commoda (boceja e espreguiça-se), é a que demanda menos estudo... (boceja e dorme).

## SCENA 5.a

Cirurgião Dentista e Padre Liborio, *falão fóra da porta, sem serem vistos pelo espectador—trajão de viajante.*

C. Dentista.— Entra primeiro, padre Libério.

P. Liborio.—Entra você, que tem mais pratica do que eu.

C. Dentista.—Lá isto não, que não as ando confessando a cada momento.

P. Liborio.—Por essa mesma razão é que não me compete.

C. Dentista (empurrando-o para dentro da scena).—Ora ande, não se faça de tôlo.

P. Liborio (em scena).—Com licença, minhas Snras.

C. Dentista (lendo o subscripto de uma carta que tem na mão).—Aqui não é que mora a Exma. Snra. D. Tartaruga Scorpião? Muito Digna Congregada...

D. Tartaruga (dentro).—Quem é que está ahí?...?

P. Liborio. — Dous humildes servos que desejão fallar á Exma. Snra. D...

C. Dentista.—...Tartaruga Scorpião. Muito digna...

D. Tartaruga.—Fação favor de esperar um bocadinho, que já lá vou. Modestinha, oh! Modestinha (gritando) menina. ?

D. Modesta (no fundo).—Snra.

D. Tartaruga.—Venha cá.

C. Dentista (que avista D. Modesta, chega-se ao padre, baixa voz).—Oh! Liborio, olha a menina!

D. Liborio.—Calla-te, homem de Deos (fazendo esforço para não rir.)

D. Modesta (que atravessa a scena com uma gallinha na mão). Aqui estou, sim Snra.

D. Tartaruga.—O que estava fazendo, que não me ouvia chamar-a a mais de uma hora?

D. Modesta.—Estava apalpan-do as gallinhas.

C. Dentista.—Que innocente passatempo!

D. Tartaruga.—Quem te apal-

passa... não sei o que quizera dizer. Passa já soltar a gallinha e me volte já... n'um pulo. Não sei do que lhe servem os meus conselhos de todos os dias.

D. Modesta (chega á porta e solta a gallinha na sala. O Padre e o Dentista estão em posição de enchotal-a).—Isto já me vai aborrecendo.

C. Dentista (enchotando-a).— Oh! Liborio, olha que estamos no gallinheiro.

P. Liborio (o mesmo).—Creio que erramos a porta.

C. Dentista.— Não ha que ver. Sempre é casa de mulher.

D. Tartaruga.—Menina. Onde foi que soltastes a gallinha... heim?

D. Modesta — Soltei aqui na sala, para andar mais ligeiro.

D. Tartaruga.—Sua grandecissima lambisgoia!!! (ouve-se o ba-

ter de algumas palmadas). Logo na sala... onde estão as visitas...

D. Modesta (chorando).— Ai! Ai! Ai! Minha mãisinha...

P. Liborio.— Aquillo será na menina?!

C. Dentista— Pelo que parece.....

D. Tartaruga.— A pena que eu tenho é não ter uma mão de ferro. Não tem mais o que inventar. Pois se já anda me pondo as mangas de fóra.

#### SCENA 4.<sup>a</sup>

Os mesmos e o Engenheiro (que se acorda com o barulho)

Engenheiro (esfregando os olhos.— Heim! Quem é que tem mangas de fóra? Se são da Bahia eu compro-as todas.

C. Dentista.— (que não o tinha visto). Esta não está má!.....

P. Liborio (reconhecendo-o)—  
Oh! pandego mór.....quero dar-te  
um abraço.

Engenheiro (abraçando-o).—Oh!  
pois tu por aqui! (vendo o C. Den-  
tista) e o nosso improvisado Den-  
tista! (estende-lhe a mão.)

C. Dentista.—É' verdade, meu  
Engenheiro feito a sopapo; como  
tens passado?

Engenheiro—Como quem aca-  
ba de ouvir fallar em mangas (per-  
correndo a sala com o olhar), fru-  
cta de que eu muito gosto.

Padre Liborio.—É' que estavas  
dormindo meu maganão.

Engenheiro.—Pois se eu não  
dormi toda a noite.

C. Dentista.— Então é sempre  
certo o que se dizia pela Enge-  
nhoca?

Engenheiro.—Sem duvida an-  
nunciavão a minha aptidão pela  
Engenharia?.....

Padre Liborio á Dentista.— A proposito...

Engenheiro.—De engenharia...

Padre Liborio.—Não !... do que se dizia pela Engenhoca.

C. Dentista.— Apoiado.

Engenheiro.—Vejamos.

P. Liborio (puchando-o).— Não pretendes que em breve, eu na qualidade de padre que sou o teu amigo que sempre fui e serei, abençoe o laço sacro do hymenêo, que te unirá á alguma modesta e pudibunda.....

Engenheiro (tapando-lhe a boca) — Caluda, padre... Não me queiras comprometter.....

P. Liborio (admirado).— Não comprehendo.

Engenheiro (baixo). — Não sabes que Modesta Pudibunda é o nome da filha da velha Tartaruga ?

C. Dentista.— Que notavel coincidencia ! !...

(Os mesmos e D. Tartaruga.)

D. Tartaruga (fallando para dentro).—Tomára eu vel-a sahir, sem que se lhe chame (ás visitas) quemé que me procura?

C. Dentista (comprimentando-a)  
—Um humilde servo que vêm de pôr nas mãos de V. Ex., as credenciaes com que houve por bem acreditado o muito illustrado traductor da Estatua de Carne (entregalhe uma carta).

P. Liborio.—E' um representantedo clero que tem a subida honra de apresentar á V. Ex. os protestos da mais alta consideração que lhe tributa o sympathico e intelligente ex-Repetidor d'Historia do Collegio de Pedro II. (entregalhe outra carta).

Engenheiro, (dando um passo

á frente).—Deos Nosso Senhor lhe dê muitos bons dias.

D. Tartaruga (vai como que á receber uma ultima carta).—Ah! (espirra). Amen! Deos lhes dê os mesmos. Tenhão a bondade de descançar, meus senhores..... hão de estar bastante magoados..... eu faço idéa. (assentando-se). Com licença (abre a primeira carta). A letra é d'elle não ha duvida, mas eu não enxérgo nada sem os meus oculos...

Dentista (á Liborio).—No entretanto conhece a letra.....

Engenheiro (a D. Tartaruga).— Não é razão, minha Senhora, quando eu aqui me acho sempre ao seu dispôr. Dê-me a carta que passe a lê-la com todos os fff e rrr.

Liborio (a Dentista).— Como elle sabe adulal-a.

D. Tartaruga.—E' um grande favor que o Senhor me presta (en-

trega-lhe a carta); tenho meus Senhores, a vista tão já tão cansada pelos trabalhos e afflições que tenho experimentado, aponto de já nem poder fazer as minhas flôres de cêra, de que eu tanto gostava (toma uma pitada).

Liborio (a Dentista).— Como se os annos não influissem.

Dentista ( a Liborio).— E' um typo este não muito vulgar.

Liborio (a Dentista).— Ora deixa-te disto, tartarugas é o que não faltão.

D. Tartaruga.—Então Snr. Engenheiro, por que não principia com a leitura?

Engenheiro.— E' que nunca aprendi o italiano, minha Snra., para poder assim de momento traduzir uma carta toda cheia de el madres e el padres....

D. Tartaruga (raivosa).— Heim. Vejão só ; onde é que se vio isto?

escrever-me em italiano, como se eu fôsse filha de algum carcamano....

C. Dentista. — Perdão, minha Snra., cabe-me explicar que longe do meu amigo offender á V. Ex. dirigindo uma carta em italiano, fêl-o antes levado pelo enthusiasmo de que se acha possuido com as producções que surgem á luz do dia, na patria de Raphael....

P. Liborio. — E' exacto, anda fanatico.

C. Dentista.—..... no entretanto tratarei de obter d'elle a traducção dessa carta que V. Ex. terá a bondade de passar as minhas mãos, afim de envia-la, ou antes ser eu o proprio a conduzil-a (levanta-se).

D. Tartaruga.—Não, Snr., o que V. S. acaba de me dizer é muito bastante para que eu restitua a amisade e confiança que sempre tive a esse moço que....

C. Dentista.—....Porém minha Snra., talvez que a minha pessoa seja demais n'esta casa, e.....

D. Tartaruga.— Nunca são de mais em minha casa, meu caro Snr., as pessoas que me são recomendadas. O Snr. ha de ficar aqui o tempo que eu quizer. (vira-se). Modestinha! oh! Modestinha. Vão ver que está dormindo (levanta-se); com licença (vai á porta do quarto), menina!

D. Modesta (como quem se acorda).—Senhora.

D. Tartaruga (reprehendendo-a) —O que tu merecias eu bem sei o que era, passa já a offerecer goiabada aqui aos Snrs.

D. Modesta (aparece).—De qual quer ?

D. Tartaruga.— D'aquella que se fez no dia de S. João (D. Modesta sahe). E' esta a primeira vez que passo a festa, n'este bom S.

Gonçalo, sem ter a casa cheia de hospedes, a ponto de ser preciso muitas vezes ceder até a minha cama.....

P. Liborio. —.....Lembro á V. Ex. que ainda não procedeu a leitura da carta que tive a honra de...

D. Tartaruga.—E' verdade, nem mais me passava pela imaginação (dirigindo-se ao Engenheiro), tenha a bondade de vêr se póde me lêr esta (entrega-lhe a carta).

Engenheiro.—Se não fôr em italiano.

C. Dentista (a Liborio).— O bonito é se elle arruma-lhe algum capitulo d'Historia antiga.

Engenheiro (lendo). — Illma. Exma. Snra. D. Tartaruga. Depois das interessantes e sabias leis da alavanca e da gravitação expostas por Guido Ubaldi, as do movimento e equilibrio dos fluidos por Esttévin, as de Kepler expli-

cando as marés pela attracção da lua, as experiencias com pendula, assim como as leis das quédas dos corpos por Galiléo, as da rotaçào da terra sobre o seu eixo e do seu movimento de translação em torno do sol, as do magnetismo e electricidade, as do vapor, etc. etc.; vão as sciencias descobrindo novos horizontes e novos louros e conquistas, vão obtendo no caminho do progresso.....

C. Dentista (á Liborio).— Para o que lhe havia de dar!

Liborio (á Dentista)—Deixa-me, isto não sei o que me parece.....

Engenheiro.—.....etc., etc.; tenho pois a honra de apresentar á V. Ex. o meu particular amigo e distincto orador o Illm. e Rev. Snr.....

C. Dentista (levantando).— Já sabemos de tudo... olha! (apon-

tando para D. Tartaruga que dorme a somno solto.

Engenheiro (o mesmo).—Então esperem um pouco que eu já volto (sahe precipitado).

C. Dentista (apontando para a porta).—Liborio, vês? Sigamos os seus passos sem perda de tempo.

Liborio (resoluto).—Havemos de apanhal-o com a boca na botija. (sahem).

SCENA 8.a

Juiz (entrando vestido de preto, calçando as luvas).—O almoço demora-se e eu sinto não poder esperar... (percorrendo a sala com o olhar), ninguém! Vão ver que estão almoçando sem ao menos terem a delicadeza... é demais... isto não tem cabimento (vai a sahir e dá com D. Tartaruga dormindo), dormindo!! (aproximase), e que somno. Por isso é que

não se trata de comer nesta casa... aposto que já encherão o pandulho de goiabas. E digão lá que em casa de gente rica se passa á fidalgo, tendo-se tudo a tempo e a horas... nada... passo á visitar o vigario que tem quem lhe sirva ás mil maravilhas. (Sahe).

## SCENA 9.a

Engenheiro *espia* D. Tartaruga, e *entra* *puchando* o Dentista.

Engenheiro.—Escuta. Sou teu amigo e quero dar-te uma prova de minha amizade. Nós ambos, nada temos não é verdade?

Dentista (apalpando os bolsos).  
—E'.

Engenheiro. — Pois em pouco poderemos ser millionarios.

Dentista (apontando para D.

Tartaruga).—Tirando-lhe a vida ?

Engenheiro.— Não. Casando-te com ella e eu com a filha.

Dentista.—Queres então transformar-me em kagado ?

Engenheiro.— É o que tem que sejas o kagado de uma rica tartaruga ?

Destista.— Como, se eu não sei me haver com as mulheres, homem de Deos ? Olha: se as amo, tem-me por nescio; se as não amo, por leviano; se as deixo, por cobarde; se as sigo, por importuno; se as não sigo, por perfido; se as procuro, me aborrecem; se as desprezo, me perseguem; se as visito, sou mais que louco... e até dizem que não sou homem, quando não as visito. Vê pois se devo...

Engenheiro . — Deixa-te disto, meu idiota, não vês que esta já encara o mundo pelo avesso e portanto crê no amor, na amisade, na

constancia e na virtude, levando em muito boa conta as considerações sociaes que nós outros desprezamos pela lei geral da conveniencia particular?

Dentista.—Por isso mesmo é que ella não ha de querer.

Engengeiro.—O casamento ella ha de até exigir que se faça desde que execute á risca o plano que hei delineado.

Dentista (aparte).—O melhor quinhão é o meu. (alto) Não ha duvida, hei de executal-o já que é em meu o teu beneficio.

Engenheiro.—Bem, dada a hypothese de que tu sejas com effeito dentista...

Dentista.—Duvidas?

Engenheiro.—...Não me interrompas, lançai mão do tal instrumento dentario, e procurando introduzir-lhe arrancai-lhe o dente ou a raiz mais fórte que ainda

existir n'aquella boca já tão carcomida.

Dentista. — Fica ao meu cuidado...

Engenheiro. — ... Ouve o resto, ella com a dôr e o choque, desmaia naturalmente, e tu que neste caso já deves ter á porta a conducção e em casa o padre prompto a receber-te, logo a conduzirás para dentro do carro, e verás como ao chegares á casa, ella para dar uma satisfação ao publico, exigirá de ti como sacrificio o que tu consideras beneficio.

Dentista. — Magnifico, o plano é de mestre.

Engenheiro. — Assim o Dentista não seja barbeiro; anda que o narcotico foi excellente.

Dentista (admirado). — Pois ella tomou ?...

Engenheiro. — Já te não lembras da leitura da carta ?

Dentista. — Ah ! sim. Então sigo a contractar o padre ?

Engenheiro (empurrando-o).— Que duvida.

Dentista (chega á porta e volta). —O Liborio não servirá ?

Engenheiro.—Qual, é capaz de querer sociedade, quando outro ficará muito contente com qualquer cem mil réis, que lhe dê para peixe.

Dentista.—Já me hia esquecendo ; qual é o plano que tendes para bifares a minha enteada ?

Engenheiro.—Ora bolas... verás o effeito que já não é pouco.

Dentista.—Bem vou tratar do negocio (sahe).

SCENA 10.a

Engenheiro.—E que tal é o da rabeça !... já quer se occupar com a enteada, o que a mim só diz res-

peito, sem primeiro tratar do casamento... tudo o mais é assim. Estou vendo que se tal acontecer, é capaz o maroto de oppôr-se... por causa das duvidas não percamos tempo (vai a sahir e volta), agora me lembro que tenho outra sarna além do Dentista, e que não está pelos autos... o peor é que este não se póde casar e mesmo não tinha com quem... offerecer-lhe dinheiro não devo, seria offendel-o quando elle se diz meu amigo. Está o diabo... Ora, que logo hoje é que havião de chegar estes massantes... e... que massantes. Bem me dizia minha avó: meu filho olha que os amigos são a perdição dos moços, antes só, que mal acompanhado... e agora eu vejo que ella tinha razão (avista D. Modesta que atravessa para o quarto com uns ovos nas mãos)!... Eil-a. (observando D Tartaruga) Dor-

me. (espiando para o fundo) Tre-  
pado na goiabeira! Bem. Vou  
jurar-lhe um amor puro e santo,  
vou dizer-lhe que amo-a, que sinto  
um vulcão dentro em meu peito,  
que iremos ambos percorrer a  
França, a Hespanha, a Italia, Por-  
tugal, Egypto, e finalmente dir-  
lhe-hei : Vem,

Vem para sempre unir-te á minha sôrte,  
Vem meus dias corôal-os de prazer ;  
No teu seio virginal trarás confôrto,  
Já que sem ti não posso, anjo viver!

e espero que, á vista de tanta ex-  
pressão, ella me estreitará em seus  
braços, e me estenderá a mão em  
que guarda todo o meu futuro ri-  
sonho... A'vante mancebo (investe  
para a porta do quarto e recúa ta-  
pando o nariz). Oh ! prosaismo  
inaudito... borrou-me toda a pin-  
tura!... (resoluto) Não importa,  
vou adoralá no throno ! (entra).

## SCENA 11.a

Liborio (só).—Eu hei de descor-  
tinar toda esta bandalheira... não  
sei o que quer dizer sumirem-se  
todos a um só tempo. Nada, aqui  
ha bico d'obra. Comprehendo o  
alcance da deslealdade com que  
hão procedido para comigo. Tre-  
mão todos a minha vingança que  
vai ser completa. Serei afinal hy-  
pocrita já que assim o querem.  
Principio d'aqui a não ter contem-  
plações. Se castigar os que errão  
é uma obra de misericordia eu...  
sinto passos, é myster que me não  
vejão; assentemo-nos por aqui e  
estejamos na expectativa (assenta-  
se em lugar que os personagens  
não o vejão).

SCENA 12.<sup>a</sup>

*O mesmo e Dentista entrando de ferro em punho.*

Ainda dorme! Vejo o dedo da Providencia encaminhando meus passos! Não, não tremas... sê firme no golpe, d'elle está dependendo todo o meu porvir d'espr'anças... Rico! ideia grandiloqua e sublimada... Sinto escaldarme o cerebro... é preciso calma e eu não a tenho! (decidido) Mas, se o querer é poder eu posso por que quero. (dá um estalo o instrumento na boca de D. Tartaruga), aperte-se minha cara metade, que agora mando eu...

D. Tartaruga (gritando).—Ai!  
Ai! Ai!

Dentista (agarrando-a).—Desmaie, minha senhora! desmaie,

desmaie com os diabos, oh ! que não possa carregal-a.

Liborio (segurando-o). — Mas posso eu segural-o.

D. Tartaruga (gemendo). — Ai ! Ai ! Ai !

Dentista. — Liborio ! pois tu ? ! ...

Liborio. — Sim, a Providencia para aqui dirigio meus passos.

Dentista (tentando fugir). — Solta-me, deixa que eu fuja.

Liborio. — O vigario de Christo não póde, não deve deixar impune um malvado.

SCENA 13.a

*Os mesmos e Juiz.*

Juiz. — O que vejo ?

Liborio (apontando Dentista). — O homem que tentou raptar á esta Sra., cortando-lhe a lingua.

Dentista. — E falso, Sr...

Juiz (com força).—Silencio. O que quer dizer pois, um carro na porta, este sangue, a sua perturbação e a denuncia deste Sr. ?

D. Tartaruga.—Ai! Ai! Ai!

Juiz.—Descance, minha senhora, que avista do precedente já estabelecido, será o seu aggressor processado e condemnado á dotar V. Exc., segundo os artigos do Codigo, em que vai ser pronunciado.

Liborio.— Attenda o Sr. Juiz que elle não lhe faltou ao respeito devido...

Juiz.—Não é razão desde que da violencia resultou ferimento, circumstancia muito aggravante. (á D. Tartaruga) Consinta, minha senhora, que eu lhe examine (amarra-lhe um lenço no queixo), ficou mais curta um bocadinho.

Dentista.—Então é que ella era comprida.

Juiz.—E o que tinha o senhor com isso ?

Dentista.—Triste sorte é a minha...

Liborio.—Resta agora saber do outro senhor que ainda não appareceu.

Juiz.—Naturalmente está levantando a planta do gallinheiro.

SCENA 14.a

*Os mesmos e o Engenheiro entra de braço com D. Modesta.*

Engenheiro (á D. Modesta) Conserve-se calma. (ao Dentista comprimendo-o) Sr. Barbeiro...

Dentista (estupefacto). — Será possível ? !...

Engenheiro (continuando).—... Meus senhores. (á D. Tartaruga) Minha senhora, de V. Exc. está dependendo a felicidade de dous

corações que aquecidos pelo fogo de um amor santo e desinteressado...

Dentista (á parte).—Que patife !

Engenheiro.—...buscão a união perante o mundo, já que ella existe perante Deos. Venho pois pedir a mão da filha de V. Exc.

Dentista.—E' muito cynico.

D. Tartaruga (á custo falla).—Póde... póde... leval-a.

Engenheiro.—Perdão, eu prefiro antes ficar em companhia de V. Exc.

D. Modesta (chorando fórte).—I! i! i! i!

D. Tartaruga.—Pois sim, seja tudo pelo amor de Deos.

Juiz (á D. Modesta).—Pelo que chora minha Senhora?

Engenheiro.—E' a sensibilidade... isto passa.

Liborio (a Juiz).—Cousa rara n'aquella idade, Dr. Abecedario !

Juiz (á Liborio).—Admitto antes que seja influencia athmospherica...

D. Modesta (chorando).—Quem sabe se em muito breve não terei de perder a minha mãe... que já nem póde fallar...

Engenheiro.—Não se afflija que em mim encontrará a senhora um tutor desvellado, um pai carinhoso e um marido fiel e dedicado.

Dentista (á parte).—Emfim tudo será elle emquanto durar o cobre da pequena.

D. Modesta (ainda chorando).—Minha boa mãe! do meu coração...

Engenheiro (á D. Modesta).—Chega de tanto chorar, minha querida, acabe com isto de uma vez.

D. Modesta (abraçando-o).—Mas, se eu não posso...

Dentista (á parte).—E' que está adivinhando o futuro que a espera.

Engenheiro.—Liborio, convidote para seres o meu casamenteiro, e ao nosso bom Dr. para ser o meu padrinho.

Dentista.—E a mim ? a mim, a quem tudo deves ?...

Engenheiro.—A ti ?... para espectador.

Dentista (desce á boca da scena).—Obrigado. Eis aqui o que são os amigos !

DESCE O PANNO.

19068

2  
Bibliotheca das folhinhas Laemmert

---

UM TOLO

COMO HA MUITOS

COMEDIA EM UM ACTO

ORIGINAL DE

Francisco Diogo Ferreira da Silva

---

Licenciada pelo Conservatorio Dramatico Brasileiro

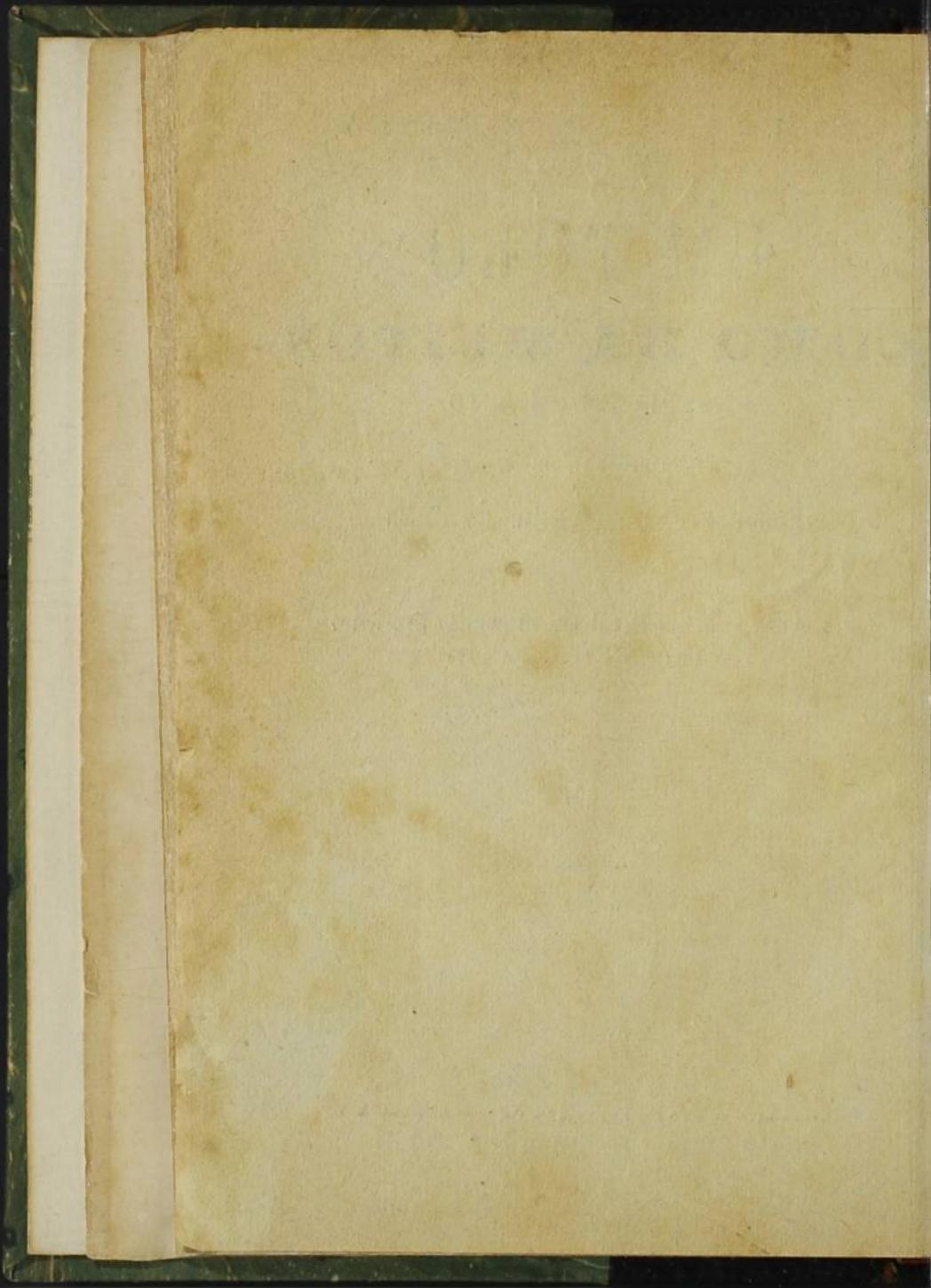
Em 15 de Setembro de 1882

---

RIO DE JANEIRO

Publicada e a venda em casa de Laemmert & C.

66 Rua do Ouvidor 66



## PERSONAGENS

---

AMBROSIO, taverneiro, sujeito que deseja  
muito ser maçon.

LUCIANO, estudante.

SILVEIRA, dito.

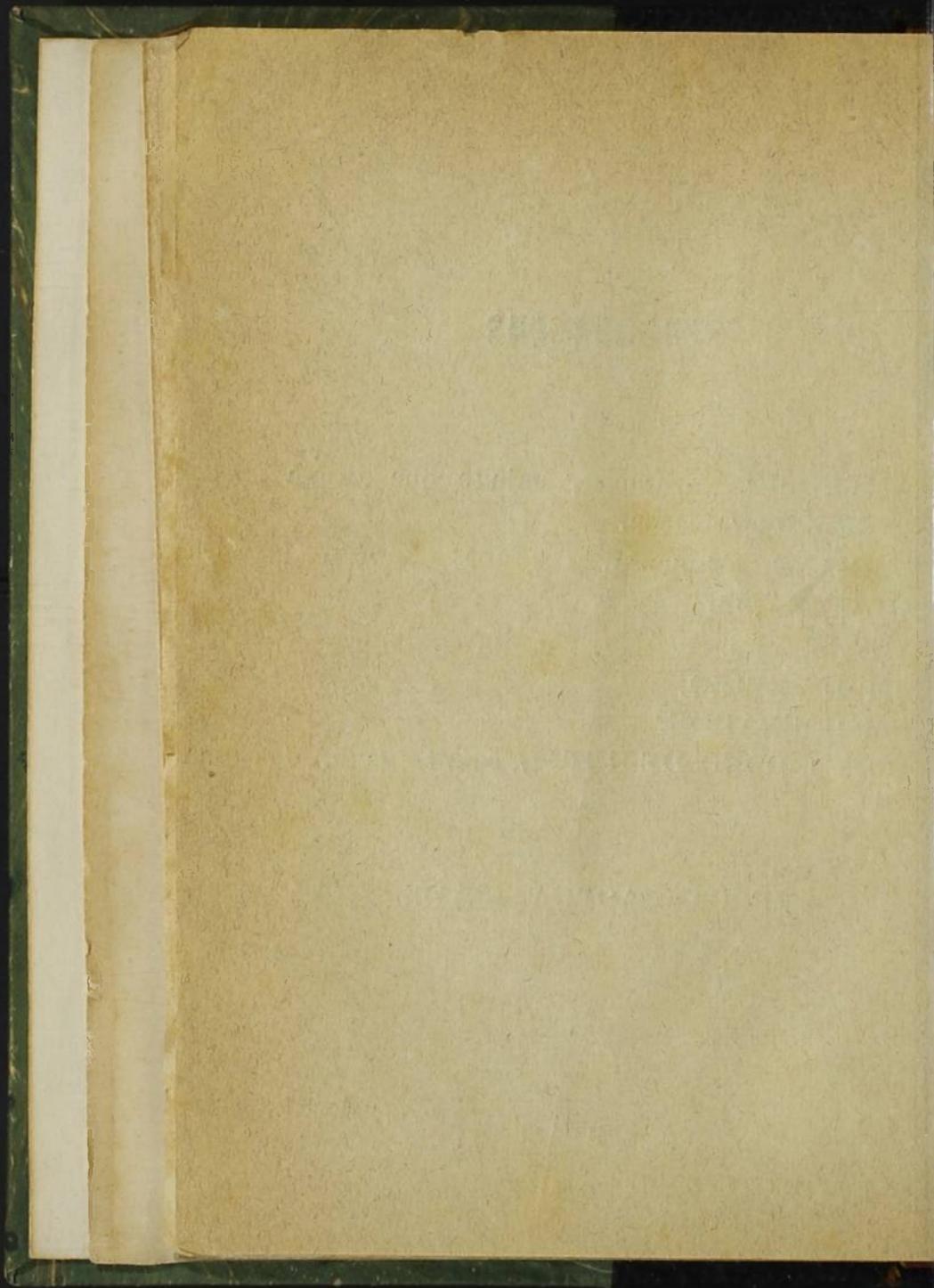
ALVES, dito.

UM LIVREIRO.

UM COBRADOR.

DIOGO, DONO DE HOTEL, sujeito gago.

ÉPOCA — ACTUALIDADE



# ACTO UNICO

O theatro representa uma republica de estudantes. Ao levantar do panno Luciano sentado em um caixão de sabão engraxa uma botina, Silveira dorme em uma esteira.

## SCENA I

### LUCIANO E SILVEIRA

LUCIANO. — (*Canta*).

Triste vida a do estudante,  
Qual dellas a mais cansada,  
P'ra trazer bota engraxada  
Gasta o seu cuspo... gasta o seu cuspo...  
(*Cospe*). Tchu !... Tchu !...

E causão tanta canseira  
As Lauras e as Cocotas,  
E por ellas nestas botas  
Gasto o meu cuspo... gasto o meu cuspo...  
(*Cospe*) Tehu!... Tehu!...

(*Cospe de novo e esfrega*). E tehu! tehu! Esfrega, esfrega, Lucianinho, que logo terás de ir ao Passeio Publico vêr a tua ella e o peixeboi, e tambem ouvir a musica dos allemães. (*Pára, e olha para a botina*). Qual! por mais que esfregue, a maldita não toma lustro! (*Continúa a esfregar*). Esfrega, Luciano! esfrega que a tua namorada zangar-se-hia se te visse com as botas sujas. (*Cessa de engraxar*). Ora, que figura não hei de fazer, sentado neste caixão e a esfregar um couro rebelde?! Só queria que me dissessem! Hei de dar os ares com o imperador da China... (*rindo*) homem, esta idéa tambem só minha!... mas é verdade... que tropel de reflexões me acódem á imaginação perante o magestoso quadro *eu proprio* a engraxar umas botas!... Ora, parece-me que de estudante passei a engraxador da rua Direita; ora, creio que não sou eu, mas sim o meu moleque, quem faz este serviço...ora...ora... são tantos oras, que horas sou capaz de passar esquecido da minha lustrosa tarefa; nada, Luciano, não penses e esfrega, esfrega, que esfregas a vaidade de tua namorada, a qual, vendo-te de botas lustrosas, ha de

chamar a atenção de suas amigas, para ti, meu patifão feliz! estrega, esfrega, Luciano (*engraxa*) estrega... (*Pára, e mira a bota*). Qual! não é capaz de tomar lustro; cuspo no caso... (*Cospe e esfrega*). Que trabalhinho não dá esta tarefa! também se lá o meu velho deixame nestes apuros, em vez de mandar-me um moleque da fazenda... (*Rindo-se*). Homem, elle lá sabe o que faz... se eu cá pilhasse o moleque, era capaz de manda-lo fazer companhia ao meu relógio e á minha corrente, no Monte do Socorro. (*Mira a bota*). Não haverá nada que faça estas endiabradas botas tomar lustro?! Parece que o meu cuspo já perdeu as suas propriedades lustradoras! Ha de ser, por ellas não conhecerem o que é graxa ha mais de dous mezes. Vou vêr se o vizinho me empresta um pouco da dita. (*Calça a botina, e ella rompe-se*). Ainda mais esta! estava eu aqui gastando o meu cuspo com uma defunta! (*Tira-a do pé e atira sobre Silveira*). Vá para a valla. (*Silveira resmunga e meche-se na esteira*). Pois aquelle bruto ainda dorme? (*Vai acorda-lo*). Silveira! oh! dorminhoco mór, oh! esbodegado!

SILVEIRA.—(*Roncando volta-se para o outro lado*) Ohn!...

LUC.—E ronca... ronca ás 10 horas do dia, quando já o sol vai em meio de viagem, e os nossos estomagos clamão por feijões... Silveira... oh! patife!...

SILV.—(*Sem mover-se*). Hein?!...

LUC.—Acorda para cuspir.

SILV.—(Como quem pergunta). Uhm?...

LUC.—Volta para este lado que o outro já está cansado.

SILV.—(Senta-sena esteira e esfrega os olhos).  
No sobrado?!..

LUC.—Que sobrado?!...

SILV.—Não dissestes que ella estava no sobrado?

LUC.—Ella... MAS ELIA, quem?!...

SILV.—Masella terá vossê, que ella não.

LUC.—Mas de quem tratas?!...

SILV.—Della, do anjo que tanto tem m'AMADO.

LUC.—Se ella tem mamado, certamente nunca foi em ti; que nem para ama secca serves.

SILV.—Não digo isso.

LUC.—Pois então explica-te; mas antes levanta-te que não posso vêr ninguem deitado, sem que tenha vontade de deitar-me tambem.

SILV.—Pois então deita-te, cedo-te metade do meu leito.

LUC.—(Que se tem sentado na esteira). Nada, porque, se me deitar, durmo; mas conta-me: quem é essa menina do sobrado?...

SILV.—Ah! Luciano, é uma linda morena que mora ali mesmo defronte de nós, e que tem dous olhos...

LUC.—Bôa duvida! havia de ter tres.

SILV.—Mas, se tu a visses, eras capaz de te apaixonares por ella!

LUC.—Não, que podias brigar commigo.

SILV.—Matava-te.

LUC.—(*Levantando-se*). Safa... que tal está o meu Othelo de esteira?!...

SILV.—(*Levantando-se*). Já veio o almoço?

LUC.—Qual almoço!... parece que o dono do hotel esqueceu-se de nós.

SILV.—Commetteria elle esse crime de lesa-estomago.

LUC.—Era bem capaz.

SILV.—Então como não vem o almoço, vou dormir; quem dorme, come. (*Vai para deitar-se*).

LUC.—(*Segurando-o*). Oh! podridão, pois deveras ias outra vez... nada... (*enrola a esteira e encosta-a em um canto*).

SILV.—Mas que queres que faça, não comendo?!... Sabes que sou um gastronomo.

LUC.—Vem conversar connigo.

SILV.—O meu estomago não está para conversas, prefiro fumar; passa-me um charuto.

LUC.—E' cousa que não possuo.

SILV.—Passa revista nos nossos bolsos.

LUC.—(*Passando revista nos bolsos de dous ou tres paletots e calças*). Nada.

SILV.—Nem cigarro?!...

LUC.—Nem cigarro.

SILV.—Nem ao menos uma ponta?!...

LUC.—Aqui... (*passando revista*) nada... aqui... vezes nada, aqui... noves fóra, nada... e cá...

SILV.—(*Com esperança*). O que tem?!...

LUC.—Um papel.

SILV.—E' dinheiro?!...

LUC.—(*Vendo*). Uma conta; é do charuteiro, fuma ella.

SILV.—(*Procurando no chão*). Diogenes procurava um homem e achou-o; serai eu mais infeliz que Diogenes?! Ah! cá está uma ponta de cigarro, é pequena, mas serve. Apaguemos a lanterna.

## SCENA II

### OS MESMOS E ALVES

ALVES.—(*Entrando*). Que lanterna?

SILVEIRA.—Que massista!. O' Alves, para que has de ser tão curioso?...

LUCIANO.—Dize-me, já almoçaste?

ALVES.—Pois não vês o palito que me orna o canto dos labios.

SILV.—Elle já almoçou... feliz creatura...

LUC.—E tens a barbaridade de nos vir affrontar com esse palito, Alves?... Tira-o já de nossa vista, que nos está fazendo mal.

SILV.—Elle já almoçou! quando poderei dizer o mesmo?

ALVES.—Pois vossês ainda não comêrão?!...

SILV.—Nada..

LUC.—Cousa nenhuma...

ALVES.—Pois eu, logo pelas 9 horas e pouco fui ao *Carceller* e tomei o meu caneco de chocolate...

SILV.—Oh! Luciano... elle tomou chocolate!...

LUC.—Tu tomaste chocolate?!...

ALVES.—Pois que duvida havia nisso?... vo-sês ainda estavam dormindo quando eu sahi.

LUC.—Ah! maroto não quizeste esperar o almoço do hotel?...

ALVES.—Eu tinha dinheiro, e...

SILV.—(*Rapido*). Ainda tens?!...

ALVES.—Foi-se todo no almoço, irra!... nunca comi tanto, foi mesm o um almoço de príncipe... chocolate...

SILV.—Chocolate!...

ALVES.—Torradas...

SILV.—Torradas!...

ALVES.—E com manteiga.

SILV.—E com manteiga... e eu que gosto tanto de manteiga...

LUC.—(*Desapertando o collete de Alves*). Deixa-me... deixa-me contemplar esse estomago repleto de tanta coisa boa!... olha, Silveira, olha como está cheio, repara...

SILV.—Não augmentes a minha dôr, Luciano.

LUC.—O' estomago, se eu não estivesse com o meu a dar horas, dedicava-te uma ode, ou mesmo um poema.

SILV.—E havemos de passar sem comer?!...

LUC.—O' Alves, dá um pulo lá em baixo e diz ao dono do hotel que nos mande o almoço.

ALVES.—Ora... eu estou tão bem...

SILV.—Oh! malvado! queres vêr-nos morrer á fome?...

LUC.—E que morte tão ridicula!... vai,  
Alves... vai, que em paga dou-te um beijo.  
ALVES.—Guarda-o para a menina do sobrado  
do sahe).

### SCENA III

#### LUCIANO E SILVEIRA

SILVEIRA.—Hein ? como se entende isso ?!...

LUCIANO.—O que ?

SILV.—Elle fallou em menina do sobrado.

LUC.—(*Rindo-se*). Ah ! é cá uma cousa ; deu  
vossê tambem em curioso ?!...

SILV.—(*Desconfiado*). E' que... se eu des-  
confiasse... até era capaz de perder a fome...

LUC.—Mas, desconfiar de que ?!...

SILV.—De uma cousa.

LUC.—Tens segredos para mim ?!...

SILV.—E não os tem vossê tambem para  
mim ?!...

LUC.—Eu não...

SILV.—E essa menina do sobrado, que  
elle fallou, quem é ?!...

LUC.—Ora, que pandorga este, já pensa que  
é a namorada delle... safa !

SILV.—(*Murmurando*). E' que... se fôsse ..

LUC.—Que tinha, matavas-me ?!...

SILV.—Não, mas... até de fallar nisso, o es-  
tomago parece que diminue.

LUC.—E' de fome ! . . .

SILV.—E' de ciume ! . . . mas, ella é tão bonita ! . . .

LUC.—Tanto assim ? ! . . .

SILV.—Nunca a viste ? ! (*meio desconfiado*).

LUC.—Nunca.

SILV.—Mas creio que já me disseste teres uma namorada aqui por esta rua.

LUC.—Tenho sim.

SILV.—(*Mais desconfiado*). E . . . é morena a tal ? ! . . .

LUC.—Nada, é clara.

SILV.—Alta ou baixa ? ! . . .

LUC.—Baixa.

SILV.—(*Satisfeito*). E qual é a côr de seus olhos ? !

LUC.—Meus olhos creio que são pretos.

SILV.—Estás caçoando. . . digo... os della . . .

LUC.—Ainda não tive tempo de vê-los, mas para servir-te hei de perguntar-lhe.

SILV.—Não . . . não precisa... (*A' parte*). Respiro, não é ella.

#### SCENA IV

#### OS MESMOS E ALVES

ALVES.—O almoço.

LUCIANO.—Vem ahi ? ! . . .

SILVEIRA.—Na cabeça do ilhéu ? . . .

ALVES.—Ainda está nas panellas.

LUC. — Nas panellas?!...

SILV. — E não vem?!...

ALVES. — Nem virá...

LUC. e SILV. — (*Espantados*). Nem virá?!...

ALVES. — Mas em vez d'elle, trago a vossês...

LUC. — (*Ancioso*). O que?!...

SILV. — (*Animado*). Algum paio?!...

ALVES. — Paio parece-me vossê, trago-lhes...

LUC. e SILV. — Acaba.

ALVES. — (*Dando um papel*). A conta de dous mezes de fornecimento de comida...

LUC. — Ah! infame frege-moscas!...

SILV. — Ah! ilhéu de uma figa.

ALVES. — (*Continuando*). Que importa em oitenta mil réis justinhos.

LUC. — Oitenta mil réis, como?!...

ALVES. — Comendo... a vinte mil réis por mez comida para dous...

SILV. — Mas nós somos tres?!...

ALVES. — Pois é isso mesmo; a vinte mil réis, comida para dous, que chega para tres, em dous mezes, oitenta mil réis.

LUC. — A conta está bem feita, mas o almoço de hoje?!...

ALVES. — Elle diz que enquanto não fôr paga a conta...

LUC. — Não teremos mais almoço, nem jantar?!...

ALVES. — E' exacto.

SILV. — Ah! tigre, se tu não fôsses tão magro e tão miseravel, com a fome com que estou, era capaz de devorar-te, ilhéu sem coração.

LUC.—E sem tripas, pois que, se elle as tivesse, não nos faria agora passar tormentos !... Eu já estou quasi tendo vertigens...

SILV.—E o que havemos agora de fazer, Luciano ?!...

LUC.—Silveira, o que havemos de fazer ?!...

SILV.—Inspira-nos, Alves.

ALVES.—Estou agora sem inspiração ; vou dar um passeio, para vêr se a encontro. (*Sahe*).

## SCENA V

### SILVEIRA E LUCIANO

SILVEIRA.—(*Correndo atrás de Alves*). Escuta, preciso fallar-te. (*Voltando*). Qual ! lá vai como um homem que já almoçou. Mas, o que lavemos de fazer Luciano ?!...

LUCIANO.—Roer unhas, é o que estou fazendo.

SILV.—(*Pensando*). Se ao menos tivéssemos um nickel...

LUC.—Sim, se o tivéssemos...

SILV.—Comprava-se pão, sempre se engana a fome.

LUC.—Isso é verdade ; mas não tendo...

SILV.—Não tendo...

LUC.—Vai-se morrendo á fome. (*Ficção pensativos*).

SILV.—Achaste algum meio ?!...

LUC.—Eu, não, e tu?...

SILV.—Eu tambem não.

LUC.—Pensemos.

SILV.—Pois pensemos.

AMBROSIO.—(*Fóra*). Venho buscar a luz.  
(*Bate tres pancadas compassadas*).

LUC.—(*Dando um pulo da cadeira*). Uma idéa !...

SILV.—(*Pulundo tambem.*) E' almoço ?!...

LUC.—Não, uma idéa !...

SILV.—(*Desapontado*). Idéas não se come !

LUC.—Mas esta nos póde dar almoço.

SILV.—(*Animado*). Uma idéa de almoço !...  
venha ella, mas que não fique só em idéa.

LUC.—Vais vêr (*toma um lençol e envolve-se nelle*). Mette-te ali em baixo da mesa.

SILV.—Para que ?!...

LUC.—Não quero perguntas ; queres ou não almoçar ?!...

SILV.—Quero.

LUC.—Pois então deixa-me trabalhar. (*Silveira vai para baixo da mesa, Luciano cobre a mesa com um panno preto.*) Prompto. (*Alto*). Batei, e abrir-se-vos-ha. Entrai.

## SCENA VI

### OS MESMOS E AMBROSIO

AMBROSIO.—(*Traz um livro*). Vivat ! (*Dá dous passos e curva a cabeça*).

LUCIANO.—Como vai, meu caro Sr. Ambrosio?

AMB. — (*Alegre.*) Fiz bem o signal?!...

LUC. — Muito bem, o senhor tem feito progressos! A nossa sociedade póde gloriar-se disso.

AMB. — Quando será o grande dia da illuminação, meu amigo?!...

LUC. — Quando quizer, Sr. Ambrosio.

AMB. — Ha mais de dous mezes que lhe peço todos os dias que me inicie na sua loja, e o senhor bem sabe que eu não faço questão de dinheiro, nem de provas.

LUC. — Muito bem, assim deve fallar um verdadeiro crente; será, pois, hoje o dia, porque foi em um domingo que Salomão começou a edificação do grande templo.

SILV. — Que asneira historica!...

LUC. — (*Solemne.*) Prepare-se, Sr. Ambrosio (*avança para elle gritando*). Prepare-se, Sr. Ambrosio!...

AMB. — (*Curvando-se*). Estou preparado, meu amigo!...

LUC. — Vamos consultar a alma do grande e immortal principe Balkis, para sabermos o que elle mais deseja.

AMB. — Consulte... consulte.

LUC. — O senhor não tem medo?!...

AMB. — Nenhum.

LUC. — Mas note que, se o senhor não fizer a vontade do grande principe, morrerá estrangulado!...

AMB. — (*Tremendo*). Estrangulado!... Jesus!...

LUCIANO.—Está prompto?!...

AMB.—Estou.

LUC.—Feché os olhos e abra as orelhas.

AMB.—(*Fechando os olhos*). Já fechei e já abri.

LUC.—(*Batendo tres pancadas sobre a mesa*).

Balkis, senhor nosso, que quereis?!...

SILV.—(*Ainda em baixo da mesa.*) Comer...

LUC.—Ouvio, Sr. Ambrosio?

AMB.—Posso abrir os olhos?

LUC.—E fechar as orelhas, pôde. Ouvio?!...

AMB.—Parece que fallou em comer.

LUC.—Foi isso mesmo.

AMB.—Mas as almas tambem comem?!...

LUC.—Não, mas são sujeitas tambem a caprichos. (*Altivo*). E demais o senhor não tem direito de interrogar-me. Corra a buscar um lauto almoço para a alma do principe Balkis.

AMB.—Eu vou, trago-lhe o meu almoço que ainda não foi comido.

LUC.—Vá, vá depressa. (*Ambrosio sahe*).

## SCENA VII

### LUCIANO E SILVEIRA

SILVEIRA.—(*Sahindo debaixo da mesa*). Tu és um genio, Luciano, mereces uma medalha da legião do esophago.

LUCIANO.—Caluda ! ligeiro, salta já para o teu posto !...

SILV.—Outra vez?!... mas, o' Luciano, não é mais necessario, e além disso es:ou com muita fome.

LUC.—Queres então que o velho descubra a historia?!...

SILV.—Não, mas... eu digo que vim de fóra.

LUC.—Não póde ser (*ouve-se passos*). Depressa, esconde-te.

SILV.—Luciano... eu...

LUC.—(*Empurrando-o*). Vamos, vamos. (*Silveira mette-se em baixo d' a mesa*).

AMB.—(*Fóra*). Posso entrar ?

LUC.—Entraí, neophyto, que aspiras o grão da Sapiencia.

## SCENA VIII

### OS MESMOS E AMBROSIO

AMBROSIO.—(*Traz uma bandeja com pratos*). Aqui está o meu almoço.

LUCIANO.—Engula a phrase. O almoço do grande principe Balkis.

AMB.—Ponho-o sobre a mesa.

LUCIANO.—Sim, de modo que os pratos fiquem dispostos em fórmula triangular.

AMB. — (*Collocando os pratos*). Prompto.

LUC. — (*Senta-se á mesa*). Comamos.

AMB. — Eu tambem ?

LUC. — Que ! quando digo comamos, entende-se que sou eu e o principe Balkis.

SILV. — (*Puxando a perna de Luciano*). E eu ?!...

AMB. — (*Espantado*). Alguem fallou ?!...

LUC. — Foi o principe Balkis.

AMB. — Ah ! e o que devo fazer durante o tempo dessa primeira prova ?

LUC. — Vá collocar-se de cocoras ali naquelle canto (*aponta o lado opposto da mesa*) repetindo a palavra Nika, Maka, até que o principe Balkis dê mostra de satisfeito, pois esta é uma das provas mais necessarias para ser admittido no nosso grande gremio.

AMB. — E' a segunda prova ?

LUC. — E'.

AMB. — Vamos lá com a segunda prova. (*Collocu-se de cocoras com o rosto voltado para o espectador e depois de tomar uma pitada, fica com a boceta na mão e repete á meia voz as palavras*) Nika, Maka.

LUC. — (*Alto*). Principe Balkis, magestoso centro de luz, comamos (*come*).

SILV. — E então, eu ?!...

LUC. — Cala-te bruto.

SILV. — Mão vai a historia ! passa-me ao menos para cá um desses pratos.

LUC. — Toma lá goloso (*da-lhe um prato vazio*).

SILV.—Peior vai a brincadeira! olha que eu descobro tudo.

LUC.—Que mais queres?

SILV.—Divirta-se commigo... isso é muito bonito.

LUC.—(Alto). Principe um pouco de assado ou de cozido.

SILV.—Assado e cozido te vejas tu, maldito! (joga o prato, com o barulho Ambrosio que já tem tr cudo as palavras e vai levar ao nariz uma pitada, cahe assustado para a frente, mettendo o nariz dentro da boceta).

AMB.—(Espirrando e limpando os olhos). Atche!... atche!... estou cégo... atche!... o rapé... atche!... não vejo nada... atche! (continúa a espirrar e corre espavorido pelo theatro).

LUC.—Sr. Ambrosio, vá para casa, lave o rosto e volte para a terceira e ultima prova.

AMB.—Sim... atche!... Sr. Lu... atche!... ciano... atche!... eu... atche!... (sahe espirrando sempre).

## SCENA IX

LUCIANO, SILVEIRA E DEPOIS ALVES

LUCIANO.—(Rindo-se). Ora o velho.

SILVEIRA.—Ainda ri-se este, não sei que! (sahe debaixo da mesa). Então querias comer

tudo e deixar-me assim. . . com a barriga neste estado?! . . . (*aperta a barriga*).

LUC.—Toleirão! era para lograr o velho, de quem nós filámos o almoço; agora senta-te e come.

SILV.—Isso vou eu fazer (*senta-se e prepara-se para comer*).

ALVES.—(*Apparece na porta*). Bravo já se manduca nesta casa! quem foi o paio que pagou?! . . . (*Entra*).

LUC.—Se queres tambem, chega-te para cá, quem dá almoço hoje, sou eu.

ALVES.—(*A Luciano*). Sabes quem eu vi ha pouco á janella do sobrado? . . . (*Silveira ao ouvi-lo, pára com o garfo no ar, e com a boca aberta espera*).

LUC.—Quem?

ALVES.—A moreninha.

SILV.—(*Deixando cahir o garfo*). Que moreninha?! . . .

ALVES.—Ora que moreninha? A namorada de Luciano, a moça do sobrado numero trinta e quatro.

SILV.—(*Levantando-se*). Trinta e quatro . . . é ella! . . .

LUC.—Ella quem?! . . .

SILV.—(*Com tristeza*). Mão amigo! . . . traidor! . . e assim tu zombas de mim?! . . .

LUC.—Não te entendo, Silveira.

SILV.—Desleal! . . . indigno! . . .

LUC.—Macacos me comão se eu te entendo, e tu Alves?

ALVES.—Tambem não. O que quer elle dizer?

SILV.—(*Sempre triste*). Já se esquecerão de que lhes disse que amava esta moça?... Ah! perfidos e falsos amigos!

ALVES.—E esta!...

LUC.—(*Com a boca cheia*). Este pascacio está soffrendo da hola!

SILV.—Antes estivesse, Sr. Luciano! (*Com solemnidade*). O senhor, não contente com querer roubar-me o alimento, agora tambem diz-se namorado da minha namorada!... isso é infame, Sr. Luciano, e eu hoje mesmo retiro-me desta casa levando a minha esteira, os meus livros, o meu bahú, o meu caixão e o pezar de o ter conhecido.

LUC.—Deixa-te disso e vem comer.

ALVES.—Vai comer, Silveira; tu tens fome.

SILV.—(*Zangado*). Fome?!... quem disse que eu tinha fome?!...

LUC.—Estás tão pallido, meu pobre amigo!

SILV.—Se estou pallido, é de emoção.

ALVES.—E de fome, confessa?

SILV.—Sim... não nego...

LUC.—Olha, vem comer, e depois brigarás conmigo e farás o que quizeres.

ALVES.—Sim, é verdade.

SILV.—(*Resolvido*). Eu bem não queria... mas visto que vossês pedem tanto... (*senta-se e come*).

SCENA X

OS MESMOS, DIOGO, DONO DE HOTEL, E DEPOIS  
o LIVREIRO

DIOGO.—(*Entrando*). Sim... Se... nho...  
res, não... não... me... pá... pá... gão...  
e man... dão... com... com... comprar em  
ou... ou... tra cá... cá... casa.

LUCIANO.—Desculpe *seu aquelle*, como não  
nos quiz mandar o almoço, o nosso novo criado,  
não sabendo sua casa, foi buscar á outra parte,  
com dinheiro, já se sabe.

DIOGO.—Mas... mas... o Se... se... se-  
nhor, pó... pó... pódia en... si... nar...  
nar...

LUC.—Foi esquecimento; agora quanto ao  
seu dinheiro, lá irá logo á tarde.

DIOGO.—Sim... sim... se... se... nhor...  
nhores, é... é... um... um... gran... gran...  
grande... favor (*sake*).

LIVREIRO.—(*Fóra*). Dão licença.

ALV.—Parece voz de cadaver.

LUC.—Ai! que é o nosso fornecedor de livros  
velhos. Póde entrar.

LIV.—(*Entrando*). Meus doutoresinhos, com  
licença.

LUC.—O que quer?!...

LIV.—(*Com medo*). Eu... vinha... porque  
trazia...

LUC.—Despache homem.

ALVES,—Sim, despache,

LIV.—(*Risonho*). Aquella continha, ainda não foi paga, sim meus doutoresinhos e então...

LUC.—É então?...

LIV.—Como eu tenho de dar um dinheiro... sim, não é por mal... mas como eu tenho de dar um dinheiro...

ALVES.—Ora, vá bugiar.

LIV.—Os Srs. doutores não levem isso a mal, mas como...

LUC.—Basta, basta, espere ahi que será pago.

ALVES.—(*Baixo a Luciano*). Com que?!...

LUC.—Cá tenho o meu plano.

ALVES.—Que plano?

LUC.—E's um massista furioso; não sabes que obtive privilegio para a exploração de uma mina?

ALVES.—Ora estás caçoando.

LUC.—Silveira, nada dizes?...

SILV.—(*Com a boca cheia*). O senhor que me ferio o coração, ainda tem coragem de fallar commigo.

LUC.—(*Sério*). Silveira não quero que soffras por minha causa, o que o Alves disse foi uma peta arranjada de proposito para te fazer dar cavaco; nunca namorei tua morena.

SILV.—Isso é sério?... E' sério, Alve?!.. (*levanta-se*).

ALVES.—É.

SILV.—Juras?!...

ALVES.—Juro.

SILV.—Ah! tirarão-me um peso do estomago; até quasi que não comia nada.

SCENA XI

OS MESMOS E O COBRADOR

COBRADOR. — (*Entrando*). Bons dias, meus senhores.

LUCIANO. — Temos outro; hoje é dia dos cadáveres, aqui não é Necroterio.

ALVES. — É este veio entrando assim como o vilão em casa do seu sogro.

LUC. — Que pretende?!...

COBR. — Hoje é primeiro do mez, e os senhores ainda não se lembrarão da porta da casa de charutos, onde devem.

LUC. — Que rethorico!...

ALVES. — Como é atrevidete.

COBR. — Ha mais de quatro mezes que os senhores devem esta conta e ainda não se lembrarão della; nestes casos, se hoje não fôr daqui embolsa-lo, ver-me-hei na dura necessidade de fazê-los pagar á força.

ALVES. — E como?!...

COBR. — Por meio da justiça.

LUC. — A justiça não costuma a protejer atrevidos de tua ordem.

ALVES. — E de mais, nós outros estamos fóra da acção da justiça, somos menores.

COBR. — Não são menores para calotear o proximo.

LUC. — Engula a palavra calotear e ponha-se

ali ao lado daquelle sujeito (*aponta o livreiro*), que vai ser pago.

COBR. — (*Resmungando*). Isso mesmo é o que eu quero.

SILV. — Mas com que vais pagar a esses homens, Luciano, nós não temos. . .

LUC. — Dinheiro, é verdade, mas temos talento que vale mais.

SILV. — Ora eu quero vêr como te vais arranjar com elles.

LUC. — Verás. (*Ouve-se passos naescada*). Ahi vem quem nos vai livrar da presença desses dous patifes.

ALVES. — Quem é ?

LUC. — O nosso mordomo.

## SCENA XII

### OS MESMOS E AMBROSIO

AMBROSIO. — Bons dias á companhia. (*Dirige-se para Luciano e falla baixo*). Aqui estou eu para as outras provas.

LUCIANO. — (*Levanta-se, toma-lhe o braço e vai com elle até ao meio da scena*). Sabe que já fallei a seu respeito com o grão mestre.

AMB. — Onde está elle ?

LUC. — (*Apontando para o livreiro*). É aquelle, mas não quer ser conhecido.

AMB. — (Com mostras de respeito). Ah ?

LUC. — Elle dispensa-o das provas, com a condição, porém, de pagar o senhor as contas que elle e o seu secretario vão apresentar-lhe ; esta é a prova pecuniæ, entende.

AMB. — É muito grande a tal quantia?!..

LUC. — Não sei, veja lá se quer ou não ser maçõn.

AMB. — Quero... quero, vou já pagar (*quer dirigir-se aos cobradores*).

LUC. — Espere, não é as im.

AMB. — Então que mais falta.

LUC. — Nós todos vamos sahir, o senhor então ha de cobrir-se com aquelle panno preto que está sobre o mesa, sim, porque ninguem póde dirigir-se ao grão mestre sem se cobrir primeiro, e pagará então as contas que lhe apresentarem.

AMB. — Entendo.

LUC. — Mas tome sentido em uma cousa, quando dirigir-se ao mestre dê dous passos para a frente e um para trás, cruze as mãos sobre o peito, mas isto depois de ter pago.

AMB. — São sgnaes de respeito, entendo.

LUC. — Agora deixe-nos sahir.

AMB. — Pois vá, vá (*Luciano dirige-se aos outros falla-lhes baixo e elles sahem*).

LUC. — (*Dirige-se aos cobradores*). Entendão-se ali com o meu mordomo (*sahe*).

**SCENA XIII**

**AMBROSIO, LIVREIRO E COBRADOR**

(*Scena mimica. Ambrosio vai à mesa, tira o panno e com elle cobre a cabeça, dirige-se depois aos cobradores, dos quaes recebe as contas, tira dinheiro do bolso e paga, depois curva-se e retira-se dando um passo para trás e dous para a frente, tendo as mãos cruzadas sobre o peito.*)

LIVREIRO.— (*A' parte*). Este homem será doido ?

COBRADOR.—(*A' parte*). Como elle pagou é o que eu quero, mas parece-me que é inaluco (*sahem* .

**SCENA XIV**

**AMBROSIO, LUCIANO, SILVEIRA E ALVES**

LUCIANO.—(*Entrando com Silveira e Alves*). Vivat !

AMBROSIO.—(*Com enthusiasmo*). Vivat !

LUC.—Amigos ! abracem o Sr. Ambrosio Thimoteo, que entrou para o gremio dos illuminad's.

SILV.— (*Abraçando Ambrosio*). Venha este abraço, Sr. Thimoteo.

ALVES.— (*Abraçando Ambrosio*). Viva o Sr. Ambrosio Thimoteo.

AMB.— (*Pulando de alegria*). E viva !... e viva... e vivorio... Ora até que emfim estou illuminado !...

TODOS.— Illuminadissimo !...

AMB.— (*Dando gargalhadas*). Ah ! ah ! ah ! ha mais de cinco annos... ah ! ah ! ah ! que aspiro e respiro por tão grande honra... ah ! ah ! ah ! o prazer suffoca-me, tenho vontade de rir, de pular (*pula*), de dansar, ah ! ah ! ah ! eu já não posso de tanta alegria, eu morro de tanto gosto (*repentinamente fica sério*). Mas então estou mesmo illuminado ?!...

TODOS.— Illuminadissimo !

AMB.— Então vamos pular, dansar, brincar, eu hoje pago tudo... vamos dansar, meus irmãos ?

ALVES.— Apoiado, vamos dansar.

LUC.— Mas, quem ha de tocar ?

SILV.— Sim, quem ?!...

AMB.— (*Aponta a orchestra*). Ali, aquelles senhores ; vou dizer-lhes uma palavrinha. (*Aco-córa-se junto ao buraco do ponto*). Os senhores sem duvida são meus irmãos, não são ?... Dê-me os toques e toquem em honra da minha illumination ; uma quadrilha, sim ?... Ora vamos toque-se a cousa, que eu hoje não caibo na pelle ! (*ergue-se e dirige-se aos estudantes*) que vontade tenho eu de rir... (*dá gargalhadas*)

rião-se tambem... rião-se... ah! ah! ah!...  
toquem, toquem meus irmãos, (*aos musicos*) en-  
tão, vai isso ou não?!... (*finje que ouve alguem*  
*lhe fallar*). Hein?! ah! é verdade, ali os se-  
nhores (*aponta a platéa*) desculpem-me, esque-  
cia-me de agradecer-lhes a paciencia (*canta*)

Meus senhores se na comedia,  
Fui só eu o amolador,  
Pateai-me muito embora  
Dando palmas ao autor.

(*A orchestra executa a quinta parte de uma*  
*quadrilha, dansão todos. Ambrosio ri-se durante*  
*ella*).

FIM

05465

# CORAÇÃO DE MULHER

DRAMA EM 3 ACTOS

ORIGINAL

DE

Bornico Nunes Pires

Nascido a 3 de Março de 1855 na cidade de S. Sebastião  
do Rio de Janeiro

official da secretaria da presidencia e da guarda  
Nacional da Provincia de Santa catharina

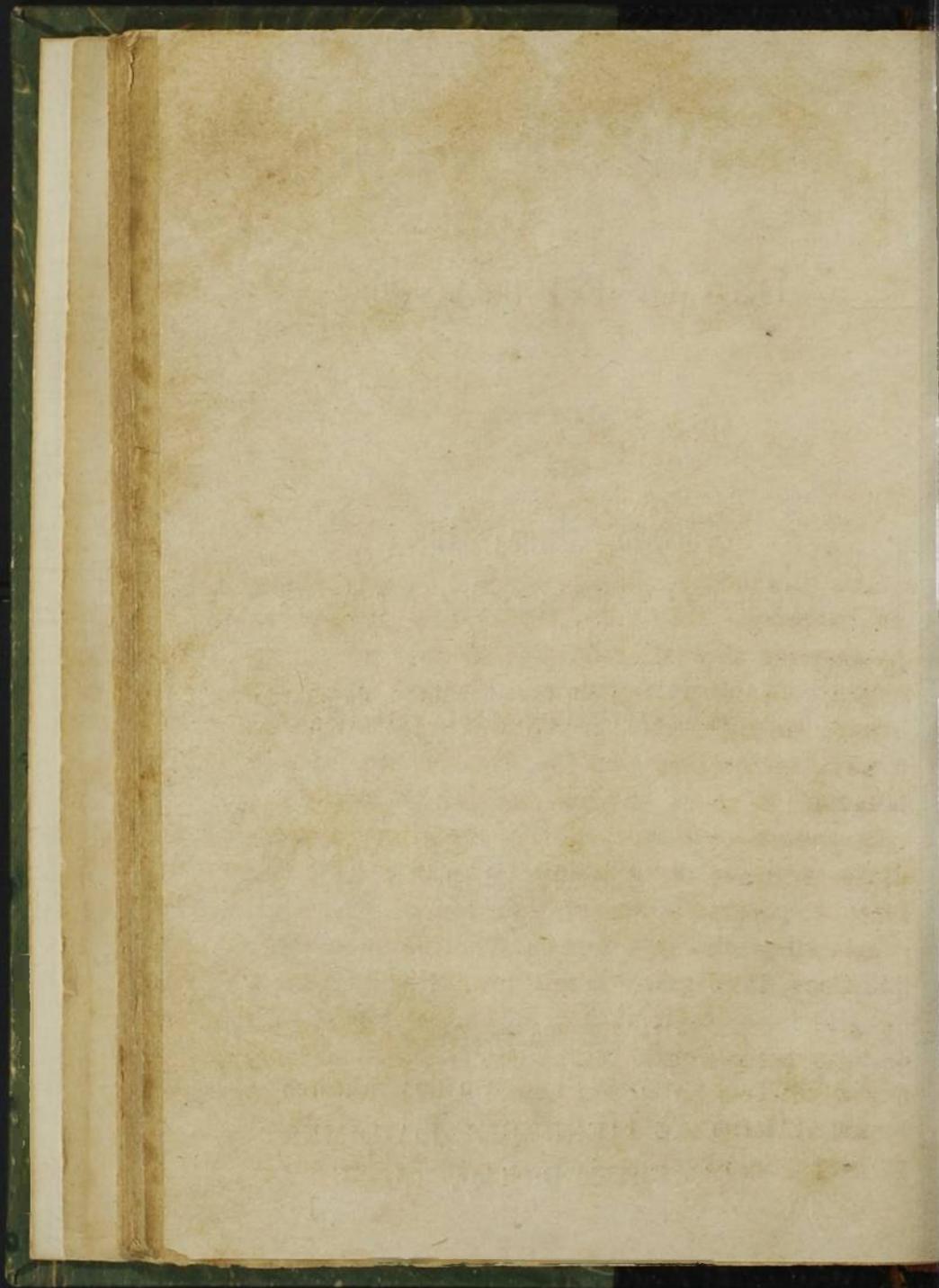


1880

RIO DE JANEIRO

Publicado e á venda em casa dos Editores  
EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

66, Rua do Ouvidor, 66



## DUAS PALAVRAS

---

Aos 17 annos de idade, quando o coração, isento de cuidados, entrega-se, sequioso e ardente, ás passageiras alegrias, esquecido do passado e descuidoso do futuro; quando a quadra ditosa dos brincos infantis envia ainda um derradeiro sorriso á alma infebrecida que lhe diz, em um suspiro languido, o adeos saudoso da eterna separação, não pôde o cerebro, vazio de pensamentos grandiosos e sensações palpitantes, conceber valorosas idéas e quadros altamente admiráveis.

A intelligencia, esse dom sublime, divino mesmo, que Deos, dos degráos do seu deslumbrante throno de grandiosos esplendores, espalha em turbilhões de luz sobre as fronteas brilhantes de seus escolhidos, que a recebem como um bem ineffavel para sua honra na terra, e glorificação do Creator Supremo no céo; a intelligencia, deusa peregrina da razão e

da grandeza d'alma, no seu sereno adejar, no perfumado ambiente das regiões superiores, apenas roçou com a ponta de sua aza de ouro a minha fronte nua, quando eu, criança debil, sorria placido sob as cortinas de gaze de meu pequenino berço, cujas macias pennas devião um dia transformar-se nos agudos espinhos das ambições de gloria.

Pallido Ashwerus na estrada longa da peregrinação das dôres e das angustiosas desillusões da vida, eu levanto a fronte escandecida, e caminho com os olhos fitos no céu e o coração revoltado pelo ardentissimo desejo de erguer-me do meio da obscuridade que me rodeia.

Trabalho, pois, sacrifico-me mesmo, com o seio palpitante e o pensamento em Deos, porque... quem sabe?... talvez que um dia, quando o fogo da mocidade estiver extinto pelo gêlo posado das realidades da velhice, eu possa dizer satisfeito :

— Abençoado trabalho !...

Assim, ao filho amado da minha pauperrima imaginação, digo, ao deitar-lhe a minha benção, como diz a amante saudosa ao rude palinuro, que parte para arcar com as impavidas tempestades do vasto oceano :

— Bóia viagem !....

Desterro, Maio de 1872.

H. Pires.

## PERSONAGENS

Luiz . . . . .	22 annos
Julia . . . . .	20 »
Alfredo . . . . .	25 »
Doutor . . . . .	40 »

---

## Actualidade

---

### ACTO I

#### A carta

Um gabinete de pintura. Duas portas ao fundo, uma á direita do A., e uma janella á esquerda. Quadros prescs ás paredes. Um cavallette, onde se vê um desenho começado, proximo á janella. É noite.

#### SCENA I

#### *Julia só*

*(Com uma carta na mão, entra, olha para todos os lados, depois dirige-se vagarosamente para uma cadeira e senta-se.)*

*Julia.* Um aderêço no valor de dez contos... deve ser rico !.. É eu podia tê-lo... realçar o brilho da minha belleza com o esplendor dos brilhantes... se não fôra Luiz... Para que lhe dei eu a minha mão?... por que não csperei?..

Podia fazê-lo... Hoje apparecer-me-hia Alfredo, um conde, como um anjo, para tirar-me da obscuridade, para apresentar-me na sociedade, trazendo sêdas e coberta de ouro, offuscando com a minha grandeza a belleza de muitas mulheres... curvando-as a meus pés... Luiz incommoda-me... Tenho-lhe amor, mas amo mais a riqueza, a opulencia, a minha formosura ! (*Ouve-se cantar fóra.*)

SCENA II

*Julia e Luiz*

*Luiz.* Gloria a Deos ! que do céo nas alturas  
O seu vasto poder nos descobre,  
Que do pobre allivia as tristezas,  
Que protege o trabalho do pobre !...

*Julia.* (*Escondendo a carta no seio.*) Ah !...

*Luiz.* Alviçaras !... Alviçaras !... Somos ricos, minha querida !... Acabo de contratar sete quadros, representando os sete passos de Christo para a Igreja de S. Pedro !... Tres contos de réis, Julia... Comprar-te-hei um enfeite de um conto... um vestido bonito... Como estou contente ! Dá-me um abraço... (*Abraça-a.*) Como, has de ficar bonita com as mãos cheias de anneis, o pescoço brilhante de collares, e vestida de sêdas... Oh ! serás uma rainha... Levar-te-hei ao theatro... todos admiraráõ a tua belleza...

*Julia.* (*Á parte, com desdem.*) Um aderêço de um conto !...

*Luiz.* Quando te virem passar, dirão as outras mulheres, mordendo-se de inveja : « Esta mulher

é o nosso anjo máo, porque offusca-nos a formosura ! » Dirão os homens conscienciosos, arrebatados ao vêr-te : « Esta mulher parece um anjo, e é uma rainha na belleza, porque attrahe a quantos a vêem ! » E tu levantarás orgulhosa essa fronte de madôna, e eu serei soberbo em ter o teu amor...

Se em meu peito reinou sempre  
Tua belleza sem par...  
Hoje, em todo o mundo, estrella,  
Quero fazer-te reinar !...

Era estê o meu unico desejo : tirar-te do esquecimento... Muitas vezes perguntaste-me por que eu vivia triste : não é verdade ? Pois bem : o motivo da minha tristeza... eras tu...

*Julia.* Eu?... (*Concentrada*).

*Luiz.* Sim. Eu soffria ao vêr-te tão moça, tão formosa, aqui, esquecida e ignorada como uma flôr no deserto... e só lembrada e muito amada por mim... Eu queria que apparecesses... que fôsses vista e admirada por todos, porque isso me tornaria feliz.

Tendo ao lado  
Um cherubim,  
Quem é tão  
Feliz assim ?...

(*Reparando na concentração de Julia.*) Mas, o que tens?... estás distrahida?... Acaso não tomas parte na minha alegria... esta alegria tamanha, que o meu coração é pequeno para contê-la?... (*Tomando-lhe as mãos.*) Julia, o que tens?... que tristeza é essa?... Estás pal-lida...

*Julia.* (*Limpendo os olhos.*) Eu?...

*Luiz.* Chóras?... Oh! meu Deos!... O que tens Julia?!...

*Julia.* Eu... nada.

*Luiz.* Nunca te vi assim... Ainda esta manhã cantavas como um passarinho... Por que são essas lagrimas, Julia?... Não vês que essas lagrimas me torturão?... Serei eu a causa da tua tristeza?... Oh! não chóres assim... Falla... Dize-me o que tens?!...

*Julia.* Eu... Lembrava-me da nossa infancia.

*Luiz.* Da nossa infancia?

*Julia.* Desses dias tão felizes em que brincávamos juntos, Luiz; em que corriamos pelo campo atrás daquellas borboletas de azas azues que nos desafiavão a prendê-las .. Lembras-te?...

*Luiz.* Lembro-me... Formoso tempo foi esse.

*Julia.* Não tens saudades?... Eu tenho... Eramos tão pobres...

*Luiz.* Mas eramos felizes.

*Julia.* Tu pescavas no rio, para sustentar tua mãe... eu... eu fazia meiguices a meu pai... Tu eras tão pequeno ainda!... Todos te chamavão o lindo pescador... o bom filho... A mim, lembrás-te como me chamavão as mulheres?

*Luiz.* O anjo da innocencia, a rosa do céu.

*Julia.* Ás Ave-Maria nos ajoelhavamos juntos aos pés de meu pai (*indicando uma velha cadeira que deve estar a um canto*), que se sentava naquella cadeira, que conservo como uma recordação do passado... Uniamos as mãos e rezavamos...

O bom velho sorria, ouvindo a nossa voz. Depois, tu ias para casa abraçar tua mãe... No dia seguinte, de novo corriamos pelo campo, pescávamos no rio, e rezávamos juntos... Lembras-te?...

*Luiz.* Lembro-me, Julia... E como descreves bem esse tempo... Sempre nos amamos muito; não é assim?...

*Julia.* *(Curvando a fronte e como que a custo.)* Sempre, Luiz.

*Luiz.* Quem testemunhasse estas provas de amor, diria que somos dous noivos... que nos unimos hontem... E, no entanto, ha quatro annos que somos casados, mas nesses quatro annos cada vez mais ardente se tem tornado o nosso mutuo amor.

*Julia.* *(Com um movimento brusco.)* Luiz!... *(Suspendendo-se e atirando-se-lhe nos braços.)* Como somos felizes!... *(Sorrindo.)* Não é assim?...

*Luiz.* Assim é que eu quero vêr-te sempre: rindo e cantando.... *(Batem.)*

*Julia.* *(Sobresaltada.)* Quem é?...

*Luiz.* Peço-te que te retires.

*Julia.* Por que?...

*Luiz.* Porque... Porque... tenho ciumes.

*Julia.* *(Dando uma risada.)* Ciumes?... *(Canta.)*

Se o casamento tem flôres,  
Se o hymeneu tem perfumes,  
Não ha nada mais ridiculo  
Que um marido com ciumes!...

*(Luiz beija-lhe a mão e abre a porta do lado.)*

SCENA 3ª

*Julia, Luiz e Alfredo*

(*Julia, cobrindo o rosto com as mãos.*) Alfredo!...  
(*À parte.*)

*Alfredo.* (*À porta.*) Vim talvez incommoda-lo.  
*Luiz.* De modo algum.

*Alfredo.* Precisando eu de alguns quadros, lembrei-me do senhor como excellente pintor.

*Luiz.* Obrigado, senhor. Pinto alguns quadros, mas isso não me autoriza a julgar-me excelente pintor.

*Alfredo.* Poderá mostrar-me alguns quadros ?

*Luiz.* Com muito gosto. Com licença. (*Sahe pelo fundo.*)

SCENA 4ª

*Julia e Alfredo*

*Alfredo.* (*Desce. Dialogo rapido deve ser o que se segue.*) Recebeu a minha carta ?...

*Julia.* Recebi.

*Alfredo.* Aceita ? . . .

*Julia.* Aceito.

*Alfredo.* (*Vendo o relógio.*) São nove horas. Onde me espera ás dez ? . . .

*Julia.* Em parte alguma.

*Alfredo.* E como aceita a minha proposta ?

*Julia.* E Luiz ?

*Alfredo.* (*Tirando uma caixinha do bolso.*) Aqui está. Veja como esses brilhantes scintillão... (*Julia abre a caixinha.*) Cegão a vista ? .. São seus.

*Julia.* Tanta riqueza para mim ?

*Alfredo.* Veja quanto valem os seus encantos, que tróco essa riqueza por um volver de seus olhos, por um sorriso de seus labios.

*Julia.* (*Escondendo a caixinha.*) Ahi vem Luiz.

*Alfredo* Onde me espera ?

*Julia.* Venha ás dez horas.

SCENA 5ª

*Julia, Alfredo e Luiz*

*Luiz* (*Com um quadro na mão.*) Ei-lo. É o quadro que mais estimo.

*Alfredo.* (*Examinando.*) É bello.

*Luiz.* Madgdalena abraçada á cruz, arrependida dos erros do passado...

*Julia.* (*Á parte como assaltada de uma idéa.*) Magdalena arrependida !.. .

*Alfredo.* Mas, que coincidencia !.. .

*Luiz.* Como ?.. .

*Alfredo.* Esta mulher é.. .

*Luiz.* E Julia... Tomei-a para modêlo do meu desenho. Não pense por isso que minha mulher é Magdalena. Não. Chama-se Julia, e é um

anjo... Foi nos primeiros dias do nosso casamento. Preparei a t $\acute{e}$ la, e chamei-a para o meu gabinete de trabalho. Fi-la ajoelhar-se, colloquei-lhe uma cruz entre os bra $\acute{c}$ os, ergui-lhe a cabeça, olhando para o Salvador. Eu estava inspirado... O amor tornava-me um genio... Tomei os pinceis e comecei o trabalho... Depois, fiquei absorto, fitando-a... corri a ella e dei-lhe um abra $\acute{c}$ o. Dahi em diante, ella ajoelhava-se todos os dias, abra $\acute{c}$ ava a cruz, e eu trabalhava... Depois, expuz o meu quadro. O governo honrou-me com uma medalha. Com t $\tilde{a}$ o formoso mod $\acute{e}$ lo, que pintor n $\tilde{a}$ o seria um genio?... .

*Alfredo.* Compro-lh'o.

*Luiz.* Mas eu n $\tilde{a}$ o o vendo.

*Alfredo.* Dou por elle um conto de r $\acute{e}$ is... .

*Luiz.* N $\tilde{a}$ o o dou... nem pela cor $\tilde{o}$ a de um rei.

*Alfredo.* Pois bem; ent $\tilde{a}$ o voltarei amanhã para fazermos os nossos ajustes.

*Luiz.* Espero-o. (*Sahe, levando o quadro.*)

SCENA 6<sup>a</sup>

*Julia e Alfredo*

*Alfredo.* Preciso daquelle quadro.

*Julia.* E como hei de dar-lh'o?...

*Alfredo.* Ter $\acute{a}$  outro ader $\acute{e}$ co mais rico do que esse.

*Julia.* N $\tilde{a}$ o. Luiz ama tanto aquelle quadro!...

*Alfredo.* N $\tilde{a}$ o importa. Hei de obte-lo custe o que custar. Esconda-o, illuda seu marido, porque

não seria a primeira vez, faça o que lhe vier á cabeça; não me importo com isso. Quero aquelle quadro.

SCENA 7ª

*Julia, Alfredo e Luiz*

*Alfredo.* Acabo de dizer á sua senhora que daria toda a minha fortuna por aquelle quadro.

*Luiz.* Não o vendo. Não me seduz a riqueza, senhor. Trabalho com ardor, sacrifico-me, não por mim, mas por ella. Não quero que Julia soffra necessidades. Ama-me muito a pobre menina, para que eu a deixe soffrer... Aquelle quadro, não o dou, como já disse, nem pela corôa de um rei. Aquella Madgalena é o retrato de Julia... e eu amo muito minha mulher, adoro-a muito para vender o seu retrato...

*Alfredo.* Mas disse que se sacrifica para que nada lhe falte!

*Luiz.* E, para que nada lhe falte, não é necessario que eu venda o meu quadro. Ella que diga se tem soffrido a menor necessidade. Contratei hoje sete quadros para a igreja de S. Pedro por 3:000\$. Já dispuz desse dinheiro: 1:000\$ para lhe comprar enfeites; 1:000\$ para sêdas; 1:000\$ para mim.

*Alfredo.* Procede como bom marido.

*Luiz.* E sou. Amo-a, satisfaço todas as suas vontades, e sou feliz.

*Alfredo.* Tendo-se por companheira um anjo, não se póde ser desgraçado...

*Luiz.* Obrigado, senhor. Julia é um anjo; alma pura, coração de ouro. Todos os dias rendo graças a Deos por ter-m'ê dado... E Deos ouve-me, porque cada vez sou mais venturoso com ella... Vivemos aqui esquecidos, é verdade; mas, neste esquecimento ha um mundo de respeito e adorações para ella: é o meu coração.

*Alfredo.* Deos lhe pagará este amor.

*Luiz.* Creio.

*Alfredo.* Amanhã ás 4 horas voltarei.

*Luiz.* Sim, senhor.

*Alfredo.* (*Apertando a mão de Julia.*) Minha Senhora... (*Baixo.*) Ás dez horas.

*Julia.* (*Baixo.*) Sim.

*Alfredo.* (*Apertando a mão de Luiz.*) Até amanhã.

*Luiz.* Até amanhã, senhor. (*Acompanha Alfredo até á porta, corresponde-lhe ao ultimo cumprimento, e desce.*)

SCENA 8ª

*Julia e Luiz*

*Luiz.* Antipathiso com este homem...

*Julia.* Por que?...

*Luiz.* Porque elle olhou de mais para ti...

*Julia.* O teu amor chega a esse ponto, Luiz...

*Luiz.* Chega, Julia. Tenho ciumes de tudo: do chão que pizas, das flôres com que enfeitas os cabellos... porque tenho medo que o chão te beije os pés, que as flôres te roubem um beijo...

E esse homem olhou de mais para ti, apertou-te a mão, sorriu-se...

*Julia.* E o que tem isso, se eu só penso em ti?..

*Luiz.* Só, Julia?...

Só. Sou toda tua... (*Sahe enviando-lhe um beijo.*)

SCENA 9ª

*Luiz só.*

*Luiz.* (*Senta-se, passando a mão pela fronte. Momento de silencio.*) O Sr. Conde de Monte-Verde olhou de mais para Julia... apertou-lhe a mão... sorriu-se... (*Pausa.*) Oh!... que idéa!... Elle... (*Com fogo.*) Elle é rico, opulento, nobre... (*Com amargura.*) E eu... sou um pobre pintor!... Julia tambem olhava-o... (*Com odio.*) Oh!... se este homem!... (*Acalmando-se.*) Mas... não, não é possível... Julia é um anjo de candura... ama-me, e nunca faltará aos seus deveres... Sou um miseravel!... Fazer semelhante juizo de minha mulher, é um crime!... Vou pedir-lhe perdão de joelhos... beijando-lhe as mãos... (*Sahida falsa.*)

SCENA 10ª

*Luiz e Julia*

*Julia.* (*Com garridice.*) Estás pensando de que feitio hão de ser os brincos que vais comprar para mim, não é Luiz?..

*Luiz.* Não, Julia. Estava pensando em ti...  
(*Ajoelha.*) Perdôa-me...

*Julia.* O que é isso, Luiz?...

*Luiz.* Perdôa-me: Eu... sou um louco...  
Duvidei um momento do teu amor, duvidei da  
bondade e da candura do teu coração, Julia...  
(*Ergue-se.*)

*Julia.* O que dizes, Luiz?...

*Luiz.* Mas é porque te amo muito... O amor  
enlouqueceu-me, e eu... estou louco... Aquelle  
homem olhou de mais para ti, e eu pensei que tu  
tambem olhaste para elle... Mas durante o tempo  
que o Conde de Monte-Verde esteve aqui, pen-  
saste sempre em mim... Não é verdade, Julia?...

*Julia.* (*Com amúo fingido.*) Estou zangada com  
o senhor... Não duvidou de mim, do amor que  
lhe tenho?...

*Luiz.* Mas estou arrependido... e peço-te per-  
dão... Um abraço para fazermos as pazes...

*Julia.* Mas ha de prometter que não duvidará  
mais de mim.

*Luiz.* Prometto...

*Julia.* (*Abrindo os braços.*) Então venha.

*Luiz.* (*Abraçando-a.*) Como és boa, Julia...

*Julia.* Lisongeiro!... Agora deixemo-nos de  
amores e vamos para dentro... Já são quasi dez  
horas. (*Luiz toma-lhe a mão.*)

*Luiz.* Neste amor perennal, infinito  
Na pobreza, a ventura encontrei,

*Julia.* Penso em ti, sou só tua—na vida,  
E na morte—só tua serei!...

*Ambos.* Neste amor perennal, infinito,  
Na pobreza, a ventura encontrei...  
Que opulencia ha que pague estes gózos?  
Mais feliz do que nós, ai!... que rei?...

*Julia.* (Com desenvoltura.) O seu braço cava-  
lheiro, se me faz o favor... (Saem de braço  
dado. A scena fica deserta um momento.)

SCENA 11ª

*Julia só*

*Julia.* Não tarda. Graças a Deos que vou ter joias  
e brilhantes, cobrir-me de ouro. Eu já estava abor-  
recida deste viver obscuro... O meu desejo é  
apparecer, ser vista, invejada pelas mulheres,  
amada pelos homens... Oh! ha de ser bello vêr  
os homens ajoelhados, me beijando as mãos, as  
mulheres acabrunhadas pela minha belleza...  
(Tirando a carta do seio.) Leiamos de novo esta  
carta... Certifiquemo-nos de que tudo isto não é  
um sonho. (Lê.) « Julia. -- Queres ser minha?...  
« Dar-te-hei tudo: sêdas, velludos, brilhantes:  
« emfim, tudo quanto possa desejar uma mulher,  
« contanto que me dês tambem um pouco do  
« teu amor, que eu possa vêr-te todos os dias, a  
« todos os instantes. Sê minha; eu adorar-te-hei  
« de joelhos; tu serás o meu Deos na terra, o meu  
« unico pensamento na vida. Sê minha; terás em  
« mim um escravo submisso para satisfazer os teus  
« menores caprichos. Sê minha; encontrarás em  
« meu coração um mundo de amor e dedicação.  
« Teu até á morte. CONDE DE MONTE-VERDE. »  
(Dobra a carta.) Serei sua !... Que importa que

o mundo me aponte como sua amante, se elle me dêr ouro, se me apresentar na sociedade trajando sêdas?... (*Batem 10 horas. Alfredo apparece á janella, corre a scena com a vista, e salta para dentro.*)

SCENA 12<sup>a</sup>

*Julia e Alfredo*

*Alfredo.* Até que finalmente posso estar a sós contigo...

*Julia.* Alfredo !...

*Alfredo.* Nem sabes quanto te amo... Vamos... Ficarás deslunbrada ao entrar em minha casa... Preparo-te uma surpresa.

*Julia.* Qual é ?...

*Alfredo.* Queres saber ?... Sêdas, velludos, fitas, brilhantes, ouro, amor... e a minha vida inteira...

*Julia.* Isso tudo ?... Vamos... Quero vêr tudo isso... (*Alfredo abre a porta do lado e sahem. Julia, na precipitação em que vai, deixa cahir a carta. A scena fica vazia um momento.*)

SCENA 13<sup>a</sup>

*Luiz só*

*Luiz.* (*Pelo fundo.*) Julia !... (*Pausa.*) N'ninguem !... (*Vendo a porta aberta.*) Esta porta aberta !... (*Como assaltado por uma idéa.*) Oh! meu Deos !... Julia !... Oh !... Illudir-me-hia ella !... (*Vendo a carta.*) Uma carta !... (*Apanha-a.*) O Sr. Conde de Monte-Verde olhou

de mais para Julia... que idéa esta!... (*Lê rapidamente a carta.*) Enganava-me a desgraçada!... (*Rasga a carta e fica um momento como que entregue a um pensamento doloroso. Com amargura.*) Tinhas saudades da nossa infancia, do tempo em que corriamos juntos pelo campo, em que pescávamos no rio, em que rezávamos juntos. (*Indo á porta em completo delirio.*) Julia!... Julia!... (*Cahindo exausto em uma cadeira.*) Perdida!... (*Apertando a frente com as mãos crispadas.*) Meu Deus!...

FIM DO 1º ACTO.

ACTO 2º

EXPIAÇÃO

Sala rica em casa de Alfredo. É noite. Ao subir o panno, a scena está deserta.

SCENA 1ª

*Alfredo e Julia*

(*Alfredo entra arrebatadamente pelo fundo; Julia acompanha-o, chorando, com as mãos unidas, em ar supplicante.*)

*Alfredo.* Que satanaz carregue todas as mulheres!...

*Julia.* Mas, Alfredo...

*Alfredo.* Tenho dito, senhora!... Não me incomode mais com os seus caprichos... Pensa, talvez, que meu pai adquirio com ladroeiros essa fortuna que hoje desfructo, para que eu a gaste em vidrilhos e fitas... não é assim?...

*Julia.* Mas tu me prometteste, na noite em que abandonei meu marido, que me darias tudo que eu pedisse...

*Alfredo.* É verdade que prometti, mas não estou resolvido a cumprir a minha promessa. Já não fiz tão pouco em mimosea-la com um adreço de 10:000\$. Com a senhora não despendo mais nem um real. Se julga que o dia de hoje é a noite de ha dous annos, está enganada.

*Julia.* Alfredo!...

*Alfredo.* Ha dous annos não me importava eu de deitar dinheiro fóra ás mãos cheias; mas, hoje, as cousas mudarão de face. A sua presença já me é por demais enfadonha; ficar-lhe-hei obrigado se sahir daqui. Cada vez que entro em casa, sou perseguido com mil reclamações e caprichosas exigencias que me incommodão soberanamente. Ora quer um vestido de sêda, ora quer um chapéo da moda, ora um collar de brilhantes... Não estou ainda louco para empobrecer assim. Cada centil que com a senhora gasto é uma gotta de sangue que me sabe das veias, fique sabendo...

*Julia.* Então...

*Alfredo.* Então é que não quero que me peça uma fita, porque nem isso lhe darei...

*Julia.* Ah!... (Chóra.)

*Alfredo.* Chóra !... Ah !... ah !... ah !...  
Que me importa?... As suas lagrimas não me  
fazem mudar de idéas, nem me commovem... De  
sobejo a conheço. A senhora sempre teve as la-  
grimas agarradas aos olhos... É costume antigo.  
Estou inteiramente aborrecido de atura-la...

*Julia.* Mas, o que te fiz eu, Alfredo?... por que  
me tratas assim?... Estou sempre prompta para  
satisfazer os teus menores desejos; nunca te expro-  
brei de cousa alguma; sirvo-te como uma escrava,  
o que mais queres de mim?... que te fiz?...

*Alfredo.* Não posso receber uma carta que não  
venha logo a senhora querendo saber de que trata  
ella; se um amigo procura-me, quer a senhora  
saber para que fim...

*Julia.* É falso !...

*Alfredo.* Silencio !... Sou livre, minha cara...  
Não prestei juramento algum, e hei de guardar-  
lhe tanta fidelidade como a que a senhora guar-  
dou a seu marido...

*Julia.* (*Alta.*) Se não guardei fidelidade a meu  
marido, foi o senhor o culpado. Conheceu o meu  
genio, não sei como; enganou-me com promessas,  
deslumbrou-me com a perspectiva da riqueza...  
eu acreditei... Soffri a primeira decepção na  
primeira noite que aqui entrei... Procurei as  
sêdas promettidas, os velludos, os brilhantes...  
nada achei... Perguntei-lhe onde estavam, o se-  
nhor rio-se... e não me respondeu... Dahi em  
diante, não tem havido um só dia em que o se-  
nhor me não reprehenda sem motivo, que não es-  
carneça de mim... Eu tambem já estou cansada,  
senhor...

*Alfredo.* Se está cansada, retire-se. Não me deixa saudades. De novo previno-a de que não posso tê-la em minha casa. Estou para casar-me, e torna-se impossível continuarmos a viver juntos...

*Julia.* (Como ferida de um raio.) Vai casar-se!... E eu então?! ..

*Alfredo.* (Rindo.) A senhora póde procurar outro rumo. Não falta para onde vá. Ha muitas mulheres que de bom grado lhe darão agasalho, desde que a senhora as ajude a ganhar a vida...

*Julia.* (Indignada.) E julga que eu seja capaz, senhor?...

*Alfredo.* (Dando uma gargalhada.) Suppõe-se talvez melhor do que ellas?... Pois está enganada. A esposa que abandona seu marido, para seguir um homem qualquer, comtanto que esse homem satisfaça os seus desejos, é...

*Julia.* (Anciosa.) É...

*Alfredo.* Uma mulher perdida...

*Julia.* (Occultando o rosto nas mãos.) Senhor!...

*Alfredo.* Entre estas mulheres não ha distincções; todas são iguaes; todas trabalham pelo mesmo officio e para o mesmo fim. Vá procuralas, viva com ellas, ajude-as e seja muito feliz...

*Julia.* (Cabe de joelhos, soluçando.) Alfredo, pelo amor de Deos!... Não vêes que te amo tanto?!... que por ti sacrifiquei tudo; a minha honra, o meu futuro, a honra de Luiz?...

*Alfredo.* Nada tenho que vêr com isso, senhora.

*Julia.* Então, Alfredo, para que me foste enganar, quando eu vivia tão tranquilla e feliz?...

*Alfredo.* Soberbo!... Perguntei-lhe se queria acompanhar-me, disse que sim. Não tenho a culpa. Tivesse juizo; lembrasse-se que era casada; que tinha prestado um juramento de fidelidade a seu marido, e não se deixasse seduzir por promessas, que, devia saber, nunca seriam cumpridas...

*Julia.* (Unindo as mãos, olha para o céu, com a suprema expressão do arrependimento.) Oh!... quem me mandou ouvi-lo, meu Deus!...

*Alfredo.* É tarde para arrepender-se. Agora, ha só um caminho a seguir: é o da mulher perdida. Já é esposa adúltera; o primeiro passo está dado. Vá pedir a qualquer messalina um agasalho, que ella abrirá os braços, exclamando: «Venha! Trabalharemos juntas!...»

*Julia.* Nunca, senhor...

*Alfredo.* Muitas outras em melhores circumstancias do que a senhora têm seguido com prazer essa vida. É um meio soberbo de ganhar o pão; lucrativo e pouco laborioso...

*Julia.* O senhor é... um infame!...

*Alfredo.* (Avançando.) Veja que está em meu poder, e que posso esmagar-la!...

*Julia.* Esmague-me, mate-me. Que importa?... Morrerei satisfeita, porque deixarei de soffrer!...  
(Com angustia.)

*Alfredo.* Saia immediatamente, senhora.

*Julia.* (Soluçando.) Alfredo, tens animo de expulsar-me de tua casa, de deixar-me ao desamparo,

de obrigar-me a pedir esmolas, talvez?... Oh!... não!... Eu quero morrer aqui... Um pedaço de pão duro, um canto onde me deite... e fico satisfeita... Nada mais desejo... Não te pedirei mais nada... nem mesmo um pouco do teu amor em recompensa do meu... Vai... (*Suffocada pelos soluços.*) Vai... diverte-te... folga... mas, deixa-me viver aqui... deixa-me chorar sosinha as minhas dôres e pedir a Deos por ti.

*Alfredo.* Não consinto. Prepare-se para sahir. Leve o que trouxe. O aderêço que lhe dei ficará para outra que a substitua.

*Julia.* (*Cahindo de joelhos.*) Oh!... deixa-me ficar, Alfredo!...

*Alfredo.* Já lhe disse que não ! Retire-se!

*Julia.* (*Erguendo-se resignada.*) Seja feita a tua vontade!... (*Sake.*)

SCENA 2ª

*Alfredo só*

(*Recosta-se no sofá, depois de ter accendido um charuto, batend na calça o junquinho que tem na mão.*)

*Alfredo.* Esta mulher incommoda-me. Preciso despedi-la. Seduzi-a por um capricho, mas esse capricho já passou. Agora quero procurar novos prazeres, novas mulheres, novas Julias!... Ah!... ah!... ah!... Não a quero mais em minha casa!...

*Mariçesa delirante*

Amo os pharóes luminosos...

Morre uma luz, vou-me a outra...

Quero a luz de novos gózos!...

Eu sou como a borboleta:  
Oscúlo todas as flôres,  
Mas prefiro dentre todas  
As que tem mais vivas côres!...

Encontrei Julia, achei-a formosa, beijei-a; mas, depois, no meu adejar sem descauso, vi outra flôr mais bella... Deixei de ser borboleta; ella transformou-se em mulher, mas uma mulher divina, de olhos voluptuosos e fronte digna da corôa de uma rainha... Deslumbrei-a com a minha opulencia... offereci-lhe ouro... fascinei-a com o esplendor da riqueza... ella aceitou... ah!... ah!... ah!... Novo D. Juan, sou o ideal das mulheres... Nunca fitei uns olhos, que os não obrigasse a abaixarem-se; nunca fallei no meu ouro e na minha opulencia que não fizesse uma victima...

Nas batalhas de amor,—invencivel,  
O meu ouro devasta, destróe;  
Muito orgulho a meus pés se prosterne...  
Nas batalhas de amor—sou heróe!...

(*Indo á porta, depois de dar una gargalhada.*)  
Julia!... Julia!...

SCENA 3ª

*Alfredo e Julia*

*Julia.* O que me quer de mim?...

*Alfredo.* Approxime-se, se faz o favor. Chamei-a para dar-lhe um conselho.

*Julia.* Os seus conselhos só têm servido para a minha desgraça.

*Alfredo.* Não aceita?...

*Julia.* Não sei.

*Alfredo.* Nesse caso póde retirar-se.

*Julia.* (Á parte.) Quem sabe?... Póde ser que se arrependesse do que me tem feito...

*Alfredo.* Decida-se, que tenho mais em que occupar-me.

*Julia.* E que conselho é esse?...

*Alfredo.* Ah! já o aceita?... Muito bem.

*Julia.* Falle, senhor!...

*Alfredo.* Espere um momento. Roma não se fez em um dia. Se quiser dar o devido peso ás minhas palavras, e seguir o caminho que vou mostrar-lhe, talvez que ainda seja muito feliz...

*Julia.* Basta de preambulos. Diga o que...

*Alfredo.* Não seja tão arrogante. A arrogancia póde perdê-la de todo. Em duas palavras, vou offercer-lhe um futuro socegado, o esquecimento do passado, um viver tranquillo, se não ditoso...

*Julia.* Falle.

*Alfredo.* A senhora sabe que ha muitos homens sem brio e sem honra...

*Julia.* Fiquei sabendo depois que o vi, senhor.

*Alfredo.* Entre esses homens ha muitos casados, cujas mulheres fazem justamente o que a senhora fez com... abandonão seus maridos, seguem o primeiro homem que lhes faz uma promessa de amor, um juramento que nunca será cumprido... e que depois, vendo que não se dão

bem com a sua nova vida, vão ter com seus maridos, ajoelhão-se, chorão, perdem perdão, jurão não cahir em outra, transformão-se em Magdalenas arrependidas, finalmente, commovem os patetas, que lhes abrem os braços, e continuão a ama-las com mais fogo e mais poesia...

*Julia.* Onde quer ir ter, senhor?...

*Alfredo.* Não tenha pressa; lá chegaremos sem nos cansarmos. Os homens sem brio e sem honra não trazem signal na testa, nem tão pouco dizem o que são, pelo contrario, dizem justamente o que não são, proclamando-se em praças e ruas: « Sou um homem de brio!... A minha honra... »

*Julia.* Não o comprehendo, senhor.

*Alfredo.* Compreender-me-ha. Luiz entra no numero dos que proclamão em praças e ruas a sua honra...

*Julia.* Quer dizer que Luiz...

*Alfredo.* É um miseravel!...

*Julia.* Senhor!...

*Alfredo.* Sobre a sua exclamação—senhor!... — fallaremos depois.

*Julia.* Conclua. Nem sabe quanto me custa estar em sua presença.

*Alfredo.* O conselho que tenho a dar-lhe é o seguinte: vá ter com Luiz, ajoelhe-se, chore, peça perdão, jure não cahir em outra, finja-se Magdalena, que elle a receberá nos braços, e continuará a ama-la com mais fogo e mais poesia...

*Julia.* Quer dizer que Luiz é um... infame?!...

*Alfredo.* Nem mais nem menos.

*Julia.* Que é um homem sem brio?!...

*Alfredo.* Sem duvida.

*Julia.* Que, se eu procura-lo, elle me receberá, como se nada tivesse acontecido?!...

*Alfredo.* Certamente.

*Julia.* Está enganado, senhor!...

*Alfredo.* Nunca me engano.

*Julia.* Luiz é um pobre pintor sem nome, sem glorias, que passa muitos dias sem comer, muitas noites trabalhando; mas é um homem honrado. A pobreza de meu marido não se compara com a sua opulencia, senhor. Se eu pedisse perdão a Luiz, elle me repelliria, fugiria de mim. . .

*Alfredo.* Muito bem. Ha ainda outro meio. Passemos agora á sua exclamação theatral—senhor!... A senhora tem uma excellente voz, por que não entra para o theatro?... Não precisará de seu marido, e ganhará a vida com pouco trabalho. Quer?... Eu me encarrego de contracta-la. Tresentos ou quatrocentos mil réis mensaes, muitas glorias, muitos louros, muitas protecções (porque a senhora é bonita), muitas palmas, e applausos, e nenhum trabalho: eis o que a senhora terá no theatro. Durante o dia, dorme ou passeia de carro, para ser admirada; á noite, apparece no palco, para emmudecer uma platéa sequiosa de vê-la e ouvi-la... Não acha que é um bom emprego?...

*Julia.* Chamou-me para insultar-me, senhor?...

*Alfredo.* Nada quer, não é assim?... Despreza

os meus conselhos !... Faz mal. Outra fôra a senhora, e abraçar-me-hia de satisfação, por vêr que me interesse tanto pela sua pessoa... (*Tomando o chapéo e as luvas.*) Boa noite. (*Sahe.*)

SCENA 4ª

*Julia só*

(*Fica silenciosa um momento, acompanhando com os olhos a Alfredo até vê-lo desaparecer ; depois desce, limpando as lagrimas.*)

*Julia.* É sempre assim... sempre o escarneo, a zombaria, o insulto, nunca uma palavra de amor... (*Pausa.*) Muito me tem feito soffrer este homem!...

SCENA 5ª

*Julia e Alfredo.*

*Alfredo.* (*Sempre da porta.*) Tenha paciencia se a incommodo. Venho preveni-la de que quando eu voltar não quero encontra-la aqui.

*Julia.* Vou retirar-me, senhor.

*Alfredo.* Faz muito bem. A sua companhia já me é por demais enfadonha.

*Julia.* Não dizia isso ha dous annos.

*Alfredo.* Porque seria um pateta se o dissesse.

*Julia.* Fique descansado, senhor. Quando voltar já não me encontrará aqui.

*Alfredo.* Muito bem. (*Sahe.*)

SCENA 6<sup>a</sup>

*Julia só*

*Julia.* Vamos... É preciso deixar esta casa... Se eu aqui estivesse mais um dia... morreria de dôr... Este homem é um infame!... Paga-me o sacrificio que fiz, com o insulto... Deixa-me passar dias e dias sem comer; nega-me muitas vezes a mesma agua... e não tem piedade de mim; não tem coração... Vamos... Que elle não me encontre aqui quando voltar... (*Vai sair e retrocede.* *Pausa.*) Não tenho animo... Amo-o tanto, apesar de todos os soffrimentos que elle me dá!... (*Com explosão.*) Não!... Não sabirei!... Quero ficar aqui, quero ser sua escrava, quero servi-lo de joelhos... embora seja despresada... Não quero que me ame... Não!... Mas... (*Com amargura.*) E Luiz?... Pobre irmão da minha infancia!... Crias em mim como no Evangelho, e como tão vilmente eu te illudi... (*Ajoelha, com exaltação.*) Oh! Luiz... meu amigo de infancia... meu irmão na pobreza... meu companheiro nos soffrimentos e no prazer... perdôa-me!... pela memoria de tua mãe, que tanto nos amou... perdôa-me!... pela tua honra... perdôa-me!...

SCENA 7<sup>a</sup>

*Julia e Luiz*

(*Luiz, que desde meio da scena precedente tem-se conservado encostado á porta, adianta-se, apenas*

*Julia pronuncia as ultimas palavras, e pára no meio da scena, crusando os braços sobre o peito. Notaveis alterações nota-se em sua physionomia, mortal pallidez cobre-lhe as faces emmagrecidas, ao redor dos olhos vê-se-lhe um bem pronunciado circulo rôxo. Traz os cabellos em desordem e o seu vestuario é pauperrimo.)*

*Luiz.* É tarde, senhora!... A minha honra... morreu!...

*Julia.* (*Ergue-se occultando o rosto nas mãos.*) Ah!...

*Luiz.* Embalde se evoca o cadaver que dorme; embalde se evoca a honra que morreu... É tarde... A messalina não é a Magdalena...

*Julia.* (*Com extrema ancia.*) Luiz!...

*Luiz.* Não me chame mais por este nome, senhora... Eu não sou Luiz... O esposo amante de outr'ora dorme em um tumulto de espinhos, no tumulto das illusões da vida... morreu... Não vá desperta-lo do seu somno eterno, para não ser mais uma vez amaldiçoada pelas suas cinzas... Morreu...

*Julia.* Oh!... perdôa-me, Luiz... Eu sou Julia, a tua amiga de infancia!...

*Luiz.* Não!... Luiz era uma creança; pescava no rio para sustentar sua mãe, Julia era uma creança tambem, fazia meiguices a seu pai... lembra-se?... Luiz e Julia corrião pelo campo atraz das borboletas de azas azues que os desafiavam a prendê-las... Erão pobres... Brincavão juntos, como dous irmãos; pescavão juntos no rio... Depois, corrião a ajoelhar-se aos pés de um

velho venerando, honrado; rezavam juntos... O bom velho sorria-se ouvindo as vozes desses dous anjos. Depois, Luiz ia para casa abraçar sua mãe... No dia seguinte Luiz e Julia reúnem-se de novo para correrem atraz das borboletas, pescarem no rio, rezarem... Erão felizes essas duas creanças. Crescêrão e amirão-se. Luiz foi á Italia. Quando voltou, já não era mais um pescador— antes fôra ! era um pintor. Casou com Julia. Julia era um anjo, Luiz era um homem honrado. Hoje o que são?... Julia é uma mulher perdida; Luiz é um homem sem honra... um miseravel... Julia vendeu a sua honra por um aderêço e Luiz ficou deshonrado...

*Julia.* (*Avançando um passo.*) Esse aderêço...

*Luiz.* Deve ser rico; custou dez contos de réis.

*Julia.* (*Como acima.*) Esse aderêço, Luiz...

*Luiz.* Como deve a senhora ficar soberba quando enfeitar-se com elle !...

*Julia.* (*Como acima.*) Esse aderêço, Luiz... Espere um momento... (*Salta precipitadamente.*)

SCENA 8ª

*Luiz só*

*Luiz.* Socega, coração !... Estás cansado... mas chóra sempre... Lava com tuas lagrimas de sangue as nodoas da minha honra !...

SCENA 9ª

*Luiz e Julia*

*Julia.* (Traz na mão a caixinha do aderêço.)  
Aqui está o preço da minha honra, Luiz... Quer saber qual é o destino que lhe dou?...

*Luiz.* Guarda-o para sua eterna vergonha, não é assim?...

*Julia.* (Atirando a caixinha ao chão.) Deito-o fóra... Estes brilhantes queimão-me as mãos...

*Luiz.* Mas não lhe queimárão a consciencia, senhora...

*Julia.* Luiz... perdão!...

*Luiz.* (Repellindo-a.) Não... (Com voz sumida.)  
Adeos!... (Sahe rapidamente.)

SCENA 10ª

*Julia só*

*Julia.* Luiz!... (Indo á porta.) Luiz!...  
(Desce soluçando.) Meu Deos!... Perdôa-lhe o ter-me elle recusado o seu perdão!... Ampara-o...  
Faze-o feliz, meu Deos!...

SCENA 11ª

*Julia e Alfredo*

*Alfredo.* Ainda aqui, senhora?

*Julia.* Sim, quiz espera-lo.

*Alfredo.* Para que?...

*Julia.* Para commovê-lo com as minhas lagrimas...

*Alfredo.* Ah!... ah!... ah!... Creio ter-lhe dito já que as suas lagrimas me não commovem.

*Julia.* Não... É impossivel que o seu coração esteja tão corrompido... Senhor, deixe-me ficar... Não lhe pedirei que me ame, não; quero ficar nesta casa para poder vê-lo todos os dias, a todos os instantes, ama-lo em silencio, guardar no fundo do coração esse amor que os meus labios nunca revellarão... Deixe-me ficar, senhor... Se eu sahir daqui, para onde irei?... A quem pedirei amparo?... Quer ver-me pedir esmolas durante o dia, e á noite, dormindo na calçada de alguma rua?... O seu coração é bom. Não terá animo de vêr-me dormir ao relento, morrendo de fome e de frio...

*Alfredo.* Desengane-se. Vá vêr o que trouxe e retire-se. Desejo ficar só...

*Julia.* Oh! não levará por certo muito tempo a vêr o que eu trouxe.

*Alfredo.* Não pretende acabar de lastimar-se, senhora?...

*Julia.* Piedade, senhor?! .. Não vê como choro?... Não o commovem os meus soffrimentos?...

*Alfredo.* Retire-se!...

*Julia.* Não, Alfredo!...

*Alfredo.* Não quer?... Eu obriga-la-hei...

*Julia.* O que vai fazer?...

*Alfredo.* Não sei. (*Vendo a caixinha no chão.*)  
Quem trouxe isto para aqui, senhora?

*Julia.* Fui eu.

*Alfredo.* E já lhe não dei ordem de restituir-me isto?...

*Julia.* Deu, mas...

*Alfredo.* Atirou-a com desprezo ao chão, pensando que era vingança, não é assim?...

*Julia.* Não sei...

*Alfredo.* Dê-me aquelle objecto, senhora.

*Julia.* Eu não me curvo mais.

*Alfredo.* (*Obrigando-a a ajoelhar-se.*) Ha de curvar-se.

*Julia.* Alfredo!...

*Alfredo.* Restitua-me isso!...

*Julia.* (*Vencida, entregando a caixinha.*)  
Toma!...

*Alfredo.* Espere um momento. (*Sahe.*)

SCENA 12<sup>a</sup>

*Julia só*

*Julia.* Meu Deus!... quanta humilhação!...

SCENA 13<sup>a</sup>

*Julia e Alfredo*

*Alfredo.* (*Traz na mão o vestido que Julia trazava no 1º acto.*) Aqui está. Retire-se.

*Julia.* Alfredo... Compaixão...

*Alfredo.* Vamos !... Saia, senhora !...

*Julia.* (Com voz tremula, mas forte e vehemente.)  
Não saio !... És um infame !...

*Alfredo.* (Repellindo-a bruscamente.) Retire-se,  
ou esmaga-la-hei !

SCENA 14ª

*Julia, Alfredo, Luiz*

*Luiz.* O senhor é um covarde !...

*Alfredo.* (Horrorizado.) Luiz !... (Foge.)

*Luiz.* (Crusando os braços e olhando para Julia.)  
Morreu !...

FIM DO 2º ACTO.

---

ACTO 3º

AGONIAS

Sala extremamente pobre. Preso a uma parede  
vé-se o quadro da Magdalena. É noite.

SCENA 1ª

*Luiz.* (Sentado em um banco, olha para o quadro tristemente.) Magdalena arrependida abraçada á cruz, chorando os erros da mocidade... (Apointando para a porta do lado.) Magdalena arrependida nos martyrios da agonia, pedindo perdão a Deus dos crimes do passado... (Desce.) Foi um sonho... (Pausa.) O longo soffrimento dessa mulher matou-me o coração para a honra... ressuscitou-o para a compaixão... O esposo amante morreu; ficou o irmão carinhoso para amparar a irmã desgraçada... O mundo é assim; no paraíso da mais tranquillidade... vem o demonio deixar a sua parte de amarguras... (Descansa a fronte na mão. Momento de silencio.)

SCENA 2ª

*Luiz e o Doutor*

*Doutor.* (Da porta.) Dá licença, meu amigo?...

*Luiz.* (Indo ao seu encontro.) Bem vindo seja, doutor. (Descem.)

*Doutor.* Como se acha a nossa doente?...

*Luiz.* Um pouco melhor. A lembrança do passado é que a mata...

*Doutor.* Não. O passado será esquecido. Então...

*Luiz.* Então...

*Doutor.* Ainda hão de gozar dias bem felizes.

*Luiz.* A felicidade acabou-se para mim, doutor.

*Doutor.* Quem sabe?!

*Luiz.* O meu longo martyrio de dous annos...

*Doutor.* Venho trazer-lhe consolações e... Vamos, meu amigo; procure fugir a essa tristeza, que tanto mal lhe faz. Quando o verei alegre?...

*Luiz.* Nunca... Ha tristezas que só acabão á beira do tumulo; a minha é dessas... Como posso eu mostrar alegria, doutor, se me vejo deshonorado e na miseria, se vejo essa infeliz quasi a expirar?... Oh!... se o doutor soubesse quanto tenho soffrido; os dias de angustia que tenho passado; as idéas que me assaltão por essas longas noites de dolorosas vigílias, quando penso vêr ainda Julia prostrada a meus pés, implorando perdão!... Custa muito, doutor... Custa muito...

*Doutor.* Compreendo o seu soffrimento, meu amigo, mas coragem; Deos é grande. O infame seductor não morreu; Deos o punirá.

*Luiz.* Eu me vingarei, doutor; o maldito morrerá... Oh!... se o doutor soubesse como é doce massacrarmos aquelles que nos massacrarão!...

*Doutor.* E, se o matar que lucro tirará disso?... Não sabe a que penas está sujeito o homem que commette um crime?... Qual seria a recompensa desse attentado?... O carcere, a fome, a miseria, a deshonra... e o que mais?... uma morte de reprobos... Se o seductor merece a morte, o que merece o assassino?... Se o homem que infamemente abusa da fraqueza de uma pobre mulher, lança a alma no inferno, onde irá parar a alma do homem que tira sem compaixão a vida de outro, sabendo que essa vida pertence a Deos, e que Deos sómente della póde dispôr?...

*Luiz.* Mas a honra, doutor!... a honra!...

*Doutor.* O assassino vale menos do que um...  
cão...

*Luiz.* E vale menos do que um cão o homem  
que não se vinga das affrontas que lhe lanção em  
rosto.

*Doutor.* O amor é grande, meu amigo; mas o  
respeito á sociedade deve ser ainda maior. Alfredo  
deshonrou-o?... não importa. Alfredo fugio?...  
não importa... não procure vingar-se. Deixe  
que o tempo passe... que sua mulher morra,  
que o seu coração gotteje sangue...

*Luiz.* Mas para que isso?... Se eu não me  
vingar, quem me vingará?...

*Doutor.* E Deos?... Não se lembra de  
Deos?...

*Luiz.* O martyrio tornou-me descrente, dou-  
tor...

*Doutor.* Assassinar?... Para que?... Oh!  
não! Isso seria o homem lançar-se ao abysmo,  
sabendo que nelle encontraria morte inevitavel.  
Espere. Não tome isto como um conselho de co-  
varde, não. Console essa infeliz nas suas ago-  
nias, chóre com ella, anime-a a ter fé em Deos,  
porque o resto será por conta de Deos. O seu co-  
ração talvez que hoje peça vingança, mas, quando  
chegar a occasião de pôr em pratica essa vin-  
gança, elle confranger-se-ha, e o braço armado  
cibirá sem força para executar uma inspiração  
de Satanaz... Calma e resignação, meu amigo;  
calma na vingança, resignação no soffrimento...

*Luiz.* E... depois?...

*Doutor.* Depois?... Quando em um momento de desvario se julgar perdido, volte-se para Deos, porque Elle é bom e misericordioso... Seja surdo a essa voz maldita, que de contínuo o impelle para a vingança—para o abysmo... De que serviria vingar-se?... Com a perda de uma vida, restituiria a vida a Julia?... Com o sangue que fizesse correr purificaria a sua honra?...

*Luiz.* Doutor!...

*Doutor.* De que serviria isso, Luiz?... Louco, que olhas para o abysmo, sem medir-lhe o fundo!...

*Julia.* (*Dentro, com voz desfallecida.*) Luiz... Luiz... Oh!.. como soffro!... As minhas lagrimas são de fogo... Meu Deos!... ampara-me... Nunca deixei de crer em Ti...

*Doutor.* Ouça; é Deos que falla pelos labios da martyr.

*Luiz.* É sempre assim, doutor!...

*Doutor.* Coragem! Não podemos evitar os decretos divinos... Não podemos fugir ás leis do céo... Não seja covarde no soffrimento...

*Luiz.* Doutor, são inuteis os seus conselhos, porque eu me vingarei...

*Julia.* (*Como acima.*) Luiz... Luiz...

*Luiz.* (*Tomando as mãos do doutor.*) Venha, doutor... Salve-m'a...

*Doutor.* Vamos. Deos a salvará... (*Sahem.*)

SCENA 3ª

*Alfredo só*

*Alfredo. (Entrando rapido.)* Onde estou eu?... Este quadro... Ah! estou em casa de Luiz... Não importa... Safei-me ás garras daquelles miseraveis que querião-me assassinar para roubar-me... Mas... sinto passos... Vejamos se já se fôrão...  
(*Sahe.*)

SCENA 4ª

*Luiz, Julia e o Doutor*

*(Julia, extremamente pallida e desfigurada, amparada pelo doutor e Luiz, atravessa vagarosamente a scena e senta-se na unica cadeira que existe.)*

*Julia.* Oh!... como soffro doutor...

*Doutor.* Ha de ficar melhor.

*Julia.* E não tarda... Não é assim?...

*Luiz, Julia l. . .*

*Doutor.* Deos é quem sabe, minha senhora.

*Luiz.* O que diz, doutor?... Então ella...

*Doutor. (A custo.)* Ha de ficar boa...

*Julia.* Luiz... chega-te para mim... Mais perto...

*Luiz.* Aqui estou, Julia...

*Julia.* Assim... Lembras-te?...

*Luiz.* De que?...

*Julia.* Da nossa infancia... Oh!... como dôce foi esse tempo... Não foi ?...

*Luiz.* Foi, Julia... foi... mas...

*Doutor.* Quer tomar o seu remedio, minha senhora ?...

*Julia.* Como queira, doutor...

*Doutor.* Vou prepara-lo... (*Sahe.*)

SCENA 5ª

*Luiz e Julia*

*Julia.* Erão tão formosas aquellas manhãs, em que brincavamos juntos .. tão sereno o rio em que pescavamos... Oh! como fômos felizes, Luiz...

*Luiz.* Socega, Julia... bem precisas de socêgo...

*Julia.* (*Como em delirio.*) Não... escuta... não ouves ?...

*Luiz.* O que?...

*Julia.* Meu pai chama-nos... são horas de rezar...

*Luiz.* (*Afflicto.*) Julia !...

*Julia.* Elle já deve estar impaciente... Vamos... Luiz... vamos... Amanhã brincaremos...

*Luiz.* Meu Deos !

*Julia.* Não queres abraçar tua mãe, Luiz?...

*Luiz.* Ella delira!... *Julia*!... doutor!... doutor!...

*Julia.* Aqui estou, meu pai... Vamos rezar, Luiz...

SCENA 6ª

*Luiz, Julia e o Doutor*

*Doutor.* O que ha?...

*Luiz.* Ouça-a...

*Julia.* Luiz... aquella borboleta... meu Deus!... não a vê?...

*Luiz.* Corta o coração, doutor!...

SCENA 7ª

*Luiz, Julia, Doutor e Alfredo*

*Alfredo.* (Todo ensanguentado, e os cabellos em desordem, entra vacillando e cahe em um banco.) Ah!...

*Doutor.* Quem é este homem?...

*Luiz.* (Avançando.) Alfredo!... Miseravel!...

*Alfredo.* (Cahe desfallecido de joelhos.) Perdão!... é tarde Luiz... Vou morrer... Fui apunhalado por um bandido que queria roubar-me...

*Julia.* (Estendendo a mão.) Apauhei-a... Como é formosa, Luiz!...

*Alfredo.* Esta voz... *Julia*...

*Luiz.* Veja, senhor... É a sua obra...

*Doutor.* (*A Alfredo baixo.*) Ella vai morrer...

*Alfredo.* (*Arrasta-se até á cadeira de Julia.*)

*Julia*... *Julia*... perdão para mim... e tu...  
*Luiz*... perdôa-me... tambem... (*Tenta erguer-se; estende os braços para Luiz; procura tomar a mão de Julia; tem um estremecimento convulsivo e expira.*)

*Doutor.* (*Apontando para o cadaver.*) É a justiça de Deos, Luiz.

*Luiz.* É a justiça de Deos, doutor !...

*Julia.* (*Com estertor.*) Luiz !... Luiz !... Meu Deos !... (*Peñde para traz a cabeça, que encosta no espaldar da cadeira.*) Ah !...

*Luiz.* Acuda, doutor !... Ella...

*Doutor.* Morren !...

*Luiz.* (*Cahe nos braços do doutor, dando um grito de supremo desespero.*) Ah !...

FIM DO DRAMA.

Bibliotheca das Folhinhas Læmmert

---

0

# TIO MENDES

COMEDIA EM UM ACTO

ORIGINAL DE

Amancio Pereira



RIO DE JANEIRO

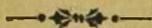
Companhia Typographica do Brazil, rua Invalidos, 93

THE LIFE OF  
TIO. MENNIES

BY  
JAMES L. MENNIES

# O TIO MENDES

COMEDIA DE COSTUMES



## PERSONAGENS

Mendes	— 60 annos	Pai de Erenéa	E. Boamorte.
Erenéa	— 20	» Noiva . . . . .	A. Magalhães.
Anna	— 25	» Criada . . . . .	C. Tovar.
Gaúcho	— 28	» Criado . . . . .	P. de Siqueira.
Alberto	— 26	» Sobrinho de	
		Mendes . . . . .	J. Tovar.
Venancio	— 26	» 5º annista de	
		medicina ..	R. Pacheco.
Flavio	— 25	» Noivo . . . . .	A. Magalhães.
Thomaz	— 50	» Pai de Flavio	J. Goulart.

1890

MEMORIAL

OF THE

MEMBERS

OF THE

AMERICAN

ASSOCIATION

OF

PHYSIOLOGISTS

AND

PHYSICIANS

1884

W. B. SAUNDERS  
PHILADELPHIA

# O TIO MENDES

## Acto unico

O scenario representa uma sala modesta

### SCENA I

Mendes passeando e Erenéa, sentada, costurando

MENDES (*aspero*)

Temos entendido: ou queixo ou dente! Eu não admitto que a senhora... (*mais aspero*) Está ouvindo, Sra. Erenéa, minha filha? (*um pouco moderado*) Eu não admitto (*espirra*) que a senhora, filha legitima do Chico Mendes, que não é qualquer cousa; que tem a sua fazenda; de uma familia, já se sabe, que tem um sobrinho se doutorando... (*um pouco aspero*) Está ouvindo, Sra. Erenéa, minha filha? (*brando*) Eu não admitto (*espirra*) que a senhora, filha do Chico Mendes, que já tem sido alguma cousa no rol das cousas... (*aspero*) Está ouvindo, Sra. Erenéa, minha filha? (*moderando-se*) Eu não admitto (*espirra*) que a senhora queira se casar, se matrimoniar, com o bigorrilha do filho do meu compadre Thomaz. (*forte*) Temos entendido: ou queixo ou dente! comprehende-me? (*continúa a passear*).

ERENÉA

Porém, meu pai, eu...

MENDES (*interrompendo*)

Nada, nada de palanfrorios ! Ou queixo ou dente ! A senhora hade casar-se com quem fôr de meu gosto, de meu agrado ! A senhora não sabe que lhe quero fazer um arranjo com uma outra pessoa e que é cá de meu peito ?

A senhora não sabe ? Hoje, dia da chegada de seu primo, meu sobrinho, que vem feito *dotô* formado, é quando recebo esta carta (*mostra*) daquelle bendegó que lhe pede em casamento ? !... (*espirra*) Então a filha do Chico Mendes, a filha de seu coração, a filha que elle tanto ama, quer se casar com o filho de um surdo ? !... (*sorve rapé e passeio*).

ERENÉA

Meu pai, elle é seu compadre...

MENDES (*á parte*)

Nem me lembrava... Deus me perdôe se offendo a meu compadre chamando-lhe de surdo (*alto*) Escute: Quer ou não quer seguir o que lhe diz seu pai ? Quer ou não quer fazer a vontade a este pai que lhe tem no coração ? O que diz ?

ERENÉA (*contrariada*)

O que meu pai...

MENDES (*interrompe*)

Fizer, feito fica, não é assim ?

ERENÉA (*à parte*)

Veremos. (*alto*) Não se incommode, meu pai. Desejaria nunca dar-lhe motivos para tanta contrariedade... Felizmente não é um facto reprovavel que tanto o atormenta. Se minha bôa mãi fosse viva, talvez papai não vivesse tão preocupado com esse pedido de casamento.

MENDES (*sorvendo rapé*)

Bem, bem; vá para dentro dispôr do que é necessario para a chegada do primo, que eu vou á rua a fim de ver se encontro um outro criado para ajudar a Anna. Eu bem sei que o serviço, hoje, é muito, (*enthusiasmando-se*) muito mesmo, mesmo muito, e... é preciso... (*espirra*).

ERENÉA (*interrompendo*)

Mas, meu pai, o serviço não é tanto que exija mais um criado. Eu ajudarei a Anna.

MENDES

Nada, nada, não a quero no serviço da cozinha, hoje. Desejo, quero vê-la na sala, nesta sala, bem entendido, para receber seu primo! (*querendo sair*). Que prazer! que prazer para mim, hoje! Ver meu sobrinho legitimo *dotô* formado?!... Que contentamento!... (*Sahe espirrando*). (*Erenéa acompanha-o com os olhos e entra no gabinete*).

SCENA II

ANNA (*só*)

(*Vem espanar as cadeiras e endireitar a sala*).

Safa ! Estou mais morta do que viva ! A serviçada, hoje, é por demais ! Mas, o que hei de fazer ? Preciso, e quem precisa trabalha ! O patrão não é dos piores ; apenas tem uma qualidade que não me agrada : é gostar de passar bem, com pouco dinheiro... Antes assim, comtanto que me pague o salario e não proceda como o tal Sr. Durão, que *chupou-me* nos serviços de muitos mezes e nada do melhor com que se compram os melões... (*signal de dinheiro*). E' um desaforo, isso de patrões caloteiros... ha uns que são uns *verdadeiros cabornas* ! (*canta*)

Neste mundo, meus senhores,  
Sò um patrão me pagou ;  
E' verdade qu'o maricas,  
De meu serviço gozou.

Mas não fez com'o sandeu  
Desengonçado boneco ;  
Desaforado patrão,  
O tal Durão badameco.

S'eu pudesse obter já  
Um'outra norma de vida,  
Dava palmas, dava palmas,  
Embora em casa detida.

E seria então feliz,  
Feliz por felicidade,  
Tendo ao lado um maridinho  
Pacholinha da cidade.

(*Suspirando*) Ai !... ai !... Si eu tivesse um marido... (*suspira*) Si eu tivesse... Ora, si eu tivesse um marido, seria eu sua mulher. (*continúa a endireitar a sala*).

SCENA III

A mesma e Gaúcho.

GAÚCHO (*da porta do fundo*)

Será aqui! (*reparando na criada*) Hum... tenho cá a gente de minha gente... o povo de meu povinho... Uma criada... Ora, eu sou tambem criado e... quem sabe si estou ou não com a vida ganha?!... (*canta*)

Dá licença, dá licença,  
Para entrar o criado,  
Não é homem atrevido,  
E' no todo delicado.

ANNA (*com satisfação—cantá*)

Póde entrar, póde entrar,  
Que lhe quer o meu patrão;  
E encontra esta criada,  
De bom genio e coração.

GAÚCHO (*entrando*)

Ora aqui está o Zé Gaúcho Pantaleão das Arabias Faz Forno, criado de servir e todo inteiro sem faltar nem pôr.

ANNA

E aqui está Anna Anastacia Pigmaliôa dos Anjos Ferro Forte, criada tambem de servir, sem pôr nem faltar.

GAÚCHO (*satisfeito*)

Ora veja a criada como são estas cousas: Não ha nada como a gente ter a sua bondade...

ANNA

Porque?

GAÚCHO

Porque apenas fui deixando, hoje, a casa de um patrão, encontrei-me com *seu* Chico Mendes que logo me contractou.

ANNA

E porque sahio dessa casa?

GAÚCHO

Porque? Ora, porque... Por ter a patrôa, que era por demais curiosa, como são todas ellas, dado com a maçonaria que havia entre mim e o patrão... (*ri-se*).

ANNA (*admirada*)

Maçonaria?!... crédo! E não tinham medo do bode preto?!... Crédo! Cruzes!... (*benze-se*).

GAÚCHO (*rindo-se*)

Qual bode preto, nem bode branco! Lá não havia... Era... sim... não vês que... além de meu salario, tinha eu uma ajuda de custas...

ANNA (*admirada*)

Uma ajuda de custas ? !... O que é isso ? (*ri-se*).

GAÚCHO

Ora, ora, ora... Tinha uma ajuda de custas por um serviçozinho que eu prestava ao patrão ás occultas da patroa... (*em outro tom*).

Cala-te Gaúcho, não digas tudo...

ANNA

Mas, que serviço era esse ?...

GAÚCHO

Ora, tu não me comprehendes... (*rindo-se*)  
Eu... qual... não digo, não.

ANNA

Diz Gaúcho, diz.

GAÚCHO

Qual, não digo, não... Sempre ouvi dizer que a alma do negocio é o segredo...

ANNA

Diz, Gaúcho, diz ; ai, diz, sim ?

GAÚCHO (*rindo apalermadamente*)

Não vê... segredo em bocca de mulher, temos fallado, é o mesmo que annunciar se nas gazetas do dia (*resoluto*) Bem, eu digo, mas...

ANNA

Diz, diz que eu nada revelarei á pessoa alguma, juro.

GAÚCHO

Olhe que é sem exemplo e... lá vai. (*rindo-se*) Meu amo era um desses sujeitos que se fingia um bom marido na presença da patrão. muito embora nas aguas... (*indica beber*) pois, ao contrario de outros, tornava-se um cordeiro... Mas, ás occultas... um refinado tratante! Tomou uma certa sympathia por mim que não chamava sinão por Gaúcho. Era Gaúcho, p'ra cá, Gaúcho, p'ra lá, e olha Gaúcho, Gaúcho vem cá. Eu e elle eramos duas almas em um corpo só e... sou capaz de dizer, que eramos dous corações unidos e que as nossas cabeças pensavam da mesma maneira e...

ANNA

E.. que mais?

GAÚCHO

Eu te explico: A' semelhança de muitos, o patrão á certas horas, ficava com o nariz tão vermelho que nem camarão... E isso devido entrar com certo entusiasmo de pratico e conhecedor da materia, (o que era as suas delicias

*na campista ou carapina (indica beber) que o tornava marinheiro à tolda de algum navio em alto mar, ou em mar revolto... A patrôa, não gostando desse seu estado bilioso de todos os dias, tratou de ver quem a conduzia para o quartinho ou gabinete onde o patrão dava as suas sessões. (indica beber).*

ANNA

E o que aconteceu?

GAÚCHO

O que aconteceu?! (*ri-se*) Notando ella que eu trazia em baixo do braço e com as cautelas necessarias, embrulhadinha em um papel pardo, bem embrulhadinha, como criança resguardada do mal de sete dias; notando ella, repito, que eu conduzia a garrafinha branca do *sudorífico*, que tanto esquentava e fazia suar o patrão por quantos póros tinha...

ANNA (*interrompe*)

O que fez ella?

GAÚCHO (*rindo-se*)

Eu já te digo. Quando eu e o patrão nos iniciavamos pela bilionesima das bilionesimas vezes, fomos surprehendidos por ella que nos arrancou das mãos a bella da garrafinha, em fórma de galheta; periricou a mais não poder commigo e com o patrão, que já estava... que já estava com um formidavel toucado e sem mais formalidades, poz-me no andar da rua com portaria de suma-se já! retire-se!

ANNA (*gesticulando com a cabeça*)

Ah... com que então o Gaúcho também gosta, hein?!...

GAÚCHO

Isso hoje, já não admira, porque faz parte do movimento progressivo; e é uma das provas indispensáveis, a meu ver, para a matrícula da alta escola social...

ANNA

Bom... E se não fosse a patrão descobrir a tal maçonaria, não nos encontraríamos hoje, *a ronda com a justiça...*

GAÚCHO (*á parte*)

Não é que estou sentindo um certo *quê* por este coração? (*alto*) A criada é... solteira?

ANNA (*á parte*)

Esta pergunta... (*alto, suspirando*) ai!... ai!...

GAÚCHO (*á parte*)

Que suspiros tão doces...

ANNA (*á parte*)

Armemos o laço (*alto*) ai... ai... Si eu soubesse que não ficava a ver navios, lhe diria, Gaúcho, os meus desejos, o que mais desejo neste mundo... (*brincando com o espanador*) Gaúcho, bem póde

calcular, avaliar, comprehender, adivinhar até, o que seja uma mulher, nas minhas condições, sem um parente, sósinha, finalmente, sem *eira nem beira, sem ramo de figueira...*

GAÚCHO (*à parte*)

Como ella canta... Estou aqui, estou cahindo como patinho n'agua... (*alto, formalizado*) Pois se vive *sem eira, nem beira, sem ramo de figueira*, aqui está a seu lado um *galho de pitangueira*; e, caso não tenha pretendente, acho-me em disponibilidade e...

ANNA (*à parte*)

Cahio!... (*alto*) Pois bem. (*muito jovial*) Havemos de tratar disso. Eu serei uma boa mulher...

GAÚCHO

E eu um bom marido...

ANNA

Serei tua companheira fiel; o teu bem querer da vida; serei tua e toda tua, e tu serás o meu.. (*ouvem-se passos e espirros de Mendes*).

GAÚCHO (*interrompe, contente*)

O teu coração, sómente teu, o teu arrimo e... em uma palavra, todo teu!... (*Anna continúa a endireitar as cadeiras*).

SCENA IV

Os mesmos e Mendes

MENDES

Venho cansado ! (*espirra*) Lá fóra faz um calor diabolico, um calor dos peccados ! Uf !... Estou alagado de suor !... (*vendo Gaúcho*) Olá !... Andou mais ligeiro do que eu suppunha ! E é para admirar, porque, em geral, os criados são uns *somneiros* de primeira força !... (*sorve rapé e espirra*) Assim é que eu gosto ; tudo ligeiro, e quanto mais ligeiro é feito o serviço, mais ligeiro pago (*passeia e espirra*).

GAÚCHO (*á parte*)

Assim seja...

MENDES (*passeiando*)

Estou que nem sei o que hei de fazer... O paquete não tarda (*para Gaúcho e Anna*) Bem, bem, vão para dentro tratar do serviço e a menina que venha cá.

GAÚCHO

Quando o patrão quizer qualquer cousa, é só chamar. (*vai a sahir com Anna. Para á porta e pergunta-lhe*) Elle gosta ? (*indica beber*).

ANNA

Eu sei... (*sahem*).

SCENA V

Mendes e depois Erenéa

MENDES (*muito satisfeito*)

Vai tudo ás mil maravilhas! (*espirra*) A chegada de meu sobrinho tem me dado o que fazer; mesmo porque desejo recebê-lo com todo o ceremonial exigido em taes occasiões, (*contentissimo*) dotô formado, meu sobrinho! Que admiração para os outros parentes!... Que alegria para mim, para todos desta casa! Que alegria para o Bernardo! Que prazer para sua avó Margarida do Ferrão? (*tira os oculos para limpar*).

ERENÉA (*entrando*)

Meu pai alugou sempre o criado?

MENDES (*collocando os oculos*)

Sim, sim, não podia deixar. (*em outro tom*) Então estás muito contente pela chegada do priminho, heim? Olha, quando elle chegar, te mostra satisfeita, risonha, entendes?

ERENÉA

Si eu tiver vontade. Não hei de contrafazer-me e exprimir o que não sentir. (*á parte*) Pensa que me casarei com elle?...

MENDES (*um pouco aspero*)

Sra. Erenéa, minha filha, qual é a prima que vendo chegar seu primo dotô formado, não fica

alegre, contente?!... Eu bem te entendo: Si fosses do tempo em que a mestra ou mãe tinha receios de deixar as moças chegarem ao postigo, por causa do tal namoro; si fosses desse tempo, repito, havias de gostar das missas á madrugada, das novenas, e não havias de estar a namorar um tratante e com elle querendo casar... Lembra-te de que á pouco me disseste que o que eu fizesse, feito ficaria. Ah... menina! menina... ah! meu tempo, meu tempo... (*passeia*).

ERENÉA

Mas, meu pai, considera-me criminosa por isso?

MENDES (*asperamente*)

Sim, senhora! E' contra a minha vontade e... não deve, não deve! Ao menos que não queira tornasse rebelde! Pensa que póde ser feliz casando-se com um *negociante de meia tijela*; negociante de garrafas vãs nas prateleiras? Pois fique sabendo que eu já disse a quem lhe pudesse fazer ver que a Sra. Erenéa, minha filha, não desejava mais casar-se com elle. E... não me desminta, entende?

ERENÉA

Meu pai fez mal, permitta-me que lhe diga. Subjugar a minha vontade é querer escravisar o coração de sua filha...

MENDES *(batendo o pé asperamente)*

Sra. Erenéa, minha filha, a senhora está me desrespeitando! Está me faltando com a obediência precisa!

ERENÉA *(com doçura)*

Não, meu pai, sou sua filha obediente.

MENDES

Obediente?!... Veremos esse casamento. *(sahe magoado para o gabinete e espirra),*

## SCENA VI

Erenéa e depois Flavio

ERENÉA

E que tal?! Querer, meu pai, por força, que não me case com o escolhido de meu coração... Elle diz que me entende, e eu o entendo melhor. O seu desejo, bem sei, é que eu espere o primo, quando elle não me ama, e nem eu a elle. E' de mestre. *(senta-se costurando e canta)*

Desta vida de moça que levo,  
Já não posso aturar o soffrer;  
Si não fosse o amor que me prende,  
Oh! por Deus, não quizera viver.

Mas qu'importa se soffro rigores,  
Por constancia de meu santo amor;  
Quero amal-o assim mesmo soffrendo  
Mas não ser desleal, que horror!

*(Repete o primeiro verso).*

FLAVIO *(entra apressado)*

Erenéa, teu pai ?

ERENÉA *(com expressão)*

Flavio! Meu pai, está lá dentro. Elle não quer ceder a teu pedido. Tem feito o quanto é possível para que me desvaneça de meu proposito. Mas, confia em mim que serei tua e sómente tua.

FLAVIO *(tomando-lhe as mãos)*

Muito te agradeço. Continúa fiel ao nosso tentamen, que seremos muito felizes! Acredita: vivo porque te amo, porque adoro-te tanto, tanto que nem te sei explicar. Em ti vejo a minha felicidade e o meu futuro! *(em outro tom)* Mas... que motivos allega elle ?

ERENÉA

Que és um negociante fraco; um negociante de *garrafas vasias* nas prateleiras. Mas... tudo isso não diminue a amizade que te consagro.

FLAVIO *(beijando-lhe a mão)*

Quanto és bôa. Mas, se por sua causa fôr impossivel o nosso casamento? *(ouve-se, ao longe, apito de vapor)*

ERENÉA (*com expressão*)

Fé na Providencia! (*voz de Mendes, animando os criados para o serviço*). Lá está elle ás voltas com os criados e não deve tardar nesta sala. Não acho prudente que aqui fiques, pois a sua resposta é negativa. Vai, não te demores e... me parece mais razoavel que mandes o Sr. Thomaz em teu lugar.

FLAVIO

Mas, meu pai, sendo, como é...

ERENÉA (*com resignação*)

O que tem isso? E' seu compadre e melhor poderá obter o sim. Em todo o caso faz o que entenderes. Porém, vai, que elle não tarda. (*Ouve-se apitar o vapor*).

FLAVIO

Sim. Recebo o teu conselho e praza os céos que sejamos felizes. (*abraçam-se*) Adeus. (*Sahe. Ouve-se apitar o vapor*).

### SCENA VII

A mesma e Mendes

MENDES (*apressado e mui contente*)

Erenéa, Erenéa, o paquete ahi vem! (*ouve-se apitar o paquete*) Olha, apitou de novo, (*apita*

*fortemente*) e com certeza chegou ao cães.  
*(soffrego)* Que prazer que eu tenho! *(indo á porta)* Olá de dentro, venha cá *(sobe á scena, soffrego)* E' hoje! Que prazer, que contentamento, que alegria ver o meu sobrinho já dotó formado! *(indo á janella, soffrego)* Lá atracou um bote. *(reparando com ancia)* E' o bote da visita. *(indo á porta)* Olá de dentro, venha cá depressa, depressa! *(indo á scena, espirra)* Estou que nem sei o que faça! *(indo á janella)* Já estão saltando os passageiros! *(indo á porta)* Olá de dentro, depressa, depressa! *(Anna apparece)* Não é você, é o outro, o outro! Ligeiro! *(Anna sahe)* Como estou eu hoje!... *(para Erenéa)* Erenéa, vai te preparar, vai depressa, elle não tarda! *(indo á janella)* Quantos passageiros! *(espirra)* Que prazer eu sinto! *(indo á porta)* Ligeiro! ligeiro! depressa! Não haja demora! *(Gaúcho apparece)* Ligeiro no cães buscar as malas do Alberto, meu sobrinho, que vem dotó formado! Ligeiro! ligeiro! *(criado vai a sahir, engana-se na porta, recúa e sahe ás pressas)* Ligeiro, anda ligeiro, lesma!... *(indo á janella)* Lá vem, se me não engano, o meu sobrinho com outro. *(reparando)* Me parece elle... *(reconhecendo)* E' elle mesmo, elle mesmo; não tem mudado cousa alguma do que era! E' elle, não ha duvida! O diabo do criado com a demora fez meu sobrinho pagar o carreto! *(sahindo da janella, para Erenéa)* Vai te preparar Erenéa! *(volta á janella e falla para fóra)* Rapaz, toma as malas! Gaúcho, escuta, toma as malas!... Olhe, entregue as malas a elle, não se encommode, é meu criado! *(sahindo da janella)* Vai te preparar, Erenéa; vai, menina, anda. *(Erenéa sahe contrariada)* Si o pai fosse vivo talvez não tivesse tanto prazer como eu... *(rumor no corredor)* Não, havia de ter, sempre

era pai. (*indo á porta*) Venham! Venham subam! A casa é de paz! Subam! Subam sem cerimonia! (*espirra fortemente*) Que prazer! que prazer! (*espirra fortemente*) Subam que aqui estou para recebê-los! (*espirra*).

SCENA VIII

O mesmo, Alberto, Venancio e Gaúcho, (*que deixa as malas e vai para dentro*)

ALBERTO (*abraçando Mendes*)

Bom jiorne, meu tio, folgo por vel-o.

MENDES (*gamenho*)

Me fallas assim, com lingua de preto! (*comprimenta Venancio*).

ALBERTO (*affavel*)

E' lingua de branco, meu tio, é italiano. (*Mendes vai á porta e chama Erenéa*) Este é meu tio, Venancio. (*baixo*) Desculpa alguma asneira.

MENDES (*sahindo da porta*)

Sentem-se, sem cerimonia. (*sentam-se, menos Mendes*) Então, já estás sabio!... (*vai á porta chama Erenéa e volta*) Bem hom, bem hom... Na villa, onde mora o outro vosso tio Bernardo, não tem medico e podeis clanicar por lá. (*para Venancio*) O que diz, não acha? (*vai á porta, chama Erenéa e volta sorvendo rapé*) Que alegria tambem para o Bernardo!... (*espirra*).

VENANCIO (*com certa calma*)

Eu já o aconselhei que fosse para a China; porém para a *clínica agrícola*. Estou, Sr. Mendes, tratando da medicina legal. Ouça-me: como sabe, o imperador da China, por seu turno, pega no arado para demonstrar que a vida agrícola é por demais brilhante.

MENDES (*endireitando os olhos, á parte*)

Que moço bém preparado!... (*alto*) Fallou bém, muito bém mesmo, mesmo muito bém, mas não tenho a honra de saber com quem trato. (*vai á porta, espirra, chama Erenéa e de lá ouve o que lhe diz Venancio*).

VENANCIO (*limpando o pence-nez*)

Falla com o Dr. Venancio, amigo do Dr. Alberto, seu excellente sobrinho, e que é uma perfeita joia! Para mim, já era o Sr. Mendes sympathico, desde que o Dr. Alberto deu-me o prazer de relatar a historia estropiadora do senhor seu tio.

MENDES (*sahindo da porta, tendo chamado Erenéa*)

Bondades, (*risonho*) bondades do sobrinho, que sempre foi um menino ladino... (*em outro tom á Alberto*) Então, como fostes com a vossa *thesia*? Não fui assistir a vossa formatura de *dotô formado em medico*, porque não pude... Bem

vontade tive! Mas, estou bem satisfeito de ter gasto trinta e quatro contos, oito centos, (*accentuando*) e noventa e tres mil, sete centos e vinte e dous réis com os vossos estudos. (*espirra vai á porta e chama Erenéa*).

VENANCIO (*á parte*)

E elle nada sabe... nem um preparatorio...

MENDES (*sahindo da porta*)

Não ha nada como quem póde; (*risonho*) e quem póde, (*espirra*) póde mesmo. (*muito contente*) Aprendestes muito, heim? (*vai á porta, e chama Erenéa*).

VENANCIO

Quasi sempre, Sr. Mendes, *on apprend plus facilement ce que l'on comprend.*

MENDES (*deixando a porta*)

O senhor me faz um favor? Olhe, me desculpe: mas, lhe peço que não me falle com a tal lingua que tanto me encommoda os nervos.

ALBERTO

Minha prima, meu tio?

MENDES (*satisfeito*)

Está lá dentro. (*vai á porta e chama Erenéa*)  
Ide vel-a.

ALBERTO (*levantando-se*)

Então, meu tio, *permission*.

MENDES (*risonho*)

Já se vio... Estás também com a mania alli do *dotô*? Quereis mostrar a sabença? O que é que quereis com esta *lingua*?

ALBERTO

Licença para ir.

MENDES (*rindo-se apalermadamente*)

Ora, ora, ora, ora, já se vio? (*espirra e ri-se*) E' o que eu tenho dito, quem sabe é capaz de enganar a meio mundo; como eu agora que estava pensando que a tal vossa lingua queria dizer que lá não irias, porque a obrigação tem ella em vos vir ver. (*ri-se*) Ide, esta casa é vossa! (*Alberto sahe para o gabinete e Mendes dirige-se para a outra porta e falla para dentro*) Actividade! Ligeiro tudo para jantarmos com o dia! (*vem para perto de Venancio que tem se entretido em olhar o relógio de algibeira e endireitar o pence-nez*).

### SCENA IX

Mendes, Venancio e depois Alberto e Erenéa

MENDES (*com curiosidade*)

Mas... o senhor é *dotô* mesmo? Me desculpe a pergunta, porque... (*espirra e senta-se*).

VENANCIO (*interrompe*)

Sou 5º annista, formo-me para o anno imprerivelmente.

MENDES (*sorvendo rapê*)

Eu sempre pensei que fosse por causa da Lonêta...

VENANCIO (*rindo-se*)

Então o pence-nez é a taboleta indicatoria da formatura? Ora, Sr. Mendes, o senhor é um pandego!

MENDES (*risonho*)

Parece uma praga... é raro o dotô que soffre da vista, não sei porque... (*mudando de tom*) O senhor me desculpe ainda: Não me dirá o que veio fazer? (*espirra*).

VENANCIO

Passar a convite de seu sobrinho.

MENDES

Hum... (*em outro tom*) E... como foi o rapaz nos estudos? que tal aquella cabecinha?... (*torna-se curioso e acompanha com a cabeça os gestos de Venancio*).

VENANCIO (*com muita expressão*)

Um talento invejável! Com franqueza: A mais *robusta intelligencia* da Academia! Um... uma coisa nunca vista!... um aborto da natureza! Emfim, um cerebro de cavalgadura e... um neophito de primeira plaina!

MENDES (*rindo-se*)

Sim, senhor, sim senhor (*á parte*) Neophio... neophio... (*alto*) E' para o senhor ver! (*contente*) Elle *puxou mais a mim do que ao proprio pai...* e, note, o pai, ainda estava acima d'elle. Para uma dose de *meopathia*, ninguem lhe ganhava! Não havia outro lá! Era muito vivo! (*espírra*).

VENANCIO

Acredito e tiro, por elle, a conclusão logica. (*ouvem-se passos*).

MENDES

E' para o senhor ficar sabendo. Toda a nossa familia é assim... é uma *parentage* viva e esperta! Parece que elle ahi vem.

ALBERTO (*com Erenéa pelo braço*)

Está muito crescida, bonita!... Dr., minha prima, apresento-a. (*Levantam-se. Mendes torna-se risonho, satisfeito e não se senta mais*).

VENANCIO (*comprimentando-a*)

Tenho subida honra em conhecer V. Ex.

ERENÉA

Agradecida. (*Sentam-se. Mendes, de pé, junto de Erenéa a anima sempre*)

VENANCIO

V. Ex. é filha aqui do Sr. Mendes, não é assim? (*Mendes olha apalermadamente para Erenéa e faz-lhe signal affirmativo com a cabeça*)

ERENÉA (*sem olhar Mendes*)

Sim, senhor.

MENDES (*satisfeito, para Venancio*)

E' minha filha legitima! (*á parte*) parece que gostou...

VENANCIO

Educou-se aqui mesmo? (*Mendes insinúa com movimentos affirmativos á Erenéa*)

ERENÉA (*sem olhar Mendes*)

No melhor collegio d'aqui.

MENDES (*á parte*)

E' capaz de errar as respostas por não olhar para mim... (*alto*) E foi bem educada, na escola de sinhá Andréa. Era uma boa mestra! (*espirra*) Olhe, seu dotó, ella faz crochet, faz renda, borda

lenços, faz coração em toalhas, cose camisas de homem, sabe ler e escrever, sabe tudo, tudo! (*à parte, satisfeito*) O sujeito parece que está gostando da menina... (*batem palmas*).

ERENÉA

Estão batendo palmas, meu pai. (*Mendes vai à porta*).

ALBERTO (*baixo para Venancio*)

O meu tio suppõe que estou formado quando não fiz um só preparatorio! (*Mendes espirra*).

VENANCIO

Tens illudido... (*Erenéa sahe para o gabinete*)

MENDES (*à porta*)

Suba compadre, pôde subir. (*espirra*)

SCENA X

Os mesmos, Thomaz e depois Erenéa.

THOMAZ

Como vai, meu compadre? (*para os outros Salvei-os!*)

ALBERTO E VENANCIO

Agradecido.

THOMAZ (*para Venancio*)

Sim, senhor, muito surdo. E' o que mais me encommoda na vida.

MENDES

Não perguntam isso ao compadre.

THOMAZ (*para os dous*)

Já nasci assim e ainda não encontrei um me dico que me podesse dar voltas. (*Em outro tom*)  
*Cumo* o meu compadre, não mandou a resposta do pedido de meu menino, vim em pessoa buscal-a.

VENANCIO (*que tem conversado em voz baixa com Alberto*)

Pode ser... no emtanto...

THOMAZ (*suppondo ter Venancio se dirigido a elle*)

Enxergo tambem pouco, sim senhor.

MENDES (*para Thomaz*)

Hoje fui a rua e mandei dizer a seu filho que não podia ser. (*Alberto e Venancio conversam entre si*).

THOMAZ

Tem, sim, senhor!! O rapaz, por causa da demora tem chorado, se lastimado muito e até tem estado sem appetite, quando elle é um garfo atrevido, um comilão, como lhe chamou o tio Macario no dia em que elle lá jantou com um *fastio devorador!*... E... na verdade, compadre, quem não sente essas demoras... O compadre já amou, eu também já amei e podemos avaliar que vida passa meu menino, sem a certeza do pedido... coitadinho... e só chorando, se lastimando...

MENDES (*contrariado*)

Pois que chore e se lastime! Pouco se me dá com o seu nenhum appetite. O que tenho a dizer ao compadre é que não posso, não quero, não é possível e nem consinto. (*Espirra e offerece rapé a Thomaz, que aceita*).

THOMAZ (*apalermadamente*)

Que pergunta, meu compadre... *espirra!* O senhor não conhece tanto elle? (*espirram os dous*) Regula a mesma idade e estou a dizer que o mesmo corpo e o mesmo tamanho (*espirra*).

MENDES

Dominis! (*espirra*) Que o santo de meu nome me livre de semelhante praga (*endireitando os olhos para Thomaz*) Porém, Sr. compadre, vamos de mal a peor... (*alto para que elle ouça*) Não consinto em semelhante casamento.

THOMAZ (*apalermadamente e risonho*)

Ora, ora, ora... a que tempo está elle prompto; póde ser mesmo amanhã, e... até já, se quizer. E questão de gosto. (*espirra*).

MENDES (*espirra*)

Nem já, nem amanhã, nem nunca! nunca! ouviu?!

THOMAZ (*rindo-se*)

Ainda o compadre pergunta? Elle está em ancias, não falla senão no casamento. O menino está com a cabeça tão virada que nem burrô queixudo! só vendo! si por elle fosse, já estaria casado desde o dia em que botou o lanço na sua menina.

MENDES (*contrariado*)

Pois case-se com quem quizer, menos com Erenéa. Dispensó (*alto aos ouvidos de Thomaz*) Dispensó, ouviu.

THOMAZ

Acho que não, porque não tem grão de parentesco algum. Só se o padre exigir por causa de Adão e Eva.

MENDES (*espirra, zangado*)

Que tal!... Quem se livra d'uma desta?!...

THOMAZ

Qual compadre, não haja duvida por isso. O vigario é muito meu amigo e talvez nada queira, o que será uma pechincha, (*risonho*) um pechinchão!...

ERENÉA (*entrando*)

Ora, meu pai, elle não lhe ouve... é melhor escrever...

THOMAZ (*ancho, para Erenéa*)

Sim, senhora, com a senhora é que eu converso. E' bom, com cedo, como acaba de dizer, para elle convidar os amigos do peito. (*Mendes senta-se contrariado perto de Alberto*).

ERENÉA (*para Thomaz*)

Mande uma outra pessoa, em seu lugar.

THOMAZ (*rindo-se*)

Conforme, se a senhora é meio envergonhada... hade se costumar "O diabo não é tão feio como se pinta,,. (*á parte*) Ella está como elle, em ancias...

ALBERTO (*para Mendes*)

O melhor é escrever n'um papel o que meu tio quer dizer-lhe e... (*Erenéa sahe contrariada*).

MENDES (*sorvendo rapé*)

Sim, sim, mas...

VENANCIO

Não tem filhos ?

MENDES (*levantando-se*)

Tem um, e com este não quero negocios!...  
(*vai á mesa e escreve*)

ALBERTO

Em todo o caso antes vir o filho.

MENDES

Não ha remedio, venha o filho. (*Entrega o pape  
em que escreveu á Thomaz*)

THOMAZ (*depois de ler com algum custo*)

Sim, senhor, sempre é melhor. Era que venha.  
Quem não é para a arte não aprende a calafate  
(*tomando o chapéo*) Até já. (*sahe*)

## SCENA XI

Os mesmos, menos Thomaz e Erenéa.

ALBERTO

Pois, meu tio, sinto dizer-lhe que a minha  
defesa de these, fóra transferida para daqui a dous

mezes, visto estarem suspensas as aulas pela epidemia que reina. (*vendo Mendes triste*) Meu tio entristeceu?!...

MENDES

Então?!... Si eu soubesse desta...

ALBERTO (*interrompe*)

Pretendo seguir no proximo vapor e a ultima mezada que meu tio delxou de enviar recebo com mais prazer na occasião em que meu tio é o portador. Desejo mais alguma quantia. Tenho despezas a fazer no dia do recebimento do grão e preciso pagar a impressão dos pamphletos.

MENDES (*admirado*)

Pamphletos! (*espirra*)

VENANCIO

Sim, Sr. Mendes, a impressão da these.

MENDES

Bom... Isto quanto mais claro, melhor.

ALBERTO

Só a typographia são quinhentos para pagar os libretos.

MENDES (*como acima*)

Libretos! (*espirra*)

VENANCIO

E' a these, Sr. Mendes.

MENDES

Ah... Chega um conto e quinhentos ?

ALBERTO

Si fosse dous... Em todo o caso contento-me com o que me quizer dar, meu tio, que tanto respeito e venero.

VENANCIO (*á parte*)

Que rhetorica... Estudo, nem patavina...

MENDES (*depois de pensar*)

Bem, bem. Quando está aqui o paquete ?

ALBERTO

Depois de amanhã.

MENDES (*espirra*)

Pois... conta com o cobre (*risonho, batendo-lhe no hombro*) Maganão... Já *dolô*... D'qui a dias está por ahi cortando pernas e receitando *purgas e cataplasmas*... (*Sahe risonho espirrando*)

SCENA XII

Alberto, Venancio, e depois Thomaz, Flavio, Mendes e Erenéa.

ALBERTO

Temos dinheiro!

VENANCIO

Como te arranjarás se teu tio souber que nada tens feito? Que não tens um só preparatorio?

ALBERTO

na melhor forma. Conto-lhe uma historia a jeito e...

VENANCIO

Não tens inveja de me veres prestes a formar-me, com quarenta mil reis de mezada, quando tú tens a de cem e mais?

ALBERTO

Abomino o estudo! O livro para mim é um espantalho! Ou serei lavrador ou então procurarei um meio qualquer para passar a vida no Rio de Janeiro e continuarei o roteiro.

VENANCIO

Sempre nos theatros, nos bailes, nos cafés, bilhares e...

ALBERTO (*interrompendo*)

Nem me falles! E' o que me extasia!... A tão poucas horas que aqui estou e... parece-me que já vegeto...

VENANCIO

E porque não dizes a teu pai que não queres estudar?

ALBERTO

Agora, não. Sigo no proximo vapor para tomar um farto no Rio, e, depois de um mez, finjo gravissimo encommo de saude que me prohibe continuar a espera do tempo para receber o grão, pois já lhe fiz ver que fôra transferida a defesa de these; venho para cá e na fazenda delle irei entrando na lavoura, que será o completo restabelecimento da molestia imaginaria que pretendo ter.

THOMAZ (*entrando com Flavio*)

Sempre, como sempre.

ALBERTO

Meu tio, não tarda, sentem-se.

MENDES (*entrando, da porta aponta Thomaz e Flavio*)

Que dous... a cruz e a caldeirinha... (*espirra*)

FLAVIO (*vendo Mendes, que entra*)

Sr. Mendes, escrevi-lhe aquella carta... (*Entra Erenéa. Comprimenta Flavio*)

MENDES

Já sei. já sei. Escreveu-me, é verdade, mas aquella carta não tem resposta. (*Erenéa torna-se contrariada*)

THOMAZ (*satisfeito, para o filho*)

Eu não vos disse! Agora, mãos á obra e... toca!

FLAVIO

Mas, entendo que deve consultal-a para então...

MENDES (*frenetico*)

Ella já está consultada, reconsultada e...

FLAVIO (*interrompendo*)

Desejo ouvir-a.

MENDES (*encarando Flavio com certo ar*)

Deseja ouvir-a?!... (*para a platéa*) Como tudo está mudado!... Como vai tudo em progresso! Tudo pelos ares! Já não ha mais receios, nem cerimoniaes! (*para Flavio*) Ah... menino... Bem, bem, mais tarde... mais tarde... (*para a platéa*) Que coragem... No meu tempo se arranjavam essas cousas com geito, hoje, impõe-se!... (*vai conversar em voz baixa com Alberto e Venancio*)

THOMAZ (*para Flavio*)

Ide conversar com ella, ide. Quereis que ella vos venha buscar pela mão? Sempre és mari-nheiro de primeira viagem... (*ri-se*)

FLAVIO (*indo á Erenéa*)

Então?

ERENÉA

Ou sua, ou de ninguem mais!

THOMAZ (*para os dous*)

Isso, toca p'ra frente. Não tenham receio que se o compadre olhar fará que não vio! A cousa agora é assim... Anda rapaz, *quem tem vergonha morre de fome.*

VENANCIO (*para Mendes*)

Si é do gosto della, acho que não deve contrariar-a.

MENDES (*contrariado*)

Sim, mas... (*espirra*)

THOMAZ (*para Flavio*)

Toca rapaz, conversa com a menina, quem não aventura, não ganha.

ALBERTO (*em continuação, para Mendes*)

E, se não participei a meu tio, aproveito a ocasião para dizer-lhe que estou compromettido com a filha de um fazendeiro; sinão, com muito gosto accitaria a mão de...

VENANCIO (*interrompendo*)

Olhe, Sr. Mendes... (*conclue, sem que se perceba, aos ouvidos. Mendes espirra fortemente*)

VENANCIO (*á parte, limpando o hombro com o lenço*)

Arre! Si eu soubesse dessa...

THOMAZ (*para Flavio*)

Anda rapaz, honra o nome de seu pai, um  
abracinho, pé de gallinha não mata pinto.

VENANCIO (*para Mendes*)

O que diz ?

MENDES

Mas...

VENANCIO (*á parte*)

E' necessario precaução. (*colloca o lenço para  
livrar-se do que lhe succedera com o espirro de  
Mendes*) Olhe... (*conclúe aos ouvidos de Mendes*).

MENDES

Sim, sim, é verdade... (*espirra*)

VENANCIO (*á parte*)

Felizmente desta me livre!

MENDES (*continuando, levanta-se, á parte*)

Não ha remedio... E' tambem do progresso  
querer-se o que não se queria. Vá lá... (*indo á  
Erenéa*) Então Sra. Erenéa, minha filha, quer se  
casar aqui com o Sr. Flavio, o filho de meu  
compadre Thomaz? (*Accentuando*) E' de seu  
gosto? de sua livre e expontanea vontade?  
(*espirra*)

THOMAZ (*gamenho*)

E' o menos, compadre. «Nem tudo que luz é ouro». Elle que saiba leval-a como eu com a defuneta, que por lá esteja muitos annos sem nós, que ella se costumará. A mulher é que faz o marido, e o marido é que faz a mulher, como diz o rifão... (*ri-se*)

ERENÉA (*satisfeita, para Mendes*)

E' de meu agrado.

MENDES

Pois está dada. (*para Flavio*) Prepare-se e tome juizo para ser um bom marido.

FLAVIO

Prometto. Não marca o dia?

ERENÉA

Desejo que isso se realize no dia de meus annos

MENDES

Será d'aqui a dous mezes, se não fôr antes, pois casamentos ditos e feitos, falados e realizados.

### SCENA XIII

Os mesmos, Gaúcho e Anna, (*que entram*)

GAÚCHO (*á parte da porta*)

Hi!... quante gente! Tudo isso é para a mamata! (*indica comer*) (*Mendes vai conversar com Alberto e Venancio*)

ANNA

O jantar está na mesa.

MENDES

Santas horas; já vamos. (*continúa a conversa baixa*)

ERENÉA (*para Anna*)

Sabes, caso-me sempre. O velho não teve remedio...

GAÚCHO

Devéras, Sinhá? (*para Anna*) E nós? (*resoluto*) E' já (*para Mendes*) Patrão, eu quero. (*notando que Mendes não ouve, puxa-lhe pela manga do paletot*) E' dos laes, surdo por conveniencia. (*alto, puxando fortemente o paletot*) Patrão, eu quero! Patrão, eu tambem quero! (*notando Mendes não ouvir, á parte*) Que tal? Dar-se-á o caso que eu fique no ora veja... Não vê!... (*alto, puxando o paletot*) Patrão, eu tambem quero!

MENDES (*virando-se para Gaúcho*)

Que diabo é que me puxa!? (*olhando para Gaúcho*) O que é? O que é que tu queres?

GAÚCHO (*atoleimadamente*)

Casar com esta Anna dos meus peccados...

ANNA (*dongosa*)

Deixa disso... (*todos riem-se*)

MENDES (*gesticulando com a cabeça*)

Então pelo que vejo, foi cousa arranjada aqui mesmo em casa, heim?... (*espirra*) Todos soltaram os foguetes e eu fui o unico a apanhar as flexas !... Casem-se, casem-se, mas, hão de continuar no serviço da casa.

ANNA E GAÚCHO (*signal de dinheiro*)

O patrão paga, porque não... E demais...

ANNA (*canta*)

Criadinha como eu,  
E' difficil de encontrar;  
Pois sou forte costureira  
Sei guizados preparar.

GAÚCHO

Assim mesmo tambem sou,  
E demais mui aseado,  
Nesta terra, meu patrão,  
Como eu, não ha criado.

ANNA

Patrão, meu patrãosinho,  
O q'eu procurava achei;  
Um marido pacholinha,  
Com quem eu me casarei.

Ao mesmo  
tempo.

GAÚCHO

Patrão, meu patrãosinho,  
O q'eu procurava achei;  
Uma mulher pacholinha,  
Com quem eu me casarei

MENDES

Isso sim, bem me alegra,  
E commigo passam bem;  
Pois duvido que no mundo,  
Como eu, haja outro, alguém!

*declamando, para Alberto*) Então, meu sobrinho  
que dizes a tudo isso? (*espirra*)

ALBERTO

Que as comedias terminam, quasi sempre, por  
casamentos. E como isso não passa de comedia,  
declaro 'a meu tio, que não estou comprometido  
com pessoa alguma; e, não acceitei a mão de  
minha prima, para não obstar o seu consorcio  
com o Sr. Flavio. E aproveitando o ensejo  
dizerei a meu tio que não necessito dos dous  
contos de réis, para a minha formatura, pois  
que, tenho pouco geito para os estudos, e prefiro  
a vida do lavrador como foi meu pai.

MENDES (*muito admirado*)

Meu sobrinho!!... e o dinheiro que tenho  
gasto?!...

ALBERTO

Louve a minha franqueza e esse dinheiro lhe  
pagarei brevemente, creia...

VENANCIO (*para Alberto, baixo*)

Fizeste bem. Antes agora do que daqui a um mez como pretendias. (*Mendes continúa a gesticular com a cabeça e em estado de admiração*)

THOMAZ (*para Mendes*)

Olhe compadre, como estão os dous!... (*ri-se*) Parece que já se casaram... A moderna... a moderna... (*dá uma gargalhada*) Quem mais vive, mais vê.

FLAVIO (*em conversa, apertando a mão de Erenéa*)

Até que afinal!...

MENDES (*dando com a cabeça para a platéa*)

E no meio de tudo isso, fui eu o unico comediante!...

TODOS (*côro*)

E vós, ó meus senhores,  
Desculpai a amolação;  
Não foi esse o nosso intento,  
Mas alegrar a função.



# CATALOGO N. 3

DA

LIVRARIA UNIVERSAL

DE

LAEMMERT & C.

66 Rua do Ouvidor 66

RIO DE JANEIRO

---

- N. 1.**—Obras sobre legislação, Jurisprudencia e Direito patrio, Economia politica, Estatistica Administracão e politica em geral.
- N. 2.**—Agricultura, Commercio, Artes, Geographia, Mathematicas, Economia rural e domestica, Musica, Desenho, Colonisação, Escripturnação e outros conhecimentos.
- N. 3.**—Medicina, Cirurgia, Pharmacia, Homœopathia, Sciencias Naturaes e Alveitaria.
- N. 4.**—Religião, Theologia, Devoção, Direito canonico, Historia ecclesiastica, Sermonarios, obras de moral, etc.

- N. 5.**—Educação, Instrucção primaria, Contos moraes, Recreio da mocidade, etc.
- N. 6.**—Historia geral e particular, Philosophia Biographias, Memorias, Chronicas, Geographia, Viagens, etc.
- N. 7.**—Philologia, estudo de linguas, Grammaticas, Dictionarios, Guias de conversação, Autores latinos e gregos, tanto no texto original como em traducções.
- N. 8.**—Miscellaneas, Variedades, Livros de sortes, Jogos, obras de recreio e entretenimento da sociedade.
- N. 9.**—Obras poeticas, Theatro, Dramas, Comedias, Scenas comicas de autores nacionaes e estrangeiros.
- N. 10.**—Litteratura, Romances, Novellas, Narrativas, Anecdotas, Critica litteraria, etc.
-



# ANJO DO LAR

- 1885 -

DRAMA EM 2 ACTOS

ORIGINAL

DE

## HORACIO NUNES

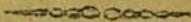
AUTOR DOS DRAMAS

*Coração de mulher, O bem e o mal, Helena e Peccadora,*

E DAS COMEDIAS

*A Sogra e A Loureira*

Representado, pela 1ª vez, na cidade do Rio Grande, em 2 de Junho de 1883.



RIO DE JANEIRO

**H. LAEMMERT & C.**

66, Rua do Ouvidor, 66

19447

A' ACTRIZINHA BRAZILEIRA  
**JULIETA DOS SANTOS**

OFFERECE

O Autor

---

Este drama foi escripto a pedido da  
talentosa actrizinha

**JULIETA DOS SANTOS**

e só por ella poderá ser representado.

HORACIO NUNES.

## PERSONAGENS

JULIA (10 annos).....	Julieta dos Santos.
MARIA (25 annos).....	Adelina Castro.
LUCIA (20 annos).....	Jesuina Leal.
DR. CASTRO (50 annos)....	Ireneu dos Santos.
JORGE DA SILVA (40 annos).	Moreira de Vasconcellos.

Dous criados.

—«:»—

**Actualidade**

# ROSAS

---

## ACTO I

Sala. Portas ao fundo e á esquerda. Uma janella á direita. A porta do primeiro plano da esquerda está fechada,

## SCENA I

MARIA

*(Só, sentada junto de uma mesa, em attitude meditativa).* Amar-me-ha tanto este homem?... não serão uma mentira estes extremos de amor que tantas vezes me tem mostrado?... *(Pausa.)*

Tenho escarnecido tanto d'elle, tenho-lhe revelado tanta indiferença, tanto desprezo mesmo, que, se não fôsse verdadeiro o seu amor, nunca mais tentaria commover-me..... E quem me assegura que a sua paixão não é pelo meu ouro, pela minha opulencia?... A's vezes está quasi a partir-me dos labios a palavra que resolverá esta lucta que dura ha tantos mezes, mas lembro-me que posso ser enganada, e tenho medo..

não por mim, mas por minha filha... A pobre criança é quem mais havia de soffrer.... talvez máos tratos... talvez a miseria um dia... Quem sabe?... Fui feliz no primeiro matrimonio, mas se-lo-hei no segundo?... (*Pausa.*) Hoje vou submete-lo á ultima prova, á prova mais dolorosa. Se triumphar della, então não tenho mais nada a receiar: entregar-me-hei.... (*Toca um tympano.*)

## SCENA II

MARIA E LUCIA

MARIA.—Lucia, manda servir o almoço.

LUCIA.—Mas....

MARIA.—O que ha?

LUCIA.—Sr. Jorge está ha mais de uma hora na sala de espera....

MARIA.—Já?... Manda-o embora.

LUCIA.—Elle declarou que não sahirá sem fallar á senhora.

MARIA.—Não me deixa descançada um momento!... Que entre.

LUCIA.—Sim, senhora. (*Sahe. Jorge entra.*)

## SCENA III

MARIA E JORGE

MARIA.—O senhor, é inconveniente....

JORGE (*indo á ella e querendo beijar-lhe a mão*).—  
Maria....

MARIA (*erguendo-se*).—Saia! (*A' parte.*) Resistirá?...

JORGE.—Mas...

MARIA.—Se vem á minha casa para fazer loucuras, previno-o que não estou resolvida a supportá-lo.

JORGE.—Mas para que essa frieza?... Não vê que a amo tanto?...

MARIA.—Mas eu não o amo.

JORGE.—A senhora é cruel.... Que mais é preciso que eu faça para provar-lhe o meu amor?

MARIA.—E o que tem feito o senhor?

JORGE.—Veja : era moço, e estou velho....

MARIA (*dando uma risada*).—De veras?

JORGE.—Porque ri-se?

MARIA.—Por nada... O senhor, é de uma ingenuidade unica... Pois ignora que se envelhece á proporção que os annos passam?... Olhe : eu hoje tenho vinte e cinco annos, mas daqui a vinte e cinco terei cincoenta, e estarei velha, não é verdade? (*Olhando-o fitamente*). E se quizer continuar a ser sempre moça, serei forçada a pintar os cabellos, a carminar-me, &...

JORGE.—Mas.....

MARIA.—Diga-me, meu caro, senhor; não acha ridiculo um velho apaixonado?

JORGE (*contendo-se a custo*).—Se eu fôra velho, diria :—acho sublime.

MARIA.—Mas como não é!....

JORGE.—Digo.... que não sei....

MARIA.— Com que modo me falla! Dir-se hia que o offendi.

JORGE.— Em que?

MARIA.— Ora, em que! No seu amor proprio... de moço.

JORGE.—Maria, para que ha de martyrisar-me assim?... Creia que a amo... Olhe que o es-cravo revolta-se um dia contra o jugo que o opprime e...

MARIA.— Ameaça-me ? Na sua idade creia que não fica bem esta linguagem...

JORGE.— Oh ! é de mais ! é de mais ! Adeus !...  
(*Sahe.*)

MARIA.— Boa viagem !

## SCENA IV

MARIA

Se me ama, como diz, voltará... Custa-me a feri-lo assim, tanto, porque o amo também... Mas em primeiro lugar está minha filha, a minha querida Julia...

## SCENA V

MARIA E JULIA

JULIA (*com um ramo de flôres*).— Mamã !

MARIA.— Estou aqui, minha filha.

JULIA.— Dá-me um abraço bem apertado e um beijo bem grande, anda... Mas estás triste?...

MARIA.— Não... Triste, porque?..

JULIA.— Estavas te lembrando do papá, não é verdade?... Elle era tão bom!... Todas as noites sonho com elle... Vejo-o sorrir-se para mim, acariciar-me com o olhar... Mas, quando estendo os braços para aperta-lo ao coração, a sua imagem some-se, para apparecer mais longe, dizendo-me adeus com a mão, e com os olhos rasos de lagrimas... As vezes acordo-me em sobresalto, chorando também... Onde está o papá?...

MARIA.— Está no céu, minha filha, para onde vão os justos e os bons...

JULIA.— Como deve ser bonito o céu, mamã!... A patria dos anjos e das harmonias, da infinita pureza e dos canticos divinaes, das flôres que nunca murchão e dos perfumes infindos; das luzes que nunca expirão e dos eternos sorrisos!... Como deve ser bonito o céu! As vezes tenho desejos de morrer para ir ver o papá no céu...

MARIA.— Morrer!... Não digas isso, filha!.. E não tinhas pena de deixar-me aqui, não tinhas saudades de mim?...

JULIA.— Mas tu morrerias tambem e iriamos juntos... Com que alegria nos abraçaria o papá!.. Ha tanto tempo que não nos vê, que já deve estar com muitas saudades... E o céu não é melhor do que a terra?... As flôres da terra murchão ao mais fraco raio do sol, as luzes extinguem-se ao menor sópro da brisa, os perfumes evaporão-se como apparecem, as harmonias expirão no meio dos soluços, e os canticos de alegria orvalhão-se de lagrimas... Venho do jardim. As flôres estão todas abertas e os perfumes chegarão a entontecer-me... Mas daqui a pouco o sol desfolhará as flôres e a briza levará todos os perfumes... O que fica sendo o nosso jardim?... Um cemiterio juncado dos cadaveres das flôres respirando a tristeza da morte... O céu é melhor, mamã...

MARIA.— É, filha, mas não ha quem queira morrer.

JULIA.— Não entristeças outra vez... Trouxe do jardim este ramo de flôres para offerecer-te. A Lucia disse-me que fazias annos hoje. Quantos annos, mamã?

MARIA.— Vinte e cinco, minha filha,

JULIA.— Vinte e cinco!... Mas então tu és muito mais velha do que eu!...

MARIA.— Sou. Se não fôsse mais velha do que tu, não podia ser a tua mamã.

JULIA.— Ora ahí está! E não queres ir para o céu, tu que tantas vezes me tens dito que no céu não se envelhece...

MARIA.— Mas...

JULIA.— Olha lá— os nossos cabellos fluctuam, coroados de flôres, ás brizas odorosas; tu cantarias as melodias do amor que me tens; os teus olhos terião mais brilho e mais belleza... Lá— ajoelhada a teus pés, como o crente fervoroso ás plantas da imagem de Christo, eu te adormeceria ao som dos meus hymnos, e velando o teu somno puro, sonharia contigo... Lá— as estrellas irião depôr-nos aos pés as puras offrendas do seu melancolico brilho; os vergeis se abaterião para formar macio tapete á nossa passagem; as brizas sonoras beijarião, embalsamando-os, os nossos cabellos; as flôres se debruçarião nas hastes debeis para depositarem em nossos labios os purissimos osculos do amor purissimo; os anjos nos acompanharião em triumpho, entoando os seus mais suaves cantares...

MARIA (*abraçando-a*).— Julia!

JULIA.— Mas tu choras?... Porque?... Não choras mais, que este mundo não merece essas lagrimas... Tu disseste que o céu é a nossa patria... enxuga as tuas lagrimas, e olha para o céu, enxuga os teus olhos para que possam nelles reflectir-se os thesouros de bondade da tua alma, enxuga os teus olhos, mamã, e abracêmo-nos, para ascendermos ao céu— a nossa patria!... Como seria bonito!... Com as nossas fronte circumdadas pela luz offuscadora da felicidade, com os olhos vibrantes das alegrias intimas e

puríssimas d'alma, com os lábios descerrados pelo sorriso perfumado de um sonho de alegria, seria tão bom nos erguermos nas azas da briza ao paraizo das ignotas felicidades, á patria azul dos sonhos louros—ao céu!... Lá encontraríamos o papá.... Coitado!... como elle deve estar com saudades de nós.... Tu não querias vê-lo?...

MARIA.—Para que?...

JULIA.— Para que?... E' bem verdade que de certo tempo a esta parte não choraste mais por elle, não me fallaste mais no seu nome.... Porque, mamã?...

MARIA.— Porque o mundo é assim, minha filha... Ai de nós se a saudade fôsse eterna!... Tudo tem um fim....

JULIA.—Mas como é que eu choro ainda?... Como é que tenho ainda tantas saudades?... Lembra-me tão bem.... Os passarinhos cantavam no jardim, espanejando-se aos primeiros raios do sol que despantava; as rosas abrião as suas petalas purpureas, cobertas das lagrimas crystallinas do orvalho; as brancas açucenas desabrochavão timidias, como que receiosas de entrarem em concurrencia com a formosura das rosas; a briza suspirava por entre as flôres, como que murmurando uma cantiga de saudade.... Eu brincava no caramanchão, conversando com as flôres que se abrião, com o sol que despantava dourado e alegre e com a briza que passava suspirando.... De repente ouço um grito, um grito tão agudo, tão doloroso, que senti o meu coração comprimir-se e os meus joelhos vergarem-se.... Fiquei um momento hirta.... Aquelle grito fez-me tanto mal!... Fiz um esforço e corri para casa.... Ah! mamã!

MARIA (*chorando*). — Cala-te, filha!... Para que recordar as nossas dôres passadas?

JULIA.—Tu estavas sentada nesta cadeira, com o rosto occulto nas mãos, e soluçavas tanto que me despedaçaste o coração....— « Por que choras?... »— te perguntei. Não me respondeste. Abraçaste-me em silencio e apontaste para o quarto do papá.... Cheguei á porta e vi.... e vi.... Ah! quando me lembro disto, tenho mêdo de enlouquecer!... Vi um padre ajoelhado aos pés do leito, rezando com voz tremula e os olhos humidos.... vi o doutor, com a face pallida e contrahida, segurando uma vela na mão livida de meu pai, que parecia olhar-me com os seus olhos vitreos e sem movimento.... sorrir-me com os seus labios brancos e mudos.... Dei um grito e corri para elle.... O padre erguera-se dos pés do leito e o doutor dissera:— « Está morto! »— Morto! O meu bom papá estava morto!... Senti como se alguma cousa se me despedaçasse no peito.... Os olhos fecharão-se-me, e eu cahi.... Ah! mamã, como custão estas recordações!...

MARIA.—Basta, filha!...

JULIA.—Oito dias depois, perguntei-te pelo papá...—«Está no céu...»—me respondeste chorando. Vestiste-me de preto e ensinaste-me a rezar pela sua alma... Dahi em diante fui todos os dias orar perto do leito em que meu pai expirou... As vezes parece-me vê-lo erguer-se, dirigir-se para mim, apertar-me nos braços e cobrir-me de beijos e de lagrimas... Mamã, como é triste não se ter pai!...

MARIA.—E se eu te desse outro papá, que-rias?...

JULIA.—Outro papá!... Como!... Tu podes?...

MARIA.—Posso, minha filha.

JULIA.—E esse papá que queres dar-me será tão bom como o outro?

MARIA.—Ha de ser, porque não poderá deixar de amar-te, de querer-te muito...

JULIA.—E quem é elle?...

MARIA.—Depois saberás.

JULIA.—E porque não me dizes já?... Tu bem sabes que eu sei guardar segredos...

MARIA.—Não, depois. Vamos almoçar.

JULIA.—E as flôres?... (*Tomando o ramo*). Quero colloca-las no vaso, bem de frente de ti, sim?...

MARIA (*beijando-a*).—Sim, minha filha.

JULIA.—Vamos. (*Sahem. A scena fica vazia um momento*).

## SCENA VI

JORGE

(*Apparecendo á porta*). Ninguem... (*Entra*). Hei de vence-la, porque assim é preciso... Esta mulher é a minha salvação; preciso da sua fortuna, e hei de te-la. Não a amo, porque nunca amei mulher alguma. O amor é uma tolice. Não é do amor que se vive, mas do prazer... E como não ha prazer sem dinheiro, eu venho procurar o dinheiro aqui... Tenho representado soberbamente o meu papel... Ella está quasi convencida de que ardo em um Vesuvio de amor, e ha de entregar-se... Mais dia ou menos dia, tudo isto será meu... tudo. Serei o homem mais feliz do mundo... (*Outro tom*). E mais feliz seria, se não fôsse essa criança... Julia é uma nuvem no meu céu. E' bem verdade que basta um sópro pera desfazer uma nuvem do tamanho della... Mas tratemos primeiro de attrahir a

viuva, que tempo não faltará para nos occuparmos da filha... Esta mulher é temivel. Se não fôra a minha coragem, ha muito teria sido batido vergonhosamente. Suppõe que todos a illudem e duvida de todos... Mas os fortes tambem são vencidos... Um pouco mais de perseverança, e o inimigo entregará as armas... Se dentro de um mez não estiver casado, fico perdido... E' preciso, pois, que isto tenha um fim o mais breve possivel... Ah! minha bella, depois ajustaremos contas.

## SCENA VII

### JORGE E JULIA

JULIA.— Ah ! estava aqui ?

JORGE.—Cheguei ha pouco, minha menina. Para quem são essas flôres ?

JULIA.— Estas flôres são da mamã. Colhi-as esta manhã para offerecer-lhe.

JORGE.—Ah !...

JULIA.—A mamã faz annos hoje, e bem vê que....

JORGE.—Ah ! a mamã faz annos hoje ?

JULIA.—Faz. A Lucia disse-m'o, e eu, não tendo outra cousa para offerecer-lhe como lembrança, dei-lhe este ramo. Acha bonito ?

JORGE.— E' lindissimo.... mas não tanto como a menina ...

JULIA.—Deveras ?

JORGE.—Sem duvida. O seu rostinho mimoso tem mais frescura do que essas açucenas, e os seus labios nacarados mais perfumes do que essas rosas. A menina é um anjo... Ama muito a sua mamã ?

JULIA.—Por certo. Qual é a filha que não ama sua mãe?... Se o amor filial não fôsse espontaneo, seria um dever. Além disso, minha mamã é tão boa, faz-me tantos mimos que, embora eu tentasse, não poderia deixar de ama-la....

JORGE.—E quem lhe ensinou essas cousas, minha menina ?

JULIA.—Ninguem. Eu digo o que o meu coração sente. Estas cousas não se aprendem : nascem connosco.

JORGE.—E se a sua mamã, em vez de enche-la de mimos e de caricias, tratasse mal a menina ?

JULIA.—O que quer dizer ?

JORGE.—Sim..... se a sua mamã fôsse má, se a reprehendesse, se a castigasse, o que faria a menina ?

JULIA.—O que faria ? Amava-a da mesma maneira, porque, boa ou má, não deixaria nunca de ser minha mãe.

JORGE.—A menina falla como um anjo. E o seu papá?... Ainda se lembra d'elle ?...

JULIA (*entristecendo*).—Lembro-me.... e rezo sempre a Deus pela sua alma....

JORGE.—Onde ?

JULIA.—Ali.... (*Mostra a porta que está fechada*).

JORGE (*indo á porta*).—Aqui ?

JULIA (*collocando-se entre Jorge e a porta*).—Não se approxime!....

JORGE.—Porque ?

JULIA.—Este quarto é sagrado. Foi aqui que meu pai exhalou o derradeiro suspiro, foi aqui que eu derramei as primeiras lagrimas da orphanidade, foi aqui que eu chorei pela primeira vez... (*Abrindo a porta*). Olhe : Foi naquelle leito que

elle expirou. . . . O padre, um velho que também já morreu, estava ali, de joelhos, rezando com voz tremula, mais pela commoção do que pela idade. . . . A' cabeceira estava o doutor. . . . Vi duas lagrimas lentas e grandes deslizarem pelo rosto cada-verico de meu pai. . . . o seu olhar turvar-se. . . . o seus labios contrahirem-se em um suspiro doloroso. . . . O doutor, sem me vêr, disse ao padre :— Está morto !. . . . (*Fechando a porta*). Já vê que este quarto é sagrado para mim. Aqui ninguem entra, além de mim e de minha mãe. . . .

JORGE.—O seu papá amava-a muito também ?

JULIA.—Muito !. . . .

JORGE.—E se a mamã lhe desse outro pai ?

JULIA.—E então ?. . . .

JORGE.—Ama-lo-hia muito ?. . . .

JULIA.—Não sei. . . talvez. . . mas não tanto como ao outro. . . .

JORGE.—E se esse papá fôsse eu ?

JULIA.—O senhor ?

JORGE.—Sim. Não queria ser minha filha ?

JULIA.—Para que ?

JORGE.—Eu havia de ser muito seu amiguinho. . . . Dar-lhe-hia os mesmos mimos, as mesmas caricias que seu pai lhe dava. . . .

JULIA.—De veras ?. . . .

JORGE.—Sem duvida. . . . Queria ?

JULIA.—Talvez. . . .

JORGE.—Mas a sua mamã não quer. . . .

JULIA.—Porque ?. . . .

JORGE.—Não sei. . . . Pergunte-lh'o ?. . . . Não, não lhe pergunte nada. . . . Diga-lhe antes :—Mamã, o senhor Jorge é muito meu amiguinho e ama-te muito. Peço-te que consintas que elle seja meu pai !!!

JULIA.—E se ella disser que não ?

JORGE.—Diga-lhe ainda :—Elle prometteu ser

para min tão bom como foi meu pai... prometteu amar-me tanto como se eu fôsse sua filha... Eu quero que elle seja meu pai, sim, manã?... Elletem soffrido tanto por tua causa, tem sido tão infeliz pelo amor que te tem, que é justo que lhe dê essa felicidade!!!—

JULIA.—Só isso?

JORGE.—Só. E se a menina conseguir isso, eu não serei sómente seu pai, pai carinhoso, cheio de affecto e de amor... Serei tambem seu escravo...

JULIA.—Escravo, não, será meu pai... Olhe: parece-me que já o amo...

JORGE.—Já?... (*Beijando-a*).—Minha filha!...

JULIA.—Oh! era com essa ternura que meu pai tambem me chamava, era com esse affecto que elle tambem me beijava... (*Abraçando-o*). Amo-te, papá!... Amo-te!...

## SCENA VIII

JORGE, JULIA E DOUTOR

JULIA (*indo ao doutor*).—Oh! é o Sr. doutor! Seja bem vindo... Por que é que ha tanto tempo não vem cá?... Eu devia ficar mal com o senhor.

DOUTOR (*depois de comprimentar friamente a Jorge*).—O que queres, minha gazellinha?... Tive tantos affazeres que não me sobrou tempo para vir ver-te...

JULIA.—Sim?

DOUTOR.—Estavas com saudades?...

JULIA.—Muitas. Mas o senhor é um ingrato, não faz caso das pessoas que o estimão... Estou tão zangada com o senhor, que de repente...

DOUTOR.—O que fazes?

JULIA.—Dou-lhe um abraço...

DOUTOR.—Pois venha elle, e um beijo tambem para ficar completa a reconciliação... (*Abraça-a e beija-a*).

JULIA.—E' assim que eu me vingo de quem me offende.

DOUTOR.—E vingas-te... como se vigão os anjos.

JULIA.—E' assim que os anjos se vingão?...

DOUTOR.—E'. A vingança delles é o perdão. Pensa sempre assim, minha filha, que has de ser feliz...

## SCENA IX

### OS MESMOS E LUCIA

LUCIA.—Ah! está cá Sr. doutor?... Ia mandar chama-lo... (*Vendo Jorge*). Ainda este homem'... (*A' parte*).

DOUTOR.—Para que?

LUCIA.—A senhora precisa muito fallar-lhe.

DOUTOR.—Está ella doente, Julia?

JULIA.—Não, senhor.

DOUTOR.—Melhor. Prefiro ser chamado pelos que gozão perfeita saude. (*A' Lucia*). Dize á senhora que estou aqui. (*Lucia sahe*).

JULIA.—Mas quer ser chamado somente pelos que gozão saude?...

DOUTOR.—Sim, minha filha, porque é prova de que a humanidade não soffre.

LUCIA (*entrando*).—O Sr. doutor quer ter a bondade de entrar?.

DOUTOR.—Vamos. (*Sahe. Lucia acompanha-o*).

## SCENA X

JORGE E JULIA

JULIA.—Sabe que estive quasi dizendo ao doutor que ia ter um novo papá?

JORGE.—Fazia mal se dissesse.

JULIA.—Porque?

JORGE.—Porque não convem que o doutor saiba. Esse homem aborrece-me. Reparou?... Durante todo o tempo que aqui estive, não me dirigia uma única palavra... (*Tomando o chapéo*). Vou retirar-me...

JULIA.—Não espera então pela mamã?...

JORGE.—Não. Voltarei depois. A sua mamã está agora em conferencia com o doutor e não póde attender-me.

JULIA.—Então volte, sim?

JORGE.—Sim, daqui a pouco. A minha filha não se esqueça do meu pedido. Lembra-se ainda?

JULIA.—Lembro-me. Vá descansado, que a mamã ha de querer. Ella faz sempre o que eu peço. Mas o senhor não hade entrar nunca naquelle quarto....

JORGE.—Entrarei, Julia....

JULIA.—Entrará?... Então....

JORGE.—Mas para rezar comtigo pelo teu papá.

JULIA.—O Senhor rezará tambem?...

JORGE.—Sem duvida. Ajoelhar-me-hei a teu lado, unirei as mãos como tu, e juntos pediremos a Deus por elle, sim?...

JULIA.—Sim.... Dê-me um abraço....

JORGE (*abraçando-a*).—Até logo, Julia. Faça com que a sua mamã me ame....

JULIA.—Hei-de fazer.

JORGE (*A' parte, sahindo*).—Representei optivamente o papel de bom pai!...

## SCENA XI

JULIA (*pensativa*).—Mas se a mamã não quiser?... O que hei de fazer para convence-la?... Como hei de provar-lhe que o senhor Jorge gosta muito della, e que me ama como se eu fôsse sua filha?... (*Outro tom*). Ora! ella ha de querer... porque eu quero.... Hei de prometter-lhe muitos abraços, muitos beijos e muitas flôres.... E por fallar em flôres: não me esqueci deste pobre ramo?... (*Tomando o ramo, que deixára no sofá*). Não entristeção, minhas flôres.... Vou po-las em um vaso bem bonito e com bastante agua, para que não murchem.... eu não quero que murchem... Fiquem sabendo.... Vamos lá!... (*Sahe*).

## SCENA XII

### MARIA E DOUTOR

MARIA.—Onde está elle?

DOUTOR.—Provavelmente, já se retirou. Achou que a demora foi demasiada e....

MARIA.—O doutor conhece esse homem?

DOUTOR.—De vista apenas.

MARIA.—E por informações?

DOUTOR.—Quasi tanto como de vista.

MARIA.—E o que se diz delle?

DOUTOR.—Que eu saiba, pouco.

MARIA.—Posso saber?

DOUTOR.—A senhora interessa-se muito por elle....

MARIA.—Não. Desejo simplesmente saber com quem trato. Este homem vem á minha casa e....

DOUTOR.—E ama-a....

MARIA.—A mim?...

DOUTOR.—Por certo que não ha de ser á menina Julia, que tem apenas dez annos.

MARIA.—Doutor!...

DOUTOR.—Quer agora que lhe diga como sei isto, não?

MARIA.—Peço-lhe.

DOUTOR.—Pois bem : foi elle mesmo que revelou esse segredo. Estavamos conversando quatro ou cinco amigos ; elle chegou ; depois de me apresentarem, a palestra tornou-se geral e fallou-se de mulheres....

MARIA (*sorrindo*). — Pois o doutor....

DOUTOR.—Eu tambem.... pois então!... A velhice não exclue o sentimento do bello.... Conheci um homem de setenta annos que passava os dias encostado á esquina de uma rua contemplando uma moça. Um anno durou esta contemplação muda.... Um bello dia, a moça casou-se....

MARIA.—Com o velho?..

DOUTOR.—Não; com um moço.

MARIA.—E o velho?..

DOUTOR.—Quinze dias depois era levado por meia duzia de amigos...

MARIA.—Para onde?..

DOUTOR.—Para o cemiterio... Morrera de paixão...

MARIA.—Era poeta?..

DOUTOR.—Não. Era commendador.

MARIA.—Admira.

DOUTOR.—Não admira tal. Se fôsse poeta, embora com setenta annos, não teria deixado que o rapaz casasse com a moça... Mas voltemos ao nosso homem. Apenas principiámos a fallar de mulheres, o Sr. Jorge tornou-se triste. Perguntarão-lhe a razão, e calou-se. Instarão, e...

MARIA.—E...

DOCTOR.—E disse tudo.

MARIA.—Mas o que disse elle ?

DOCTOR.—Ora!... que a amava, que estava louco pela Sra., que... que...

MARIA.—E depois ?

DOCTOR.—Mais nada. E a Sra. ama-o ?

MARIA.—Talvez, doutor.

DOCTOR.—No amor não ha talvez, minha Sra. ama-se ou não se ama. Ama-o ?

MARIA.—Sim... ama-o... mas...

DOCTOR.—O que ?

MARIA.—Queira consulta-lo. O doutor é um amigo velho da casa, um homem experimentado e sisudo. Falle-me com franqueza: faço tem em tornar a casar-me ?

DOCTOR.—Não sei. Consulte o seu coração. Se elle disser— sim,— sim, se disser— não, não, e está tudo acabado. A Sra tem bastante experiencia do mundo para pedir conselhos a quem quer que seja.

MARIA.—Mas o coração engana tantas vezes..

DOCTOR.—Engana, mas quando não somos nós enganados ?

MARIA.—E se o doutor estivesse no meu lugar, o que faria ?

DOCTOR.—Eu?... não me casava.

MARIA.—Porque ?

DOCTOR.—Porque sabia o que tinha e ignorava o que havia de ter. Sabe o adagio :— mais vale um passaro na mão, do que dous voando.—A Sra. é rica, independente e respeitada. Para que ha de abandonar esta tranquillidade, esta calma ininterrompida em que vive, pelo que não conhece, pelo ignoto?... A Sra. foi feliz no seu primeiro casamento. Se-lo-ha no segundo?...

MARIA.—Essa pergunta já fiz a mim propria,

DOUTOR.—E o que lhe respondeu o coração ?

MARIA.—Nada... calou-se.

DOUTOR.—Calou-se, porque o problema é insolúvel. O casamento é como a loteria ; compramos o bilhete, muitas vezes com sacrificio. Nesse pedaço de papel encontramos todas as nossas esperanças, todos os nossos pensamentos. Formamos mil castellos, edificamos palacios, compramos carruagens, temos lacaios, damos bailes, adquirimos um titulo de nobreza, sustentamos, enfim, um apparato esplendido. E á força de pensar em nestas cousas convencemo-nos de que já as possuímos, e habituamo-nos a ellas. Um dia, anda a roda. Nós lá estamos, com o coração palpitante, os olhos fixos, as narinas dilitadas, o corpo tremulo... De repente, a um simples movimento daquelles homens, em cujas mãos está a nossa fortuna, desmora não-se os palacios ; as carruagens, os bailes, os titulos, os lacaios, a opolencia—tudo desaparece em um momento... Tudo aquillo não foi mais do que um sonho... Onde julgavamos achar a felicidade, fômos encontrar o desengano cruel, um desengano muitas vezes fatal. O casamento é assim.

MARIA.—Mas então ninguem se casaria !...

DOUTOR.—Perdão... mas nem todos tirão bilhete branco na loteria. Eu fallei unicamente dos que perdem. Ha muitos que ganhão. Mas tanto uns como outros, atirão-se ao desconhecido. Aquelles errão o alvo, estes acertão :—é a felicidade de cada um.

MARIA.—Mas o que me aconselha ?

DOUTOR.—Já lhe disse : consulte o seu coração. A Sra. vai comprar um bilhete da loteria ; desejo de toda a minha alma que tire a sorte grande.

MARIA.—Então incommodei-o inutilmente, doutor.

DOUTOR.—Pelo contrario ; deu-me um prazer lembrando-se de mim. Sinto não poder dar-lhe um conselho, porque um conselho é cousa muito melindrosa... Se fôsse uma receita...

MARIA.—Obrigado.

DOUTOR.—Eu, no seu caso, não me casaria. E' unicamente o que posso dizer. Mas a Senhora tem muito juizo, e fará o que o seu são juizo lhe dictar. Adeus, minha Senhora. Peço-lhe que dê um abraço na menina Julia.

MARIA.—Adeus, doutor. Apareça. O Senhor tem-se tornado ultimamente quasi invisivel. Quem sabe se pretende casar-se tambem?!

DOUTOR.—Nada. Minha mulher, que Deus tenha em sua santa gloria, foi um anjo, e os anjos não abundão. Neste valle de lagrimas em que vegetamos, tenho notado que ha mais demonios do que anjos. Além de que, nunca gostei de jogar na loteria... E creio que se todos pensassem como eu, não veriamos tantas infelicidades. Até amanhã.

MARIA.—Até amanhã, doutor.

## SCENA XIII

MARIA

Quem sabe?... quem póde desvendar os arcanos do futuro?... Amo-o, elle ama-me... Pois a felicidade do casamento não provém da reciprocidade de sentimentos do mutuo amor?... Diz-me o coração que serei feliz, que nada devo recejar... Tentemos,

## SCENA XIV

MARIA E LUCIA

LUCIA.—Minha Senhora, está ahí outra vez o senhor Jorge, que insiste em fallar-lhe.

MARIA.—Ah! que entre. (*Lucia sahe*). E' impossível que o amor deste homem seja uma mentira!... (*Prevenção*).

## SCENA XV

MARIA E JORGE

JORGE (*da porta*).—Maria...

MARIA.—Ah! é o senhor... Eu bem sabia que havia de voltar. Então, fica á porta?...

JORGE.—Maria, peço-lhe que me ouça... (*Desce*).

MARIA.—Em que tom me diz isso!... Quem o tivesse julga-lo-hia um Othelo no momento em que...

JORGE.—Não gracieje! oh! não gracieje!

MARIA.—Porque?

JORGE.—Porque o que tenho a dizer-lhe é muito sério...

MARIA.—E o que é que tem a dizer-me?

JORGE.—Ouça...

MARIA.—Não é preciso, porque eu sei tão bem como o senhor. Accêdo aos seus desejos.

JORGE.—Accedel...

MARIA.—Mas com uma condição: a minha fortuna pertence á minha filha; o senhor não poderá tocar em um real; na escriptura ha de ser mencionada esta clausula.

JORGE.—Aceito!... (*Á parte*). Depois veremos.

MARIA (*erguendo-se*).—Aceita!...

JORGE.—Aceito, porque eu não ambiciono o seu curo, a sua opulencia; ambiciono o seu amor, sómente o seu amor!...

MARIA (*estendendo-lhe a mão*).—Ah! bem me dizia o coração!... Amo-o!...

JORGE (*beijando-lh'a*).—Maria!... (*Á parte*). Triumphei, finalmente!...

## SCENA XVI

### OS MESMOS E JULIA

JULIA (*entrando a correr*).—Mamã! mamã!...

MARIA.—Vem cá, minha filha; abraça o teu papá.

JULIA (*a Jorge*).—Então a mamã quiz?...

JORGE (*abraçando-a*).—Quiz, minha filha, quiz!...

JULIA.—Dá-me um beijo, papá! (*Jorge beija-a. Maria, sorrindo, contempla o quadro. Cahe o panno*).

Fim do 1º acto

# GOIYOS

## ACTO II

### SCENA I

#### JULIA E LUCIA

LUCIA (*conduzindo Julia pela mão*).—De vagar, minha menina....

JULIA (*pallida, magra e com olheiras*).—Canço tanto, Lucia ! ... A's vezes parece-me que vou morrer... Ah ! senta-me nesta cadeira....

(*Lucia senta-a*). Não sei que mal fiz a Deus, para soffrer tanto assim... (*Olhando para as flôres de um vaso*). Minhas pobres flôres... meu formoso jardim, onde eu ia conversar com os passarinhos, que cantavão alegres.... com as rosas, que desabrochavão sorrindo e cobertas de orvalho.... com o sol, que despontava doirado, banhando com a sua luz brilhante as arvores floridas....

LUCIA.—Socegue, meu amor ; descance....

JULIA.—A's vezes começo a pensar, e sinto como que o coração me dizer : — Despede-te

do sol, das flôres, dos passarinhos, dos teus brincos infantis.... porque não os verás mais....

LUCIA.—Menina, para que pensar essas cousas?... A menina ha de ficar bôa, ha de ir muitas vezes ainda ao seu jardim, para conversar com o sol, com as flôres e com os passarinhos. Verá.

JULIA.—Não.... sinto que não.... Se já nem forças tenho para caminhar !.... Lucia, leva-me á janella.... Muito impertinente me tenho tornado.... mas tem paciencia, sim ?.... Não é por minha vontade....

LUCIA (*amparando-a*). — Vamos, minha menina....

JULIA.—E's tão bôa, Lucia !....

LUCIA.—Cumpro o meu dever. Além de que, a menina é quasi minha filha. Vi-a nascer, vi-a crescer, e acalentei-a nos meus braços. Se eu tivesse uma filha, estou certa de que não a amaria mais do que á menina.

JULIA.—Obrigada, Lucia ...

LUCIA.—Depois, a menina tratou-me sempre com tanto carinho, com tanto amor, que eu não faço mais do que pagar uma divida de gratidão ...

JULIA (*encostando-se á janella*).— Ah ! pensei que não chegasse....

LUCIA.—Olhe para o seu jardim, e veja como está bonito.

JULIA.—Como está lindo !.... como está cheio de sol e de perfumes !.... Como as trepadeiras se alastrão em festões floridos nas grades do caramanchão.... Olha, Lucia : era ali, por traz daquellas roseiras.... lembras-te.... que eu me escondia. para te assustar quando passavas.... Naquelle banco, a mamã sentava-se, á tardinha, para me vêr correr por entre as

ões em perseguição das borboletas... Naquelle canto... Oh! como eu tenho saudades desse tempo!... Então eu brincava... era feliz... Hoje... Ah! lá chegou a mamã... sentou-se no banco... Mas o que terá ella?... Passa o lenço pelos olhos e occulta o rosto nas mãos... Chora?... Mas porque?...

LUCIA.— Engana-se; minha menina; a sua mamã não está chorando...

JULIA.— Está, Lucia, eu bem vejo...

LUCIA.— Porque não se senta, minha filha?... Não deves estar cansada. Quer que a leve ao collo?...

JULIA.— Não. Dá-me a tua mão... Muito te dorreço, não é?...

LUCIA (*beijando-a*). — Aborrecer-me... Se eu tenho tanto prazer em servi-la!...

JULIA (*sentando-se*). — Quando vem a mamã?

LUCIA.— Quer que vá chama-la?

JULIA.— Não. Deixa-a descansar... Tenho-lhe feito tanto trabalho, que é bem que descanço um momento... Senta-te, Lucia... Tu também deves estar cansada...

LUCIA.— Não estou, não, meu anjo.

JULIA.— Onde está o papá?... Hoje ainda não veio abraçar-me...

LUCIA.— Sahio muito cedo, e não quiz acordar a menina, que estava passando por uma modorra. Mas aqui a pouco estará ahí.

JULIA.— Elle é tão bom!... Não é, Lucia?...

LUCIA.— E', minha filha, mas...

JULIA.— O que?...

LUCIA.— Quer que falle com franqueza?... Não gosto d'elle.

JULIA.— Porque?...

LUCIA.— Porque... porque... nem eu sei porque... Mas desde a primeira vez que o vi aqui antipathisei com elle...

JULIA.— Não te trata elle bem?...

LUCIA.— Tratar-me melhor seria impossível. Mas ha pessoas que agradão ou desagradão á primeira vista. E a primeira impressã que o seu papá me causou foi desagradavel.

JULIA.— E eu amo-o tanto!...

LUCIA.— Mais do que ao outro?

JULIA.— Mais, não... E' verdade, ainda não rezei hoje por elle... Lucia, leva-me, sim?...

LUCIA.— Rezará logo mais... amanhã, quando estiver melhor, não é?...

JULIA.— Não... Quero rezar... Vamos.

LUCIA.— Já que assim quer... (*Leva Julia á porta*).

JULIA (*querend*) *abrir a porta*. — Estou tão fraca, que já nem posso abrir uma porta... Abre, sim, Lucia?... (*Lucia abre a porta*). Agora, ajuda-me a ajoelhar... (*Lucia ajuda-a*). Meu pobre pai!... (*Unindo as mãos*). — Meu Deus! Pai de todas as creaturas, vós, que perdoastes aos vossos assassinos, vós, que soffrestes todos os martyrios para nossa salvação, vós, que derramastes o vosso sangue para remissão dos nossos peccados, vós, que sois bom e misericordioso, perdoai a meu pai todas as culpas que neste mundo commette-se e tende-o no seio da vossa divina gloria!...— (*Occultando o rosto nas mãos*). Lembro-me tanto d'elle!... tanto!... Oh! se eu pudesse ir abraça-lo no céu... Era a maior alegria que Deus podia dar-me!...

LUCIA.— Não diga isso, meu anjo...

JULIA.— Seeu morresse, não soffreria mais...

LUCIA.— Mas a menina disse que não sente dôr alguma.

JULIA.— E não sinto... mas diz-me o coração que morro... Quero levantar-me, Lucia... ajuda-me... (*Lucia levanta-a*). Adeus, meu pai!... Até amanhã!... Lucia, fecha esta porta, sim?... (*Lucia fecha a porta e leva Julia para a cadeira*).

LUCIA.— E não se sente melhor hoje?

JULIA.— Não... a fraqueza é a mesma...

LUCIA.— Quer uns biscozinhos?

JULIA.— Obrigada.

LUCIA.— E o seu remédio?... Quer toma-lo?

JULIA.— Logo. Quero toma-lo pela mão do papá... Elle fica tão afflicto quando vê que o remédio não produz effeito... Já reparaste?

LUCIA.— Ainda não. Porque não vai deitar-se um instantinho?... Vai, sim?...

JULIA.— Para que?...

LUCIA.— Para descansar. Vamos. Faça-me a vontade.

JULIA.— Pois vamos...

LUCIA.— *(conduzindo-a)*.— E ha de dormir tambem sim?

JULIA.— Se puder...

LUCIA.— Fique bem quietinha, que ha de poder...  
*(Sahem)*.

## SCENA II

MARIA

*(Entra pelo fundo, abatida e triste. Senta-se)*.—

Ha um mez que soffre aquella pobre criança... Vai desaparecendo aos poucos, como uma luz prestes a se apagar... Era o sorriso, a alegria, o sol que illuminava esta casa... Hoje está tudo triste, silencioso como um tumulo... Já não se ouve a sua voz suave, a sua risada argentina, as suas cantigas de criança... Oh! só quem é mãe é que pôde julgar o que eu sinto!... Todos os recursos tem sido inuteis... A molestia progride, caminha a passos de gigante, e a minha pobre

filha ha de morrer... (*Erguendo-se*). Morrer!... E eu hei de perder o meu maior, o meu unico thesouro!... Daria tudo quanto possuo para salva-la... tudo!... Oh! mãi santissima, tu que viste morrer o teu filho bem amado, sabes quanto custa esse transe... Perde-la... vê-la morta, fria, com os labios cerrados, os olhos vitreos, a face de marmore... chama-la, abraça-la, beija-la... e ella ficar muda, fria, de marmore... Ah!... (*Deixa-se cahir em uma cadeira, occultando o rosto nas mãos e suffocada pelos soluços*).

### SCENA III

#### MARIA E DOUTOR

DOUTOR.—Bom dia, minha Sra.

MARIA (*ind. a elle e tomando-lhe as mãos*).— Ah! finalmente, doutor! Não sabe com que ancia o esperava,.. Vamos, vamos vê-la...

DOUTOR.—Peiorou?

MARIA.—E' a mesina cousa; aquella fraqueza, aquelle abatimento... Diga-me, doutor: tem esperanza?...

DOUTOR.—Eu... tenho... e a Sra. deve tê-la tambem... O que seria das almas que soffrem, dos corações que chorão, se ella não viesse deramar nas ulceras da alma, nas chagas gottejantes do coração o balsamo sacrosanto dos seus sorrisos divinos?...

MARIA.—Ah! doutor, que bem me fazem as suas palavras!... Creio e espero...

DOUTOR.—Porque não faz uma viagem?

MARIA.—Seria util?

DOUTOR.—As viagens são sempre o remedio

salutar ministrado pela natureza, quando a medicina confessa-se fraca...

MARIA.—Mas então... a sua sciencia julga-se impotente para vencer o mal?... Então a molestia de minha filha é incuravel?...

DOUTOR.—Perdão; eu não disse isso. Se as viagens fazem bem aos enfermos no ultimo periodo, mais vantagem devem offerecer áquelles cujo estado não é ainda desesperador. Sua filha está neste ultimo caso. As viagens são sempre uteis a todas as molestias; quer physicas, quer moraes. A mudança de ares, novas paisagens que se offerecem á vista, novos habitos, diferentes usos, são o melhor remedio. As dôres mais fundas, os mais fundos soffrimentos, os mais dolorosos desgostos, insensivelmente desaparecem com a mudança de um paiz para outro. Peça a seu marido, e vão viajar. Se quizerem acompanha-los-hei.

MARIA.—Doutor, parece que o senhor me illude... Minha filha está condemnada...

DOUTOR.—Ainda não.

MARIA.—Dá-me a sua palavra de honra?

DOUTOR.—Para que? Não me acredita então?...

MARIA.—Dá?...

DOUTOR (*á parte*).—Ha occasiões em que a mentira é uma virtude... (*Alto*). Dou.

MARIA.—Obrigado, doutor, muito obrigado!

DOUTOR.—Vamos ver a nossa doentinha.

MARIA.—Vamos. (*Acompanha o doutor até a porta. O doutor sahe. Maria fica encostada ao umbral, olhando para dentro*).

## SCENA IV

MARIA.—Contrahe os supercillos... sacode a cabeça... desanima... (*Desce, comprimindo a fronte com as mãos*). Oh! meu Deus! meu Deus!... a minha filha não se salva. (*Cae, soluçando, em uma cadeira*).

## SCENA V

### MARIA E DOUTOR

DOUTOR (*entrando, d parte*).—E' inacreditavel: não posso comprehender aquella molestia...

MARIA.—(*indo a elle*).—Então, doutor?

DOUTOR.—Está adormecida agora...

MARIA.—Vio-a?

DOUTOR.—Vi.

MARIA.—Examinou-a?

DOUTOR.—Examinei.

MARIA.—E ainda tem esperança?

DOUTOR.—Tenho.

MARIA.—O senhor illude-me.

DOUTOR.—Como?

MARIA.—Eu olhava-o daquella porta, e vi todos os seus movimentos... E inutil constranger-se por mais tempo; diga a verdade, a verdade toda.

DOUTOR.—Aquella molestia é incomprehensivel, e confesso que todos os esforços por mim feitos até agora têm sido infructiferos. Ella não soffre, não sente a menor dôr, e no entanto vai-se consumindo aos poucos. E' extraordinaria aquella enfermidade.

MARIA.—Como?

DOUTOR.—Ha trinta annos que exerço a medicina e tenho tratado milhares de enfermos..., mas é a primeira vez que isto vejo. (*Senta-se á mesa. Escrevendo*). Torno a aconselhar-lhe as viagens. Vá viajar. Tenho esperauça em que a menina Julia se restabelecerá. (*Dando a Maria o papel que escreveu*). Aqui está. Mande immediatamente á botica... (*Depois de uma pausa, como que se lembrando*). E' verdade: quem é que dá o remedio á sua filha?...

MARIA.—E' meu marido.

DOUTOR.—Só elle?

MARIA.—Só. Não quer que outrem faça esse serviço.

DOUTOR.—Deveras?...

MARIA.—Meu marido tem um coração de ouro, doutor. Ama essa criança como se fósse sua filha. O doutor não calcula quanto a molestia de Julia tem-no feito soffrer...

DOUTOR.—Uma solicitude tamanha!...

MARIA.—Admira-o?...

DOUTOR.—Bastante.... Olhe, minha senhora, conheço um veneno que produz os mesmos symptomas que apresenta a enfermidade de sua filha...

MARIA.—O que quer dizer, doutor?... Pois meu marido....

DOUTOR.—Seu marido, minha senhora, é padrasto de sua filha, e sua filha é talvez um estórvo aos seus planos.... Não é a primeira vez que penso nisto.

MARIA.—Senhor!....

DOUTOR.—Não se offenda. Eu não faço mais do que expender uma idéa que me incomoda ha uns poucos de dias... Se estou em erro, Deus me perdoará o juizo temerario; mas, se acerto...

MARIA.—Nunca pensei que o doutor fósse um... calumniador...

DOUTOR.—Obrigado, minha senhora. Tenho cinquenta annos, e é a primeira vez que me insultão. Adeus, minha senhora. Amanhã, se não julgar conveniente fechar as portas de sua casa a um calumniador, voltarei. Amo muito essa pobre crianca, e quero lutar até vencer ou succumbir. Até amanhã.

MARIA.—Adeus, doutor. (*O doutor sahe.*)

## SCENA VI

MARIA

(*Acompanha o doutor, depois vai á porta do quarto de Julia e pára, a olhar para dentro. Pausa*). E se fôsse verdade?... Se esse homem tenta assassinar minha filha para apoderar-se da minha fortuna?... (*Descendo*). Mas se isto é assim, é uma monstruosidade... é uma cousa horrível!... Então não ama me... simula aquelle affecto todo para melhor illudir-me... (*Pausa*). Mas parece-me um impossivel... O doutor terá razões, que eu ignoro, para detestar meu marido, e vingá-se assim... (*Pausa*). Espiona-lo... segui-lhe os passos... acompanha-lo como a sua sombra... Não, não farei isto... é uma infamia!... (*Outro tom*). Mas se tudo é real?... se elle, como de facto, está envenenando minha filha?... Oh! esta duvida é atroz!...

## SCENA VII

MARIA E LUCIA

LUCIA. — Minha Sra.

MARIA. — Ah! ia chamar-te. (*Dando a receita*).

Manda immediatamente esta receita á botica, e volta cá. Anda, vai... A menina...

LUCIA. — Continua adormecida.

MARIA. — Está socegada?

LUCIA. — Não, muito.

MARIA. — Vai. (*Lucia sahe*).

## SCENA VIII

MARIA

Vou dizer-lhe tudo. Quero ouvir a sua opinião. Jorge trata-a bem, e ella não tem motivos para aborrece-lo. Deve ser sincera...

## SCENA IX

MARIA E LUCIA

LUCIA. — Aqui estou, minha Sra.

MARIA. — Gostas de teu amo?

LUCIA. — Porque me faz essa pergunta?

MARIA. — Gostas?

LUCIA. — Quer que lhe falle com franqueza?

MARIA. — Sim, falla.

LUCIA. — Não gosto.

MARIA. — Mas elle trata-te bem...

LUCIA. — É verdade, mas aquella delicadeza é uma mentira... Seu marido, minha Sra., não pôde ser bom...

MARIA.— Mas deves ter uma razão para dizer isso.

LUCIA.— Tenho... a instinctiva antipathia que lhe voto.

MARIA.— Mas o coração tambem se engana...

LUCIA.— Os olhos, segundo dizem todos, são o espelho d'alma. Pois bem: o olhar do Sr. Jorge não é bom. Tem olhar de louco ou de...

MARIA.— Ou de assassino, não?...

LUCIA.— De assassino!..

MARIA.— De assassino, sim.

LUCIA.— Mas... assassino... de quem?...

MARIA.— Da menina Julia...

LUCIA.— O que diz, minha Sra. ?...

MARIA.— E' uma idéa do doutor.

LUCIA.— Oh! mas isso é demais. Aborreço-o, mas não o julgo capaz de tanto...

MARIA.— Nem eu. Mas é forçoso sahirmos desta duvida. E' preciso que o espiemos e que nunca lhe demos a conhecer a nossa desconfiança.

LUCIA.— A pobre menina!...

MARIA.— Espiemo-lo. Póde ser uma loucura do doutor; mas tambem póde ser verdade.

LUCIA.— Serei incançavel. (*Ouvem-se passos fóra*).

MARIA.— Silencio!

## SCENA X

### AS MESMAS E JORGE

JORGE (*beijando Maria na frente*).— Bom dia, minha querida.

MARIA (*sorrindo*).— Bom dia.

JORGE.— Sabes que amanhã partimos?

MARIA.—Para onde? (*Lucia vai dispôr as flores dos vasos*).

JORGE.—Para a fazenda de um amigo. Lembrei-me que a mudança de ares devo fazer bem á nossa querida filhinha, e para restabelece-la empregarei todos os esforços.

MARIA.—Queres muito bem a essa menina, Jorge?...

JORGE.—Por certo, minha querida... Não estou eu fazendo as vezes de seu pai? Depois, ella é tão tão galante, tão mimosa, que não se póde vê-la sem ama-la... O doutor já esteve cá?

MARIA.—Já.

JORGE.—E o que disse?

MARIA.—Aconselhou-me que viajasse.

JORGE.—Ahi está; tive a mesma idéa. E para onde queres ir?

MARIA.—Para onde fôr da tua vontade?

JORGE.—Partiremos amanhã. Tenho fé em Deus que com esta mudança a nossa querida menina ha de restabelecer-se.

MARIA.—E eu tambem.

JORGE.—Vamos vê-la, sim?... (*Sahem*).

## SCENA XI

LUCIA

(*Descendo*). Ah! o doutor disse isso!.. Deve ser verdade, e eu acredito que o seja... A primeira vez que vi este homem tive um sentimento de repulsão, de aborrecimento... Mas hei de espiá-lo, e ai delle. se descubro qualquer cousa... Então mata-se assim, aos poucos, lentamente, uma pobre criança inoffensiva, e não se ha de

pagar esse crime !... Minha ama não quiz nunca atender ao doutor... Quantas vezes lhe disse elle:—«Eu, no seu logar, não me casava !...»— Ella, porém, cerrava os ouvidos á voz da razão para escutar sómente a voz do seu amor... O resultado foi este: a tristeza e as lagrimas... Mas veremos !... (*Vai receber o medicamento que um creado traz, colloca o frasco em um aparador e sahe*).

## SCENA XII

JORGE, MARIA E JULIA

JORGE (*trazendo Julia ao collo*).—Soffres muito, minha querida filhinha ?

JULIA.—Não, papá... Não sinto dôres... E' esta fraqueza que me mata...

JORGE.—Tem paciencia, filha. Has de ficar boa. (*Senta-a*).

JULIA.—Ah ! se eu ficasse boa !... Tu querias vêr-me boa outra vez... não é verdade, papá ?...

JORGE.—Se queria !... Não és tu a alegria desta casa, a minha felicidade, a ventura de tua mãe, o anjo do nosso lar ?

JULIA.—Chega-te para aqui, mamã... Porque ficas tão longe de mim ? Dá-me um beijo... (*Olhando para o quarto cuja porta está fechada e dando um grito suffocado*). Ah !

MARIA.—O que é, filha ?...

JULIA.—Ali... não vêes... encostado áquella porta... olhando para mim com os olhos vi-treos e pasmos ? Ah ! é elle, mamã... é elle...

MARIA.—Quem, filha ?

JULIA.—Vens buscar-me, papá?... Estavas com muitas saudades da tua filhinha?... Pois vamos.... vamos.... Ergamo-nos nas azas da borboleta.... em um raio do sol.... no perfume das flores.... Vamos.... e lá no céu, rodeados de anjos.... e ás doces melodias de peregrinos cantares.... eu adorarei contigo a grandeza de Deus.... tu serás feliz com o meu amor.... e nós cantaremos sempre.... sempre.... sempre....

MARIA.—Julia! Julia!

JORGE (*á parte*).—Começa o delirio....

JULIA.—Vamos, papá.... eu quero ir contigo... mas... e a mamã.... ha de ficar aqui..., cozinha.... sem a sua filhinha? Eu era tão feliz!.... Aos dôces afagos de meus pais, eu podia correr a minha vida serena e bella, e nunca uma lagrima veio velar o brilho de meus olhos.... Tu morreste, papá.... Por ti senti a primeira dôr.... suffocou-me o primeiro soffrimento.... derramei a primeira lagrima.... Oh! meu Deus! quanto custa vermos morrer aquelles que amamos, que nos amão, que nos enchem de beijos e de caricias!.... Mamã.... mamã....

MARIA.—O que é, minha filha?

JULIA.—Tu deixas eu ir com o papá?... Não choras por mim, não?... Eu lá do céu, acompanharei os teus passos.... velarei por ti, pedirei a Deus que te dê todas as felicidades....

MARIA.—Não digas isso, filha, que me rasga o coração....

JULIA.—Então como ha de ser?... Se eu fór, não choras.... se eu ficar, o papá chora também.... Como ha de ser, mamã?...

MARIA.—O papá não chora. Elle está em um lugar onde nunca se chora, minha filha....

JULIA.—Eu sei.... Como deve ser bonito o céu, mamã!....

MARIA (*á parte*).—Oh! isto corta o coração!...  
E será possível que este homem...

JORGE.—Minha queiita, deixa-me só com ella... Tu não podes assistir a isto. Vai. Eu velarei por ti e por mim.

JULIA.—Então a mamã vai-se embora?...

JORGE.—Ella já volta, minha filha. Vai mandar chamar o doutor. Tem paciencia um momento, sim?

JULIA.—Ah! vai mandar chamar o doutor... Ha tanto tempo que elle não vem cá...

MARIA.—Estás enganada. Ainda ha pouco esteve aqui.

JULIA.—E como é que eu não o vi?

MARIA.—Estavas dormindo.

JULIA.—Ah! lembro-me agora... Eu estava adormecida... sonhava com meu pai...

MARIA (*á parte*).—Sempre esta idéa!...

JULIA.—Elle estava encostado á cabeceira da minha cama... Olhava para mim e sorria-se... mas com um sorriso tão triste... tão triste... que me cortava o coração... De repente, uma harmonia suavissima... uma harmonia como só podem ter os canticos dos anjos, fez se ouvir por cima da minha cabeça... Olhei... O tecto do quarto tinha desaparecido... as cortinas do meu leito estavam rotas... Vi o céu abrir-se... Em um raio do sol descêrão todos os anjos do paraizo... Quem pudesse ter azas como os anjos, mamã!... Approximarão-se de mim... beijarão-me, e começarão a cantar... Meu pai perguntou-me:—«Queres ir com elles?...»—E eu respondi:—«Quero, papá! quero!...»—Então aquella infinidade de anjos estendeu as azas douradas... Meu pai suspendeu-me ao collo e depoz-me sobre ellas... Os anjos subirão, cantando... Eu olhava para baixo e dizia-te adeus, mamã... Tu estavas com os

abellos soltos e choravas... Depois foste desaparecendo...desapparecendo até que não pude mais ver-te... Entramos no céu... Quanta luz!... quantas flores!... quantos perfumes!... Deus abraçou-me, Virgem deu-me um beijo, e Jesus disse-me :—O ar dos anjos é o céu; o teu lar é aqui, meu anjo!...

MARIA.—Basta, filha! basta!... Isso foi um sonho... Esquece-o... Quem estava debruçado á cabeceira do teu leito não era teu pai...

JULIA.—Quem era então?...

MARIA.—Era o doutor, que vinha ver-te.

JULIA.—Ah! era elle?... E como me achou?...

MARIA.—Melhor, muito melhor. Disse que dentro em poucos dias estarias boa...

JULIA.—Boa!...

MARIA.—Sim, boa...

JULIA.—Para cantar... para brincar no jardim... para correr por entre as flores... para conversar com os passarinhos?...

MARIA.—Sim, para tudo isso...

JULIA.—Estou tão traca, mamã!...

MARIA.—Pois descança. Tens fallado tanto, que deves estar cansada... Queres que vá buscar-te flores?...

JULIA.—Sim... vai... Traze-me rosas... só rosas... Não me tragas goivos nem saudades, mamã... Ah!... pergunta aos passarinhos se têm tido saudades de mim... Perguntas?...

MARIA.—Pergunto, sim.

JULIA.—E traze-me a resposta delles... Erão não meus amiguinhos!...

MARIA (*beijando-a*).—Até já, minha filha...

JULIA.—Até já, mamã... Não te demores muito... não?...

MARIA.—Não; volto já.

JULIA.—Não te esqueças que eu quero sómente rosas... rosas...

MARIA.—Sim: trago-te sómente rosas. (*She*).

## SCENA XIII

### JULIA E JORGE

JORGE—Não queres deitar-te ?...

JULIA... Não... Prefiro estar aqui... Leva-me à janella, sim?... Quero vêr a mamã no jardim...

JORGE (*tomando-a ao collo*).—Vamos. (*Vai á janella—Maria apparece á porta do quarto de Julia, onde fica de observação*).

JULIA.Mas onde está ella?... Não a vejo...

JORGE.—Está talvez do outro lado. Disseste-lhe que querias sómente rosas, e provavelmente foi colhe-las no canteiro da esquerda, onde ellas são mais bonitas...

MARIA (*á porta, contemplando Jorge e Julia*).—Este homem não pôde ser criminoso!...

JULIA.—Ah! lá está Lucia... Vês, papá?...

JORGE.—Vejo.

JULIA.—Está tambem colhendo flôres... Então todos colhem flôres para mim?...

JORGE.—Não. Aquellas são para os vasos. As tuas é a mamã quem as traz...

JULIA.—Olha, papá, naquella arvore...

JORGE.—O que?...

JULIA.—Dous passarinhos... não vês?... E como cantão... como estão alegres!... Quem sabe se elles me virão aqui, papá?...

JORGE.—Talvez, minha filha...

JULIA (*sacudindo a mão*).—Adeus, meus amiguinhos!... adeus!...

JORGE (*beijando-a*).—Meu anjo!...

MARIA (*á parte*).—E' impossível! E' impossível... E' um crime suspeitar d'elle!

JULIA (*chamando*).— Lucia!... não apanhes

nto sol, que te faz mal... Dize á mamã que  
enja para casa...

JORGE. (*A' parte*). A's vezes tenho pena... mas  
necessario!...

JULIA.—Ainda me queres muito, papá?

JORGE.—Quero, minha filha; quero-te mais  
o que nunca!

JULIA.—Eu tambem te quero tanto! ..

JORGE.—Vamos tomar o nosso remedio?

JULIA. Amarga tanto papá!...

JORGE.—Mas é para teu bem. (*Senta-a no sofá.*)

MARIA. (*á parte*).—Chegou o momento decisivo...  
as é impossivel!...

JORGE (*indo á mesa onde Lucia deixou o fras-*

*co*).—Ah! temos remedio novo!... Talvez este  
nha melhor gosto, minha filha.

JULIA.—Ah! é outro!... Se esse me fizesse bem!

JORGE (*emquanto tira do bolso um vidro e des-*  
*peja algumas gottas do liquido nelle contido*  
*em uma colher que está sobre a mesa*).—Ha de fa-

r.... Tenho esperanza... (*Acaba de encher a*  
*colher com o remedio do frasco e desce, deixando*  
*o vidrinho no aparador*).—Toma, minha filha..

Estou certo que este remedio te restituirá a  
saude.... (*No momento em que vai chegar a*  
*colher aos labios de Julia, Maria desce e segura-*  
*a no braço*).

## SCENA XIV

JULIA, JORGE E MARIA

MARIA (*segurando bruscamente no braço de*  
*Jorge*).—Assassino!....

JORGE (*recuando de chofre*).—Ah! (*encarão-se*  
*n momento*).

JULIA.—Mamã....

MARIA (*com colera concentrada*). — Envenenou-a!.... Mas então o que é o senhor?... Nesse peito não palpita um coração, essa alma está tão corrompida, que não se confrangia ante tamanha crime?... E o senhor matava-a covardemente miseravelmente, sem que sequer tivesse um momento de compaixão!.... Ah! e eu amei-o!... amei-o!....

JULIA.—Mamã.... mamã....

JORGE.—A senhora, não dirá uma palavra!... Deixe-me sair!....

MARIA (*tomando-lhe a passagem*). — Não sahir!

JULIA.—Mamã.... mamã....

JORGE (*apertando os pulsos de Maria*). — Deixe-me sair! deixe-me sair!....

MARIA.—Ha de sair, mas passando por cima do meu cadaver!.... Vamos!.... mais um crime!.... mate-me!.... o senhor sabe matar!....

JORGE.—Maria!....

JULIA.—Mamã.... mamã.... onde estás?... já não vejo!..

MARIA.—Oh! eu enlouqueço!... Socorro!... socorro!.... (*Corre a abraçar-se com a filha Jorge aproveita a ocasião e vai a sair, mas esbarra contra com o doutor, que entra, e recua*).

## SCENA XV

### OS MESMOS E DOUTOR

DOUTOR (*parando á porta*). — O que é isto?..

MARIA.—Acuda, doutor! minha filha morreu... morreu envenenada!...

DOUTOR. — Ah!.... (*a Jorge*). Eu bem suspeitava!... O senhor é um miseravel!....

JORGE.—Senhor!....

DOUTOR (*chamando*).—José !... Pedro !...

JORGE (*atirando-se*).—Oh! quero passar! hei de passar !...

DOUTOR (*repellindo-o*).— Mas não passará assim !... E' um miseravel, repito !... Para que se introduzio no seio desta familia ?... Para, impellido pela ambição, pela loucura do ouro, vir lançar aqui as lagrimas, as agonias, e a morte... E depois de consummar o mais hediondo dos crimes, queria sahir franca e livremente para talvez ir mais adiante commetter crimes novos !. . Oh! não !... Os martyrios que aquelle pobre anjo soffreu pedem vingança, e o Sr. ha de expia-los, para exemplo á sociedade e ás mãs de familia que, inconscientes como aquella, sacrificão a sua felicidade e o futuro de seus filhos a uma paixão cega, a uma louca vaidade talvez !...

JORGE.—Senhor !...

DOUTOR (*aos criados que entrão*).— Levem este homem daqui e teuhão-no em guarda. Se tentar fugir, matem-no !... (*Os criados olhão-se admirados*). Então !... Segurem-no !

JORGE.—Não se aproximem !...

DOUTOR.— Segurem-no. Este homem é um assassino!

OS CRIADOS.—Um assassino !... (*Avanção para Jorge e segurão-no, e Jorge vai debatendo-se até desaparecer com os criados*).

## SCENA XVI

JULIA, MARIA E DOUTOR

DOUTOR (*Indo ao grupo*).— Minha Senhora! minha Senhora! (*Prevenção*).

JULIA (*Com voz fraquissima*).— Mamã... mamã... já não te vejo... Onde está o papá?... Cheguem-se todos... para perto de mim... Chamem Lucia... Sinto que vou morrer... morrer, mamã... morrer...

MARIA (*dando um grito de supremo desespero*).— Ah!...

DOUTOR (*ajudando a amparar Julia, que se mostra afflicta*).— Coragem!...

MARIA.— Salve-a, doutor! salve-a!

JULIA.— Mamã.. mamã... abraça-me... Quero morrer... morrer... nos teus braços... Meu Deus! Ah!... (*Maria abraça-se com a filha, occultando o rosto no seio della*).

## SCENA XVII

### OS MESMOS E LUCIA

LUCIA.— Senhora! Senhora!

DOUTOR.— Silencio! (*Mostrando Julia*) Está morta! (*Lucia recua tremula, olhando para o grupo*).

FIM DO DRAMA

52079

Bibliotheca das Folhinhas Laemmert ✓

---

# OS FILHOS DO TRABALHO

Comedia-drama em 2 actos

POR

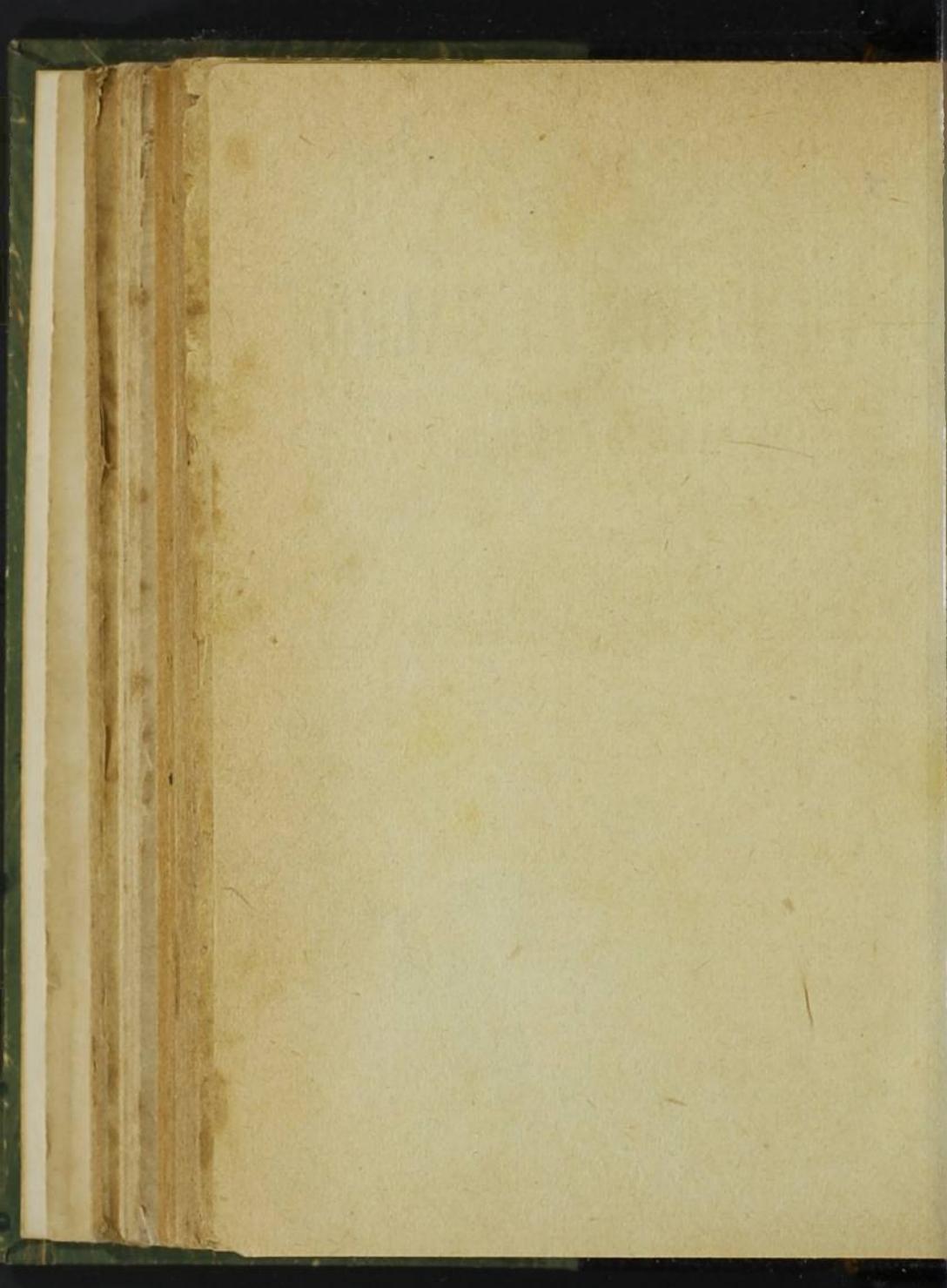
J. M. S. SENNA

RIO DE JANEIRO

Publicado e á venda em casa de Laemmert & C.

66 RUA DO OUVIDOR 66

-1886-



## PERSONAGENS

JORGE RIBEIRO, 35 annos, carpinteiro

Blusa e bonet.

ESTEVÃO RIBEIRO, 36 annos, carpinteiro.

Blusa e bonet.

JULIÃO RIBEIRO, 40 annos, mestre de torneiro. Avental e bonet.

ALBERTO RIBEIRO, 18 annos, estudante de medicina. Costume preto.

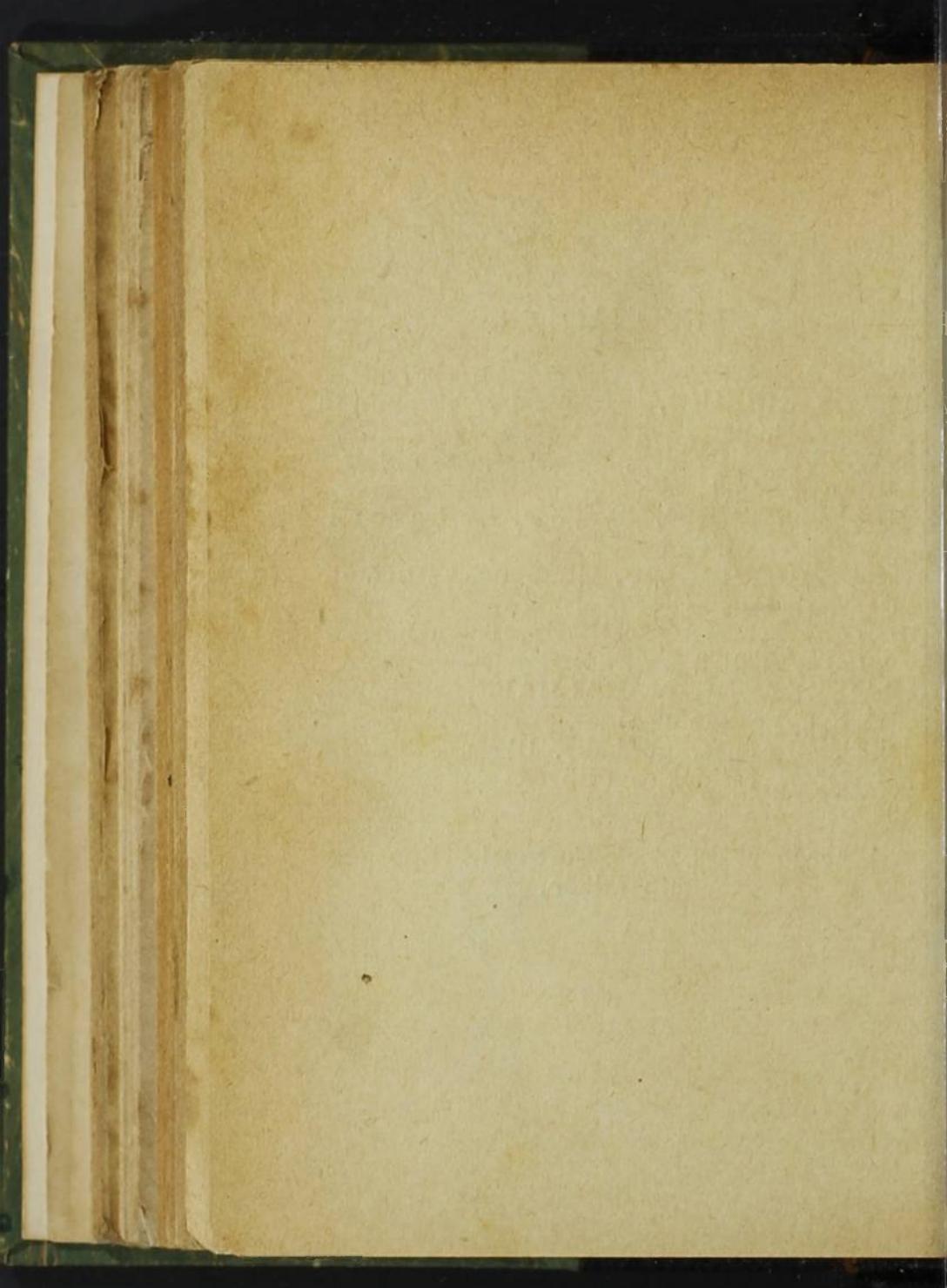
JORDÃO DE MAGALHÃES, 65 annos, fidalgo. Vestido no rigor.

GRACINDA DE MAGALHÃES, 16 annos, fidalga. Vestida no rigor.

JOSE, 12 annos, aprendiz. Blusa.

CRIADOS vestidos com librés.

A acção passa-se em Portugal. — Época actualidade.



## ACTO PRIMEIRO

ande officina de carpinteiro, portas ao F.;  
pancos, madeiras, e instrumentos proprios do  
officio. A' E. e á D. portas. E' dia, ao levantar  
o paño, Estevão e Jorge conversão sem largar  
o trabalho. Ambos vestem blusa azul e bonet  
branco.

### SCENA I

#### JORGE E ESTEVÃO

ESTEVÃO.—E' preciso, Jorge, toda actividade,  
para se de concluirmos esta obra que temos em  
curso; amanhã o seu dono virá busca-la, e o  
carpinteiro que elle nos trouxe ha de servir para  
a compra de novos livros para o nosso Doutor:  
é preciso que elle não sinta a menor falta.  
Cumpremos de que a nossa promessa deve ser cum-  
prida, uma vez que nos unimos para dar um  
exemplo mais illustre a nosso irmão, torna-se  
necessario ter coragem, valor e resignação.

JORGE.—Para que me servem estes braços?  
Aventura já me intimidou alguma vez o trã-  
balho? Já me viste recuar ante a aspereza da  
tarefa?

EST.—Oh! isso nunca! mas...

JORGE, *atalhando*.—Mas o que receias? Que  
nos faltem recursos para darmos cumprimento

à nossa promessa? Porventura não é elle nosso idolo, a nossa honra? Se amanhã o destino permittir que o serrote descanse e o cepilho não trabalhe, não nos restão ainda forças bastante para nos dedicarmos a um trabalho, embora mais rude? Nada temas, Estevão; para dar-me execução a nosso plano, faremos os maiores sacrificios, mesmo o de abandonarmos a nossa officina, se tanto fôr mister; e, em taes casos eu iria servir como criado de qualquer poderoso pois deves conhecer que sou inabalavel nas minhas idéas, e que não trepido nem me assusto ao primeiro arremesso da sorte.

Est. — Assim é, mas noto que Alberto ha uns dias para cá vive tão tristonho e meditabundo quem sabe se alguma cousa lhe preoccupa o espirito?

JORGE. — Não é isso difficil de saber-se; logo que elle chegue diz-lhe que preciso fallar-lhe, que venha á officina.

Est. — Pois bem, preciso sair: vou ao cáé receber as madeiras e transporta-las para o deposito, e depois irei participar ao Sr. Jordão de Magalhães que Julião já aprromptou a sua obra. Até logo. (*Sahe*).

## SCENA II

JORGE só e pensativo deixando o banco

JORGE. — Jordão de Magalhães! E' este um nome que me causa repugnancia! A essa familia devemos a ruina da nossa, e a morte d

s país. Não vai longe o tempo em que as  
eguições politicas feitas pelos Magalhães  
stornarão de todo o nosso systema de vida.  
mas para que lembrar tão dorido transe?!  
elhor é lançar no olvido taes recordações!  
ro tom). E Alberto? Quem sabe se...  
não é possível (*Vai para junto do banco,*  
*ra no cepillo e começa a trabalhar*).

### SCENA III

#### O MESMO E JULIÃO

JULIÃO, *entrando, veste um avental azul, bonet  
na mão um serrote e martello que põe sobre  
co.*—Ora louvado seja Deus; até que afinal  
terminar com a encomenda do Sr.  
to, que já me estava parecendo com as  
de Santa Engracia. (*Senta-se*). Agora  
a descansar um pedacinho, que isto não  
matar, e o proverbio nos ensina: «que de  
se vai ao longe.» (*Accende um cigarro*).  
GE a Julião. — Não viste onde foi o nosso  
to?

. — Quem? O nosso Doutor?

GE. — Sim; Alberto.

. — Creio que foi á Academia. (*Outro tom*).

liz-me cá uma cousa, ó Jorge; tu não  
que o nosso Alberto anda assim com umas  
ras exquisitas? Não tens percebido que  
z anda com ares de Perú quando lhe par-  
na aza?

GE. — Não ha de ser nada; os estudos são  
a causa dessa tristeza, de que vocês

tanto fallão; é verdade que desde a semana passada elle se recolhe um pouco mais tarde, e por vezes não tem querido participar da nossa modesta ceia.

JUL., *interrompendo*. — Ora tinha que vêr, se um medico, um homem que sabe tanto, se visse obrigado a estar uma hora a nos aturar sem nos poder entender, nem tão pouco nós a elle! Como medico não póde saber a qualidade da aço dos serrotes, a especialidade dos pregos, a grossura das verrumas; e nós como carpinteiros não podemos entrar naquella barafunda que lhe chamão anatomia.

JORGE. — Enganas-te Julião; as tuas supposições não têm fundamento algum, porque Alberto não desconhece que, apezar de sermos um pobres artistas, recebemos alguma educação de nossos pais; se assim pensas, recahe sobre nosso Alberto suspeitas de orgulhoso, e o epitheto de um ingrato que se despreza em conviver comnosco.

JUL., *atalhando*. — Alto lá! Já está você exagerar as cousas! Eu não quiz dizer que nosso Alberto se despreza em conviver com seus irmãos, o que quiz dizer é que aquella cabeça é um armario de livraria, é um alforque de sabedoria, e que nós não podemos comprehender o seu phraseado.

JORGE. — Não é só em sciencias que se fundam as palestras familiares; trata-se tambem de outros assumptos, que muito agradão e que são de bastante utilidade.



irmãos! Já sei que os fiz esperar um pouco, não? Mas podem crer que não foi de meu agrado e demora; é que a aula de anatomia prolongou-se um pouco mais que o costume.

JORGE.—Está bem, vamos para dentro, porque o jantar não se faz esperar muito.

JUL.—E o meu estomago já está pedindo uma remessa de generos, e diz o proverbio que « o comer e o coçar a cousa está no principian ». Eu estou tão habituado a isto, que, passando cinco minutos, já estou com as tripas a roncar; e lembro-me de que o estomago vazio é o mesmo que um relógio sem corda, e diz o proverbio: « barriga vazia não tem alegria ».

JORGE, rindo.—Anda dahi Julião, e guarda os proverbios para a sobremesa. (*Volta-se para Alberto*). Então não vens?

ALB.—Vão indo que eu não me faço esperar preciso fazer um bilhete a um collega, e peço-lhe que me mandes cá um dos teus aprendizes de mano Julião.

JUL.—Qual delles, o mais lerdo ou o mais fino?

ALB.—Aquelle que o mano entender.

JORGE.—Anda, ó Julião. (*Sahe*).

JUL., *sahindo*.—Já te mando cá o rapazito, e creio que sem demora, porque diz o proverbio: « quem espera desespera ».

#### SCENA V

ALBERTO (só) indo sentar-se em um banco fletido e pensativo.

ALBERTO.—Pobres irmãos! Trabalhão para

-me uma posição elevada na sociedade, e no  
tanto que eu me vexo de os fazer trabalhar  
to, pobres artistas, que não cessão um mi-  
o o seu labor; é uma abnegação sem termo!  
l o sol desponta no horizonte, rasgando o véo  
phano das nuvens, já o ruído do serrote se  
ouvir, e o baque do martello annunciando o  
peço da lida. Oh! Por que não me fizeram ar-  
ta também? por que não me puzerão a seu  
o junto ao banco do trabalho? Se eu fôsse  
sta, não teria hoje horas de suprema;  
onias; e muito embora obscuro, a minha vida  
teria placida e isenta de commoções; o  
sta é independente por natureza; as suas  
oições fundão-se só em seus trabalhos, e em  
a familia; e quando a noite se avizinha e  
sa o labor e procura o descanso, então o  
leito transforma-se em um ninho de rosas,  
seu somno é placido e sereno como o somno  
infante! Mas o homem da sciencia estuda e  
nda sempre; mas embalde são os seus es-  
ços; ha mysterios insondaveis, arcanos im-  
scrutaveis, tropeços e vacillações! Oh! por  
e não me fizeram artista? Se eu fôsse um  
desto carpinteiro, por certo que não ergueria  
as vistas para a filha do abastado fidalgo  
dão de Magalhães; por certo que minha  
a não se deixaria enlevar por esse amor  
ephemero, por essa união tão impossivel  
realizar-se! E' preciso portanto afogar esse  
or que nasce, estrangular as fibras da flôr  
e desabrocha! Oh! E' impossivel, falta-me

o valor para tanto! Quem me ha de valer em  
tão dorido transe? (*Deixa-se cahir sobre  
banco*).

**SCENA VI**

JOSÉ e ALBERTO

JOSÉ, *entrando, veste-se pobremente, dirige-se  
a Alberto*. — Aqui estou ás suas ordens.

ALBERTO, *erguendo-se*. — Não preciso mais d  
teus serviços, resolvi o contrario, pódes ir.

JOSÉ, *inclinando-se*. — Com sua licença. (*Sahe*)

**SCENA VII**

ALBERTO (só)

ALBERTO *vai sentar-se de novo junto ao banco*.  
— Oh! que triste situação! Quem me ha de  
valer?

**SCENA VIII**

ALBERTO e JORGE

JORGE, *ao ouvir as ultimas palavras de Al-  
berto, entra e bate lhe no hombro*. — Eu!

ALBERTO, *volta-se rapidamente*. — Ah! És tu,  
Jorge!

JORGE. — Eu sim, que não descanso um só  
momento de velar por ti; eu, que sigo teus  
passos como a sombra segue o corpo que a pro-  
jecta; eu, que por ti não trepido um só mo-  
mento; eu, que para chamar o socego, a calma  
a teu espirito, sou capaz de transpôr todas as  
barreiras, e arcar com todas as difficuldades!

Ouve, Alberto; és moço e bom; a tua alma innocente e pura não conhece as paixões do mundo; ha neste cháos em que vivemos, dramas horriveis, que existem occultos; tragedias de sangue, que o mysterio do silencio guarda consigo; mas um dia torna-se mister devassar o véo que os encobre e arremessa-los á luz do dia! E' chegado pois esse momento. Alberto, ouve-me; é a primeira vez na vida que te fallo com toda a franqueza, torna-se preciso portanto que teu espirito esteja sereno e desprevinido. (*Outro tom*). Os nossos pais, Alberto, são poderosos e ricos; porém revezes da fortuna, pouco a pouco fôrão desbastando seus bens; a familia Magalhães, acerrima inimiga da nossa, não cessava de procurar meios para nos martyrisar, até que um dia fômos inesperadamente assaltados por um bando de assalariados, que arremessarão-se sobre nossa casa com o fim de nos assassinar a todos; tu eras muito pequeno ainda; nossa mãe afflicta por tão grande surpresa, fugia contigo nos braços, quando uma bala certa atravesou-lhe o craneo, e ella cahio sem vida, e tu, por um milagre da Providencia, escapaste! Oh! meu Deus! Foi uma luta de Titan; nosso velho pai, alquebrado pelo peso dos soffrimentos Moraes, mal podia levantar se; eu, Julião e Estevão formámos um circulo, em cujo centro resplandecia a sua cabeça coberta de cãs, como um raio do sol que penetra nos reconditos de uma caverna. A luta durou duas horas; uma bala perdida atravessou-me

o braço, e o sangue começou o correr em borbotões; não desanimei! Julião, o mais valente, dando um pulo, cahio como um tigre sobre a meia dúzia de inimigós, e es foi destroçando; dentro em pouco em nossa casa já havia silencio, e silencio duplo; silencio de morte! Sobre o chão, banhado em sangue, es'ava o cadaver de nossa mãe; e ao seu lado tu, brincando com os seus cabellos!...

ALB., *interrompendo*. -- Oh! minha pobre mãe! (*chorando*).

JORGE. — Foi uma scena terrivel! Nosso pai, pallido como uma estatua de alabastro, tentava erguer-se e clamava com voz tremula: vingança! No dia seguinte era nossa mãe sepultada no cemiterio do logar, e um mez depois nosso pai disse que desejava fallar-nos; então eu, Julião e Estevão dirigimo-nos a seu quarto; elle, prestes a expirar, pedio-nos que vingassemos a morte de nossa mãe; que velassemos por ti e tratassemos de dar-te uma posição regular no mundo. Dous dias depois mais uma cova se abria para receber o cadaver de nosso pai. Oh! que recordações terriveis, meu Deus! Eu, Julião e Estevão jurámos trabalhar para dar cumprimento á nossa promessa. Agora que ouviste a narração de nossa vida, Alberto, espero que não irás de encontro ao desejo de nosso infeliz pai!

ALB., *chorando*. — Pobre mãe e infeliz pai! E eu queria manchar as suas cinzas! Oh! meu Deus! meu Deus!

SCENA IX

OS MESMOS E JULIÃO.—(*Julião que tem estado a ouvir entra inesperadamente*).

JULIÃO.—Chega de lamurias. « Um homem é um homem e um gato é um bicho, » diz o proverbio ; o jantar ha muito que nos espera, e eu já estou para arrebantar de fome ; o machinismo cá por dentro quasi que não trabalha, porque falta lhe azeite nas molas. Anda dahi, Jorge ? E tu tambem, meu doutor.

ALB., *a Jorge*.—Que me cumpre fazer ?

JORGE.—Seguir os meus conselhos.

ALB.—Oh ! Mas receio succumbir, a luta é forte !!

JORGE.—Eu te ampararei.

JUL.—E eu ! Além de que lembra-te sempre do proverbio que diz : « com perseverança tudo se alcança. » Estás muito rapazola, meu doutor ; é preciso que te guie ; o mentor eu o serei, e não esqueças tambem do proverbio que diz : « Agua mole em pedra dura, tanto bate até que fura. »

SCENA X

OS MESMOS E ESTEVÃO

ESTEVÃO, *entrando*.—Olhem, Srs. massantes, que a sopa esfria.

JUL.—Toca a retirada ! O clarim nos chama para o campo da batalha e eu estou com muita fome ; além disso o proverbio nos declara : « que

sacco vasio não se põe em pé.» (*Faz menção de comer*).

(*Cahe o panno*).

---

## ACTO SEGUNDO

A mesma decoração do primeiro. Ao levantar o panno Julião e Jorge estão em scena, Jorge sentado em um banco e Julião em outro.

### SCENA I

#### JULIÃO E JORGE

JORGE.— Não sabes, Julião, que o Sr. Jordão de Magalhães pedio licença para vir até aqui, dizendo-me que tinha interesse em fallar comigo? estou adivinhando o motivo de sua vinda á nossa casa.

JUL.— Uma vez que elle disse que tinha interesse em fallar contigo, é porque o negocio traz vantagens para elle; ora, sendo assim, é justo que elle se dê ao incommodo de procurar-te; além de que diz o proverbio: «quem quer a bólotra trepa». — Sendo assim...

JORGE, *atalhando*. — Comprehendo perfeitamente o motivo que o conduz á nossa officina; e tu por certo já deves ter percebido que esta conferencia entre mim e o fidalgo são consequencias das illusões de nosso irmão Alberto;

ora, sendo assim, é preciso que tu não abandones o terreno e que estejas presente, porque eu não pretendo fallar com o fidalgo; desejo que elle fique sabendo que entre nós não existe segredos e que somos unidos.

JUL.—Uma vez que sou preciso, não me retiro; estou prompto para o que der e vier. Se fór mister que falle com o fidalgo, fallarei; e tu sabes que não tenho papas na lingua; eu cá sou como diz o proverbio: «pão, pão, queijo, queijo.»

JORGE.—Olha, Julião, o Sr. de Magalhães, que é bastante orgulhoso, por certo virá dizer-me que o nosso Alberto devia, antes de apaixonar-se por sua filha, conhecer a distancia que o separava della; e sem duvida ha de desenrolar a arvore genealogica de seus antepassados, os pergaminhos que constituem a gerarchia de seu nascimento, e terminará a entrevista por insultar-me. Tu que conheces a fundo o meu character, a minha energia, comprehendes que, se tal acontecesse, as consequencias poderião ser mui funestas; assim eu quizera que tu concebesses um meio que me evite de fallar com o fidalgo.

JUL., pensativo.—Ora espera. (*Bate na cabeça*). Ah! achei!... (*Pensando*). Não serve; vamos a outro. (*Fica outra vez pensativo*). Bello!—«Quem porfia mata a caça.» (*Com alegria*). Oh! que cabeça esta minha; vale por quatro! Ora escuta; arrangei um meio para sahires desta alhada; é bem certo o proverbio que diz: «mais vale quem

Deus ajuda, do que quem cedo madruga. » Mas... como ia dizendo : logo que percebas a entrada do Sr. Magalhães, occulta-te naquelle quarto, e eu fico aqui ; elle por certo perguntará por ti, e eu lhe direi que estás bastante incommodado, e que se deseja fallar-te, que o faça a mim, que é o mesmo ; pois que sou irmão mais velho, e que entre nós não ha reservas ; mas, se porventura elle insistir em fallar contigo ? Dir-lhe-hei que sei mais ou menos o motivo de sua vinda á nossa casa ; e, por meios indirectos, vou-lhe dando os dados ; e depois « —cartas na mesa e jogo franco. »

JORGE.—Pois bem, aceito o teu conselho, e approvo o teu plano.

JUL.—Assim deve ser, porque uma vez que unimo-nos, não podemos deixar de andar de accôrdo ; além de que eu sou mais velho, e deves por isso ouvir os meus conselhos, e accita-los com prazer, visto que nós nos estimamos tanto, e mesmo o proverbio nos diz : « quem ama a Beltrão, ama a seu cão. » E, uma vez que me estimas...

JORGE.—Está dito, farei o que me ordenas. (*Sahe*).

JUL.—Ora muito bem ! (*Accende um cigarro, ageita o lenço, torce o bigode e sacode o avental*). Eis-me aqui prompto para receber o fidalgo ; elle por certo não julga encontrar-me, muito menos deste modo ; estive quasi vestindo o fato de ir á missa, mas julguei ser asneira ; depois estou tão acostumado com o meu avental, que,

mirando-o do corpo, sinto um quer que é de máo estar; alguma alma maliciosa dirá que não sei andar com aquelles apetrechos... Pouco importa; digão o que quizerem, que eu cá sigo o proverbio que diz: « ande eu quente e ria-se a gente ».

## SCENA II

### JULIÃO E JORGE

JORGE, *entrando*.— Olha, Julião, o Sr. de Magalhães não póde demorar-se, vi-o agora atravessando a praça com direcção á nossa casa; creio que é chegado o momento da entrevista; confio em ti, e não te esqueças da promessa feita a nosso fallecido pai.

JUL., *energico*.— Eu esquecer-me? Nunca! Vai socegado, Jorge, e nada temas; só calma e vagar, mesmo porque « de vagar se vai ao longe ».

JORGE.— Pois bem. (*Entra para o quarto*).

JUL. *só, mirando o fundo com colera*. — Ordão de Magalhães, vinde, que Julião, o torreiro, te espera! Silencio! Ei-lo que chega. (*Finge que trabalha em um banco*).

## SCENA III

### JORDÃO E JULIÃO

Ordão de Magalhães veste rigorosamente sobre-casaca preta, chapéo alto, luvas, bengala; maneiras árrogantes e soberbas.

JORDÃO, *da porta*. — Creio que deve estar em casa o Sr. Jorge.

JULIÃO, *voltando-se*. — Sim, Sr. queira entrar.  
JORD., *tirando o chapéo*. — Com licença.

JUL., *indo a Jordão tira-lhe o chapéo, limpa com o avental um banco, que offerece ao fidalgo*. — Queira desculpar, a nossa mobilia desconhece tudo o que é elegancia, e por essa razão não e-tranhe, porque « quem dá o que tem, não está a mais obrigado », diz o proverbio.

JORD. — Se n incommodo. (*Outro tom*.) Caso fôsse possivel, desejava fallar ao Sr. Jorge.

JUL. — A meu irmão?

JORD. — Sim, senhor.

JUL. — Sinto devéras, mas não é possivel; o Jorge acha-se bastante incommodado, e pediu-me que o desculpasse junto de V. S. e lhe dissesse que, se tinha de tratar de algum negocio, podia o fazer commigo, porque vem a ser o mesmo.

JORD., *inquietao*. — Mas não me é possivel dizer-lhe o fim de minha presença aqui. Preciso fallar unicamente com o Sr. Jorge.

JUL. — Mas, lhe acabo de dizer que elle se acha doente. (*A' parte*). E eu a dar-lhe e a burra a fugir.

JORD. — Mas não será inconveniente levar-me até o logar onde elle se acha?

JUL., *enfezado*. — Já disse a V. S. que o Jorge não lhe póde fallar; por isso, se tem alguma cousa a dizer-lhe, queira fallar que eu sou todo ouvido. Entre nós não ha segredos,

já disse a V. S.; e nesta casa um representa a todos e vice-versa.

JORD.—Mas ha negocios que não se podem revelar a todos.

JUL.—Sei perfeitamente; porém quero crer que o fim de sua entrevista com meu irmão Jorge tem por base o procedimento de meu irmão Alberto, não é assim? Eu sei tudo.

JORD., *sorprendido*.—Pois que! o senhor sabe?

JUL., *rindo-se*.—Pois como não hei de saber. Pelos domingos tirão-se os dias santos, e eu não fiz ver a V. S. que não existem segredos entre nós?

JORD., *resoluto*.—Pois bem, Sr., uma vez que assim me falla, e que entre os Srs. não existem reservas, estou resolvido a dizer-lhe o que sinto com relação ao procedimento pouco regular de seu irmão Alberto.

JUL., *senta-se em um banco pouco distante*.—V. S. póde fallar, eu escuto.

JORD.—O Sr. por certo não ignora que tenho uma filha unica, que é o meu idolo, um anjo que adoro tanto como ao proprio Deus! Ella é moça e bella; por mais de uma vez tenho regeitado casamentos vantajosos de noivos fidalgos, possuidores de fortunas colossaes; e a razão de minha recusa é porque até hoje aiuda não encontrei um que a igualasse em nobreza de linhagem.

JUL., *frisando*.—E' difficil de encontrar, mesmo porque o rifão nos mostra que a honra e proveito não cabem em um sacco só.

JORD., *offendido*. — Não será tão difficil como pensa, porque nós os fidalgos. . . (*Outro tom.*) O Sr. não conhece por certo o valor dos nossos braços, porque. . . desculpe-me o ser franco, porque os nossos nascimentos não são iguaes. O Sr. é um carpiuteiro, e eu sou o que o Sr. sabe, já vê que entre nós existe uma differença extraordinaria!... Ora, sendo assim, deve convir que seu irmão, atrevendo-se a olhar para minha filha, insultou-me; e um insulto feito por um moço collocado na esphera em que se acha seu irmão, é digno de um castigo severo, não acha?

JUL., *atalhando e debicando*. — Estou procurando!... .

JORD. *encolerisado*. — O que, Sr.?!... .

JUL. *rindo-se*. — O castigo para meu irmão.

JORD. *ainda encolerisado*. — Eu creio que zomba de mim, senhor? E eu quando dirigi-me a esta casa, foi com o fim de evitar que seu irmão soffrêsse algum desgosto a qualquer hora, porque o seu atrevimento me dá o direito de o fazer enhotar por meus lacaios, caso fôsse junto de minha residencia.

JUL., *rindo-se*. — Meu caro fidalgo, deixe-lhe dizer uma cousa. Eu quando soube por meu irmão Jorge que iam ter a honra de receber hoje a sua visita, calculei logo que V. S. acostumado a insultar os seus famulos, viria aqui, julgando fazer o mesmo. (*Outro tom.*) Desculpe a aspereza de minha linguagem, porém ella torna-se precisa. V. S. por certo conhece o rifão que diz: « fui buscar lã e sahi tosquiado »

pois bem, quero previni-lo de uma cousa e peço a V.S. que me attenda, porque «quem lhe avisa seu amigo é» diz o proverbio. Se julga que me intimidão os seus brazões e o seu dinheiro, engana-se, porque eu não me assusto por qualquer cousa. Se porventura deseja acabar a sua entrevista em paz, peço-lhe que modere esse seu ar de soberania; senão...

JORD., *encolerisado avança com a bengala para Julião.*— Ameça-me, atrevido?

JUL., *agarrando ao braço de Jordão o faz recuar para traz.*— Alto, Sr. fidalgo! Não me obrigue a commetter uma acção pessima, e lembre-se do proverbio «em uma hora cahe a casa.»

JORD., *alterado.*— O culpado fui eu, em descer tanto de minha dignidade, para transpôr as soleiras da casa do carpiuteiro.

JUL., *com ironia.*— Não estranho isso: «Ha casos que podem mais que as leis,» diz o proverbio; quero crêr que não recebeu chamado algum nosso; e se julga que desceu em transpôr o limiar de nossa officina, engana-se; nunca o senhor subio tanto, porque nesta casa de mesquinha apparencia, onde vê, só entrão homens honrados e virtuosos; e se uma vez foi manchada, foi depois de sua entrada.

JORD., *irritado avança de novo para Julião.*  
— Miseravel!!!

JUL., *desviando-se.*— Veja o que faz, Sr. fidalgo; não queira sentir na face o peso da mão callosa do mestre de torneiros.

JORD., *olhando para Julião com ira.*—Eu te ensinarei, misero pobretão! (*Sahe.*)

#### SCENA IV

#### JULIÃO E JORGE

JORGE.—Ouvi tudo Julião; e receio bastante que Jordão de Magalhães procure todos os meios para massacrar-nos.

JUL., *com energia.*—Nada temas, Jorge, porque «quem bôa cama fizer, nella se deitará,» diz o proverbio. Quem nos diz que é chegado o momento de cumprirmos a nossa promessa?! E olha o proverbio que diz «Deus escreve direito por linhas tortas,» e eu creio bem.

JORGE.—Mas, Julião, é preciso muita cautela; uma traição qualquer...

JUL.—Já te disse que nada temas. Eu sou, como sabes, dotado de uma tempera difficil de dobrar, e não recuo diante de pequenos obstaculos; sou como o outro que diz: «antes quebrar que torcer.»

JORGE.—Pois bem, estarei de sobre aviso, e só a morte me fará recuar; eis-me prompto a teu lado, e ao de Estevão, para socorrermos o nosso Alberto. Apertemos mais o laço que nos une. (*Aperta a mão de Julião.*)

JUL., *apertando com força a mão de Jorge.*  
—Sim! O laço que nos une, e sigamos o rifão:  
«da união nasce a força.»

SCENA V

ESTEVIÃO e JULIÃO

ESTEVIÃO., *entrando.* — « O querer é poder. . Desculpe, mano Julião, o tirar-lhe o direito como proverbista.

JULIÃO. — Estás desculpado. O nosso Alberto já chegou da Academia ?

EST. — Já, está em seu quarto estudando um tratado da tal anatomia.

JUL. — Não percebes certo ar de tristeza no nosso doutor ?

EST. — O seu rosto denuncia um quer que é de desgosto.

JUL. — Bem, Estevão, sentido, olho vivo ! — « Mais vale um tolo no seu, que um avisado no alheio » diz o rifão. Até logo, deixem-me dar uma vista de olhos por ahí. (*Sahe*).

JORGE. — Eu vou contigo. (*Sahe*).

SCENA VI

ESTEVIÃO (só)

ESTEVIÃO. — Não me foi possível fallar com Alberto, não quiz interromper os seus estudos, quero crer que ha alguma novidade. . . . mas, se assim fôr, elle me dirá. (*Outro tom*). Deixe-me ir ao deposito escolher taboas para acabar uma obra; é preciso trabalhar e trabalhar muito. (*Sahe*).

SCENA VII

ALBERTO E DEPOIS GRACINDA

ALBERTO, *entra triste e pensativo.* — Oh ! Que

fatalidade, meu Deus!! Que sorte cruel!! Oh! porque me deixei arrebatado pelos seus encantos, porque segui louco de amor seus olhares, porque beijei o caminho que seus pés pizavão, porque meu Deus?!... (*Resoluto, outro tom*). Oh! Mas é preciso terminar com essa luta ingente, é preciso calar no peito esta agonia atroz, este duplo martyrio!! (*Outro tom*). Estou prompto para o sacrificio, para tudo serei capaz, morrerei lutando, mas levarei commigo o consolo de que não manchei as cinzas de meus pais (*Outro tom*). Gracinda de Magalhães, morreste, porque em meu peito afoguei o amor que só tu soubeste inspirar-me. (*Vai a sahir e encontra-se com Gracinda, que vem pallida e cadaverica; ao vê-la solta um grito e recua; esta porém avança para Alberto, atira-se nos seus braços*).

### SCENA VIII

#### ALBERTO E GRACINDA

ALBERTO, *assustado*.—Ah! Tu aqui?! E' um sonho!

GRACINDA.—Não, é a realidade. Fugiste-me, e eu vim buscar-te; que ingrato que és!!... oh! como tão mal pagas os meus affectos! Eu, que por ti não trepido um só instante; eu, que, esquecendo-me de todos os deveres sociaes, exponho-me a todo o momento á colera de meu pai, unicamente para consagrar a ti todas as esperanças de minha alma de moça; a recompensa que tive de tanta caricia e abnegação foi

o teu desprezo!! Oh! como eu sou louca e tu és um ingrato! (*Cahe sobre um banco e esconde o rosto entre as mãos*).

ALB., *exaltado*. — Oh! cala-te por piedade!! Não me faças morrer!!!...

GRAC., *sentimental*. — E julgas que eu poderia sobreviver sem ti?! Oh! Alberto, nem tu sabes o quanto esta alma sofre! Amar-te, confiar em ti e vêr que se despedaça as minhas esperanças!! É's cruel, Alberto; mata-me se assim o queres, mas não me desprezes, por Deus, não me desprezes!! (*Cahe*).

ALB., *levantando-a com cuidado*. — Gracinda, perdoa-me; mas, eu não te desprezo; motivos poderosos impedem a nossa união; ha entre nossas familias uma magua horrivel, de que só ha pouco fui sabedor. Tu não és culpada, é verdade, mas teu pai...

GRAC., *atalhando*. — Meu pai?!!

ALB. — Sim, a teu pai, Gracinda, devemos a nossa ruina!!!

GRAC., *interrompendo*. — A tua ruina, a ruina de tua familia? Oh! Falla! Explica-te; eu quero saber este mysterio!

ALB. — Para que revelar te um quadro tão hediondo?!

GRAC., *interrompendo*. — Falla, Alberto, por Deus eu te supplico?!!

ALB., *confuso*. — Ouve-me, em poucas palavras vais saber a razão do odio de nossas familias. Teu pai, Gracinda, é complice no assassinato de minha pobre mãe!!!

GRAC., *alterada*— Meu pai!!! Que ouço, meu Deus?!!

ALB.—A verdade, Gracinda, teu pai foi quem moveu o braço do assassino de minha mãe. Oh! é horrível!!!

GRAC., *prostrada e visivelmente pallida*.—Que ouço, meu Deus!! Oh! Que fatalidade! (*Solta um grito e cahe sem sentidos sobre um banco; Alberto ampara-a.*)

### SCENA IX

JORGE, ESTEVÃO, JULIÃO e depois  
MAGALHÃES

JORGE.—O que foi?!

ESTEVÃO—O que foi?!

JUL., *encarando o quadro formado por Alberto e Gracinda, guarda distancia.*

ALB.—Nada, meus irmãos! Gracinda, a filha do fidalgo Jordão de Magalhães horrorisa-se dos crimes de seu pai!

TODOS.—Ella, a filha do fidalgo?!

JUL.—Em nossa casa!!

EST.—O que veio fazer?!

JORGE.—Como pôde aqui vir?!

ALB.—Eu explico; tendo estranhado a minha ausencia, resolveu vir procurar-me. Coitada, é um anjo e uma martyr do amor!

JUL., *enternecido*—Pobre criança!!!

EST.—Infeliz creatura!!

SCENA X

JORDÃO DE MAGALHÃES, JORGE,  
JULIÃO, GRACINDA E ALBERTO

Jordão de Magalhães entra apressado, cabellos em desalinho, os olhos cheios de dôr e colera de um momento terrível, entra e observa o quadro; vendo Graciinda corre para ella.

JORDÃO.—Minha filha aqui?! Ah! infames! ivinho!

JULIÃO.—Engana-se, Sr. fidalgo, nada V. S. ivinhou.

JORD., *encolerisado*.—Cale-se, Sr., não me rigue a commetter um crime!!!

JUL., *com serenidade*.—Se tal fizesse, eu não tranharia; não seria o primeiro; julgo-o a paz de tal, e acredito porque «cesteiro que faz um cesto, faz um cento,» diz o rifão.

JORD., *encolerisado*.—Caro custará a tua sadia, eu te prometto!!!

JORGE *a Julião á parte*.—Julião, é preciso terminar com isto, o que nos cumpre fazer?!

JUL. *á parte*.—Fazer voltar para casa a filha orgulhoso fidalgo Jordão de Magalhães.

GRACINDA, *abrindo os olhos*.—Que vejo! meu pai?!!

JORD.—Sim, sou eu que te pergunto que te fazer aqui?!

GRAC., *muito abatida*.—Oh! por piedade, não interrogue, meu pai!!

JORD.—Oh! mas si eu preciso saber o que passou!!

ALBERTO.— Eu lhe explico: esta pobre criança teve a loucura de apaixonar-se por mim, a ponto de vir procurar-me nesta casa; porém, pôde leva-la consigo, a sua honra está intacta.

GRAC., *delirante*.— Sahir desta casa e deixar-te. . . Isso nunca!!!

JORD., *confuso*.— Deliras, minha filha?!

GRAC., *commovida e bastante pallida*.— Não meu pai.

JORD.— Filha, saiamos desta casa quanto antes; a nossa honra e a nossa nobreza assim o exigem, esquece, filha, este amor; não vês a incompatibilidade que existe? A distancia que te separa? E' tempo ainda de salvar-te.

JUL., *com ironia*.— Na verdade, é grande a distancia.

JORD., *trazendo Gracinda*.— Vamos, filha?

GRAC. *ergue-se lentamente, ao chegar á porta solta um grito agudo, todos correm para ella. Jorge ampara-a em seus braços, momentos depois de signaes visiveis de agonia, encara a todos procurando vêr Alberto. — Alberto, a teus!!! Adeus para sempre!!! (Desfallece).*

JORD., *no auge do desespero*.— Minha filha morta! Oh! meu Deus!!!

ALB., *examinando-a*.— Morta! Ella?!!!. . . Que fatalidade!!!

JUL., *abatido*.— Pobre creatura!!! (*Limpa com o avental uma lagrima*).

JORGE., *commovido*.— Que desgraça!!!

JORD., *com desespero*.— Minha filha!! Oh! meu Deus!!

ALB., *limpando uma lagrima.* — Que tormentos horriveis !!!

### SCENA XI.

ACINDA está encostada sobre um banco amparada por JORDÃO, ALBERTO conserva-se a pequena distancia, JORGE, ESTEVÃO e JULIÃO formão um quadro a um lado ; o silencio deve reinar por alguns minutos, os actores deverão esforçar-se para tornar de mais effeito esta scena.

ORD., *abatido.* — Sr. Julião, rogo-lhe mandar chamar os meus criados.

ALB., *indo á porta como quem chama alguém.* — Já cumprida a sua vontade.

JUL., *subindo á scena.* — Eis o castigo de vós !!!

ORD., *abatido.* — Filha de minh'alma !!!

JUL., *procurando consolar Jordão.* — Resigne-se.

Sr. a vontade de Deus é soberana !!!

ALB., *indo á porta.* — Sr. Jordão de Mathães, os seus criados (*Os criados chegam á porta*).

### SCENA XII

#### OS MESMOS E OS CRIADOS

JORDÃO aos criados. — Trazei um carro para levar minha filha. (*Os criados sahem, e a filha fica em silencio, momentos depois entra o primeiro criado*).

1.<sup>o</sup> CRIADO. — O carro já está na porta.

JORD., aos criados. — Ajudem-me a conduzir minha filha. (*Os criados sobem á scena e ajudam por Jordão conduzem Gracinda; Alberto segue com a vista o grupo até desapparecer*).

### SCENA XIII

ALBERTO, JORGE, JULIÃO e ESTEVÃO

ALBERTO. — Gracinda, adeus!! adeus para sempre!!

JORGE., olhando para o céo. — Como Deus é justo!!!

JUL. — E como é infinita a sua misericórdia!!!

EST., como lembrando-se de qualquer cousa. — E a nossa promessa, Julião?

JUL. — A nossa promessa, dizes tu?! Que maior castigo queres do que este que acabas de presenciar?

EST. — Tens razão!!!

JORGE. — Não podia ser maior; e mesmo não competia a nós, os filhos do trabalho, tirarmos a desforra

JUL., com eloquência. — Olhai; meus irmãos. Deus, que tudo vê e observa, fez cair sobre o fidalgo Jordão de Magalhães o prumo de sua justiça. (*Outro tom*). Oh! minha mãe; estás vingada!! E agora triumphes ainda uma vez a maxima: «quem com ferro fere, com ferro será ferido.»

FIM

19455

1889

Bibliotheca das Folhinhas de Laemmert

# A troca das cartas

COMEDIA EM 1 ACTO

(imitada do francez)

POR

*Brandão Pinheiro*

Natural do Rio de Janeiro



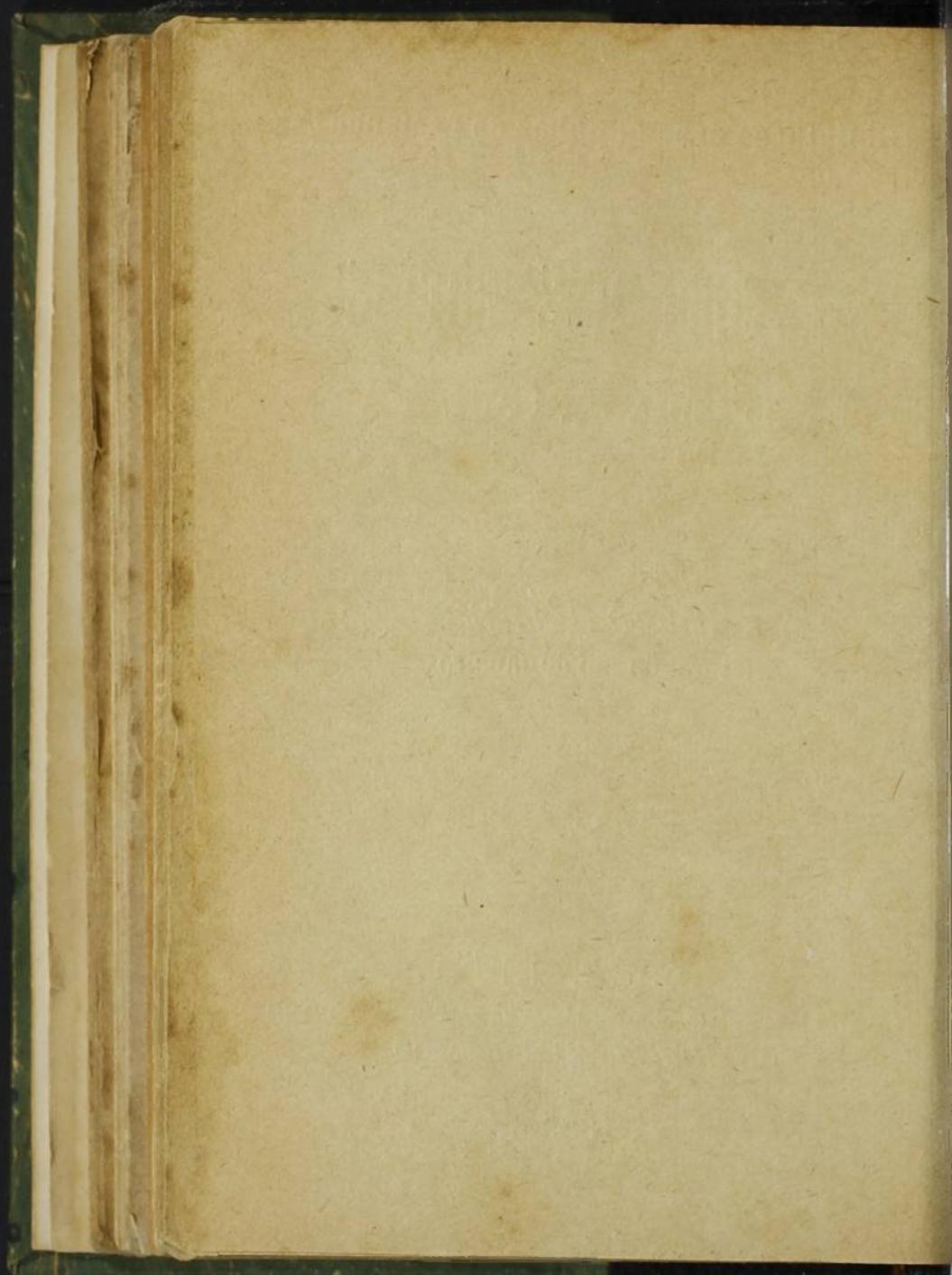
RIO DE JANEIRO

LAEMMERT & C.—Editores-Proprietarios

66 *Rua do Ouvidor* 66

—  
1889

*Handwritten signature*



# PERSONAGENS

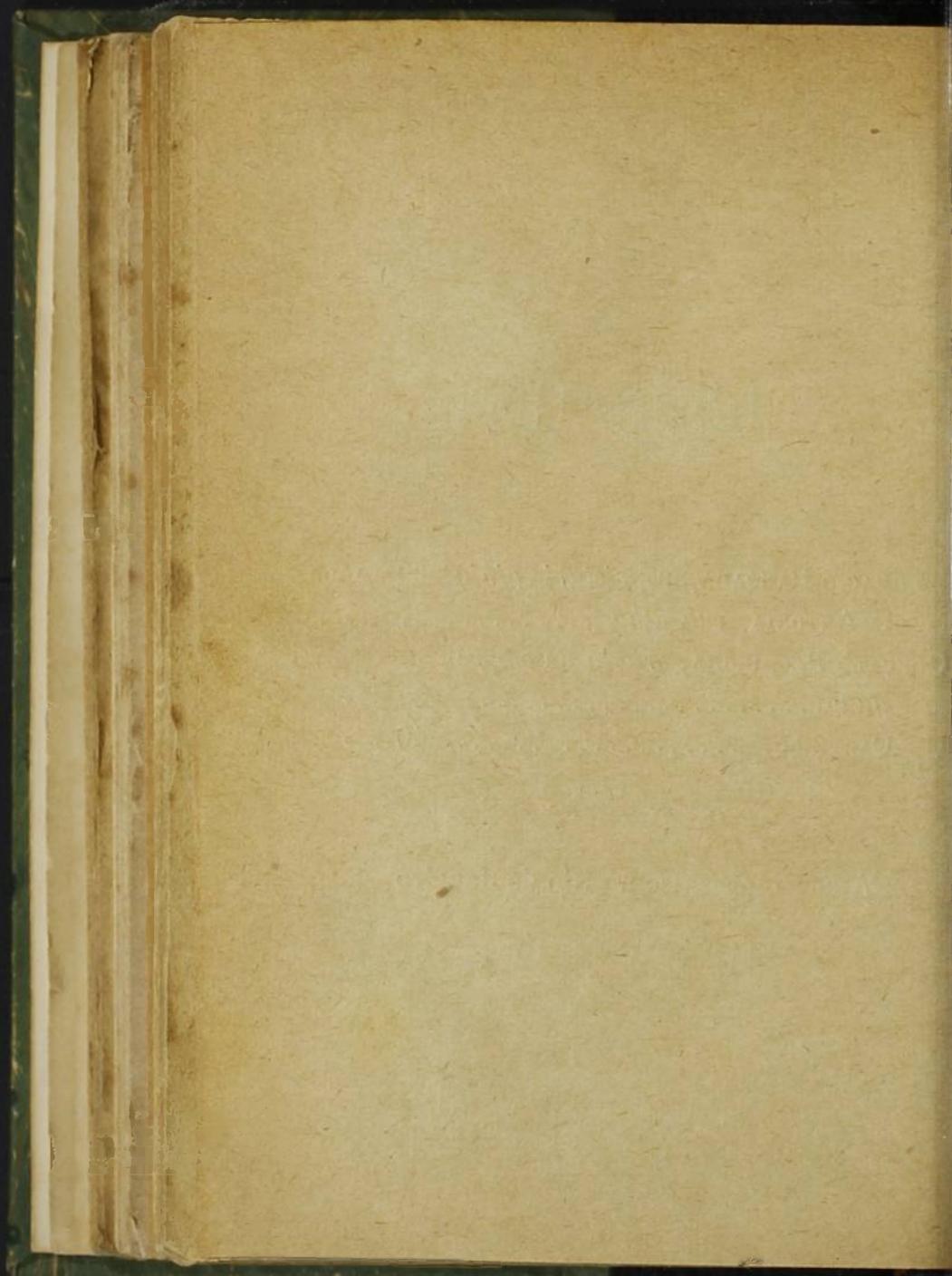
---

BONIFACIO PANCADA, <i>proprietario ginja.</i>	60	anos
MARIA ANTONIA, <i>sua filha</i> .....	27	»
GONÇALO PECHINCHA, <i>criado desempregado</i> .....	25	»
UM CARTEIRO.....	40	»

---

A acção passa-se no Rio de Janeiro.

EPOCA — ACTUALIDADE.



## ACTO UNICO

---

O theatro representa uma sala mobiliada simplesmente; á direita uma porta larga de entrada; á esquerda duas janellas que dão para fóra. No fundo duas portas que dão para o interior. E' dia.

### Scena I

BONIFACIO (*só*).— O diabo me leve se eu sei onde achar novo criado dotado ao mesmo tempo de espirito, de probidade e de pouco appetite, quero dizer possuindo as tres virtudes theologaes de um bom servidor! .. E' que quanto mais caminhamos mais o mundo vai de mal a peor!... Os bons criados fazem-se raros, ainda que sejam negros. Ah! no meu tempo!... Onde diabo podem ter-se mettido os criados? talvez em alguma terra onde não hajão amos! E' extraordinario! Chega a ponto que tenho muitas vezes pensado eu uma cousa! Era tornar-me criado de mim mesmo! Mas... tenho reflectido... Eu sou de uma avareza crassa! (fallemos com franqueza, ao menos uma vez), de modo que se eu me torno criado de mim mesmo, nunca consentiria em pagar-me os ordenados que merecesse pelos meus bons serviços! E como a primeira condição que

estabeleço quando tomo um criado, é a de não dar-lhe que comer, morria eu incontestavelmente de fome!... Nada, nada, morrer de barriga vasia por fôrma nenhuma, não é o filho de meu pai que não torna a fazer outro typo igual ao meu, porque eu sou um typo! (fallemos com franqueza). Nada, renunciemos a esta louca idéa!... Criado de mim mesmo! Nunca!... Procuremos antes um rapaz que seja menos exigente do que eu. (*Chegando á porta e olhando para fóra.*) Quem é aquelle sujeito que vem alli ao fundo da praça correndo, e encaminha-se para a minha porta?!... Ah! quem sabe se é um criado que procura arrumação?!...

## Scena II

BONIFACIO E GONÇALO (*que entra correndo pela direita, tropeça e cahe junto de Bonifacio.*)

GONÇALO.— Ah! ah! ah!...

BONIFACIO. (*levantando-o*).— Porque vens correndo assim, meu rapaz?

GONÇ. (*de pé com ar meio apalermado e meio gaiato*).— Mas eu agora já não corro?!

BONIF. (*d' parte*).— E' exacto!... Este rapaz parece-me cheio de intelligencia! (*Alto*). Não façais caso, tomei um tempo por outro. Mas atraz de quem corrias?

GONÇ. (*indeciso*).— Vinha correndo atraz do papagaio do conego. Não entrou aqui?!... Pareceu-me.

BONIF.— E' original!... E como foi que o papagaio fugio?

GONÇ.— Porque eu soltei-lhe a corrente.

BONIF.— E por que o fizeste?

GONÇ.— E' porque a gaiola cheirava mal, e eu

temi que isto incommodasse a pobre avesinha, coitada!... Tão espertinha!...

BONIF.—Ainda mais original!... Pelo que vejo parece-me que sois criado de alguma casa onde ha passatros?

GONÇ.—Era, sim, senhor; mas agora depois desta desgraça, posso considerar-me como despedido, e para lá não volto! E... se acaso... tendes precisão de quem vos sirva...

BONIF.—Porém em primeiro lugar é preciso que eu saiba donde é que vem.

GONÇ.—Saio de uma casa.

BONIF.—Não pôde haver duvida, a menos que não andasseis sempre ao ar livre... Mas de que casa?

GONÇ.—Da casa de um conego.

BONIF.—E que emprego tinhas ali?

GONÇ.—Era copeiro.

BONIF.—Deves então entender de cozinha muito bem?!

GONÇ.—Entendo alguma cousa.

BONIF.—Parece-me que me serves. E o que me tomarás por estar em minha casa?

GONÇ.—O que vos tomarei por estar ao vosso serviço?

BONIF.—Sim.

GONÇ.—Oh! quanto a isso pôde estar tranquillo. Hei de tomar-lhe tudo o que puder.

BONIF.—Não me comprehendestes bem. O que eu te pergunto é em que pé pensas entrar em minha casa?

GONÇ.—Em que pé? com os meus dous pés, não ha duvida.

BONIF.—Bom, vejo que nos entendemos perfeitamente.

GONÇ.—Tambem assim o julgo.

BONIF. (*olhando-o attentamente*).—Oh! oh!

GONÇ. (*o mesmo*).—Oh! oh!

BONIF.—Agrada-me a tua physionomia; a côr dos teus cabellos é de meu gosto, o teu nariz sobretudo seduz-me! Agora, vejamos se o teu car to corresponde á tua plumagem.

GONÇ. (*cantando*):

Um soldado que vinha da guerra  
Caminhando para sua terra!...

BONIF. (*interrompendo-o*).—Que fazes?

GONÇ.—O que vêdes. Pois não fallastes no meu canto? canto.

BONIF. (*á parte*).—Ainda mais original! (*alto*) Não é isto o que queria dizer. Fallava figuradamente. Vou te dirigir algumas perguntas sobre cousas grandes, para vêr até que ponto és intelligente.

GONÇ. (*tregeitando*).—Oh! se não é senão isto fallai e eu vos responderei cathegoricamente.

BONIF.—Acredito. Vejo que fallas bem, parece-me mesmo que és muito tagarella. Explica-me pois... Ah! sim, mas esquecia-me, em primeiro logar como te chamas?

GONÇ. (*approximando-se*).—Gonçalo Pechincha, para vos servir.

BONIF. (*á parte*).—E' muito insinuante!... (*alto*) Muito bem, meu caro Gonçalo Pechincha, explica-me pois por que é que os peixes vão ao fundo do mar e nunca se afogão?

GONÇ.—E quem é que ves affirma que elles não se afogão?

BONIF.—E' porque vê-se que voltão á superficie.

GONÇ.—Deverás?... Como estais enganado!... os que vêm a superficie são outros que estavam no fundo.

BONIF. (*depois de pensar*).—Safa!... Póde muito bem ser que assim seja.

GONÇ.— Ainda quer fazer perguntas ?

BONIF.— Com certeza. Sabes tu porque motivo a lua deita-se quando o sol se levanta ?

GONÇ.— Senhor não é a lua que se deita quando o sol se levanta, mas sim o sol que se levanta quando a lua se deita !

BONIF. (*pasmado*).— Oh!... que espirito que tem este rapaz ! E eu que nunca pensei nisso. Serás tu por acaso astrônomo ?

GONÇ.— Sim, senhor, entendo de astromania.

BONIF.— Bem me pareceu!... (*bate-lhe no hombro*). Ora pois, visto que és assim talentoso, has de me dizer por que razão tendo eu de altura cinco pés e quatro pollegadas tenho apenas duas mãos?!...

GONÇ.— Em peor situação está o burro que tem quatro pés e nada de mãos.

BONIF.— Tens resposta para tudo!... (*Approximando-se da bocca da scena*). Decididamente creio que encontrei um rapaz cheio de bom senso, que ha de ser com certeza um servidor fiel, e do qual talvez eu possa um dia fazer meu genro, se elle tiver algumas economias, já se vê! (*Alto*) Pois, Gonçalo, tenho um negocio urgente a tratar, e volto breve. Demora-te ahí. (*Sahe pelo fundo*).

GONÇ.— Prompto, meu amo, sem maior aquella, aqui o espero.

### Scena III

GONÇALO E MARIA ANTONIA (*entrando pelo fundo*).

GONÇALO. (*comprimentando-a*).— Minha senhora!...

MARIA.— Gentes!... quem é este sujeito ?

GONÇ.— Criado da senhora,

MARIA.— Meu criado ? !

GONÇ.— Quero dizer criado do senhor...

MARIA.— Ah ! compreendo. Esperais aqui por meu pai para virdes servir em casa ?

GONÇ.— Exactamente.

MARIA.— Muito bem. Podeis estar á vontade. *(Chega a janella).*

GONÇ. *(sentando-se).*— Com licença, vim correndo e tenho as pernas doloridas.

MARIA. *(voltando-se).*— Descansaí. *(Sahe da janella).* Até logo! *(Vai-se pelo fundo).*

#### Scena IV

#### BONIFACIO E GONÇALO

BONIFACIO.— Estou de volta, e agora podemos conversar. Antes, porém, de tomar-vos para o meu serviço, quero dirigir-vos algumas perguntas sobre casos serios para julgar da vossa intelligencia. Vejamos.

GONÇ.— Não tenho feito senão isso.

BONIF.— Tu és solteiro ?

GONÇ.— Assim consta da lista do inspector do meu quartirão antigo, salvo erro !

BONIF.— Tens repugnancia pelo casamento ?

GONÇ.— Nunca o experimentei, e por isso não sei se me agradará.

BONIF.— Com certeza te ha de agradar, por que o casamento, como diz não sei que escriptor, é como uma fortaleza sitiada, porque os que estão dentro querem sahir, e os que estão fóra querem entrar.

GONÇ.— E' muito natural. Nem sempre é bom estar ao ar livre em frente da artilharia.

BONIF.—Não fallemos em guerra, o assumpto é muito serio.

GONÇ.—Fallemos então de philosophia, anatomia, litteratura, pyrotechnia... (Interrompendo-se) oh! mas que é o que vejo?! (*Apona o bolso do casacão de Bonifacio*).

BONIF. (*acompanhando o gesto com o olhar*).—E' uma garrafita de paraty que trago commigo para refrescar a guella de vez em quando, por causa da febre amarella!

GONÇ.—E' uma bôa idéa! Quera partilha-la! (*Abanando-se com o chapéo que tem sempre na mão*). Mas com effeito! Está muito calor!

BONIF.—Não ha duvida. O dia hoje está de abafar.

GONÇ.—E eu com muita sêde!

BONIF.—E eu tambem.

GONÇ.—Pois olhe, meu amo... é verdade, e ainda não sei o nome e titulos do patrão!

BONIF. (*empavesando-se*). — Bonifacio Pancaça, proprietario.

GONÇ. (*comprimentando-o*). — Senhor meu amo...

BONIF.—Como vês! (*Pega na garrafa e olha-a*).

GONÇ.—Tomava de bom grado um trago da dita! Tenho uma sêde!

BONIF.—Pois bebe, rapaz, toma lá um trago! (*deita em um copo que tira do outro bolso do conteudo da garrafa*), ora muito bem, que te preste! Agora continuemos a conversar.

GONÇ. (*limpando os beiços com as costas da mão*).—E' de primeira qualidade! desta não se encontra nas tabernas!... conversemos, senhor meu amo.

BONIF. (*depois de beber*).—E' de Paraty... Gonçalo, tu me pareces um rapaz de bom genio.

BONIF.—Sim, quando não me sobe a mortarda ao nariz !

BONIF.—Não me comprehendeste. Quero dizer que tu me pareces não teres vícios?...

GONÇ.—Não, senhor, tenho apenas alguns callos que me fazem soffrer bastante.

BONIF.—Quero dizer que sabes te conduzir?...

GONÇ.—Sim, Senhor, já fui cocheiro de praça.

BONIF.—Não me percebes; admira, mudemos de conversa. (*A' parte*) Parece-me que tem o talento um tanto arrolhado!... (*Alto*) Tens servido muito, Gonçalo?

GONÇ.—Sim, senhor, o que não me impede de achar-me completamente novo, apesar do uso

BONIF.—A quem tens servido?

GONÇ.—A' patria, primeiramente.

BONIF.—Como?... Fôstes soldado, meu bravo?!

GONÇ.—Recruta, sim, senhor, tres mezes e cheguei nesse tempo a ser anspeçada.

BONIF.—Por acaso tivestes a desgraça de ser ferido em combate!

GONÇ.—Oh! sim, fiquei ferido,

BONIF.—E de que modo?

GONÇ.—Da conducta do meu coronel.

BONIF.—E onde meu rapaz?!...

GONÇ.—No coração, meu amor!

BONIF.—No coração?!

GONÇ.—Eu vos conto.

BONIF.—Ora desembucha! Estou curioso de saber como fôstes ferido no coração pela conducta do teu coronel.

GONÇ.—Aconteceu que uma tarde... não, era uma manhã e cedo, tinha-se ouvido o toque d'alvorada. Pouco depois tocou a reunir, formámos

em parada e plan, plan, rataplan, plan, dobrado, marcha!... O coronel fez-nos atravessar toda uma planície em todos os sentidos.

BONIF.— Ficastes então endefluxado ?

GONÇ.— Ora essa ?! Endefluxado, eu ? um recruta ? Por fórma nenhuma. A manobra do coronel foi de modo que dando-se ao longe o combate, nas marchas e contra-marchas que fizemos não topámos nem sombra de inimigo. Nessa tarde, depois de recolhermos, eu disse em voz alta no quartel que o coronel do regimento tinha feito um brilhante feito d'armas e decidido da victoria naquelle dia.

BONIF.— Pois atreveste-te a satyrisar o teu coronel ?

GONÇ.— Subira-me a mostarda ao nariz. De fórma, que o coronel mandou-me metter no calabouço sob pretexto de falta de subordinação.

BONIF.— Coitado de ti, ficastes debaixo do regimen do conde de Lippe ?! E quanto tempo estivestes preso ?

GONÇ.— Tres annos. Passei por um conselho de guerra.

BONIF.— Em que sitio elevava-se a tua prisão ?

GONÇ.— Oh ! não se elevava, antes afundava-se.

BONIF.— Queria perguntar-te em que logar ?

GONÇ.— Era no mar.

BONIF.— Que mar ?

GONÇ.— Em um golpho formado pelo oceano Atlantico.

BONIF.— Já ouvi fallar nesse oceano.

GONÇ.— Pois é assim, estive como preso todo esse tempo.

BONIF.— E' um emprego bem tolo, estar preso, faço idéa.

GONÇ.— Não ha nenhum emprego tolo, senhor meu amo.

BONIF.— Tambem tens razão. E a quem servistes depois da patria?

GONÇ.— A' uma conterranea.

BONIF.— Heim!... Não te entendo.

GONÇ.— Quero dizer que estive apaixonado por uma mulatinha de Macacú que me fez comer brazas.

BONIF.— Então foi-te infiel?

GONÇ.— E perfida! E eu que tanto a amei!... afinal desgostei-me das mulheres. Compreendi que a peor desgraça deste mundo é querer bem.

BONIF.— Então deves ter feito economias.

GONÇ.— Oh! sim, economias, pois não, não economisastes?!... economisei penas...

BONIF.— Acredito, mas quanto a dinheiro?

GONÇ.— Oh! que vontade de tê-lo.

BONIF.— Então não tens peças?

GONÇ.— Tenho, olá, pois não tenho!... A minha canastra tem varias peças de roupa.

BONIF.— Quem te falla em roupa, meu trouxa? Pergunto-te se tens dinheiro amoadado?

GONÇ.— Ficaria muito contente se o tivesse.

BONIF.— Então com que nada tens posto de lado.

GONÇ.— As loucuras da mocidade. Que quereis, senhor, vai-se envelhecendo com cêdo neste valle de lagrimas.

BONIF.— A quem dizes tu? ! Todavia ainda não respondeste cabalmente á minha pergunta?

GONÇ. (*tregeitando*).— Oh! oh!...

**Scena V**

MARIA ANTONIA (*entrando pelo fundo*)  
BONIFACIO E GONÇALO.

MARI.— Papai, reclamão lá dentro a vossa presença. A cozinheira diz que...

BONIFACO.— (*interrompendo-a*).— Ha de ser por causa do carneiro. Estas cozinheiras...

GONÇALO.— Nem sempre provão bem. Em casa do conego...

BONIF.— Não fallemos na vida alheia. Espera-me um pouco mais, que vou dar umas ordens e não tardo. (*Sahe pelo fundo*).

**Scena VI**

MARIA ANTONIA E GONÇALO

MARIA.— Então ficais sempre aqui?

GONÇALO.— Não está ainda isso inteiramente decidido.

MARIA (*á parte*) — Que feio bicho !... (*Alto*) Pois se vierdes aqui servir contai com a minha protecção e benevolencia.

GONÇ. (*á parte*).— E' bôa !. . Como ella diz aquillo ?! Ah ! que serigaita tão espevitada ! (*Alto*) Muito obrigado, minha senhora e dona.

MARIA.— Vou dar ordens á casa (*Sahe pelo fundo*).

**Scena VII**

BONIFACIO (*entrando pelo fundo*) e GONÇALO

BONIFACIO.— Aqui estou, meu rapaz e continuando a nossa interessante conversação pergunto-te se não esperas nada no futuro.. Sempre é bom saber a gente a historia daquelle com quem vive.

GONÇ.— Visto queresdes saber então mais por miudo o meu futuro, digo-vos que espero cem mil réis de renda depois da morte de minha tia Veronica.

BONIF.— Cem mil réis?! Já é uma quantia! sabes?

GONÇ.— De certo que sei.

BONIF.— Sim, é uma boa renda!

GONÇ.— Não ha duvida.

BONIF.— (*enternecido*). Gonçalo!...

GONÇ.— Meu amo?

BONIF.— Já não te quero para criado. Tu és um rapaz esperto, servistes o rei, sympathiso muito contigo. A tua futura renda alterou as minhas idéas. Vou propôr-te uma cousa.

GONÇ.— Vejamos, meu amo, a tal cousa.

BONIF.— Aceitarás tú?

GONÇ.— Se não recusar, é claro que acceito.

BONIF.— Tenho uma filha.

GONÇ.— Devéras? ) Já a vi inda agora.

BONIF.— Oh! já a vistes?! Sim, com effeito, agora me recordo...

GONÇ.— Mas é vossa filha só...

BONIF.— Tive-a da defunta minha mulher.

GONÇ.— Então era de vossa mulher e não vossa ?

BONIF.— Fazes-te de simples, a rapariga é de nós ambos. Dizia-te, pois, que tenho uma filha. E' moça, bella, virtuosa, casta, de um genio muito folgazão.

GONÇ.— Então é uma folgazona ?

BONIF.— Procuo desde algum tempo um partido para arranjar a rapariga. Encontro-te por acaso, e faço-te esta proposta : Queres ser meu genro, Gonçalo ?

GONÇ.— Não digo que não.

BONIF.— Mas tambem não dizes que sim ? !

GONÇ.— E' preciso primeiro conhecer bem' a moça não gosto do desconhecido.

BONIF.— Vou apresentar-te.

GONÇ.— Mas de graça, já se vê !

BONIF. E' bôa !... Então julgas que has de pagar a apresentação.

GONÇ.— E que dote... tencionas dar-lhe ?

BONIF.— Um dote igual á somma que deves vir a herdar da tua tia Veronica.

GONÇ.— Sois um bom homem ! (*Aperta-lhe a mão com ar enternecido*). Está dito, tratado e convencionado. Aceito.

BONIF.— Posso então chamar a rapariga ?

GONÇ.— Chamai.

BONIF. (*vai ao fundo e chama*).— Maria Antonia... Maria Antonia...

GONÇ.— Dissestes, porém, que ella é bonita ?

BONIF.— Como uma imagem. E' o meu retrato cuspid e escarrado. Não a achastes assim tal e qual ?

GONÇ.— Hum !... assim, assim. Não espanta ninguem pela belleza. Parece-se comvosco, não ha duvida !

BONIF.— Mas bem vêdes que ella é mulher,

e por isso o meu retrato assim está embellezado na sua pessoa!

GONÇ.— Sim !... Sim !...

BONIF. (*chamando ainda*).— Maria Antonia !... olá, Maria Antonia !... E' preciso esguellar-me quando preciso desta serigaita ! .. Maria Antonia !...

### Scena VIII

#### OS MESMOSE MARIA ANTONIA

MARIA (*Chega devagarinho e approximando-se bem da orelha de Bonifacio, grita*).— Aqui estou !

BONIF. (*estremecendo*).— Maldita gasguita ! Quasi que me fazes morrer de medo !

MARIA.— Ora ; tambem meu pal grita como um gato por uma sardinha por dá cá aquella palha.

BONIF.— E por que não appareces quando te chamo ?

MARIA.— Porque eu se fósse todas as vezes que me chamão, iia muitas vezes e teria com certeza ido muito longe. O que desejais meu pai ? (*requebrando-se*)

BONIF.— Olha.

MARIA.— Quem ?

BONIF.— Este guapo rapaz !

MARIA.— Este figurão ?

BONIF.— Como o achas ?

MARIA.— Oh ! que feio bicho !

BONIF.— E' o teu futuro marido.

MARIA.— Como ! meu futuro marido ? !

BONIF.— Sim, acabo de comprometter-me.

MARIA.— Pois podeis retractar-vos.

BONIF.— Hein ? !

MARIA.— Pois eu hei de casar com este mel-quetrefe ? Nunca !

GONÇ.— Eu sou magro, minha senhora, porém com boa vontade consegue-se tudo.

MARIA.— Com esta figura ireis parar á cadeia !

BONIF. (*a Gonçalo*).— Como a achas agora ?

GONÇ.— Adorável !

BONIF.— Perfeitamente ! chifres de veado ! ha de ser tua mulher. Deixo-te com ella ! Faz-lhe a côrte.

GONÇ.— Mas... então, quando a deixar está corteziã ?

BONIF. (*aparte*).— O tratante não me comprehende !

## Scena IX

### OS MESMOS. MENOS BONIFACIO

MARIA.— Oh ! que desgraçada que sou !... E como é que minha mãe que tinha o direito de escolher um pai para seus filhos, pôde escolher-me este pai.

GONÇ.— Desatinais, D. Maria Antonia, em fallar assim do autor de vossos dias. Então é querer a vossa desgraça escolherem um moço bonito para vosso marido ?

MARIA.— Comol eu vosso marido ? perdão enganei-me, vós, minha mulher ? !

GONÇ.— Não estais em vós, senhora, trocáis os nossos papeis.

MARIA.— Sim, a confusão, a raiva... Mas creio que me comprehendestes perfeitamente.

GONÇ.— E... se tadavia, eu, ante o vosso olhar meigó e brilhante, com a mão direita sobre o coração, e a esquerda no cós das calças, fizesse-vos uma confissão de amor ? !

MARIA *rindo*.—Oh!... Oh!... E' muito engracado!

GONÇ. (*Tomando a posição que diz*).—Vêde!... Aqui estou na posição, a mão direita sobre o coração, a esquerda no cós dos calças, encaro-vos atrevidamente e digo-vos: Amo-vos com paixão com furia, minha querida Maria Antonia!... Então? (*Approximando-se*) que respondeis?!

MARIA.—Que sois um toleirão.

GONÇ.—Ora vamos, fallemos serio! Que decidis.

MARIA.—Quereis que seja franca?

GONÇ.—Não quero outra cousa!

MARIA.—Pois bem: desde que vos vi, aborreci-vos completamente.

GONÇ. (*recuando*).—Oh! céos! será possível, assim, logo á primeira vista?!

MARIA.—Excusai as declamações, e dexai-me desfiar o meu rosario conta por conta. Em primeiro logar eu não vos amo, senhor, visto que vos aborreço; em segundo logar amo apaixonadamente outro homem e muito diverso da vossa pessoa!

GONÇ.—Oh! e como se chama esse meu feliz rival?

MARIA.—Athanazio Moreira.

GONÇ.—Conheço! é um pelintra a quem já dei um par de bofetadas que elle nunca me restituo.

MARIA (*esbofeteando Gonçalo*).—Pois eu restituo-vo-las por elle!... Passai-lhe agora o recibo!

GONÇ. (*confunde-se*).—Oh! senhora! Senhora! se não fôsseis uma mulher.

MARIA.—Ah! se eu fôsse um homem onde estarias!!

GONÇ.—Isso é um modo de dizer as cousas.

MARIA.—Oh! fallai francamente como eu faço. Dizia eu pois antes de castigar a vossa má lingua que amo com paixão Athanazio Moreira. Começamos a amarmo-nos pela primavera.

GONÇ.—Quando cantão as cigarras! E de que anno foi essa primavera?

MARIA.—Foi a sete annos! Já vêdes que é antigo o nosso amor, e ao menos por generosidade renunciái a minha mão!

GONÇ.—Quem falla em tal?! ..Então depois das pancadinhas de amor que me destes!... Agora ano-vos ainda mais.

MARIA.—Acabemos com isto, senhor. Estais inteirado dos meus sentimentos para convosco. Se persistis em casar commigo haveis de arrepender-vos!... Ser-vos-hei infiel, ao menos não vos illudo. Assim, resolvi. (Sahe.)

### Scena X

GONÇALO (só).—Quem poderia acreditar que esta rapariga é a propria filha do Sr. Bonifacio Pancada, um tão respeitavel cidadão!... A's vezes a arvore boa dá um máfructo! Ei-lo que volta a fallar-me! Apresentemos-lhe os meus respeito-sos cumprimentos.

### Scena XI

#### GONÇALO E BONIFACIO

BONIFACIO.— Muito bem, Gonçalo!.. Então!..

GONÇALO.— Perfeitamente, senhor.

BONIF.— Que dizes da minha progenitura?

GONÇ.— A fallar francamente, acho-a muito sacudida!

BONIF.— Como sacudida?

GONÇ.— Pois então?!

BONIF.— Mas gostas ou não gostas da pequena?

GONÇ.— Lá gostar, gosto, não ha duvida, a Sra. Maria Antonia é um peixão.

BONIF.— Nesse caso...

GONÇ.— Mas... conhecedis um certo Athanasio Moreira?

BONIF.— Ora, pois não hei de conhecer?

GONÇ.— Pois parece-me que chegou na maré do carvoeiro; pelo menos tomou-me a dianteira.

BONIF.— Oh! já sei, do que queres fallar é um pintalegrete que desde muito tempo gasta as solas rondando-me a porta?... Mandei-o passeiar.

GONÇ.— Mas creio que elle não foi. E a vossa moçoila gosta delle a valer.

BONIF.— Não importa. Tu és o homem que eu sonhei para genro, e é preciso que cases com a rapariga.

GONÇ.— E eu estou muito disposto a isso.

BONIF.— Jura-me pois de a desposares, e eu por mim juro pela minha honra de proprietario de não da-la dar senão a ti no mundo, directa ou indirectamente.

GONÇ.— E eu juro pela minha honra de antigo anspeçada que não casarei senão com a Sr. D. Maria Antonia Pancada!... Mil raios me partão se o não cumprir!

BONIF.— Fazes-me tremer com o teu juramento... Pois vou já deste passo fazer vir á minha presença Maria Antonia e determinar-lhe que cumpra as minhas ordens.

GONÇ.— E eu torno ajurar-vos que não casarei

com pessoa alguma, seja de que sexo fôr, a não ser com a vossa filha.

BONIF.— Basta a palavra!

GONÇ.— Ides então decidir o negocio de uma vez?

BONIF.— Sem duvida. E' cousa positiva. Mas quem bate?... Póde entrar,

CARTEIRO (*entrando da direita*).

BONIF. (*dirigindo-se a Gonçalo*).— Então, Gonçalo, em que pensas?... Tens uma carta na mão...

GONÇ.— E' verdade. E tambem acabais de lér a que récebestes ha pouco?

BONIF.— São boas as noticias que recebestes?

GONÇ.— Annuncião-vos algum feliz acontecimento?

BONIF.— Sim; estou muito satisfeito.

GONÇ.— Estimo muito. E o que vos communição?

BONIF.— Dizem-me que em Petropolis a colheita dos morangos será bella porque lá tem chovido muito. Parece que a terra estava com sêde?!...

GONÇ.— Pois a mim dizem-me de Macacú que a colheita das batatas doces e das goiabas promette ser excellente, porque tem feito por lá muito calor. Parece que a terra tinha necessidade de sol?!...

BONIF.— Gonçalo?

GONÇ.— Senhor?

BONIF.— Pódes tu explicar-me este phenomeno? Como é que Petropolis que fica tão longe de Macacú com a chuva tem produzido morangos, e Macacú com o sol tem prodnzido batatas doces e goiabas?

GONÇ.— E' porque os morangos gostão de chuva e as batatas doces e goiabas gostão de sol.

BONIF.— E' claro! E eu que não atinava!

GONÇ.—Mas fellemos de outra cousa.

BONIF.—Então de que queres fallar.

GONÇ.—De cousas que nos interesse a ambos.

BONIF.—Pois fallemos de ti. Tens muita confiança na herança de tua tia Veronica?

GONÇ.—E a que proposito vem isso agora?

BONIF.—Vem a proposito de ti mesmo. Tens toda a certeza da herança de tua tia?

GONÇ.—E vós tendes toda a certeza na castidade da vossa Maria Antonia?

BONIF. (*empinando-se*).—Pois porias tu em duvida a honra de minha filha?!

GONÇ.—Faço mais do que duvidar.

BONIF. (*o mesmo*).—O que quer dizer isto?

GONÇ.—Quer dizer que sois um raposa velho, mas para cá vindes de carrinho.

BONIF.—Vejamos o que traz o correio!

## Scena XII

### OS MESMOS E O CARTEIRO

CARTEIRO.—E' aqui que mora o Sr. Bonifacio Pancada, proprietario.

BONIFACIO.—Aqui mesmo; sou eu.

CART.—Mas a carta diz—Bonifacio Pancada, proprietario, rua do Sabão, 3º andar.

BONIF.—Não ha duvida, eu occupo o predio que me pertence. Mas, se põe duvida, eu subo ao 3º andar.

CART.—Oh! não é preciso. Está se vendo pela figura que sois o proprio.

BONIF.—Dai cá.

CART. (*entregando uma carta das que tem na mão*).—Aqui está.

BONIF.— Está entregue, (A' Gonçalo). Vou lá dentro e já volto. ((*Sahe*).

GONÇ.— Ora por quem é !... (Acompanha-o ao fundo).

## Scena XII

### GONÇALO E O CARTEIRO

CART.— Podereis informar-me se conheceis um Sr. Gonçalo Pechincha !... Tenho tambem uma carta para elle.

GONÇALO.— Sou eu.

CART. (*à parte*).— Ha nomes que se parecem com o dono. (*Alto*). Pois aqui tendes.

GONÇ.— Fica entregue. Obrigado.

CART.— Não tem de que. (*Sahe*).

## Scena XIII

### GONÇALO (*Só*)

Ora pois, visto que estou só passemos a lêr e vejamos quem me escreve, pois, palavra de antigo recruta, não conheço a letra. (*Abre a carta sem olhar o sobrescripto.*) Illm. Sr. (*lendo*) Tenho a honra de vos comunicar que a saúde de Benjamin, vosso terceiro neto, acha se de todo restabelecida; e presentemente passa como um cabritinho novo... (*Interrompendo a leitura*) E' singular ! Eu não tenho consciencia de ser pai de quem quer que seja, como diabo é que já tenho um neto, e pelo numero é o terceiro ?! Não importa, continuemos a lêr, póde ser que encontre a chave deste mysterio !... (*lendo*). Não será

finalmente tempo de dardes o vosso consentimento a um casamento consummado contra a vontade, de facto, ha já sete annos devo confessar-vol-o, embora com risco de ficardes calvo com a noticia fazendo cahir os vossos cabellos brancos! (*Interrompendo*) Bom!!... Agora tenho tambem cabellos brancos?!... E' boa... Que os tenho castanhos não ha duvida, pois ao menos assim estava registrado no livro respectivo, quando fui soldado, mas cabellos brancos?!... Não, com certeza isto é mais um engano além dos outros. Vejamos o resto. (*Lendo*) Não é uma coisa inconveniente saberdes que, sendo a vossa filha mãe já de ter tres rapazinhos vá casar com esse toleirão de Gonçalo Pechincha... (*interrompendo*). Ah! que é isto?! Mãe de tres filhos?!... Chamarem-me de toleirão?!... Esta?... (*Lendo*). Espero a vossa resposta, dando-vos parte que acabo de receber uma herança de cinquenta contos, que me ha de permittir de vivermos honradamente vossa filha Maria Antonia e eu. Respondei pelo correio. Vosso venerador e criado Athanasio Moreira. (*Interrompendo*) Quem tal diria?... Como se descobre ás vezes um mysterio!... (*Examinando o subrescripto da carta*). Illm. Sr. Bonifacio Pancada, proprietario, rua do Sabão, 3º andar. E' isto, agora comprehendendo tudo! Esta carta é do patrão!... O carteiro enganou-se ao entregar. Querem vêr que foi a minha que elle entregou ao amo?! E' boa!... Mas a tal menina... Quem tal diria! Uma donzella mãe de tres rapazinhos?! Oh! Sr. Bonifacio Pancada, em que caminho me conduziás sorrateiramente?! Mas... sinto passos... E' o patrão. Vejamos o que elle diz.

**Scena XIV**

BONIFACIO (*entra pelo fundo lendo a carta*).

—Ilm. Sr.—Tenho honra de vos participar a perda dolorosa de vossa tia a Sra. D. Veronica da Purificação, fallecida hontem, aos setenta annos de idade... (*Interrompendo*). E' singular!... Nunca tive tia alguma deste nome morta assim na flôr da idade madura, mas paixão- e cousas tão extravagantes neste mundo!... Continuemos (*Lendo*) Annuncio-vos tambem que é preciso não contardes com a herança de vossa tia Veronica da Purificação, porque ella entendeu melhor fazer seu legatario ao moço escrevente de um salchicheiro do becco do Escorrega que era visita de sua casa. Tende paciencia, não é bom contar com sapatos de defunto, e ainda por cima se quizerdes pagar as dividas da casa fariéis um acto de fina delicadeza. Em fim isso é lá com vosco. Sem mais, pelo momento, tenho a honra de assignar-me vosso servidor muito affectuoso—Stanislao Beldroega da Silva, tabellião. (*Cessando de lêr*) Acabou-se!... E' singular, mas mesmo muito singular esta epistola!... Nunca tive parente algum de quem devosse herdar, e até hoje só herdei da minha defunta Bernardina de Souza a minha Maria Antonia... Mas... quem sabe se é engano do carteiro e esta carta é para outro individuo; eu tomei-a, abri-a e lia-sem reparar o endereço. (*Reparando a sobre-carta*) Ilm. Sr. Gonçalo Pechincha, Rio de Janeiro... Ah!!! é para Gonçalo! E eu que nem atinava?! Assim, o tratante não tem mais herança? Mas este rapaz agora já não me serve para genro, e quanto a criado, estamos familiarisados demais!... Nada,

ponho-o fóra sem mais cerimonia ! Meu genro um saltabadis que não tem eira nem beira ? ! Passa fóra ! Nada, não me serve mais nem para cria-lo. Mas ei-lo que se approxima ! Disfarçemos (*Guarda a carta no bolso*).

E eu... desgraçado, sei tudo !... Estás arruinado !...

GONÇALO.—Como ? !... arruinado, eu ? que dizeis ?

BONIF.—Acabo de o saber agora mesmo. E por isso quanto a casamento...

GONÇ.—Tambem tive novas bem frescas da vossa filha ! sei até que já tem tido tres meninos, o mais joven dos quaes, o Benjamim, vai passando muito melhor...

BONIF.—Quem é que vai melhor ?

GONÇ.—O joven Benjamim.

BONIF.—Mas quem o informou assim tão por miudo destas particularidades ? !

GONÇ.—Esta carta. (*Mostra-a*). Recebi-a por engano do carteiro. Li-a sem vêr o sobrescripto, e agora sei tudo... Pensais que eu seja algum pedaço d'asno ?

BONIF.—O mesmo deu-se commigo ! (*Mostra a carta*). Esta carta explicou-me a vossa situação. Agora, desfaçamos o engano. Eis aqui a vossa. (*Dá-lhe a carta*).

GONÇ. (*dá-lhe tambem a outra carta*).—Eis aqui a vossa. (*Ambos lêem rapidamente as cartas*).

BONIF.—Acabastes de lêr ?

GONÇ.—Sim. E vós ?

BONIF.—Eu tambem.

GONÇ.—Compreheideis agora que está tudo acabado entre nós.

BONIF.—Perfeitamente. O dito por não dito,

GONÇ.—Assim o julgo.

BONIF.—E como não é possível tomar-te como criado...

GONÇ.—Despedis-me ?

BONIF.—Com muito pezar. (*Entra Maria Antonia do fundo*).

### Scena XV

#### OS MESMOS E MARIA ANTONIA

MARIA ANTONIA.—Então, meu pai, já sabeis que nunca casarei com este senhor, já lh'o disse, e a vós o repito agora positivamente.

BONIF.—Está tudo acabado. Não se falla mais em tal.

GONÇ.—Minha senhora, tenho a honra de comprimenta-la, desejando-lhe outros pimpolhos, além dos que já tem!...

MAR. ANT. (*arrufada*).—Atrevido! Não posso supportar sua presença. (*Sahe*).

### Scena XVI

#### BONIFACIO E GONÇALO

BONIFACIO.—Com que então, meu caro Gonçalo, estimo que sejas muito feliz em outra parte.

GONÇ.—E não me dais nada em despedida ?

BONIF.—Poderia dar-te una lagrima de pezar.

GONÇ.—Eu preferiria outra cousa qualquer.

BONIF.—Tens trocos miudos, Gonçalo ?

GONÇ.—Nem graúdos, senhor.

BONIF.—Pois então ficamos despedidos.

GONÇ.—Então assim nos separamos, meu velho sôrna?

BONIF.—Ah! á vista desta tua observação, quero sempre dar-te alguma cousa.

GONÇ.—Nesse caso...

BONI. (*passando rapidamente por de traz de Gonçalo.*)—Pois então pega lá, leva para a viagem! (Dá-lhe um ponta-pé atraz).

GONÇ. (*virando-se subitamente.*)— Não vá sem resposta, patrão, as hóas contas fazem os bons amigos! (Dá-lhe um pontapé no mesmo sitio).

(Cabe o panno)

F I M

29472

Bibliotheca das Folhinhas de Laemmert

A

VERDADE DURANTE UM DIA

COMEDIA EM 3 ACTOS

POR

FRANCISCO JOSÉ ALVES TORRES

Autor da comedia Efeitos da Loteria

EXTRAHIDA DE UM ROMANCE

DE

Louis Bailleul

com o mesmo titulo

-1889-

*Andre Soares*

RIO DE JANEIRO

Publicado e á venda em casa de

**LAEMMERT & C.**, Livreiros-Editores

66, RUA DO OUVIDOR, 66

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT

PHYSICS 311

LECTURE NOTES

BY

JOHN H. COOPER

## PERSONAGENS

---

Jorge Muniz.

Carlos David.

João Moniz..... Tio de Jorge Moniz.

Branco ..... Negociante.

Marquez de Vilbram.

Dr. Lindoia.

D. Helena.

Joanna..... Mulher de João e tia de Jorge

Luiza..... Pretendida de Jorge.

Rosalia..... Camareira de Helena.

Raphael..... Mendigo.

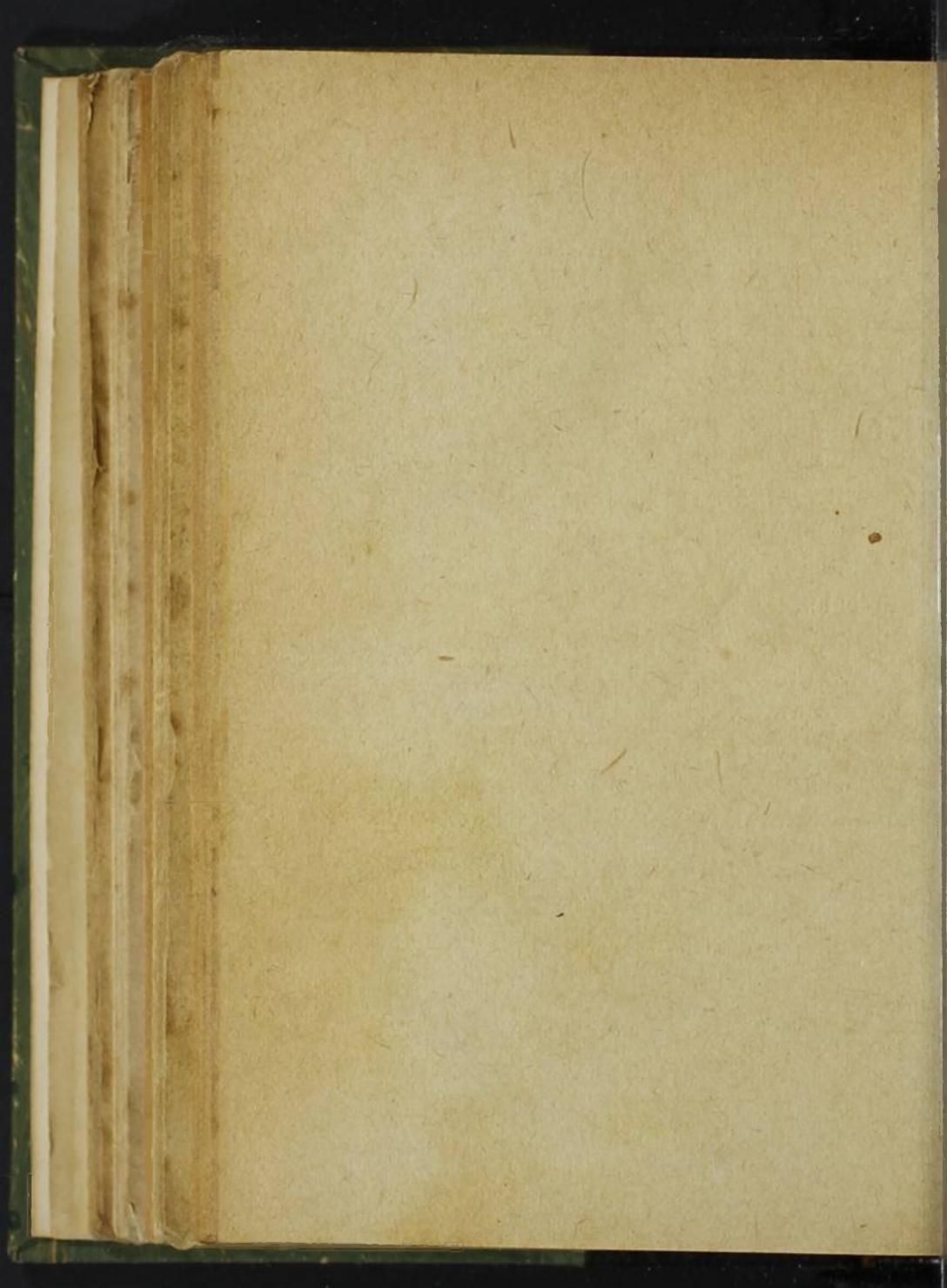
Manoel portuguez. Caixeiro de recados de Branco.

Severo..... Criado do hotel.

Anna, Symphronio, um alfaiate e Simão,  
compradores. Agentes de policia.

Época — Actualidade.

---



## ACTO I

Uma casa de negocio, balcão na frente, prateleiras com fazendas, uma pilha de fazendas de um lado, uma porta ao fundo que vai para o escriptorio, duas lateraes do lado de fóra do balcão por onde chegão as pessoas que ali têm negocio. Bancos e assentos do lado de fóra do balcão e algumas amostras de fazendas. Ao levantar o panno está dentro do negocio Jorge e chegando de fóra Carlos David.

### SCENA I

#### Carlos e Jorge.

JORGE.—Oh! como vais Carlos, foste hontem á igreja?

CARLOS.—Fui, mas não me demorei muito.

JORG.—Apreciaste o sermão do Reverendo?

CARL.—Ouvi, mas não apreciei porque não lhe prestei bastante attenção, ouvi que elle fallava em biblia e em mentirosos.

JORG.—Pois é por essa razão que pergunto, por que elle sahio-se lá com um versiculo da biblia que diz assim: « O mentiroso será condemnado a arder por toda a eternidade em um lago de fogo e enxofre!

CARL.—Mas que tem isso, qual a conclusão?

JORG.—A conclusão é que elle com o seu versiculo nada reservou no seu sermão, nem ricos, nem pobres, nem idade, nem sexo, que não fôssem mentirosos: que mentião a si proprios, mentião a seus amigos, mentião ao mundo inteiro; mentião

nas alcovas e nos salões; e finalmente que mentião a Deus no seu sanctuario.

CARL.—Então para elle suppõe a verdade não existir mais neste mundo?

JORG.—Certamente. Ainda continuou elle, « que o commercio, os negocios erão baseados na mentira, e da mentira fazião profissão: as proprias crianças, antes mesmo de saberein fallar, mentião por gestos.»

CARL.—Eu estava tão entretido no corredor a conversar com um amigo que pouca attenção prestei-lhe, mas não deixei de notar o auditorio bastante constricto.

JORG.—Foi por causa do final; nessa occasião elle supplicou o auditorio derramando lagrimas e pedindo que reformassem seus costumes e tomassem a resolução de nunca dizerem senão a verdade, ainda que fôsse durante uma semana, ou mesmo durante um dia. Que massada! Grande novidade! eu não tinha necessidade de ouvir aquelle sermão para saber que digo sempre a verdade.

CARL.—E tu crês isso?

JORG.—Certamente,.. terás a pretensão de duvidar?

CARL.—Deus me livre! Ora ahí está! (*rindo*) Bem vêes que não digo exactamente o que penso!... porque o que penso não é agradável de dizer!...

JORG.—Penso que não queres pôr em duvida a minha veracidade!... eu não soffreria de ninguem!...

CARL.—(*Interrompendo-o*) Mas...

JORG.—Ou porque isso poderia ser perigoso.

CARL.—Ora essa! que queres tu dizer? ha nas tuas palavras alguma cousa que me offende! e farias mal, meu caro Jorge! Eu queria dizer unicamente que, se dizes sempre a verdade, és

um milagre de virtude ou um monstro de iniquidade.

JORG.—Eu nunca menti na minha vida!... pelo menos não me lembro de ter o feito desde que me entendo! Mentir! é a couza mais baixa, mais vil, mais... mais...

CARL.—A mentira é tudo isso, concordo; mas é um mal necessario.

JORG.—O que é necessario pelo contrario é a verdade! não ha nada mais bello, mais nobre! mais elevado, mais...

CARL.—Sou inteiramente do teu parecer. Mas a verdade por mais bella e amavel que seja, se reinasse como soberana, um dia sómente, tornar-se-hia o mundo em uma confusão tal como nunca se vio!

JORG.—Meu amigo Carlos! faz-me pena.

CARL.—E' possivel! Mas a verdade absoluta viraria o mundo ás avessas. A destruição de Jerusalém, o saque de Roma, o reinado do Terror, são brincos de criança em comparação das calamidades que causaria a verdade absoluta durante apenas vinte e quatro horas. Seria a desordem, a confusão universal. Recahir-se-hia no chaos.

JORG.—Carlos! Nunca acreditei que o mundo seja tão máu!... Não! Nunca!

CARL.—Entretanto a Biblia affirma-o e accrescenta que *logo que a luz brilhar no mundo estará proximo o dia do julgamento, porque a terra não poderá ser mais habitavel.*

JORG.—E' o mesmo, Carlos, sustentas uma theoria que eu não posso aceitar

CARL.—Pois bem! porque experimentas por ti mesmo sem sahir do circulo dos teus negocios? Compromette-te a não dizer senão a verdade,

durante uma semana, ou mesmo durante um dia; e verás o que te acontece!

JORG.—E que queres tu que me aconteça?

CARL.—Posso predizer-t'ò sem que para isso seja necessario ser propheta; se tu Jorge Monis, sobrinho e herdeiro de João Monis, capitalista... e noivo de Luiza, a mais linda rapariga da rua das Flores, e empregado neste estabelecimento dos Srs. Branco, Preto & C., te atreves a dizer a verdade durante um só dia, serás despedido por teus patrões, expulso por tua noiva e desherdado por teu tio. E se quizer prolongar a experiencia serás considerado como louco, muito perigoso para ser deixado em liberdade e hão de metter-te no hospicio.

JORG.—Acreditas então, Carlos, que eu não devo a affeição de meu tio, as boas graças de Luiza, e a confiança com que me honrão os patrões, se não a mentira?... E pretendes dizer que todas estas vantagens que acabo de ennumerar, eu as perderia se fôsse sincero durante um dia?

CARL.—Justamente, é esse com certeza o meu pensamento.

JORG.—Bons desejos tenho eu de dar-te uma lição.

CARL.—E por que não dá? Mas para que a experiencia seja mais interessante, comprometto-me, ap zar de não ser rico, se me dás a tua palavra de honra de dizer a verdade, só a pura verdade, durante uma semana, ou mesmo um dia sómente, sem perder as vantagens de que ha pouco te fallava... ou então se no fim da semana não te tiverem mettido em um hospital de doudos, a pagar-te, logo que tenha expirado o prazo convencional, quinhentas libras, como indemnização de todos os prejuizos que tenhas soffrido.

JORG.—Não preciso de tuas quinhentas libras...

CARL.—Mas se eu ganhar dar-me-has fazendas de valor equivalente ?

JORG.—Tambem não se trata agora de fazendas.

CARL.—Já que recusas receber ou dar, vou fazer outra proposta. Em troca de tua palavra prometto-te nunca olhar para tua formosa Luiza, ainda que nisso consista a minha maior ventura.

JORG. (*Dando a mão a Carlos.*)—Desta vez aceito.

CARL.—Bem, está decidido o negocio ?

JORG.—Sim, mas entende-se que jurando dizer eu a verdade durante um dia ou uma semana, não me comprometto a ir dizer a cada um, os seus defeitos e ridiculos ?

CARL.—Não, certamente. Tens só que responder com sinceridade a todas as perguntas e a todas as observações que te fôrem feitas por quem quer que seja que te derigir a palavra.

JORG.—Bom, mas tu não irás prevenir as pessoas do nosso conhecimento, nem influi-las a dirigir-me perguntas, as quaes a força da verdade me obrigue a dar desagradaveis respostas.

CARL.—Não, por minha honra. Procederei com a maior lealdade, e não fallaremos sobre isto com pessoa alguma sem que esteja finda a semana fixada para a experiencia. Da tua parte nunca poderás escusar-te de responder, pretestando o compromisso, em que estás de fallar a verdade.

JORG.—Oh! sem duvida!

CARL.—Então estamos de accôrdo em todos os pontos ?

JORG.—Perfeitamente. Quando começamos ?

CARL.—Desde já e então comece a empregar o maior cuidado em não dizer senão a verdade e sexta-feira seguinte 13 eu te prometto que estarás no hospicio. Adeus. (*Sahindo.*)

JORG. (*Rindo-se.*)—Veremos. Adeus, até logo.

SCENA II

Jorge, João Morris e Joanna Morris.

JORG. (*Vai dobrar uma peça de fazenda quando entrão seus tios.*)—Oh! bom da, meu tio... bom dia, minha tia... Como passárão de hontem?

JOÃO.—Bons dias, Jorge, muito bem. e tu?

JOANNA.—Vinhámos da igreja, e teu tio não foi capaz de querer passar sem vir aqui para saber como ias. Não pôde passar um só dia sem te vêr.

JORG.—Eu vou passando bem... (*Recordando-se de fallar sempre a verdade.*) Mas... sou-lhe muito obrigado... (*A parte.*) não tenho remedio senão fallar a verdade. (*Alto.*) Não estou muito bom não, senhor! estou com dôr de cabeça.

JORG.—Como! estás com dôr de cabeça!... Deus me perdoe! A mocidade faz pena hoje em dia! Olha! na tua idade, meu rapaz, eu só me lembrava da cabeça quando a penteava! E... mesmo agora, olha-me bem, que te pareço?

JORG.—Admiravel! sim... (*A parte.*) E esta! vou fallar a verdade. (*Alto.*) Não me parece com muito boa cara, não, senhor!...

JOÃO (*Estupefacto.*)—Como?!

JORG.—Digo-lhe, meu tio, que a sua physionomia não me parece muito boa hoje.

JOANN.—Hein! está a dizer asneiras, Jorge?

JOÃO (*A Jorge.*)—Que queres tu dizer? Não estou com boa physionomia? Por que?

JORG.—Porque... porque... meu tio é demasiado gordo... tem muito curto o pescoço... o rosto muito vermelho... etc., etc.

JOÃO (*Assustado e tremulo.*)—Estou ameaçado de uma apoplexia, não é o que queres dizer?

JORG. (*A parte.*)—Que hei de fazer? vá lá! (*Alto.*) E', meu tio.

João (*Pondo as mãos na cabeça.*)—Pelo meu santo padroeiro!...

JOANN. (*Consternada.*)—Oh! Jorge, como podes tu dizer cousas semelhantes a uma pessoa que te é mais cara neste mundo?

JORG.—Oh! minha tia, elle perguntou-me e eu respondi-lhe a verdade.

JOÃO (*Com raiva.*)—Sim, o que elle queria era ver-me ahi estendido sem movimento, sem vida.

JORG.—Não, meu tio, eu ficaria bem pezaroso se tal acontecesse... isto é, razoavelmente pezaroso pela sua morte.

JOÃO.—Razoavelmente pezaroso! supponho do tambem razoavelmente satisfeito pela pingue herança com que contas te alapardar depois da minha morte?

JORG.—Sim, meu tio.

JOÃO (*Encolerizado.*)—Pelo meu quinhão de paraíso!... (*Dando de pernas de um lado para outro.*) Cada vez melhor! Collecciona os insultos com admiravel imprudencia. (*Colloca-se de subito em frente de Jorge tremulo de colera.*) O que quer dizer tudo isto? vamos, responde!

JORG.—Nada mais tive na intenção do que dizer pura e simplesmente a verdade.

JOÃO (*Com a voz entrecortada pela colera.*)—Ingrato! coração de feral! sem piedade!...

JOANN. (*Que tem estado muda de admiração, com grave consternação*)—Mas, Jorge, que motivos tens para proceder de semelhante maneira para comnosco? O que te fizemos nós?

JORG.—Nada, minha tia, mas eu não respondo senão a verdade.

JOANN.—Mas tu sabes perfeitamente que não pensas uma só palavra do que estás a dizer.

JORG.—A senhora, minha tia, está enganada; as minhas idéas estão de perfeito accordo com

minhas palavras. Sinto bastante que isto seja a pura verdade sómente.

JOÃO. (*Ameaçando-lhe a mão fechada.*)—Ainda repetes ser sómente o que dizes a pura verdade !

JOANN.—Mas meu sobrinho Jorge, reporta-te, e diz que o que estás dizendo é brincadeira e que se eu ou teu tio morressemos ficarias inconsolável.

JORG.—Não, minha tia, porque a verdade é, que não ficaria inconsolável.

JOANN.—Oh! monstro desnaturado malvado! queres matar-nos!... (*Deixa-se cahir em um assento desfazendo-se em pranto forte.*)

JORG. (*Com ternura.*)—Eu não quero mata-los, minha tia, dizia simplesmente que, se a senhora ou meu tio morressem, eu não ficaria inconsolável. Não é natural que um moço morra de desgosto, por ter sido Deus servido, chamar a si um tio ou uma tia.

JOANN.—(*Levantando-se e batendo com o pé no chão.*)—Vibora infame!... como pôdes fallar assim!... As tuas atrozes palavras fazem-me sentir calafrios até a medulla dos ossos! (*Gemendo de dôr.*)

JOÃO (*Atirando-se em um banco e enchugando o rosto em um lenço de Alcobaça bastante entabacado*)—E' uma vibora que nutrimos em nosso seio, e que nos vai dar a morte! Entretanto é o filho unico de meu irmão James; e ainda que não seja senão em memoria d'elle, (*A Jorge*) eu consinto em te perdoar se retira as duras palavras que nos disse e arrepende-se de have-las pronunciado.

JOANN. (*Convida com ar supplicante á Jorge*)—Estás ouvindo, jorge? Declara no mesmo instante que tudo isto era simples gracejo, em que

não tens interesse de nos offender. Anda que disto estou bem certa.

JORG.—Porém, minha tia, não me posso desdizer, porque as minhas palavras são o éco dos meus pensamentos.

JOÃO. (*Precipitado dando de braços para Jorge e murros no balcão*)—Pois desde já fica consignado, não me pize mais em minha casa, grandessissimo desavergonhado!... nem mais um instante quero te vêr; e, quanto ao meu testamento vou fazê-lo em tiras já e já. Não tens a esperar de mim nem um vintem, deixarei a minha irmã um rendimento solido, e o resto, tudo o que sobrar darei aos hospitaes.

### SCENA III

#### Os mesmos e Simão.

SIMÃO (*Chegando-se ao balcão*).—O Sr. Branco es'á?

JORG. (*Afflicto e preocupado chegando-se a elle*).—Não, senhor.

SIM.—Eu preciso ir ao escriptorio conferir e ratificar aquellas contas de hontem que não as acho exactas.

JORG.—E' verdade houve um engano, mas... agora... estou aqui só... (*recordando-se*) Ah! queira entrar. (*abre a portinha do balcão*). (*A parte*) Até é bom que me livro um pouco desta calorosa discussão. (*Alto*) Meus tios fação favor de demorarem-se ahi um instante que eu já venho. (*Entra pelo fundo com Simão.*)

JOÃO. (*Querendo sair*).—Vamos embora.

JOANN.—Não, quando elle vier chegando sahiremos, eu ainda tenho que dizer. (*Em confiden-*

cia a João.) Eu te supplico, João, não sejas assim tão violento para com o rapaz, talvez isto seja alguma loucura!...

JOÃO.—Qual loucura, pois não está vendo aquella natureza ingrata e aquelle coração desnaturalado! (*Suspirando.*)

JOANN.—E' de fazer estremecer em seu tumulto meu pobre irmão!... (*Soluçando.*)

JOÃO.—Mas que demonio se lhe metteu na cabeça de tratar-nos por uma maneira tal?

JOANN.—Não posso saber, mas o pobre rapaz, é muito possivel que não esteja no gozo do seu bom senso, de sua razão natural. Elle disse que sentia-se incommodado, e o seu procedimento é muito exquesito. Quando aqui chegamos cheguei a notar que alguma cousa havia de desvairamento no seu olhar.

JOÃO.—Estarás bem certo disso?

JOANN.—Sem duvida alguma e não me admiro que elle tenha perdido a cabeça. O pobre rapaz leva constantemente em uma lida de fitas para aqui, renda para acolá, (*virando-se para um e outro lado*) e quanta bugiganga ha aqui no armazem, extenua-se em preparar os artigos para recomendar-los á venda. Não procedeste muito bem para com elle, porque enfim sempre é nosso sobrinho e nesta occasião é que elle tem mais necessidade de nós para ampara-lo.

JOÃO.—Ora qual! elle está tão doudo como tu, e eu; tudo aquillo não foi mais que a expansão de seus máos instinctos e eu não quero mais saber delle. (*Arrebatadissimo de colera.*)

JOANN.—Verás se é verdade ou não o que te digo, o rapaz está doudo decidido; a não ser isso ter-nos-hia elle dito cousas tão crueis e desagradaveis? Fez elle alguma vez cousa semelhante?!

João.—Hei de desherda-lo, e seus pés nunca mais cruzarão a soleira de minha porta. Ah! vem elle vamos-nos embora. (*Sahem e Joanna vai chorando*).

SCENA IV

Jorge e Simão

SIMÃO.—Aquelle senhor e aquella senhora, vão-se sem nada dizerem.

JORGE.—São meus tios, vão magoados comigo sem razão alguma. (*Triste*) Emfim meu amigo, são revezes da sorte, ha apenas uma hora, se tanto, que fiz um contrato que me parecia facil com um amigo e já fui bem chingado e desherdado!....

SIM.—São revezes é verdade. Até logo. (*Sahe*).

JORG.—Até logo amigo.

SCENA V

Jorge e Rosalia que vêm chegando

JORGE. (*Vai assentando no balcão para pular para o lado de fóra, dá com os pés em Rosalia que chega.*)— Ah! desculpe, minha senhora!...

ROSAL. (*Rindo*)—Ah! ah! ah! em que está pensando Sr. Jorge?

JORG. (*Correndo os olhos e mirando muito a Rosalia*).— Em meu tio e minha tia.

ROSAL.—Em seu tio e sua tia? que affectuoso sobrinho que é!... (*Vendo que elle está a lhe mirar*). Porém o que está a mirar desse modo? será o meu chapéo?..

JORG.—E' senhora, Rosalia.

ROSAL.—Pois como reparou nelle fique sabendo que é novo, e com franqueza que tal acha?

JORG.—E' muito bonito, não sou capaz de negar, mas o que parece é que não lhe assenta.

ROSAL.—E por que motivo, se me faz favor?

JORG.—Porque não foi feito para a Senhora.

ROSAL.—E a razão?... tinha bem vontade de ouvi-la da sua bocca, visto que é conhecido o seu bom gosto, falle-me com franqueza.

JORG.—Pois bem com toda a franqueza acho-o demasiado elegante para a senhora; porque elle é proprio para uma moça e não para uma pessoa de sua idade, e excessivamente aprimorado para uma camareira.

ROSAL.—E quem foi que lhe disse a minha idade?

JORG.—Ninguem, adivinho-a ao seu rosto, vejo-a nos seus cabellos e leio-a na franqueza de seu olhar; estes tres indicios juntos são signaes infalliveis.

ROSAL. (*Indignada*).—O Sr. Jorge está me insultando!

JORG.—Nunca me passou pela cabeça a intenção de insulta-la, a senhora pede a minha opinião e eu com a maior franqueza lh'a dou.

ROSAL.—Visto isso, no seu modo de pensar, eu sou uma velha pesada e rediculamente ataviada?

JORG.—Pouco mais ou menos.

ROSAL. (*Encolerizada*).—O senhor é um desavergonhado, um imbecil e um tolo! (*Desprezando-o*)

JORG.—Minha senhora, supponho que minhas palavras não vos deve offender; por que são sinceramente a expressão da verdade.

ROSAL. (*Como acima*).—A verdade; inda repete Sr. paspalhão, não sei o que fazem os Srs. Branco, Preto & Comp. que ainda consente um

maluco destes dentro de casa, vou já dizer a todas as pessoas que encontrar que aqui não venhão, que o senhor é um imprudente, que vim aqui á loja trazer um recado e o senhor tratou-me por essa maneira!...

JORG.—Então, minha senhora, por eu lhe responder com sinceridade, adquiri mais uma inimiga?...

ROSAL.—Se não quer inimigos não provoque, não seja parvo!... Hei de dizer por toda rua, a Luiza e a todos, os seus máos modos de tratar os freguezes, para cobrar a offensa que me fez.

JORG.—Veja só o que é o habito da mentira! *(A parte)* Pela mentira supponha-setalvez formosa e criança. *(Alto)* Faça o que quizer, minha senhora, mas certa de que não encontrará ninguem mais sincero e mais verdadeiro do que eu.

ROSAL. *(Sabindo enfurecida e gritando como douda.)*—Fique senhor verdadeiro!... Sr. canalha! este diabo até acho que está bebado!.... *(sahe)*.

JORG.—Isso, vá gritando pela rua; foi bom sahir antes que os patrões appareçam, por que então daria-me mais incommodo. *(Continúa a dobrar fazendas)*.

## SCENA VI

Jorge, Branco e Manoel caixeiro que trata de arrumar fazendas e espanar

BRANCO. — Sr. Jorge, hoje ainda não nos vimos,

JORGE.—Bom dia.

BRANC.—Bom dia. Veja aquellas peças de seda embrulhe-as com todo cuidado. E' preciso

manda-las á Sra. Helena esta tarde para que ella escolha as que lhe agradarem ; estimaria que o o senhor mesmo as levasse. Bem sei que isto não lhe compete ; mas não gosto de confiar fazendas deste preço ao caixeiro de recados.

JORG.—Irei com muito gosto, senhor. (*Aparte*) Fico satisfeito de responder só isto que não precisa mentira.

BRANC.—Demais a Sra. Helena não desgostará de o vêr. Tenho notado que quando ella vem aqui é sempre ao senhor que se dirige. Ah! mancebo, que bella cousa é ter vinte e cinco annos, uma cabelleira annelada, e lindos bigodes !....

JORG. (*Esforçando-se para responder.*)—E' verdade senhor.

BRANC. (*Olhando-o com surpresa, aparte.*)—Forte orgulhoso! Será verdade! Oh! não!... (*Alto*) Tenho uma cousa a dizer-lhe... olhe que é um segredo... chegou aqui. (*Retirão-se ambos para um lado perto de uma pilha de fazendas e conversão em confidencia e o caixeirinho chega-se para o balcão espanando*). Desejo ser o primeiro a dar a noticia e, como tenho necessidade de sahir esta manhã, não encontraria uma occasião mais propria. (*Olhando para todos os lados para que ninguem os percebão.*) Sabbado á noite ceiamos eu e meu socio no hotel—*Anjo da Guarda*, e não sei a que proposito, fallamos da sua intelligencia e actividade... em uma palavra, concordamos que seria para nós uma boa acquisição interessa-lo nossa casa, dando-lhe uma parte nos lucros.

JORG. (*Com gratidão.*)—Oh! senhor !...

BRANC.—Está bem, está bem! (*interrompendo-o*). Olhe que pedem ouvi-lo. Faça de conta que não sabe. Vem ali chegando uma fregueza vá

despacha-la, não percamos tempo (*apressado*). Sabe que meu socio vai retirar-se, e eu ficarei a testa do negocio.

JORG.—Desejo que seja por muito tempo.

BRANC.—Sim, sim, mas...

## SCENA VII

### Os mesmos e Anna

ANNA. (*Entra, encosta-se ao lado do balcão, continuando os dous a conversação.*)—Adeus! (*ao caixeirinho*) Deixa vêr ali aquellas chitas.

MANOEL.—Sim, senhora (*Vai buscar as chitas e mostra-lh'as.*)

BRANC. (*Com pressa.*)—Em todo o caso, a partir de 1º de Maio, nossa firma social será Branco, Preto, Morris & Comp., isto é, se não tem alguma objecção a oppor! (*Anna está a rever todas as peças de chita.*)

JORG. (*Com contentamento.*)—O' senhor! o meu reconhecimento...

BRANC. (*Apessadissimo.*)—Já sei! já sei! os outros desejão-lhe fazer uma surpresa, por isso não diga que eu lh'o participei.

JORG.—Nada receie, a menos toda via que elles não me enterroquem.

BRANC.—Elles não lhe fallaráõ nisso antes do fim do mez. Agora tenha a bondade de servi-lhe áquella senhora que está ali esperando. (*Afasta-se para o fundo onde tem uma pequena mesa com papeis e põe-se a examinar alguns, mas prestando attenção para fóra.*)

ANN. (*A Jorge.*)—O senhor está bem certo que estas côres não desbotão?

JORG.—Estou certo... do contrario minha senhora.

ANN.—Mas aqui diz côres fixas. Como sabe então que desbotão?

JORG.—Porque... uma pessoa que comprou della para um vestido a semana passada lavou um pedaço e veio queixar-se que as côres todas tinham desmerecido.

ANN.—E fez muito bem. Mas então não devião pôr a marca de côres fixas, sem ter bem certeza de que o erão.

JORG.—E' muito justo o que diz, minha senhora.

BRANC. (*Aparte encommodadissimo*).—Este rapaz estará hoje doudo! (*Alto chegando-se á scena*) Como! pois ainda não mudarão estas etiquetas!... As fazendas que vendemos de côr fixa, garantimo-las... Que deseja mais que lhe mostre?

ANN. (*Disconfiada*).—Nada... nada... Deus me livre... muito obrigado! Eu voltarei depois (*sahe benzendo-se.*)

### SCENA VIII

Branco, Jorge e Manoel (Jorge fica a arrancar as etiquetas das fazendas)

BRANC. (*Franzindo as sobranceiras e com raiva*).—Deixe isso! que mania foi essa de dizer que as fazendas estavam com marca falsa?...

JORG.—Porque... é verdade... A Sra. Semes que comprou desta fazenda, veio rejeita-la. Era côr de cinza e tornou-se branca.

BRANC.—Pois não tinha necessidade de o repetir a essa senhora, porque ella veria depois de ter comprado a fazenda.

JORG.—Mas então seria muito tarde e ella teria de queixar-se.

BRANC.—E que lhe importa isso? Se fôssemos

dizer a cada um : não compre isto que desbota ; não compre aquillo que encolhe ; não compre aquelle outro que está mofado... seria melhor fechar a loja. Admira-me muito que o senhor estando comnosco ha tanto tempo, tenha tão pouca habilidade. Desejo que isso não se repita!...  
(Retira-se para o centro por ter entrado um freguez.)

SCENA IX.

Os mesmos e Simão

SIMÃO.—Amigo, mostre-me flanella como aquella que está de amostra na porta. De lã pura e a 500 rs. o metro. (Manoel traz a flanella.)

JORGE. (Desenrolando a flanella.)—Eis-aqui.

SIM.—E' bem igual á que está de amostra?

JORG.—Exactamente a mesma!

SIM.—E é lã pura?

JORG. (Gaguejando sem saber o que dizer.)—N-ã-o, senhor. E'... E'... lã... e... e algodão.

SIM.—Como assim! Por que lhe puzerão a marca lã pura? E' para enganar os freguezes? Demais... (Interrompendo-se diz a parte.) Ah! agora é que reporto-me, flanella por esse preço... (Alto.) E' verdade embora não seja pura lã, senão encolher muito, não é caro. Que diz?

JORG.—Sinto-me forçado a dizer-lhe que encolhe consideravelmente.

SIM.—Como sabe?

BRANC. (A parte remoendo-se de desespero)—Este homem hoje apostou em por-me fóra de casa a freguezia.

JORG.—Minha tia comprou della e encolheu a ponto... (Olha para Branco e o vê colerico, fica quasi sem poder responder.) depois... depois de lavada... que... que foi impossivel servir mais.

SIM.—O senhor ao menos prova que é sincero e honesto em avisar-me. Queira desculpar-me...

JORG.—Posso mostrar-lhe outra peça, de pura lã e que não ha de encolher. (*Querendo rete-lo.*)

SIM.—Obrigado, obrigado, estou muito satisfeito, voltarei depois.

BRANC. (*Chegando-se apressado colericamente rubro.*)—O senhor repetio ainda a mesma tolice? Perdeu a cabeça hoje!... Para que assegurou a esse senhor que a flanela não era de pura lã, e que havia de encolher?

JORG. (*Preoccupado e coçando a cabeça.*)—Porque... porque elle me perguntou e o meu dever era responder-lhe a verdade.

BRANC.—A verdade! veremos o fim de suas verdades.

## SCENA X.

### Os mesmos e Symphronio, alfaiate.

(*Ao entrar o freguez, Branco afasta-se para o fundo da scena.*)

SYMPHRONIO (*Pegando em uma amostra que está pendurada.*)—Meu senhor, isto é verdadeira casimira franceza, das recém-chegadas, que está aqui á mostra?...

JORG. (*Corando-se e quasi sem poder fallar.*)—N...ã...o... se...nhor...

BRANC. (*Ao fundo sem poder suster-se de raiva.*) Hein?!...

SYMPHRON.—Ah! bem o desconfiei, não obstante a marca em contrario... por engano naturalmente?...

JORG. (*Como distrahido.*)—Não, senhor.

SYMPHRON.—Como! Quer dizer que a marca foi posta expressamente?

JORG.—Sim, senhor.

BRANC. (*A parte ao fundo.*)—Dá-me vontade de esgana-lo; antes retirar-me. (*Some-se pela porta do fundo.*)

SYMPHRON. (*Com curiosidade*)—E por que ou para que colloca etiquetas falsas em suas fazendas?

JORG.—Para vende-las por maior preço.

SYMPHRON.—Mas isso é um roubo.

JORG.—Bem o sei.

SYMPHRON. (*Com interesse*)—E é esse o costume da casa?

JORG.—Sim, senhor.

SYMPHRON.—Oh! que horror? Mas por que e com tanta franqueza me faz semelhantes declarações? Está por ventura brigado com seus patrões?

JORG.—Não, senhor, nunca estive em tão boa harmonia com elles, como desde esta manhã.

SYMPHRON.—E' extraordinariô! Mas por que me faz taes confissões?

JORG.—Porque o senhor faz-me perguntas ás quaes sou forçado a responder com sinceridade.

SYMPHRON.—E' maravilhoso! e o senhor diz sempre a verdade?

JORG.—Agora fallo.

SYMPHRON.—E os seus patrões sabem-n'o?

JORG.—Creio que não.

SYMPHRON.—Assim me parece, mas vejamos, tenho muita curiosidade de conhecer o que são esses estofos que se pretende fazer passar por sedas de primeira qualidade.

JORG.—São sedas inglezas de qualidade inferior.

SYMPHRON.—E quanto valem realmente a retalho?

JORG.—Dez tostões o metro.

SYMPHRON.—E está vendendo a dous mil réis, o

duplo de seu valor !... é uma barbaridade. Nunca mais aqui ponho os pés, e terei o cuidado de prevenir os meus officiaes, não esperava !... (*Sahindo*) Nunca tal pensei, é demais !...

SCENA XI.

Jorge, Branco e Manoel.

BRANCO. (*Que tudo presenciou do fundo, chega precipitado.*)— Que significa este seu procedimento, senhor ! ? está louco ? quer arruinar-nos ? faz-nos perder cincoenta mil réis em uma hora ! afugenta de nossa casa todos os freguezes, que demonio se lhe metteu nos miolos ? !...

JORGE. (*Cabisbaixo.*)— Fazem-me perguntas e eu respondo a verdade.

BRANCO.— A verdade ? O que quer dizer com isso ? pretende que cavilosamente falsificamos nossos rotulos ! ? Que enganamos o publico a respeito das nossas fazendas, afim de vendê-las mais caro ? E que é esse o costume de nossa casa ?

JORGE.— Disse a verdade e devo dizê-la sempre embora me custe a vida.

BRANCO. (*Colericamente.*)— Pois bem, saia já desta casa, vá-se por uma vez, desgraçado ! E nunca mais cruze a soleira da nossa porta. (*Vai entrando e diz a Manoel.*) Tome ali sentido, Sr. Manoel.

MAN.— Sim, senhor.

JORGE. (*Pega o chapéo, põe debaixo do braço e passa para o lado de fóra do balcão.*)— Estou agora muito bonito.

MAN.— Lá isso a culpa é tua.

JORGE.— Pois sirva-te de exemplo, rapaz, ainda não ha duas horas que comecei a fallar a verdade

e sem que tenha commettido delicto algum, eis-me desherdado por meu tio, e posto na rua pelos patrões; será acaso o mesmo para tudo mais? E Luiza, expulsar-me-ha ella tambem, se acontecer-me dizer-lhe algumas verdades pouco amaveis? E por fim serei verdadeiramente expulso da sociedade por louco e irei para um hospicio.

MAN.—Mas se a dubida é só a fallari mentira como então não falla um vocado.

JORG.—Fui estúpido, agora que fazer, vou para o hotel *Anjo da Guarda*, e de lá então tomarei qualquer destino se antes não me levarem para o hospicio. (*Vai a sahir, detem-se por chegar em sua direcção um mendigo.*)

## SCENA XII.

### Jorge, Manoel e Raphael mendigo.

RAPHAEL (*Dirigindo-se a Jorge.*)—Uma esmolinha, meu senhor.

JORG. (*com máo modo.*)—Deus o favoreça, não vêes que eu tambem estou pobre como tu?

RAPH.—Estou sem emprego, meu senhor.

JORG.—Pois melhor; tambem eu.

RAPH.—Mas não é por minha culpa.

JORG.—E eu, pensas que é pela minha?

RAPH.—Te nho doze filhos, meu bom senhor, e os ultimos são gemeos.

JORG.—Então és mais rico do que eu, que nada possuo. Como te atreves a pedir-me alguma cousa?

RAPH.—Ora dê-me uma esmolinha, meu rico senhor, dê-me uma esmolinha, para comprar um bocado de pão.

JORG. (*Dando-lhe cinco mil réis*) — Toma, não desejo que passes fome. (*Sahe*)

RAPH. — Seja muito feliz, meu senhor. (*Sahe*)

UMA VOZ DE DENTRO. — O' Sr. Manoel !

MAN. — Senhor ! Não sei se chegaria tamvem a minha bez, deixa-me bero que querem os patrões não bá ser tamvem a minha despedida. (*Para o publico.*) Meus freguezes cum licença que bou fechar a porta. (*Dirige-se a um lado e cahe repentinamente o panno.*)

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

## ACTO II

A scena passa-se no hotel *Anjo da Guarda*, sala mobiliada com gosto, uma porta ao fundo e dos lados, sofá, cadeiras, etc. etc. Ao abrir o panno Jorge está assentado no sofá, com os cabellos em desordem, pensativo, descansando a cabeça nas mãos e vem chegando Luiza.

### SCENA I

#### Jorge e Luiza

LUIZA. (*Com ar de enfado.*)—Arre! Até que afinal sempre o encontrei. Onde tem andado e onde esteve hontem que não procurou-me? Sem duvida entretido com sua querida Rosalia?

JORG. (*Procurando destrahir-se.*)—Fui ao templo, tive desejos de ouvir o prégador.

LUIZ.—Sim, e encontrar a Sra. Rosalia. Parece que os primeiros caixeiros e as criadas particulares se combinarão para ir ouvir esse prégador extravagante.

JORG.—Não a comprehendo, Luiza; o prégador não é extravagante, e tem no numero dos oventes pessoas de todas as classes, ricas, pobres, nobres e plebeus.

LUIZ.—Tudo isso não impede que a Sra. Rosalia...

JORG.—É já segunda vez que me repete esse nome, e de um modo tão singular (*A parte.*) Parece-me tambem que está encolerisada contra mim. (*Alto.*) Quer ter a bondade de dizer-me por que?

LUÍZ.—Ah! bem lhe conheço as astúcias! tenho sabido bem boas cousas a seu respeito.

JORG. (*Tristemente*). Luiza; neste momento eu não sou feliz. Você faz-me exprobações que não mereço, e isto agora quando mais necessidade tenho de consolações.

LUÍZ.—Oh! ellas não lhe hão de faltar. Acaso estará zangado com a Sra. Rosalia?

JORG.—E' verdade.

LUÍZ.—Bom, já'o suspeitava! Mas então não tinha necessidade de vir aqui, teria feito melhor em ir procurar a sua camarøira para fazer as pazes.

JORG.—Luiza, você já não reflecte no que diz!

LUÍZ. (*A parte*).—Coitado, não quero mais incommoda-lo (*alto*). Desculpe-me, se me enganei... Eu tinha razões para fazer isto. Imagine que essa mulher correu até aqui hoje de manhã, para gabar-se que você lhe tinha feito uma declaração amorosa!

JORG.—Sim, a declaração foi bem diversa talvez do que ella esperava; pois perguntou-me que tal achava o seu chapéo novo e eu lhe disse que não era feio, mas que não lhe ficava bem. Perguntou-me por que; respondi-lhe, porque ella era velha, criada, etc.. etc.

LUÍZ.—Mas com que fim lhe disse semelhantes cousas?

JORG.—Ella interrogou-me e eu respondi-lhe francamente.

LUÍZ.—Que doudice! a verdade nem sempre se deve dizer; ás vezes é imprudencia. Agora você creou uma inimiga mortal na confidente da Sra. Helena, e facilmente ella persuadirá a sua ama a não voltar á sua loja e talvez mesmo a não comprar mais nada em casa de minha mãe.

JORG.—E' muito provavel e não é essa a unica asneira que commetti desde esta manhã.

LUIZ.—Pois olhe que esta não foi pequena ; que mais houve então ?

JORG.—Meu tio perguntou-me como eu o achava e eu lhe respondendo a verdade disse-lhe que o achava muito vermelho, pescoço curto, emfim, respondendo-lhe a todas as observações que me fazião, confessei que se meu tio ou minha tia morresse eu não ficaria inconsolavel, e que seria feliz com a herança que me deixassem.

LUIZ. (*Com seriedade*).—Que proveito tirou disso ? Como, pois, é tão pouco ajuizado, que chega a dizer cousas taes a um tio tão rico !... Sem contar que isso era uma crueldade só propria de coração impedernido. Estava por acaso doudo ?

JORG.—Já lhe disse ! puzerão-se a fazer-me perguntas, tive de responder sinceramente.

LUIZ.—Como já lhe observei, a verdade nem sempre se deve dizer, e neste caso menos do que nunca. Quando minha tia me pergunta : «Luiza, que farias tu se eu morresse?» pensa que eu lhe respondo : «Minha tia, eu herdaria tudo quanto a senhora possue!» Não, porque ella me correria de casa e teria razão. Pelo contrario, lanço-me nos seus braços. «Não me falle assim, minha querida tia, que me rasga o coração. Se tivesse a desgraça de a perder, eu choraria até ficar cega, e o desgosto me levaria á sepultura antes de um mez.»

JORG.—E sua tia acredita-a ?

LUIZ.—Acredita-me, e fica amando-me ainda mais, enthesoura com mais ardor para me deixar mais rica.

JORG.—Isso que você diz, Luiza, é revoltante. (*Com tristeza.*) Eu nunca seria capaz de suppor

que você fosse tão insensível e soubesse tão bem fingir.

LUIZ. (*Seramente formalizada*).—Isto não é ser fingida, é ser prudente e delicada com os nos os parentes. E por muito má que eu seja, senhor virtuoso, não sou ainda bastante, para offender as susceptibilidades daquelles que me criarão, que me estimão... ou mesmo de quem quer que seja.

JORG.—Seria melhor que en lhe dissesse de uma vez toda a enormidade dos meus desgostos, porque o meu rompimento com meu tio não é a unica desgraça que me aconteceu hoje.

LUIZ.—Pois ainda não é tudo! vamos, falle... nada mais de sua parte me surpreenderá.

JORG.— Os meus patrões tambem despedirão-me.

LUIZ.—Em vista do que tem praticado não admira; mas qual a razão?

JORG.—Chegarão os freguezes na loja e começarão-me a interrogar pelas qualidades das fazendas; eu, respondendo sempre sinceramente, elles não gostarão e despedirão-me.

LUIZ.—Agora está bem adiantado!... você decididamente perdeu o juizo! (*Com raiva*). Ainda o prejuizo que deu aos patrões, vá lá, mas quem me assegura que elles estão no seu direito de o perseguir e obriga-lo a pagar esses prejuizos; que fará então?

JORG.—Não sei.

LUIZ. (*Furiosa*).—Olhe, o que eu sei muito bem é, que se você tivesse por mim a menor affeição, não teria procedido desse modo, estando nós contratados para casar-nos, para ficar-nos reduzidos á miseria um mez depois de nosso casamento.

JORG.—Censura-me, então, por ter fallado a verdade ?

LUIZ. (*Com desdem*).— Oh! a verdade! certamente censuro-o. E' uma tolice dizer a verdade aos nossos freguezes, nem porque elles a devão esperar de nós. Se fosse preciso que eu lh'a dissesse estou certissima que amanhã mesmo tinha de dar balanço, e adeusinho freguezes. A verdade! Olhe, vê este chapéo que trago? (*Indica o chapéo que traz na cabeça*). E' meu trabalho; tenho feito muitos como elle e tenho vendido e hei de vender todos pelo dobro do que me custa fazendo que veio de Pariz. Que mal pôde fazer a quem o comprar? Se você quer ser negociante como tal fazer carreira, é necessario deixar de certos escrupulos.

JORG.—E' bem triste esse seu modo modo de pensar.

LUIZ. (*Com grande ironia*).—Francamente, senhor veridico, admiro essa delicadeza de consciencia que tão repentinamente o assaltou. Não sabe Deus quantas petas me tem feito engulir.

JORG.—Eu! petas, mentir-lhe! (*Como que recordando-se*) mas... E' verdade, Luiza, já lhe disse algumas mentiras, mas não tornarei a fazer-lhe.

LUIZ. (*Indignada*).—Palavra de honra!... estou bem certa que mentia tambem quando dizia que me amava?... Está bom, tomo nota disso.

JORG.—Não, Luiza, isso é verdade; eu amo-a.

LUIZ. (*Chacoteando*).—Oh! você ama-me! Fico-lhe muito agradecida. Quaes são então as mentiras que confessa ter-me pregado?

JORG.—Eu disse-lhe que você era a moça mais linda do mundo e não é tal.

LUIZ.—Bom, e depois ?

JORG.—Chamei-lhe anjo, o que tambem não é.

LUIZ. (*Com desprezo*).—Hum! temos ainda mais alguma cousa?

JORG.—Quando eu dizia que tu eras minha vida, minha alma, e... você não é nada disso, minha cara Luiza.

LUIZ.—E quando dizia que morreria se eu não consentisse em ser sua esposa, mentia tambem como das outras vezes?

JORG.—Sim, Luiza.

LUIZ. (*Resoluta*).—Depois desta confissão espero que me faça o favor de retirar da minha presença.

JORG.—Não, querida Luiza, não sahirei de sua presença, porque ainda que você não seja um anjo, nem um portento de belleza, não deixa de ser uma bôa e bonita moça; e se bem que a minha vida não dependa da sua constancia e fidelidade, não deixo de ama-la realmente, e ser-me-hia doloroso ter de renunciar á nossa união.

LUIZ.—Eu deveria estar muito lisonjeada!... até que afinal é sincero.

JORG.—Sempre o fui, isto é, nunca tive tenção de a enganar. Estas phrases hyperbolicas de admiração, ainda que não sendo litteralmente exactas, não são mais que exagerações de um verdadeiro amor.

LUIZ.—O senhor nunca me teve amor ou pelo menos não me ama mais: de outra sorte não olharia como hyperboles as expressões de que não me acha mais digna. Sim, Sr. Jorge, o senhor ama alguém mas não a mim.

JORG. (*Depois de longa pausa*).—Não, Luiza, não ha pessoa alguma no mundo... (*Com hesitação*.) que eu ame... tanto como você.

LUIZ.—O senhor parece hesitar e não estar bem

certo no que diz? Compreendo perfeitamente: ha em qualquer parte uma mulher a quem admira mais do que a mim, a quem daria a preferencia se não houvesse alguma barreira que os separa. Vejamos, não é verdade o que digo?

JORG. (*Corando se ebalbuciando em voz baixa e suffocada.*)—Luiza!... se fôsse ao menos hontem... que me dirigisse essa pergunta... eu... eu teria respondido: não, mentindo-lhe como se mente todos os dias neste mundo. Hoje, porém, devo dizer-lhe a verdade e respondo: Sim!

LUIZ. (*Indignada.*)—Então por que não vai já procurar essa pessoa a quem tanto ama?

JORG. (*Com profundo sentimento.*)— Porque quero primeiro explicar lhe o que acabo de dizer e talvez me comprehenda melhor. Creia-me Luiza, eu amo-a, se assim não fosse não lh'o diria. Toda minha mocidade até á idade que me tornei homem passou-se em companhia de uma menina que agora é mulher. Ella é bella, sem ser vaidosa, instruida sem ser pedante, rica sem ser soberba. Se alguma mulher ha no mundo perfeita, é ella.

LUIZ.—Faria melhor que lh'o fosse dizer, em logar de ficar aqui a insultar-me, fazendo o seu elogio.

JORG.—Não se zangue Luiza, pergunt u-me a verdade, disse-lh'a. Esta nobre mulher não é para mim; está talvez destinada a trazer em seu brazão a corôa de Conde, e nunca a rebaixei a ponto de pensar em poder desposa-la. Accrescentarei até, que nunca me permitti ama-la.

LUIZ. (*Arrancando um anel do dedo e atirando-o ao chão.*)— E' de mais! Até este anel que o senhor deu me queima-me o dedo. O senhor procura a minha alliança e apresenta-me como um favor o que essa mulher tomaria como

deshonra. A medida está cheia, pôde retirar-se de minha presença.

JORG. — Mas, minha cara Luiza, se quizer ouvir-me, verá que não tem razão para ter ciúmes. Esta mulher que foi em outro tempo minha amiga de infancia, e que, apesar da sua mudança de fortuna, tenha talvez conservado por mim um pouco de afeição, nunca me passou pela idéa a possibilidade de cazar-me com ella. A sua lembrança tem sido para mim apenas como uma estrella que me tem guiado através das difficuldades da vida, e que só me tem servido a tornar-me mais digno para ser seu marido. (*Apanha o anel e dando-lh'o*). Tome o seu anel (*procurando enfiar-lh'o no dedo*), e fique convencida que eu sempre lhe serei fiel.

LUIZ. *Puxa a mão e atira o anel pela janella*, — Não; eu não quero um coração que só seria metade meu, nem tão pouco um coração em segunda mão. Vá procurar o seu incomparavel idolo; e não se lembre mais de mim. Eu já sabia que o senhor não valia grande cousa (*com desprezo*) agora fico sabendo que não vale mesmo nada. Pois fique bem convencido de que nunca o amei; e de que agora o detesto e o desprezo...

JORG. — A senhora não é a Luiza que eu tinha imaginado! Fui até hoje tão enganado, como a senhora o pretende ter sido. Graças a Deus ainda não é demasiado tarde! E' uma lição bem amarga que recebo, mas não a lamento, fico-lhe summamente agradecido (*Com esforço para conter o pranto*). Eu julgava encontrar na senhora a felicidade, mas isso era simplesmente uma illusão e fico satisfeito por ter acabado antes de maiores complicações.

LUIZ. (*Com desprezo*). — Muito bem, principalmente quando me acho desembaraçada do senhor

que nada vale depois de despedido pelos patrões, expulso pelo tio, para que me serviria? Um sacco vazio e outro com pouca cousa não podem por si juntos ficar em pé, procure quem é seu idolo que lhe possa amparar, que eu pelo meu lado vou fazer com que Carlos saiba com brevidade o que acaba de acontecer, porque é certamente o que vale mais.

JORG.—Sim, e até é bom espera-lo que não tardará aqui chegar.

LUIZ.—Não; aqui não é que o desejo encontrar, passe muito bem e seja muito feliz (*Sahindo*).

JORG.—Melhor e maior felicidade eu lhe desejo, senhora. (*Fica pensativo recostado ao sofá e logo chega um criado trazendo-lhe uns cigarros*).

## SCENA II

### Jorge e Severo criado

SEVERO (*Traz um maço de cigarros que entrega a Jorge*).—Aqui estão os cigarros que pedio-me para comprar.

JORG.—Sim; que dizem por ahi de mim?

SEVER.—Supponho haver alguma cousa de extraordinario a seu respeito.

JORG.—Como!?

SEVER.—Vi uma senhora bastante afflicta á sua procura.

JORG.—E tu a conheces?

SEVER.—Não, senhor.

JORG.—E disseste alguma couza a meu respeito?

SEVER.—Não, senhor.

JORG.—Bom. (*O criado sahe e Jorge pega o chapéo, vai a sahir de cabeça baixa e esbarra em Carlos que vem entrando*).

SCENA III

Jorge e Carlos

CARLOS.—Toma sentido, Jorge! Acaso estarás tão doudo como por ahí dizem e conforme se espalha a noticia em toda a cidade!?

JORG.—Ah! és tu Carlos?

CARL.—Deste-me um encontrão que quasi me fazes sahir a alma pela boca. O que é que te preoccupa assim, Jorge?

JORG.—Não me falles nisso, apenas está decorrido metade do dia e já...

CARL.—Eu t'o predisse, e devo ainda advertir-te que se te não acautelas, antes de duas horas estarás encerrado como louco. Tu a pobretia busca-te por toda parte, e o que se passou na tua loja não é para tranquilliza-la. Ella está convencida, e tem conseguido a persuadi-lo a todos que perdeste o juizo. Ninguem encontra outro meio de explicar o teu proceder desde está manhã. Eiles estão temendo que não vás para Santarem onde morava Helena a rica herdeira.

JORG.—Nada mais me pôde assustar depois do que me tem acontecido, ao menos lá ficará sempre em minha lembrança esse nome que acabaste de pronunciar e por causa do qual fui a pouco despedido por Luiza.

CARL.—Pois tens alguma cousa com a rica Helena?

JORG.—Não; a historia é muito compida; basta que te diga que fomos criados juntos em sua pobreza e entre nós existia, e para mim ainda existe, por ella viva sympathia e sincera amizade.

CARL.—Porém ella hoje não te deve conhecer; está rica e rodeada de fidalgos.

JORG.—Embora, eu sempre conservei-lhe amizade e estou certo que ella tambem não me desprezará por essa razão; mas, como para mim tudo são abrolhos, não sei se ella continuará a ser a mesma.

CARL.—Ha de ser uma fidalga; ainda hoje o marquez de Vilbram, que aqui está neste hotel, foi lá visita-la.

JORG.—Foi sim, e sei que tambem ella aqui vem, e então terei por certo nessa occasião o prazer de encontra-la.

CARL. (*Olhando para a janella.*)—Ahi vem ella.  
JORG.—Devéras?... então não sahirei agora.  
(*Tirando o chapéo da cabeça.*)

CRIAO (*A' porta annunciando.*)—Sra. D. Helena que vem pagar visita ao Sr. marquez de Vilbram,

JORG.—Vá dizer a elle. (*O criado sahe.*)

CARL.—Está bom, Jorge, depois conversaremos. Até logo.

JORG.—Já te vais?

CARL.—Vou, sim. Adeus. (*Vai sahindo, encontra Helena, faz-lhe uma cortezia e sahe.*)

#### SCENA IV

### Jorge e Helena

HELENA.—O Sr. marquez não está aqui?

JORG. (*Indo ao seu encontro.*)—Sra. D. Helena, está, sim, mas no seu quarto, e já o criado foi avisar de vossa chegada.

HELEN. (*Com fogo de alegria.*)—Como! é você, Jorge, que está por aqui?! Ha tanto tempo não te vejo! como não me procuras! Isso não é procedimento de um velho e sincero amigo!

JORG.—Nas circumstancias diversas em que estamos julguei do meu dever proceder assim.

HELEN. (*convida Jorge a sentarem-se juntos no sofá.*)—Sente-se aqui junto de mim... Mas qual as razões dessas circumstancias?

JORG.—A differença das nossas posições não me permittia continuar a frequentar a sua casa.

HELEN.—Mas, repito, por que' Não vejo a razão disso?

JORG.—Eu seria encarado como um estranho ou como um intruso no circulo em que a senhora presentemente vive.

HELEN.—Por que?! Certamente, que não por mim.

JORG.—Por aquelles que a rodeião e que não li-sonjearia encontrar no seu salão um caixeiro.

HELEN.—Nada os obrigaria a lá voltarem: quem sou então? a fortuna que herdei não foi ganha no commercio?... e as pessoas que me rodeião têm obrigação de tratar bem os amigos que por ventura encontrem em minha casa.

JORG.—E' bello isso que diz e não me admira de sua parte, mas receio bem que seja uma theoria impraticavel e que sua nova posição a obrigue a esquecer algum tanto os seus velhos amigos.

HELEN.—Nunca! e por que me trata sempre por Sra. D. Helena? No tempo em que estavamos na escola de meu pai tratavamo-nos simplesmente por Helena e Jorge. Por que, então, sou eu agora Sra. D. Helena? Quer que o trate tambem por Sr. Jorge?

JORG. (*Confuso*).—Não, não! chame-me Jorge, eu lh'o peço.

HELEN.—Então ha de tambem chamar-ma Helena!... como antigamente... a sua amiga Helena!... Sim, Jorge, sejamos amigos. Eu não tenho pais... nem um irmão, nem uma irmã... e nunca me casarei. Jorge, seja você e sua mulher

meu irmão e minha irmã. Soube que brevemente ia casar-se, e muito me alegra que nos encontrássemos hoje, pois que tenho commigo um presente que desejo offerecer a sua noiva.

CRÍADO (*Pelo fundo annunciando*).— O senhor Marquez de Vilbram vem receber a Sra. D. Helena. JORG.—Então retiro-me.

HELEN. (*A Jorge*). Não. ( *Ao criado*). Aqui estou ás ordens. (*A Jorge*). Não se retire que tenho muito a dizer-lhe... eu lhe peço, fique, até que eu me despeça do Marquez. (*Jorge pára junto de uma mesa e põe-se a lêr um jornal*).

#### SCENA V

### Jorge, Helena, Marquez e o criado

MARQUEZ. (*Com grande attenção e vivacidade toma as duas mãos de Helena*).—Exma. Sra. D. Helena, não era preciso que V. Ex. tomasse o trabalho de vir aqui nos corresponder com sua estimavel visita.

HELENA.—Gosto muito, Sr. Marquez, de ser pontual no cumprimento de meus deveres.

MARQ.—A Marqueza está hoje passando incommodada e ainda não sahio de seu quarto, se V. Ex. quizer ter a bondade de chegar até lá, nos faria grande favor.

HELEN.—Pois não. (*A Jorge*) Jorge, espere-me um momento, que já venho. (*Com assentimento de Jorge, Helena sahe com o Marquez*).

#### SCENA VI

### Jorge e o Criado

CRÍADO. (*Dirigindo-se a Jorge*).—Sr. Jorge, Vmc. vem agora morar aqui por muito tempo?

JORG.—Não, estou aqui provisoriamente.

CRIAD. (*Introduzindo-se*).—Vmc. é bem amigo da Sra. D. Helena e ella parece que gosta bem de Vmc.!??

JORG.—Somos amigos de infancia, criados e educados juntos, mas hoje ella está rica e eu na completa miseria.

CRIAD.—Mas costuma-se a dizer que: «quem à boa arvore chega boa sombra o cobre» porém, isso é o que eu não garanto muito, e talvez a sua amizade com ella pouco se demore; ando vendo por ahí nm zum... zum... zum!...

JORG.—De que?

CRIAD. (*Com mysterio*).—E sei lá, homem, o Marquez e a Marqueza estão tratando-a com muita amabilidade... e isto talvez para vêr se ella casa com um filho... que dizem ser um grandíssimo perdulario!...

JORG.—Qual, isso não me assusta, ella não se casará!

CRIAD.—Meu amigo, eu gosto muito dos ditados dos antigos, que ás vezes são muito certos, o senhor não tem ouvido dizer que, «agua molle em pedra dura tanto bate até que fura»?

JORG.—Qual, tenho confiança que ella tem juizo, e se tal acontecer o casamento não será bastante para que ella me despreze e não continue a ter-me sincera amizade.

CRIA.—Isso são fructos do tempo, e digo-lhe como experimentado.

JORG.—Então já te aconteceu alguma coisa nesse sentido.

CRIAD.—Eulhe conto, quando eu era menino brincava muito com a filha de um commendador, um graudo! ella dizia-me sempre que tinha-me consoante amizade... depois... foi crescendo; mas sempre me estimando muito; neste meio

tempo tratou casamento e casou, eu fui convidado e assisti; mas depois, meu amigo!... nem mais ella me conhecia.... e assim «gato escaldado d'agua fria tem medo. (*Ouvindo tropel*). Está bom, ella ahi vem, deixe-me cuidar em minhas obrigações. (*Sahe*).

## SCENA VII

### Jorge e Helena

HELENA.—Estava afflicta por causa de você estar esperando-me e despedi-me logo.

JORG.—Com effeito, sua visita foi de medico.

HELEN.—Trato sómente de cumprir o meu dever e não me demore para não alongar as etiquetas, e não dar tempo de passar a conversações desagradaveis para mim. É o que pensa você sobre estas cousas?

JORG.—Penso que o Marquez e a Marqueza de Vilbram, devem ter em vista um projecto bem importante para darem-se ao trabalho de viajarem até aqui e mostrarem-se tão amaveis para com você.

HELEN.—Essa sua opinião não é muito lisonjeira para mim. Mas quem lhe disse que os meus meritos pessoaes não bastem para merecer suas benevolencias?

JORG.—Porque, Helena, se você ainda fôsse uma pobre professora, ainda que seus meritos fôsem dez vezes maior do que realmente são, elles não lhe prestarião a menor attenção; e isto lhe é tão sabido como a mim. Mas como a sua fortuna é presentemente consideravel, repito ainda, que estes senhores devem ter um poderoso motivo para aqui vir, pois o Marquez e a Marqueza de Vilbram não são creaturas que se dêem ao

incommodo de visitar pessoas abaixo de sua categoria.

HELEN.—Você é de uma sinceridade desoladora. O que suppõe que elles possam pretender?

JORG.—As suas duzentas mil libras que lhe servirão para pagar as prodigalidades do filho.

HELEN. (*Zombando*).—Se isso acontecesse eu ficaria a um passo da corôa de condessa. Não pensa que me assentaria bem?

JORG.—Absolutamente, não.

HELEN.—Por que?

JORG.—Porque você não tem, como elles costumão dizer, os modos, o garbo da aristocracia.

HELEN.—Realmente Sr. Jorge não sei o que deva admirar, se a sua delicadeza ou se a sua perspicacia.

JORG.—As minhas palavras não são delicadas mas exprimem sinceramente a verdade. Todavia espero que comprehenda o que eu quero dizer.

HELEN.—Comprehendo e, se isso é verdade admiro-me de que pense que o Marquez e a Marqueza queira accitarem-me para sua nora.

JORG.—Talvez não quizesse se não fôsse a tua fortuna para tapar as grandes brexas que o filho tem feito no seu patrimonio.

HELEN.—Mesmo neste caso elles serão obrigados a conservar-me a seu lado.

JORG.—Não creia! você não seria para elles mais do que a mulher de seu filho.

HELEN. (*Corando indignada*).—Isso que diz é offensivo para mim... Por que me faz semelhantes reflexões?

JORG.—Em primeiro logar por que é a verdade!... depois, para salva-la, se fôr possível praticar um acto, cujo amargo arrependimento mais tarde a faria soffrer muito.

HELEN.—Crê então que o perigo seja tão eminente ?

JORG.—Sim, Helena, creio.

HELEN.—Por que ?

JORG.—Porque o seu modo de proceder com esta gente é...

HELEN.—E' o que ? O que é o modo de proceder ?

JORG.—Ou antes não é o que esperava encontrar em Helena.

HELEN.—Está bom... Mas disse-me só o que não era o meu modo de proceder, diga-me agora o que elle é.

JORG.—E'... é... é inconveniente.

HELEN. (*Levanta-se com os olhos chammejantes de colera e agitada caminha pelo salão*).—Inconveniente foi isso que me disse !

JORG. (*Commovido*).—Helena, pedio-me que lhe dissesse a verdade e eu disse-lh'a, não podia fazer de outro modo... (*Entrecortado de tristeza*). Valha-me Deus ! (*Helena continúa a caminhar a passos largos*). Offendia-a mortalmente, senhora; não devo, pois, demorar-me mais aqui. (*Pega no chapéo para retirar-se, passando adiante de Helena faz-lhe uma reuerencia, querendo dirigir-se para a rua*).

HELEN. (*Com gesto imperioso*).—Não; fique. (*Com grande esforço*). E' bem amargo e doloroso de ouvir, mas é a verdade. (*Jorge conserva-se em pé desconfiado e Helena deixa-se cahir sentada no sofá com a cabeça entre as mãos; vendo depois Jorge em pé diante della indica-lhe uma cadeira*). Sente-se Jorge, eu não tenho o direito de mostrar-me offendida com a sua rude franqueza, e tambem não é isso motivo para que você queira deixar-me aqui e querer se retirar ; pelo contrario eu merecia uma lição e agradeço-lhe ter-m'a dado.

E justamente por esse motivo o estimo ainda mais.

JORG. (*Com voz suffocada ajoelha-se diante della.*) Helena!... se pudesse calcular quanto soffri dizendo-lh'a, perdoar-me-hia.

HELEN. (*levantando-o*) Levanta-te, bem sei! E não te perdôo, agradeço-te. Grande Deus! o que é então a verdade? A você que a disse abalou-o como o faria um furacão; a mim em a ouvir transtornou todo o meu ser. O choque de duas nuvens carregadas de electricidade, nada é em comparação a ella! Mas sente-se, sente-se, Jorge, e prometta-me que de agora em diante me fallará sempre como o fez hoje, ainda que mais atroz e humilhante possa ser a verdade ao meu amor proprio.

JORG.—Sim, Helena eu lh'o prometto.

HELEN.—Ainda mesmo que eu me deixe arrebatar pela raiva como ha pouco!

JORG.—Pois bem, ainda mesmo assim.

HELEN.—Fica convencionado; agora voltemos ao assumpto que nos occupava quando fomos interrompidos. Eis aqui (*mostrando no peito um alfinete*) este alfinete de brilhantes que escolhi para sua futura, ha de pedir-lha para aceitar em signal de sincera affeição da mais antiga amizade a seu noivo. (*Dando-lhe o alfinete.*)

JORG. (*Depois de passar um momento em silencio.*)—Agradeço-lhe, minha cara Helena, o generoso pensamento que teve; mas, graças a Deus, já não tenho noiva!

HELEN. (*Sorprendida*). — Não tem noiva! Por que? como? Eu suppunha... disserão... assegurarão-me positivamente que em breve effectuar-se-hia seu casamento com a Sra. Luiza... (*Tremula*).

JORG.— Existio entre nós um compromisso

dessa natureza, mas foi tudo desfeito de commum accôrdo.

HELEN. (*Comovida e com voz que mal se percebe*).—Alguns arrufos de namorados, provavelmente e em breve farão as pazes.

JORG. (*Com grande enèrgia*).—Nunca, Helena; nunca!

HELEN.—Oh! você falla assim, porque acha-se ainda dominado pela colera. Parece estar, e certamente deve estar muito afflicto... e a Sra. Luiza?... Estou certa de que a estas horas tem ella o coração despeçado pelo pezar!...

JORG.—E' ao contrario, muito mais provavel que esteja nadando em alegria por achar-se livre de um compromisso que já lhe não convinha.

HELEN.—Não o acredite. Vejamos, Jorge, consinta que eu... eu, sua velha amiga, restabeleça a paz entre os belligerantes.

JORG. (*Com impeto*).—Eu não o quizera por todos os thescuros do mundo! Nada no Universo me faria reacter um laço do qual me felicito por estar desligado.

HELEN.—Es'as palavras admirão me além de toda a expressão. Como é isso então? Espero que não foi você, Jorge, quem primeiro retirou a palavra?

JORG.—Não, ella pelo seu procedimento desta manhã, evitou-nos a ambos as consequencias de um erro que teria para sempre arruinado a sua e a minha felicidade.

HELEN.—Accaso deu-lhe você algum motivo de queixa?

JORG.—Nenhum.

HELEN.—Então por que desfizerão esse casamento?

JORG.—Porque ella não tem por mim o mais pequenino atomo de amor.

HELEN.—E quando foi que lh'o demonstrou.

JORG.—Quando soube que meu tio queria desherdar-me, que meus patrões me tinham despedido e que por esse facto eu estava pobre e incapaz de sustentar uma casa.

HELEN.—E é verdade que seu tio quer desherda-lo? (*Consternada*).

JORG.—E'.

HELEN.—Dêste motivos para isso?

JORG.—Não, Helena, entre meus tios e meus patrões foi tamanha a serie de contrariedades que só com vagar te poderia contar, sendo a conclusão de eu lhes responder sempre a verdade. Quanto a Luiza deu-se a mesma cousa, fez-me tantas interrogações que eu, respondendo sinceramente, tive de lh'a dizer que havia uma moça a quem eu estimava mais do que ninguem, e por isso despedio a nossa alliança, intimando-me de nunca mais em sua casa pôr os pés.

HELEN.—Jorge! tu promettes-te-me dizer sempre a verdade... cumprirás a tua promessa?...

JORG.—Sempre, Helena.

HELEN.—Pois bem, diga-me o nome dessa mulher, de quem você dizia á Sra. Luiza, que occupava um tão bello throno no seu coração.

JORG. (*com estremecimento e voz suffocada*)—Ahl Helena, aquella de quem eu fallava está em posição tão elevada á minha, tanto por suas qualidades como por sua fortuna, que nunca ousei esperar que ella pudesse amar-me.

HELEN. (*Commovida*)—O seu nome... Jorge, diga-me o seu nome?...

JORG. (*A custo*)—O seu nome... o seu nome é... é Helena Lile!... (*cahindo de joelhos diante de Helena*).

HELEN. (*curvando a cabeça para Jorge*)—E a

afeição de Helena teria poder para o consolar de tudo quanto perdeu hoje?

JORG. (*Suffocado pela emoção*)—E' isso possível, Helena?

HELEN. (*Forçando-o a levantar*)—Seja então feliz porque essa afeição pertence-lhe toda. E não de hoje, mais sim desde a nossa infancia, e como havia formado tenção de nunca me casar, e tendo sabido que você ia se casar com a Sra. Luiza, tinha depositado na caixa dos Srs. Branco, Preto e C.<sup>a</sup> 5,000 libras para que te dessem sociedade na casa.

JORG.—Eis ahi a razão que communicarão-me que entraria como interessado.

HELEN.—Pois muito bem, agora preciso me retirar e espero que sempre me procure, e viva a verdade, pois a ella nós devemos todas as descobertas do nosso sincero amor. Adeus.

JORG.—Adeus, Helena. (*Helena sahe.*)

## SCENA VIII.

### Jorge e o criado

CRIADO.—Oh! Sr. Jorge, já está só, o que lhe aconteceu, foi infeliz nos seus amores?

JORG. (*Pensativo, recostado sobre o sofá*)—Não estou para graças, cuida em tuas obrigações. (*Ouvem-se vozerias fóra e o criado chega á janella.*)

CRIADO.—Que diabo será? carro... agentes de policia! O que teremos por aqui? nada, vou justamente fazer o que senhor diz: cuidar das minhas obrigações. (*Sahe.*)

SCENA IX

Jorge, Joanna, agentes da policia, depois  
Raphael mendigo

JOANNA (*Entrando vê Jorge, pára á porta e falla aos outros que ainda estão fóra*).—Ah! cá está elle! Pobresito! Graças a Deus, encontramos-lo emfim. Oh! Senhor, que ar exquisitesito que elle tem!... dir-se-hia que vai para um baile!... Pobre rapaz! (*entrando*) basta olhar para elle para conhecer-se logo que desgraçadamente perdeu o juizo. (*Para elle mas sempre de longe e Jorge durante esta falla de Joanna fica ollhando, espantado por não poder saber a significação daquillo.*) Jorge, meu pobre Jorge, não reconheces mais tua tia?

JORG. (*Espantado chega-se á Joanna e aperta-lhe a mão*) —Não reconhecer minha querida tia! por que razão havia eu de não reconhecer? Sim, reconheço-a perfeitamente. Oh! minha tia, se soubesse quanto sou feliz!

JOAN. (*Afastando-se d'elle*).—E's feliz, pobre e querido innocente! (*Voltando-se para os agentes faz signal para que entrem*).—Delira, está cada vez mais variado; creio que é prudente segura-lo para que não faça mal a alguem. Trate-o com brandura, eu lh'o peço; elle, coitado, não é um malfeitor e nunca os houve na nossa familia. (*Jorge fita-a admiradissimo e Joanna chegando-se aos agentes diz baixo*). Vê aquelles olhos, segurem-no já. (*Os agentes dão um pulo e agarrão-no em um momento*). Pobre infeliz!... tomem boa cuidado em não magoa-lo!...

JORG. (*Dando de pernas e encolerisado*).—Mas o que é isto, o que significa?! Sra. tia! O que quer isto dizer? A quem procurão? deixem-me,

estão enganados. (*Gritando*) Deixe-me!... repito!  
ou hei de fazê-los arrepender-se!...

AGENTE (*Segurando-o cada vez mais*).—Amar-  
rado está, falta quem nos ajude a levá-lo para o  
carro.

JOAN.—Oh! coitadinho, pobre e querido so-  
brinho, como se exalta cada vez mais! Jorge, meu  
Jorgesinho! fica quieto eu t'ó peço e consen e  
em vir com esses senhores, que são amigos, elles  
não te farão mal algum. (*Chora.*)

JORG. *Indignado debatendo-se com os pés*.—  
Amigos! são uns insolentes e a Sra. uma bruxa!  
abusão da authoridade que não tem! mas eu  
prometto que hei de fazê-los arrepender-se.

JOAN. (*Chorando*). Meu querido Jorge, tudo  
isso é para teu bem; é para impedir que faças  
mal a ti proprio!

JORG.—Fazer mal a mim proprio! Mas como?...  
estarão por ventura todos doudos!

JOAN. (*Soluçando*).—E' justamente o que dizem  
todos estes desgraçados.

AGENTE.—Pretendem que todos estão doudos,  
excepto elles.

2º AGENTE.—Tal qual como os bebados, per-  
suadem-se que todos os outros estão embriagados,  
menós elles. (*Esforçando-se para tira-lo para fóra*).

JORG. (*Espumando de raiva e fazendo esforços  
sobre-naturaes*).—Por minha vida, hão de pagar-  
me caro! Miseraveis, insolentes! E também a se-  
nhora, minha grandissima bruxa. (*Debatendo-se*).

JOAN.—Pobre innocente! não sabe o que diz, e o  
mais triste é que a colera destes infelizes recae  
ordinariamente sobre seus melhores amigos.

2º AG.—E' muito natural minha senhora; estan-  
do a sua intelligencia toda trastornada, deve estar  
tambem todas as suas afeições. (*Continuando a  
vér se o podião levar*).

JOAN (*Na maior afflicção chorando.*)—Oh! Sr., agente, peça alguém que o ajude. (*Gritando para fóra.*)—Cocheiro!... faz favor de ajudar aqui!...

COCH. (*Dentro.*)—E' me impossivel deixar as re-deas, os cavalloos erão capazes de disparar!...

JOAN.—Como! pois não ha ninguem que queira ajudar a por este pobre moço em um carro! (*Chegando á janella*) Oh! senhor! oh! senhor!...

RAPH. (*Dentro.*)—Espere! espere, que eu lá vou!... (*Entrando*) Pobre moço! eu bem dizia esta manhã quando elle me deu cinco mil reis, em vez de um vintem que pedi... (*Vai ajudar a agarrar Jorge e este lhe dá couces e empurrões.*)

JORG.—Tratante!... para isso te dei hoje meu dinheiro! assim crueis verdugos, muito soffre quem diz sempre a verdade.

JOAN. (*A Raphael*)—Então o senhor já o vio hoje? pois ha de vir connosco para servir de testemunha do que elle disse e fez.

JORG. (*Na occasião de conduzir-lhe.*)—Assim canalha, grita, leva-me, mas eu prometto, todos me pagarão. (*Vão sumindo-se conduindo Jorge, ouve-se o rodar do carro e o panno cahe lentamente.*)

## ACTO TERCEIRO

scena passa-se em casa de João Morris, que deve ser uma sala com duas portas ao fundo e duas lateraes, um sofá no centro, cadeiras, etc. Jorge está sobre o sofá com o rosto muito escarlate a boca espumante por um furor impotente vigiado pelos agentes da policia, e amarrado.

### SCENA I

Jorge, Dr. João, Joanna, agentes e Raphael

JOÃO.—(Com ar consternado e os olhos mergulhados em pranto aproxima-se de Jorge). Oh! meu querido Jorge, com sinceridade eu te peço perdão se pudesses comprehender uma só palavra do que te digo. (Ao doutor) Examinai elle, doutor.

DOUTOR.—Sim. (Dirige-se a Jorge examinando attentamente e volta meneando a cabeça).

JOANNA.—Qual é a sua opinião, Sr. doutor? Não seria prudente leva-lo para uma Casa de Saude de posseão trata-lo?

DOUTOR.—Antes de formar o meu diagnostico; desejaria interrogar algumas pessoas que possuão observado os seus actos durante este dia.

JOÃO.—Ahi estão todos mesmo para esse fim, estão aqui na sala proxima, eu vou chama-los.

DOUT.—Espere, será bom que falle cada um por a vez, já que estamos aqui; diga a Sra. Joanna o que observou de particular em seu

sobrinho quando o encontrou hoje de manhã na loja?

JOAN.—Ah! Sr. doutor, quando o vi hoje tinha os olhos um pouco espantados e disse-nos que soffria muitas dores de cabeça.

DOCT.—Depois?

JOAN.—Depois, de repente, e sem que de modo algum o tivéssemos provocado, ficou furioso como um selvagem e assustou-nos horivelmente, a se-  
tio e a mim, dizendo-nos que estimaria bem que morressemos no mesmo instante e sahio pela porta fóra.

JORG.—Ah! mentira desgraçada. (*A meia voz.*)

AGEN.—Fique calado, senão soffre mais.

JOAN.—Coitadinho!

DOCT.—E o Sr. João presenciou este singular procedimento?

JOÃO.—Sim, senhor; mas estava tão longe de pensar que este pobre rapaz tivesse perdido o juizo que o ameacei de não lhe deixar nem uma moeda de dez réis.

JOAN.—Entretanto devias ter desconfiado João, porque nunca elle nos tratou de semelhante modo, e esta fúria atacou-o como um raio.

JOÃO.—E' verdade, e bem verdade. (*Suspirando.*)  
Ai... ai...

## SCENA II

### Os mesmos e Rozalia

ROZALIA (*Entrando um pouco espantada.*)—E' aqui?

DOCTOR.—Quem é a senhora?

ROZAL.—Rozalia Rozalina, Sr. doutor... eu sou Rozalia. Vindo esta tarde á cidade para ouvir prégar o missionario conforme é meu costume

nos os dias, disserão-me que era preciso que fosse aqui para depôr como testemunha.

DOUT.—Bem, então o que é que sabe, senhora... agora...

ROZAL.—Sr. doutor; o meu nome é Rozalia.

DOUT.—Agora diga-nos o que sabe a respeito de Sr. Jorge, durante este dia.

ROZAL.—Encontrei-o na loja dos Srs. Branco, Neto & C. e portou-se para commigo de um modo muito incomprehensivel.

DOUT.—Faça favor de dizer o que se passou?

ROZAL.—Pois é verdade, elle estava muito centrado.

DOUT.—Mas em que?

ROZAL.—Ou antes para me explicar melhor um facto extraordinario (*Olha de quando em vez para Jorge, como quem diz, eu te preparo*).

DOUT.—Seja mais explicita senhora, diga-nos o que disse elle, e o que fez?

JOÃO E JOANNA.—Pòde dizer.

ROZAL.—Em primeiro lugar, atirou-se com tal violencia sobre mim que certamente ter-me-hia magado o peito se eu não me tivesse prendido.

DOUT.—E depois?

ROZAL.—Depois, disse-me as cousas mais extravagantes do mundo; pretendeu que o meu chapéo (não este que trago agora) era muito moderno para uma mulher velha como eu, e muito elegante para uma criada. Como eu não pudeesse oppor que elle estivesse embriagado a uma hora da matutina, fiquei convencida de que era preciso que elle estivesse inteiramente doudo, para fazer semelhantes cousas de mim e do meu chapéo.

DOUT.—Hum!... isso me faria crer pelo contrario, que elle não o estava, se eu não soubesse pela experiencia, que os homens atacados de

loucura tem muitas vezes, como neste caso, accessos de malícia.

ROZAL.—Quero crer, Sr. doutor, que não se deixará em liberdade de andar pelas ruas um homem que insulte a gente com suas excentricidades!

DOUT.—Fique tranquilla, senhora, veremos isso agora pôde ir sentar-se.

ROZAL. (*Passa diante de Jorge, faz para elle uma careta e diz a elle á parte*).—Tu chamaste-me velha redicula, mas se eu puder enviar-te para uma casa de doudo, has de ir.

JORG. (*Rindo com desprezo e sangue frio*).—Sim; eu reconheço que lhe offendi dizendo a verdade do que és.

ROZAL.—Olhe, Sr. doutor, ainda está mais doudo; está me insultando outra vez.

DOUT.—Nessas palavras não ha insulto algum. Venha o senhor Branco, para dar o seu depoimento.

JOAN.—Sim, senhor. (*Chega á porta e volta com Branco*).

JOÃO.—Sr. doutor, será preciso tomar-se mais algumas providencias?

DOUT.—Veremos depois.

### SCENA III

#### Os mesmos e Branco

BRANCO. (*Entrando*).—Estou ás suas ordens.

DOUT.—E' o senhor a quem compete agora dizer o que sabe a respeito daquelle moço.

BRANCO.—O modo pelo qual Jorge se portou esta manhã no nosso estabelecimento provou-me até á evidencia que tinha perdido completamente o juizo. Nunca vi cousa assim.

DOUT.—Tenha a bondade de explicar-se.

BRANCO.—Pondere o Sr. doutor que elle tomou seu cargo afugentar toda a freguezia da nossa casa, e quando digo toda nada exagero, senhor, de crer-me sob minha palavra de honra.

DOUT.—Commetteu então alguns actos de violencia? O senhor é o primeiro a fallar a esse respeito.

BRANC.—Quero dizer, senhor, que quando temos fazer-lhe algumas advertencias, cubrio-nos de injurias, chamou-nos velhacos, tratantes. seria a nunca acabar se fôsse a repetir todos os epithetos que nos dirigio.

JORG. (*Com desprezo e ar de riso*)—Nem o senhor falla a verdade?

JOÃO.—Que horror! meu Deus, como elle está da vez mais alterado.

JOANN.—Nossa Senhora nos valha!

BRANC.—Afinal, Sr. Dr., atirou-se de um salto do cima do balcão, e precipita-se na rua.

DOUT.—Teria elle soffrido algum desgosto ou contrariedade que pudesse explicar a sua colera?

BRANC.—Nada absolutamente; pelo contrario quando nos vimos hoje estavam nas melhores disposições para com elle.

DOUT.—E que fez elle depois que sahio da casa?

BRANC.—Ignoro completamente.

RAPHAEL (*Introduzindo-se*)—Eu direi o que elle fez, senhor, se m'o permittir.

DOUT.—Como! pois tu tambem tens que dizer?

JOANN.—E' uma das melhores testemunhas.

DOUT.—Então póde fallar.

RAPH.—Eu estava em frente do estabelecimento dos Srs. Branco, Preto e C.<sup>o</sup> onde me occupava em abrir e fechar as portas das carruagens,

na esperança de ganhar um vintem da  
outro dacolá, quando de repente este moço ca  
sobre mim como um furacão, lançou um olhar  
pantado para a porta da loja, para cima, p  
baixo, para a direita, para a esquerda, e ouvi o  
elle perguntava a si mesmo: « Que hei de fazer  
Aproximei-me então mansamente d'elle e perg  
tei-lhe: «Dá-me um vintemzinho, meu bom senhor  
Então disse-me elle que não se tratava disso, q  
eu não era quem parecia ser, que era muito b  
feito o que me acontecia, e uma immensidade  
outras cousas, que, demonstravão, claro como  
dia, que esse pobre moço não estava em seu p  
feito juizo. Sobretudo lamentava-se por não p  
suir uma mulher e doze filhos! Ora veja V. S.  
isso é das melhores cousas.

DOUT.—E depois?

RAPH.—Depois deu-me cinco mil réis e foi-se em  
bora. E' tudo quanto sei até esta tarde em que f  
chamado para ajudar a segura-lo e conduzi-lo pa  
um carro. Mas faço um juramento de nunca ma  
pôr a mão em doudos furiosos. Estou todo me  
chucado em mais de vinte logares, (*mostrand  
logares rotos e machucados*) olhe, aqui... aqui  
e tambem acolá no pé.

DOUT.—Está bom, você pôde retirar-se.

RAPH. (*Encostando-se outra vez ao canto onde  
estava que deve ser de um lado do sofá onde est  
Jorge*)—Não, senhor, o homem deu-me muito tra  
balho, e eu quero assistir ao resto aqui de um  
canto.

DOUT.—Agora, meus amigos, se ha alguem  
ainda que tenha qualquer cousa a dizer, concen  
nente a este infeliz moço, peço-lhes que o fação  
JOAN. (*Chegando-se á porta*)—Venha, minha filha  
venha: eu sei que is o lhe é muito doloroso, ma  
é um dever para si. (*Entra conduzindo a moça pel*

o) Sr. doutor, aqui está a Sra. Luiza; esta  
e menina esteve em companhia do nosso  
iz Jorge muito depois de meio-dia no hotel  
Anjo da Guarda. Pobres crianças! de-  
casar-se brevemente; mas, senhor, quantas  
raças podem cair sobre nós no decurso de um

to.—(Vendo que Luiza está receiosa). Chegue,  
a menina, pôde chegar (Luiza aproxima-  
uico).

ut. (A Luiza). — Que parecer tinha o Sr.  
e quando o vio hoje, minha filha?

liza. (Com o rosto tapado com o lenço e  
ndo chorar).—Quando encontrei-me com elle  
otel de meu tio seria mais ou menos uma  
o Sr. Jorge foi grosseiro e cruel para com-  
e, insultou-me.

rg.—Conte-n s o que elle lhe disse.

iz. (Sem descobrir o rosto).—Olhou me enrai-  
o, com os olhos em fogo e as sobrancelhas  
velmente contrahidas; eu tive um medo tal  
quasi desmaiei. Então disse-me que eu era  
má como um demonio.

rg. (A sangue frio e rosto alegre).—Para que  
alla a verdade?

ENTE.—Já lhe disse que não pôde aqui fallar.

ut.—Mas, minha filha, diga mais o que

iz.—E'-me impossivel recordar tudo quanto  
isse, e supplico-lhe que não me obrigue a  
mais. (Fingindo) julguei naquella occa-  
que ia morrer de susto; espero que não me  
de obrigar a casar com um homem comple-  
te doudo, e juro que o não consentirei.

ut.—Tranquillise-se, minha filha, mais tarde  
nos; por enquanto não se trata disso.

to.—Agora, o Sr. doutor já sabe tudo

quanto era possível saber. Qual é a sua opinião?

JOANN.—Elle está agora um pouco mais calmo não nos será permittido guarda-lo aqui? Confesso que teria muito pezar em separar-me de hoje.

DOUT.—Receio muito que a sua tranquillidade presente seja apenas o resultado do abatimento physico, e brevemente o accesserá novo accesso de furor.

RAPHAEL. (*Introduzindo-se lá do canto*).—Tem muita razão, meu senhor, tem muita razão; fique Vmc. certo que o accesso ha de voltar-lhe. Tenho visto muitas vezes homens atacados de loucura e ninguem deve fiar-se nelles; são valhacos e empregão astucias infinitas para enganar a gente.

ROZAL.—Poderia dar-lhe a mania de quebrar a cabeça a todos; ou deitar fogo á casa.

JOANN.—Pois é possível! (*Chorando*) O' pobre innocente; seria capaz de ir deitar-se ao rio. Ah! meu irmão! é muito triste para nós, mas creio que será melhor que o levem esta noite mesmo. Um amigo do doutor tem uma casa de saude, na qual poderão tomar cuidado do nosso infeliz sobrinho, enquanto não decidimos o melhor partido a tomar. Que lhe parece, doutor?

DOUT.—Sou justamente da mesma opinião.

JOÃO.—Então quanto mais depressa melhor. Alguem quer fazer o favor de ir chamar um carro?

JORG. (*Fazendo esforços sobrehumanos para levantar-se, cahe sobre o sofá, encolerizado*).—Oh diabos, para que não tirão-me de uma vez a vida!

JOANN.—Meu Deus! meu Deus! pobre rapaz, ah volta o accesso!... Um carro!... um carro depressa!... antes que elle pratique alguma violencia.

RAPHAEL. (*Levantando-se*).—Eu vou!... eu vou!...  
*(vai a sahir mas detem-se por encontrar com Helena e Carlos)*).

SCENA IV

Os mesmos, Helena e Carlos

JORG. (*Vendo Helena faz grande movimento para atirar-se lhe ao encontro, mas cahe outra vez no sofá*). — Helena!...

HELEN.—Jorge!...

CARL. (*Comprimentando a todos com movimento*).—Meus senhores!... (*A' Joanna*) Minha hora, espero que me permittirá expôr as razões e aqui trazem-me. Parece que o conductor do carro que trouxe para aqui o meu amigo Jorge, sahio por toda a parte o boato de que elle estava louco furioso, e que se havia apoderado da sua pessoa com grandes esforços. Este boato pagando-se de bocca em bocca, chegou aos ouvidos da Sra. D. Helena, a qual bem convicta que Jorge era victima de um terrivel engano, mandou apromptar seu carro e passou por minha casa a pedir-me para acompanha-la. Foi este caso o mais a proposito possivel, porque eu tenho a chave do mysterio que aqui tanto preoccupa a todos... Mas primeiro que tudo, permitta-me solte o meu pobre amigo (*Dirige-se para o carro de Jorge*).

HELEN. (*Que está perto de Jorge*).—Jorge, que felicidade é a tua e que ignorancia malvada deste povo.

JORG. (*Suffocado em pranto*).—Helena não sei que isto parece!...

CARL. (*Tira do bolso um canivete, corta as*

*cordas que atão a Jorge, e ajuda o, a levantar-se*  
— Ponha-se de pé, amigo.

DOUT. (*Assustado*).— Que faz, senhor !...

JOÃO. (*Retirando-se para perto da porta, assustado*) Olhe, que elle está louco.

JOANN. (*Querendo correr*).— E' furioso !...

DOUT. (*O mesmo*).— Póde commetter violencia contra alguém !

ROSAL. (*Gritando e querendo fugir*).— Vou quebrar-nos as cabeças ou deitar fogo à casa !.

CARL.— Elle não fará nada disso, tranquilizem-se, seu sobrinho está tão doudo como eu e os senhores.

JOÃO.— Que entende o senhor disso ?

CARL.— Tenha um pouco de paciencia e vou provar-lh'o immediatamente ; são seis horas (*Consultando o relógio*) Ha por consequencia 12 horas que Jorge e eu ouvimos prégar o reverendo Missionario. E' necessario que saibão que no dia seguinte, isto é, hoje pela manhã, eu apostei contra Jorge que elle não poderia responder com verdade, ás perguntas e observações que lhe fossem feitas durante um dia sómente, sem que fosse por isso desherdado por seu tio, despedido por seu patrões e expulso por sua noiva. Accrementei ainda que, se elle quizesse continuar experiencia durante uma semana, seria antes mesmo de oito dias decorridos, encerrado em uma casa de doudos. Não é tudo isto exacto Jorge ?

JORG.— Exactissimo.

CARL.— O resultado foi muito além do que eu esperava, porque Jorge, tendo apenas durante 12 horas respondido a verdade, a simples perguntas que costumão dirigir-lhe todos os dias e já tudo quanto eu predisse de peor se realizou.

JORG.— Realmente eu respondi a verdade apenas

pezar disso, tenho-me visto reduzido a soffrer mais degradantes ultrages. (*Voltando-se para o.*) Meu tio se quizer recordar-se a sangue da scena que se passou esta manhã, ha de vir que foi bem diversa da que o senhor e a tia imaginárão descrever ha pouco. A essa peior que lhes disse foi que não seria motivo para quebrar a cabeça a mim mesino se me acontecesse perde-lo ou á minha tia.

JOÃO.—Tens razão, Jorge, mas bem vêes que pela maneira por que te exprimiste teria eu podido meditar que desejavas a minha morte.

JORG.—É isso meu bom tio; é pela falta de costume de ouvirmos a verdade.

JOÃO.—Comprehendo tudo agora, estou penado pelo que te succedeu, e espero que me perdões.

JORG.—Não, meu tio, diga que é o senhor que perdôa; é tudo quanto almejo.

JOÃO.—Como quizeres, filho; estou contentissimo por ter certeza que nem estás doudo, nem és insano, o que para mim seria a mesma cousa; (*abraçando-o*) quero que tudo fique no esquecimento.

JORG. (*A' Rozalia*).—Não tenho outra defesa a pôr contra as suas accusações senão esta: perdoou-me o que eu achava do seu chapéo, e eu lhe com a maior sinceridade a minha opinião.

ROZALIA.—Em todo o caso devia aprender a controlar a sua lingua.

JORG.—A' minha tia essa nada lhe quero dizer.

JOANN. (*Consternada*).—Tem paciencia, Jorge, tem paciencia, eu sou bem culpada.

JORG.—Quanto ao Sr. Branco, se afastei os compradores do seu estabelecimento, confessando-lhes o quanto erão exaggerados os preços das fazendas, está no seu direito de processar-me

pôr perdas e damnos. Mas creio que não l convem de pôr o publico na confidencia de um questão que não lhe será proveitosa.

BRANC. (*Pegando no chapéo*).—Não fallem mais nisso.

JORG. (*A Raphael*).—E você, a quem eu não disse uma só verdade desagradavel, cujo amor proprio absolutamente não offendi, a quem nem de le magoei, não posso comprehender como é que encontro no numero dos meus accusadores.

RAPHAEL.—Valha-o Deus, meu rico senhor! porque me deu cinco mil réis! Mas se não é isso razão mais que sufficiente para fazer-me crêr que não estava em seu juizo, então sou um grande pateta! Em todo caso estou bastante satisfeito por me haver enganado; e visto que o senhor tinha perfeita consciencia do que fazia ao dar-me cinco mil réis, desejo que Deus lhe retribua essa generosidade em alegrias e venturas.

JORG.—Agradeço de todo o coração. Agora Sra. Luiza, como a accusação que sobre mim fezpezar, é de todas a mais grave, rogo-lhe que tenha a bondade de retratar-se. A offensa maior que lhe fiz consiste em haver-lhe respondido uma de suas observações; que a senhora não é uma completa belleza, nem um anjo. Não é isso verdade?

LUIZ.—E', mas essas palavras équivalem a dizer que sou feia e má.

JORG.—Desculpe, mas não havia tal sentido nas minhas palavras. O costume em que a senhora está, a facilidade de suas expressões, e por outra parte o pouco cuidado na maneira que tem de externa-las, é que a faz pensar e fallar desse modo. Lá por não ser uma belleza, não se infere dali que seja feia, mas...

LUIZ. (*Interrompendo-o*).—E' iuutil, Sr. Jorge, apenhar-se em fazer as pazes commigo.

JORG.—Deus me livre de tal! tudo quanto lhe peço é que seja mais sincera com aquelle a quem amar verdadeiramente, do que o foi para commigo. (*Voltando-se para Helena*). E vós, Sra. Helena, minha querida Helena, que me estendeu a mão e me acolheu quando todos os outros me repellião e me abandonavão, que lhe hei de dizer?..

HELEN.—A mim, absolutamente nada. Mas aos meus amigos deve você dizer com toda a franqueza que uma vez que foi declarado doudo, por dizer *verdade durante um dia*, o que elles devem fazer entrega-lo aos meus cuidados: eu possuo um hospicio, onde vou tentar fazer-lhe tomar o juizo que todos lhe negão: e ahi então para conte-lo não precisa agentes da policia e nem ser amarrado; basta sômente ser confiado á vigilancia destes meus enfermeiros (*Mostra os dous braços e consequentemente abraça Jorge, cahindo o panno em to successivo*).

FIM DO 3º ACTO E DO DRAMA

19474

Bibliotheca das Folhinhas Laemmert

---

10  
**RIBEIRO DA SILVA**

---

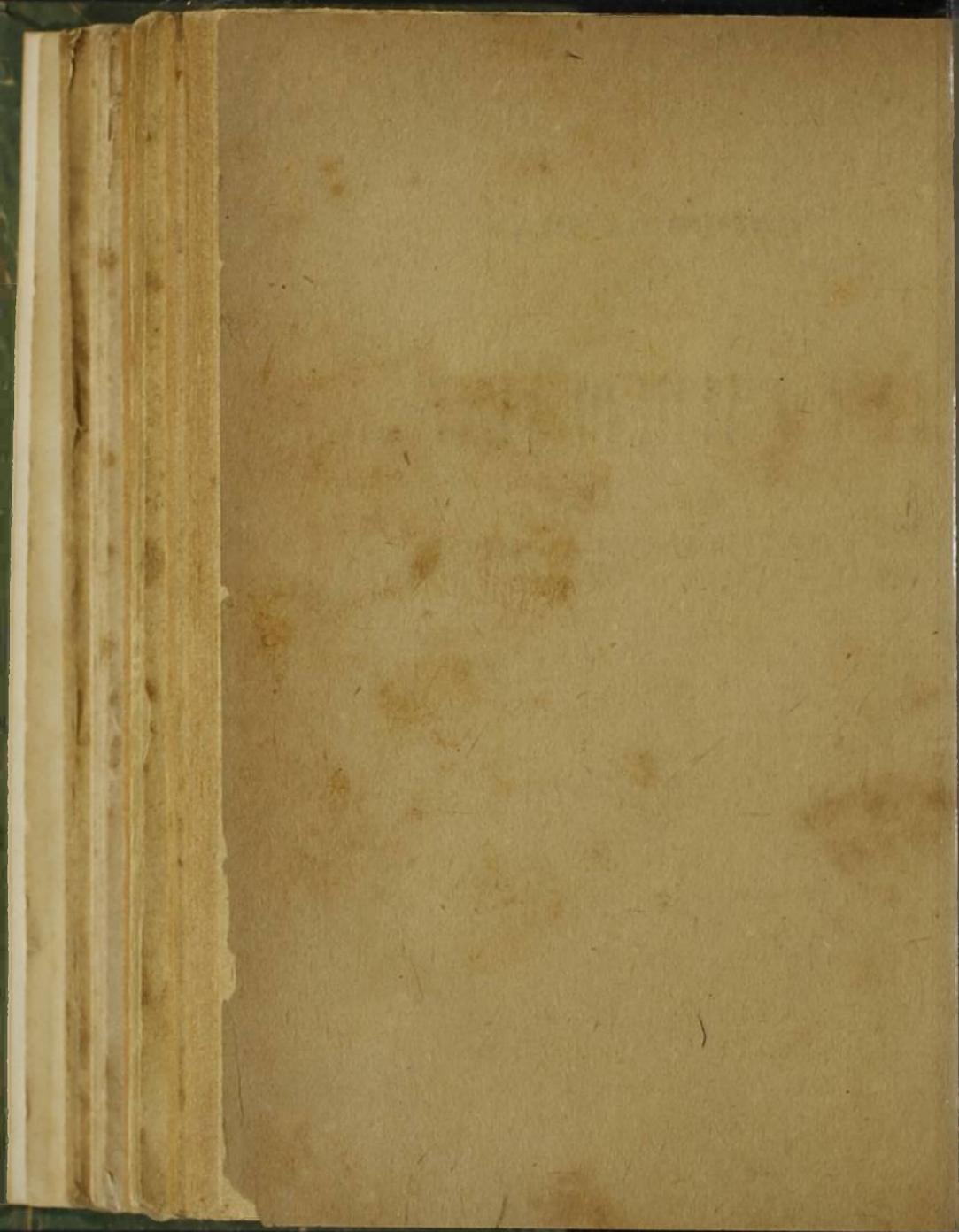
# QUEM O ALHEIO VESTE...

COMEDIA EM 1 ACTO



1899

RIO DE JANEIRO  
COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL  
93 Rua dos Invalidos 93

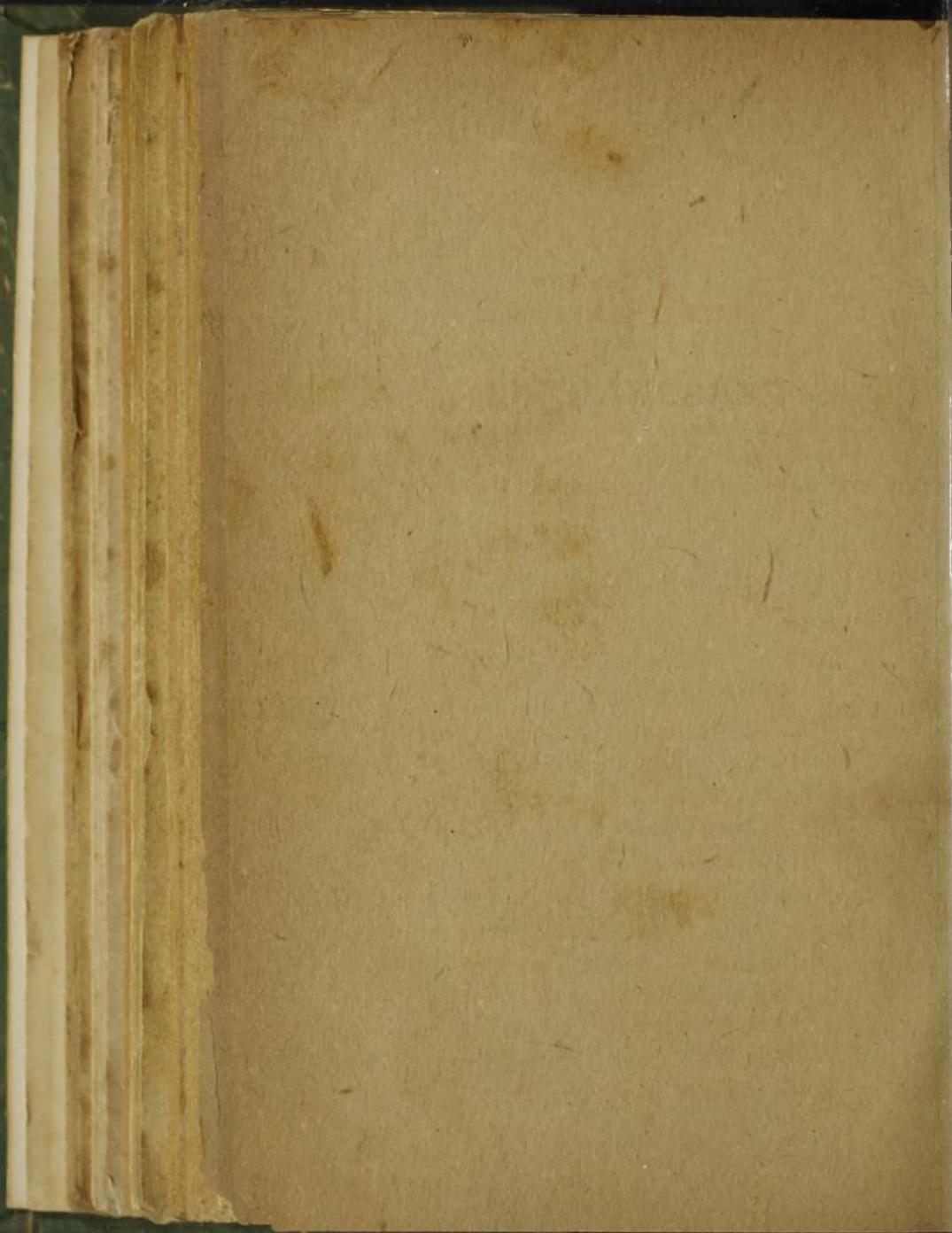


## PERSONAGENS:

- LUIZ DA PAZ . . . . . rapaz estroina.  
DEODATO . . . . . seu amigo de troças.  
NICOLAU FAGUNDES. . . . . velho agiota.  
BELCHIOR . . . . . sapateiro.  
PANTALEÃO . . . . . idem.  
PROCOPIO . . . . . meirinho improvisado.

Dois soldados.

Acção passa-se no Recife.



## ACTO UNICO

Uma sala com portas e janellas á D. do A; duas portas á E. e ao F. Uma cama de lona aberta; uma banquinha com gaveta; duas cadeiras e uma das quaes está um paletot. Ao levantar do panno Luiz está de collete e chinelas. E' dia.

### SCENA PRIMEIRA

LUIZ, só, em uma das janellas

LUIZ. — Nada! Absolutamente nada dos *typos*! Caras e mais caras, porém nenhuma que me dê uma esperança. (*Deixando a janella*) No entretanto o sol está tocando ao zenith. Malditos sapateiros que se me fazem passar por essa hypothese, sou bem capaz de ir a festa mesmo assim de chinelas. Esta pobreza já se me vai tornando insupportavel. Minha mãe bem podia ter-me baptisado por Job... Decididamente acabo por suicidar-me!... Mas que idéa horrivel! E a minha querida Eulalia?... E o dote que a acompanha?... Vejamos e releiamos o seu bilhetinho. (*Tira do bolso do collete um bilhete fechado em fôrma*

de abraço, cheira-o e depois lê). Que perfume rescende destas dobras. . . ( *lendo* ) Meu ango. ( *Declama* ) Traz um *g* em vez de *j* ; lapsos da penna ; efeitos da pressa. ( *Continuando a ler* ) « Meu anjo. Com muito gosto respondo tua amorosa cartinha, avisando-te que amanhã a mamãe vai a festa do Carmo ; eu inventarei uma dor de cabeça ou enxaqueca, das que eu sei ensaiar, para ficar só com a criada e então não se oferecerá ocasião mais favoravel para me roubares aos teus braços. ( *Declamando* ) Isto é que é ; essa menina e o dote servem-me perfeitamente. . . ( *Continuando a ler* ) Fico prevenida, suspirando por ti. ( *Declama* ) E eu fico respirando ! ( *Lendo* ) Aceita um b. . . da tua como sempre. Note bem : Não repares os erros, pois me treme o corpo em pensar em nossa união. Hoje não durmo, sonhando contigo. Sou a tua. . . ( *Dobrando o bilhete e guardando* ) Já se sabe : a mesma. E' a assignatura commum de todas as namoradas. Mas que instantes deliciosos vou eu ter com essa menina. Que denguices de amor hei de dizer-lhe. . . Vou á festa, certifico-me da presença dos futuros meus sogros, e quando todos lá estiverem entretidos com o sermão do padreco, corro até a minha gentil Eulalia. Será um raptó *sui generis* ; succulento ! Metter-nos-hemos em um carro ; passaremos mesmo pela cara do tal papai e da tal mamãe : daremos muitas voltas e depois . . .

( *Noutro tom* ) Mas com a breca ! Nada dos sapateiros. Pois fui providente ; fiz a encomenda logo a dois. ( *Indo á janella* ) Se esta me acontece. . . ( *Observa para a rua* ) Ah ! Se não me engano é um dos cujos ! A *carranca* parece. . . Dobrou a rua. . . E' elle !. . . ( *Alegre* ) E' elle, é o salvaterio, não ha duvida ; traz a confirmação nas mãos. ( *Deixa a janella* ) Oh ! Felicidade inaudita ! O diabo, porém, será se ambos se encontram aqui ao mesmo tempo !. . .

## SCENA II

O mesmo e BELCHIOR

BELCHIOR ( *do fundo com um par de botinas* ).  
— Aqui tem V. S. as botinas. Estão mesmo rindo de bemeitas.

LUIZ ( *tomando-as* ). — Ora, felizmente. Já estava fazendo máu juizo do senhor. Um quarto de hora já lá se foi da aprasada por nós. ( *Senta-se para calçar-as* ).

BELCHIOR. — Estive arrematando. Mas veja V. S. que ficou uma obrinha mesmo *chic* !

LUIZ ( *que tem calçado o pé direito, á parte* ). — Está optima ! ( *Alto* ) Só o que não me agrada muito é a fôrma do bico.

BELCHIOR. — Fiz como V. S. encomendou : bico fino e de lustro.

LUIZ (*propositalmente forcejando para calçar o pé esquerdo*). — Estou vendo que este pé não entra. Não entra! Ai! Magoou-me o callo! (*Tira-o*) Com todos os diabos não entra o maldito!

BELCHIOR. — Ha de entrar; foram todos dois feitos na mesma fôrma. Um pouco de geito e entra. (*Abaixa-se para ajudar a calçar*).

LUIZ (*impaciente*). — Qual entra, Sr. Belchior, nem meio entra! Por esta é que eu não esperava. O senhor não mora perto?...

BELCHIOR. — Rua das Cruzes...

LUIZ. — Pois então corra a pôr este pé na fôrma. Vá, que já se faz tarde. (*A' parte*) Se o outro encontra-o aqui, estou burlado.

BELCHIOR (*insistente*). — Veja V. S. sempre se entra... com geito...

LUIZ (*contrariado*). — Ainda está o senhor a *cacetear-me* e as horas se passando. Vá depressa do contrario não as quero mais.

BELCHIOR. — Vou de um pulo. Preciso hoje muito desse cobrinho.

LUIZ. — Volte logo se quizer receber.

BELCHIOR. — E' de um salto. (*Sae pelo F., levando a botina do pé esquerdo*).

SCENA III

LUIZ, só

LUIZ. — Este está seguro. Com o pé direito já estou calçado. (*Tira a botina e examina*) Bem trabalhado! Mas, vamos para a gaveta, você aqui fóra seria uma denuncia! (*Guarda-a na gaveta da banquinha*) Muito bem. Agora esperemos pelo outro; não tardará por aqui. Deus me livre de um eclipse entre os dois sapateiros, succumbiriam todos os meus calculos. (*Vae á janella e observa*) Que povo immenso para a festa! Olá! Lá vem o outro sapateiro! Vem botando a alma pela bocca. (*Desce a scena*) Oh! Que ventura minha querida Eulalia! Isto é que é ser *matematico*!...

SCENA IV

O mesmo e PANTALEÃO

PANTALEÃO (*do F. com um par de botinas*). — Dá licença? Vim botando a alma pela bocca... A vida do operario é um pouco de trabalho...

LUIZ (*tomando-lhe as botinas*). — Foi pontual, pelo que hei de recompensal-o bem. (*Sentando-se para calçar as botinas, á parte*) com as algibeiras vazias.

PANTALEÃO. — Olhe V. S. que obrinha cheirosa, couro fresco... Minha obra cá é assim: uma obra minha pôde-se apreciar. Quando quero caprichar desafio a qualquer official. Gabo-me pelo numero de freguezes que tenho.

LUIZ (*que propositalmente forceja para calçar a botina do pé direito*). Pelo que vejo este pé não cabe.

PANTALEÃO. — E' impossivel. (*Abaixa-se para ajudar a calçar*) Metta o pé com geito. Assim... mais um pouquinho... mais...

LUIZ. — Hui! Irra! Tire! Tire, senhor. Eu não quero nem que o senhor me faça presente, um calçado que me incommode.

PANTALEÃO. — Pois veja V. S., fiz como V. S. me pediu: ponteira fina por causa dos callos.

LUIZ. — (*á parte*) Callo has de tu levar. (*Alto*) Tire-me este maldito...

PANTALEÃO. — Quer V. S. vou já a officina pôl-o na fôrma.

LUIZ (*contrariado*). — Ainda pergunta-me se quero! Já devera estar de volta. Corra, depressa, senhor...

PANTALEÃO. — Pantaleão dos Prazeres, criado de V. S. Se V. S. soubesse como estou preciso desse cobre...

LUIZ. — Pois é ir depressa, não me *amole*, mais a paciencia. (*A' parte*) Não tarda por aqui o Belchior. (*Alto*) Ainda está, senhor?

PANTALEÃO.—Não ha duvida, volto já. (*A' parte*) Oito mil réis por um par de botinas de couro velho com um pouco de sebo... Que pechincha! (*Vai a sahir pelo F.*)

LUIZ (*designando-lhe a porta da E.*) — Por aqui, atalha mais o seu caminho. (*A' parte*) Assim não se encontrarão.

PANTALEÃO. — Vou voando. (*Sahe*).

### SCENA V

LUIZ, só

LUIZ. — Respiro! Eis-me calçado e prompto sem muito trabalho. (*Observando o pé calçado*) Justo! Irmãos legitimos. Agora não percamos tempo. Abençoados sejam todos os sapateiros! (*Vai tirando a botina da gaveta, suspende-se á entrada de Deodato*).

### SCENA VI

O mesmo e DEODATO

DEODATO (*entra do F., traz chapéo alto*). — Vou entrando sem mais aquella.

LUIZ.— Ah! E's tu? Olha que me fizeste um susto!

DEODATO.— A festa está esplendida; a concorrência é espantosa. Este povo é essencialmente catholico.

LUIZ.—E tambem bestialisado. Fallaste por causa do carro? Bem vês que estou prompto e de partida.

DEODATO.—Carro e cavallos ardís. Mas agora reparo, só tens um pé calçado!

LUIZ.—E o outro por calçar. (*Tira a botina da gaveta*).

DEODATO.—Botina em gaveta?! Quanto mais vivo, mais aprendo.

LUIZ (*que tem calçado a botina*).—Eu te explico. Precisava urgente de um par de botinas, faltava-me o necessario para compral-as, o que é muito natural. Tive uma sublime idéa, das que sempre me suggerem nos criticos momentos de minha vida de bohemio. Fui á officina de um sapateiro e fil-o tomar medida para um par, marcando-lhe dia e hora certos. Sem perder tempo corri a outro sapateiro e fiz o mesmo, marcando-lhe porém uma hora antes da do primeiro, salvando assim o encontro dos dois...

DEODATO.—E' sempre o mesmo calculista.

LUIZ.—Quando foi a hora aprazada o primeiro bateu-me á porta. Fiz entrar o pé direito com a maior facilidade, e ao calçar o esquerdo fingi não caber e o pobre diabo lá se foi pôl-o na fôrma...

DEODATO.—Já te prevejo o plano. Na ausencia do primeiro chega-te o segundo e fizeste o mesmo...

LUIZ.— Com pequena differença, que troquei os pés, isto é, calcei o esquerdo pretextando não entrar o direito.

DEODATO. — Sublime ! E's um homem de recurso.

LUIZ.— Um homem da actualidade.

DEODATO.— E agora na ausencia dos dois pacientes...

LUIZ (*flegmatico*). — Ora, que pergunta ! Vou a festa e de lá raptar a menina. (*Vestindo o paletot*) Olha, se algum dia por desgraça deste paiz eu occupar um lugar no seio da representação nacional, hei de combater com interesse pela causa dos sapateiros, das sovelas e das solas. Vamos que elles não tardarão.

DEODATO.— Acompanho-te, mas, primeiramente vou ao correio ; chegou paquete do sul.

LUIZ. — A caminho ! A caminho ! (*Tira o chapéu de Deodato e põe o d'elle*). Troquemos os chapéus, este te calha melhor.

DEODATO. — Vá ! O teu está supplicando aposentadoria.

LUIZ. — Agora depressa, que já presinto os sapateiros.

DEODATO. — Se elles te encontram, que gargalhadas gostosas não daria eu. (*Saem pela E*).

SCENA VII

BELCHIOR, só

BELCHIOR (*do F. com o pé da botina*). — Aqui estou, fui n'um pulo. (*Observando a scena*). Onde estará elle ? O' seu patrão, aqui estou de volta. Demorei-me mais do que pretendia. Achei a mulher com dores, corri a ver a parteira. Um novo cidadão á patria ! E ha de chamar-se Lycurgo, Lycurgo, foi um sabio ! Hei de botal-o nos estudos ; aprender para ser gente e ha de ser um grande homem. Desta massa é que elles se fazem. Esta encommendinha veio mesmo por Deus. O homem lá da casa já pela terceira vez que me ameaça com despejo pela policia, só por dever-lhe tres mezes de aluguel. Agora mesmo em cima das dores da mulher. Maldito senhorio ! O gosto que tenho é que quando um desses diabos ricos morre, vai direitinho para as profundas do inferno fazer negociações com Belzebuth. (*Chamando*) O' senhor Luiz ? Senhor Luiz ? Cá estou. Não responde ! Querem ver o homem adormeceu enquanto fui á officina ? Invado-lhe a casa. (*Vai entrando para a E*). O' patrão, aqui está o sapateiro que quer dinheiro. (*Entra*).

SCENA VIII

PANTALEÃO depois BELCHIOR

PANTALEÃO (*entrando do F. com o pé da botina*)  
— Estou suando que nem uma bica. Aqui está, patrão. (*Vendo a scena deserta*) Cá não está ninguém! Chegará! Decididamente não nasci para estes trabalhos. Vim ao mundo para ser cousa mais prestimosa. Devera estar hoje nas camaras, no senado, nos clubs, entre os homens de capacidade de minha terra, e não neste incessante bater sola. Eram esses os desejos da defunta minha mãe, que Deus haja. A patria teria emfim um dedicado filho até beber-lhe a ultima gotta de sangue. Seria como outras tantas sanguessugas, que compõem a administração deste paiz. No entanto não passo de um simples votante, quando de mim precisam os homens politicos. (*Noutro tom*) Mas que é do senhor patrão?! (*Chamando*) O patrão, estou cansado de esperar! Em paga da massada dei um talho na botina, o que vem a ser durar a metade do que podia durar. Os freguezes são poucos e os caloteiros chovem por ahí aos punhados. (*Para o interior*) O' patrão, não estava com tanta pressa? Ferraria nosomno? Vou acordal-o. (*Vai entrando para a E. ao tempo que Belchior sahe*).

PANTALEÃO e BELCHIOR (*ao mesmo tempo*) —  
Aqui está a botina.

BELCHIOR. — Ah! Tu também andas por aqui?!

PANTALEÃO. — E tu, invejoso?!

BELCHIOR. — Invejoso és tu que me andas sempre a roubar as freguezias.

PANTALEÃO (*encolerisado*). — Roubar vieste tu! Não posso ter um freguez que não passes a mão! Um dia has de arrepender-te.

BELCHIOR (*enraivecido*). — Tu é que não has de gostar da caçoada! Mas nunca farás fortuna, porque não passas de um albardeiro...

PANTALEÃO. — E tu um *remendão* muito afamado!

BELCHIOR. — E tu um sujo! Vergonha dos sapateiros. E então? O senhor Luiz manda-me fazer um par de botinas...

PANTALEÃO. — E a mim também.

BELCHIOR. — E a prova é que fui pôr este pé na fôrma.

PANTALEÃO. — E eu fiz o mesmo. Aqui tens a prova. (*Mostra a botina*).

BELCHIOR. — Que dizes?! Ah! Tratante! Miserável...

PANTALEÃO (*ameaçador*). — Não me repitas, senão dou-te de rijo com a botina!

BELCHIOR. — Repito, sim! Não fallo contigo  
Não sabes que fomos enganados?

PANTALEÃO (*comprehendendo-o.*) — An!... Já entendo. Que plano de tratante! Deixa ver a tua botina.

BELCHIOR (*mostrando-a*). — E' do pé esquerdo.

PANTALEÃO. — E a minha do pé direito. Que refinado ladrão de gravata! E o operario que trabalhe para esses tratantes andarem no luxo!

BELCHIOR. — E foi esse sujeito que nas ultimas eleições veio me pedir o voto para camarista!

PANTALEÃO. — E a mim tambem. Vamos dar-lhe uma lição? Tiramos-lhe as botinas no meio da rua. Está dito?

BELCHIOR. — Na mais publica em que o encontrarmos.

PANTALEÃO. — A elle! Estamos em nosso direito.

BELCHIOR. — Que traficante! (*A' parte*) E minha mulher com dores! Vamos. (*Vão a sahir pelo F. encontram-se á porta com Nicoláo; seguram-o.*)

PANTALEÃO e BELCHIOR. — Está em nossas unhas!

PANTALEÃO. — Pensava que nos escapava?

BELCHIOR. — Refinado tratante!

PANTALEÃO (*reconhecendo o engano*) — Ah! Perdôe-nos, senhor. Foi um engano.

BELCHIOR. — Foi engano, foi, sim senhor. (*Saem pelo F.*)

SCENA IX

NICOLÁO, só

NICOLÁO (*aturdido e zangado*) — Engano Atrevidos! Corja de salteadores! Se não os intimido com o meu silencio, eram bem capazes de por engano levarem-me a carteira. (*Verifica*). Como está esta cidade infestada que já se ataca um cidadão pacifico assim ao meio dia! E a policia não os vigia e dorme por ahi a bom dormir. (*Noutro tom*) Mas onde está o pelintra do dono da casa? Dono! dono, não. O dono sou eu, O inquilino. E' outro patife! Um individuo sem eira nem beira e que luxa como um *lord* inglez. Ha seis mezes que me occupa a casa e apenas pagou-me o primeiro. E ainda em cima ter a petulancia de me namoricar a Eulalia, com *engasopamentos* de casamento. *Grandississimo* maroto! E como ia em progresso a tal correspondencia amantetica! E eu sem dar por ella! Bem dizem que nós os pais somos uns cegos; mas agora cahiram-me as cataratas dos olhos. Sem o querer, dei hoje com o *archivo* amoroso da rapariga, encontrando um calhamaço de cartinhas, flores seccas, fitinhas, umas poucas de sem vergonhas! (*Tira do bolso um embrulho de cartas*) Não tem menos de umas cem! (*Conta até dez*) E ainda mais! Oh! Vergonha! E o pelintra (*lendo uma*

na primeira trata a rapariga por senhora; na segunda (*verifica*) por... meu amor! Na terceira, (*verifica*) por... bemzinho Eulalinha. Vai graduando a liberdade! Na quarta (*verifica*) pede um beijinho e um... Oh! Escandalo! Eu arrependo o tal *Adonis*! Desavergonhado! Chamar-me com uma das suas cartas, velho rabujento e cacuço! Rabujento! Eu sou algum cachorro! E' hoje o dia de ajustarmos contas. Ponho-te com os quartinhos no andar da rua sem remissão de peccados! Cá com o Nicoláo Fagundes nunca ninguém brincou! (*Toma rapé*) E tudo isto é progresso! Pois hoje me pagarás com juro. (*Espirra*) *Atchim!*

## SCENA X

### O mesmo e PROCOPIO

PROCOPIO (*entra do F. com um jornal*). — Já por cá, senhor Nicoláo? Pois ainda não faz uma hora que sahi de casa.

NICOLÁO. — Então vem bem ensaiado para desempenhar o seu papel?

PROCOPIO. — Garanto ao patrão que hei de executar melhor do que se fôra mesmo um meirinho. Eu cá nasci para tudo, felizmente. E veja V. S. que não me tenho dado mal. Já uma vez servi de interprete a um namorado respondendo-lhe as

cartas que recebia da *cuja*. Tenho por mais d'uma vez sido *phosphoro* em eleições. Por uma occasião assignei uma responsabilidade num certo artigo politico, constituindo-me o *testa de ferro* de seu autor; desta vez, sim, quasi que me metti numa roda de páu; mas salvei-me são como um pêro. Eu cá tenho juizo.

NICOLÁO. — E' o que serve. Quero vel-o perito. Em chegando o pelintra...

PROCOPIO (*interrompendo-o*). — Vou-lhe logo ao encontro e... *zás!* sacudo-lhe com o fingido mandado em lugar de um bom dia. Hei de se meirinho uma vez na minha vida, é bom saber-se de tudo.

NICOLÁO. — Muito bem. Quero apenas intimidar esse caloteiro, afim de esvasiar-me o predio depois lhe recompensarei, segundo o effeito do seu papel.

PROCOPIO. — Confio na generosidade de V. S. A citação está cá feita a meu geito: despejo dentro de 24 horas, baseado no artigo não sei quanto da nova reforma judiciaria. Deixe estar V. S. que hei de encher-lhe as medidas do seu desejo. (*A' parte*) E tambem enterrar-te as unhas.

NICOLÁO. — O peralta crejo que sahiu. Vou visitar o jardim, faço idéa como não estarão estragados aquelles canteiros, outr'ora tão floridos. Em mãos de semelhante *balafumengas*. Espere-o que eu já volto.

PROCOPIO. — Estou disposto mesmo a dormir qui se o *quidam* não chegar hoje.

NICOLÁO. — Ha de chegar. Ha de chegar. (*Vai ahindo para a E. tomando rapé*) Atchim!

PROCOPIO. — *Dominus tecorum.*

## SCENA XI

PROCOPIO, só

PROCOPIO (*depois que Nicoláo sahe, senta-se junto á porta da D. F.*) Este velho veio do céu. Sei que a minha missão é um tanto degradante nas, ha occasiões em que não ha outro remedio não fazer-se das tripas coração. Os tempos são tão *bicudos*... Meirinho improvisado! Não está máu. Logo que me appareça o *typo* vou a elle e... (*levanta-se e imita*). V. S. está citado pela presente citação para desoccupar esta casa dentro de 24 horas, do que dou fé. Assim fica tudo arranjado e os cobres cá no meu bolço. *Senta-se no mesmo lugar e lê o jornal bocejando*). Telegrammas do Rio dizem que... o ministerio está em crise. » (*Declama*) Que leve a *breca*... a nanjarra! (*Lendo*) « Corre que a Russia romperá com a... Belgica. » (*Declama*) Já serompem tarde. Roto... andoeu. (*Lendo com somnolencia*) Na rua Duque de Caxias... precisa-se de uma ama... de leite... para casa de rapazes... solteiros. (*Boceja prolongadamente e adormece*).

SCENA XII

O mesmo, LUIZ, PANTALEÃO e BELCHIOR,  
*que entram da E. F. perseguindo Luiz*

PANTALEÃO — O senhor é um tratante!

BELCHIOR — Um supino caloteiro.

PANTALEÃO — Mas está em nossas mãos.

BELCHIOR — E não nos escapará!

LUIZ (*apparentando calma*). — Os senhores são uns imprudentes. Queriam então descalçar-me no meio da rua? Acham isto muito decente?

PANTALEÃO. — Só assim pagava-nos satisfactoriamente.

BELCHIOR. — Com os velhacos como o senhor assim se deve fazer.

LUIZ. — Os senhores sabem o crime que commetteram?

PANTALEÃO. — Não tem crime nem meio crime.

BELCHIOR. — Deixemo-nos de *lerias*. Vamos, ou dinheiro ou...

LUIZ. — Ou botinas. Pois não. Tudo se arruma sem escandalos. (*Sente-se, tira a botina do pé esquerdo e entrega a Pantaleão*). Restituo-a.

PANTALEÃO (*á parte*) — Que descaramento! Este sujeito estava bom para ser ministro!

LUIZ (*entregando a do pé direito a Belchior*) —  
qui tem a sua ; nada lhes devo agora. (*A' parte*)  
deus rapto ! Adeus dote !

BELCHIOR (*á parte*) — Que cynismo de força !  
(*Alto*) Peça bem ao diabo que outra não lhe  
aconteça.

LUIZ (*procurando conter-se*). — Fazem favor de  
deixar-me a commodo. Estão desoccupados, reti-  
rem-se.

PANTALEÃO. — Retiramo-nos, mas deixamos  
um bom tratante.

LUIZ. — Nem mais uma pilheria, do contrario  
arrebento-os. Estou em minha casa, entendem ?

BELCHIOR. — Logo nos pagará. (*A' parte*) E  
minha mulher com dores !

LUIZ (*procurando uma arma*) — Rua, Cana-  
has ! Grito pela policia, corja de salteadores !

PANTALEÃO. — Ladrão é elle que quiz roubar  
o nosso suor ! Vamos, deixemos este *estra-*  
*leiro*.

BELCHIOR. — Vamos, os ladrões de gravata têm  
carta branca da policia para esse fim.

LUIZ (*pegando de uma cadeira*) — Estrangulo-os,  
Atrevidos ! Canalhas !

(*Belchior e Pantaleão sahem pelo F. Luiz dá  
um socco na banquinha*) Operarios dos diabos !  
(*A este tempo Procopio estremece na cadeira e  
cae desastradamente*).

SCENA XIII

LUIZ e PROCOPIO

PROCOPIO (*como acordando dum sonho*) — Não me matem ! Aqui d'El-Rei ! (*Levantando-se e vendo Luiz ; á parte*) Ah ! Este deve ser o tal sujeito !...

LUIZ. — Quem é o senhor ? O que quer ? Algum larapio...

PROCOPIO (*perturbado*) — Senhor, eu... eu sou, sim... eu sou... quero dizer...

LUIZ. — Então, desembucha ou não desembucha ? (*A' parte*) Parece que os diabos saíram hoje do seu reinado para me tentarem !

PROCOPIO. — Senhor, eu vim... quer dizer... (*A' parte*) Lá vai borrado o meu papel. (*Alto, tirando um papel do bolso e lendo*) Eu sou o meirinho, que lhe venho dentro de 24 horas dizer que... segundo as leis do paiz...

LUIZ. — Não continue, refinado impôstor !

PROCOPIO. — Não póde tratar assim um official de justiça. Tenho a garantia da lei!...

LUIZ. — Ponha-se fóra da porta, do contrario posso estrangulal-o. Patife.

PROCOPIO. — E' elle ! Não me póde insultar.

LUIZ (*ameaçando-o*). — Rua, senão sacudo-o ponta-pés.

PROCOPIO (*receioso*). — Mas é que V. S...  
(*á parte*) Que camisa de onze varas! (*Vai saindo pelo F. ao tempo que Nicoláo entra da E.*)

#### SCENA XIV

Os mesmos e NICOLÁO

NICOLÁO. — Que algazarra é esta? (*Vendo Luiz parte*) Olá! Cá me cahiu o peixe na rede!

LUIZ (*á parte*) — Oh! O pai de Eulalia! O proprietario! Oh! Caiporismo!

NICOLÁO. — Emfim encontrei-o.

LUIZ. — Não o conheço. Com que direito me invade o senhor o interior de minha casa?

NICOLÁO. — De sua casa?! Eh! Eh! Eh! Não está máu! E como a chama esse seu criadinho?

LUIZ. — Invadiu-me o domicilio, é um criminoso perante o direito...

NICOLÁO. — Qual criminoso! Qual direito! Historias! Não quero ouvir-lhe os berros. Desocupe-me o predio...

PROCOPIO (*adiantando-se*). — Já lhe fiz a citação. Este senhor é um inconveniente.

LUIZ (*á parte*) — Eu racho estes dois diabos!  
(*Alto*) Em minha casa ninguem grita mais do que eu; está entendido, pedaço de velho?

NICOLÁO. — O que me diz?! Repito! O senhor é um sinorio tratante. Ponha-se no meio da rua, que eu não tenho casa para o senhor morar por sympathias! Não sustento traficantes...

LUIZ (*ameaçador*) — Traficante é elle, velho devasso... immoral! Retire-se de minha presença, quando não racho-o de meio á meio. (*Vai a gaveta e tira uma faca sem ponta*). Vá saindo!

NICOLÁO (*receioso*) — Ameaça-me?! Intimida-me, seu boneco da moda?

LUIZ (*aproximando-se de Nicoláo, com a faca empunhada*) — Não quero ouvir-o! Já perdi os estribos! Rua! Rua, insolente! (*Nicoláo vai recuando, tropeça na cama e cahe deitado, de modo que Luiz tropeça nelle, ficando-lhe por cima; nessa posição Nicoláo procura sustentar o braço de Luiz*).

NICOLÁO. — Não me mate sou um pai de familia!

LUIZ. — Ha de conhecer a força de meus pulsos.

PROCOPIO (*atrapalhado, procurando retirar Luiz de sobre Nicoláo*) Senhor! Senhor! Não mate o velho! Paz! Paz! Senhor Luiz da Paz! Eu grito por soccorro! Acudam! Acudam! (*Indo a janella e gritando para fóra*) Olá da ronda! Soccorram! Venham!

NICOLÁO. — Seu Procopio?! Seu Procopio?!

SCENA XV

Os mesmos e dois soldados, *que entram do F.*

1º SOLDADO (*segurando Procopio*). — Esteje preso!

2º SOLDADO (*puxando Luiz de sobre Nicoláo*)  
O que é isto, senhor? Está preso, renda-se...

LUIZ. — Larguem-me! Larguem-me!

NICOLÁO (*que se ergueu da cama, todo tremulo*) — Segurem-n'ó, que está hidrophobico!  
E' um criminoso! Tentou contra a minha existencia!

PROCOPIO. — Mas, senhores, porque vou eu preso? Eu que livre agora de dar-se aqui uma scena de sangue!

LUIZ (*á Nicoláo*). — Ainda está em minha presença, homem desalmado?

SCENA XVI

Os mesmos e DEODATO

DEODATO (*entrando do F. muito alegre, vai abraçar Luiz*) Parabens! Parabens! Morreu tua avó e madrinha. Estás rico! (*Admiração de todos*).

LUIZ. — Que dizes?! Eu sou o unico herdeiro! Herdeiro de uma fortuna que monta em mais de cem contos!

DEODATO. — Assim é. (*Dando-lhe uma carta*) Recebi agora mesmo pelo paquete. E' de S. Paulo. (*Reparando a scena*) Mas o que significa isto? Vás a alguma diligencia policial?

NICOLÁO (*á parte*). — Rico! Rico!

LUIZ (*que tem acabado de ler a carta, com pezar*). — Sempre era minha avó!

DEODATO. — Manda rezar-lhe missas e tens pago a herança que te deixou.

1º SOLDADO. — Vamos, senhores.

DEODATO. — Mas ir para onde?

2º SOLDADO. — Para o *xilindró*. Estes homens estão presos.

LUIZ (*á parte*). — Até que enfim, minha Eulalia!

NICOLÁO (*ao 1º Soldado, fallando-lhe á meia voz*). — Desculpem. E' como se nada acontecesse.

1.º SOLDADO. — Mas V. S. bem vio que eu os apa-  
nhei no *fragante delicto*...

NICOLÁO (*mettendo-lhe dinheiro na mão*). — Paga o delicto. E' para você matar o bicho. O feito por não feito. (*A' um signal do primeiro soldado o segundo acompanha-o e saem pelo F*).

SCENA XVII

Os mesmos, menos os SOLDADOS

DEODATO (*á Luiz com quem tem estado conversando baixo*).— Bem dizem que o diabo protege os seus. Eis tu rico com os cafeseiros da defunta tua avó.

NICOLÁO (*á Luiz*).— Então ? A felicidade é filha do acaso.

LUIZ. — Senhor Nicoláo, acabo de saber da morte de minha avó!...

NICOLÁO. — Ouvi, com muita satisfação.

LUIZ.— Viu tambem que me deixou por seu unico herdeiro. Pois bem. Até hoje amando eu uma mulher digna do meu amor, impossibilitava-me a minha pobresa de ligar-me a esse anjo de encantos e canduras; mudou-se, porém, por uma fatalidade o meu estado de indigencia, habilitando-me assim a pedir o seu consentimento no meu casamento com sua encantadora filha.

NICOLÁO. — Estava quasi não lh'a dando ! Mas... está feito. Deixe abraçal-o. (*Abraça-o*).

PROCOPIO (*adiantando-se*). — Olhe a faca, senhor ! Olhe a faca !

DEODATO. — Venha tambem o meu. (*Abraça Luiz*) Morrem uns para bem de outros.

NICOLÁO (*á Procopio*).— Não perderá o seu trabalho. Foi um verdadeiro meirinho. (*A' Luiz*)

Agora á nossa casa. Será o senhor mesmo que levará a feliz nova á sua noiva.

LUIZ. — Mas não me vê descalço?

DEODATO. — Mandarei comprar um par de botinas; mas, vê, por conta da tua herança . . .  
(*A' Procopio*) Poderá fazer o favor...

PROCOPIO. — Pois não; de muito bom gosto.

DEODATO (*dando-lhe uma nota*).— Numero 40, altura quasi correspondente.

PROCOPIO.— Numero 40?! (*A' parte*) Que lancha é o pé deste sujeito! (*Sahe pelo F.*)

### SCENA ULTIMA

Os mesmos, menos PROCOPIO

LUIZ. — Deodato, serás um dos padrinhos.

DEODATO. — Mais uma prova de tua amizade, que tanto me tens prodigalisado. (*Abraçam-se*).

NICOLÃO (*á parte*).— Cem contos de réis! Que boa pechincha! (*A' Luiz*) De hoje ha um mez, entende? Casamento demorado torna-se caiporado!

LUIZ.— Eu quizera hoje mesmo. (*A' parte*) Era este o meu calculo! (*Canta para a platéa*).

Muito boa noite, senhores,  
A peça está terminada;  
Chovam dahi os louvores,  
Estrondosa gargalhada.

CAE O PANNO

52076

Bibliotheca das Folhinhas Laemmert.

---

# DE MADRUGADA

---

Comedia ornada de musica

ORIGINAL DE

AMERICO AZEVEDO



1901

RIO DE JANEIRO  
COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL  
93 Rua dos Invalidos 93

## PERSONAGENS

SILVERIO, fazendeiro em Marajó .....	50	anos
ANASTACIA, sua mulher .....	50	»
JOANNA, sua filha .....	20	»
JEREMIAS, seu sobrinho .....	25	»
FELIPPE .....	25	»

---

A acção passa-se na capital do Pará.  
Actualidade.

## ACTO UNICO

Sala de espera, mobiliada simplesmente. As portas do fundo dão para um jardim e as lateraes para o interior da casa. A' direita fica um telephone e no centro da scena uma mesinha, coberta por um panno, que vai quasi ao chão. Em cima desta, vê-se um castiçal com a vela apagada. Sobre um dos consolos está um candieiro com pouca luz e sobre o outro uma quartinha e copos. São 2 horas da madrugada.

### SCENA I

FELIPPE, depois JOANNA

FELIPPE, *entrando do fundo com a maior  
precaução*

Felizmente encontrei luz. (*Augmenta a luz do  
candieiro e vai á segunda porta, á esquerda*). E'  
está a porta, demos escapula ao passaro. (*Ba-  
tendo de mansinho*). Joanninha? ó Joanninha?

JOANNA, *de dentro*

Espera, já vou.

FELIPPE, *fallando para dentro*

Olha que os gallos já estão cantando.

JOANNA, *ainda de dentro*

Já sei, espera um instantinho.

FELIPPE, *fallando para dentro*

Mas não demores muito. Lembra-te que hoje é o dia do cirio, que já devem ser duas horas e tanto e os velhos d'aqui a pouco estarão acordados. (*Afastando-se da porta*). A humidade fez-me um mal horrivel. Sinto frio nos ossos e dóe-me todo o corpo. Tambem se desde a meia noite ando lá por fóra!... (*Gemendo e esfregando as pernas*). Ai!... ai!...

CANTA

Ha muito quero casar  
Com a faceira Joanna,  
Mas o velho, a não quer dar,  
E a velha a cabeça abana.

Qual a razão?

Ai, não sei, não!

Por isso, neste momento,  
'Todo entregue ao Deus do amor,  
Vou fazer um casamento  
Fóra das leis do Senhor.

Porque razão?

Não digo, não!

(*Sente-se abrir a porta e apparece Joanna. Vem de branco, em trages de casa. Traz comsigo um « indispensavel » uma trouxa e uma « sahida de baile »*).

JOANNA

Prompta.

FELIPPE

Ah! como estás bella!

JOANNA, *deixando os objectos sobre a mesa*

Porém tremula, como nem calculas.

FELIPPE

Isso passa. (*Gemendo*). Ai!... ai!... Assim  
passasse esta dôr das minhas juntas.

JOANNA

O que tens?

FELIPPE

Nada! um principio de rheumatismo.

JOANNA

Eu tambem estou tão nervosa! Só tenho  
necessidade de chorar.

FELIPPE

Nem penses nisso. Vamos embora, não ha  
tempo a perder.

JOANNA

Ainda não, estou com tanto medo !...

FELIPPE

Medo de que ?

JOANNA

Nem mesmo sei !...

FELIPPE, *contrariado*

Por esta já eu esperava. (*Gemendo*). Ai ai !...

JOANNA, *magoada*

Oh! Felippe !...

FELIPPE

Só parece que não me queres o bem q dizes !

JOANNA, *sentida*

Pois ainda o duvidas?

FELIPPE, *agradando-a*

Estou gracejando. Tenho o mau habito não duvidar de cousa alguma.

JOANNA, *com voz chorosa*

E' mentira, você duvida !

FELIPPE

Qual duvido ! (*Supplicante.*) Vamos, vamos, meu amor.

JOANNA, *chorando*

Está ahi como são as cousas. Eu que te estimo tanto, que por ti vou hoje deixar a casa de meus pais. (*Chorando mais forte*), a quem quero tanto bem... e que por ti... (*Não pôde continuar, embargada pelo pranto*).

FELIPPE, *á parte*

Bonito, seu Felipe ! (*Alto á Joanna*). O que é isto ? choras ?

JOANNA, *sempre chorosa*

Eu choro... eu choro, porque tenho razão.

FELIPPE, *á parte*

Estou arranjado, fui bolir com uma pilha electrica. (*Alto*). Olha, minha «candonga», lembra-te que já não ha tempo, nem para chorar.

JOANNA, *limpando os olhos*

Se eu estou tão nervosa !

FELIPPE, *animando-a*

Qual nervosa ! Deixa-te disso. Repara que os gallos já não cessam de fazer có-cô-rô-cô !

JOANNA, *com resolução, tomando de sobre a mesa os objectos*

Animo, minha Nossa Senhora de Nazareth !

FELIPPE

Deixa estar que ella nos ha de proteger, não havemos de ser descobertos. O dia do cirio é o mais apropriado para uma fuga. Salvo a boa intenção da maior parte dos que lá vão, acompanhar a Santa, a romaria não deixa de ser um arremedo de passeiata carnavalesca. Ha alli de tudo, como bem sabes. Homens e meninos fantasiados de marinheiros ; mulheres com pedras e potes na cabeça ; typos e typas amortalhados, outros carregando caixões de defunto ; muitos descalços, e com as vestes caseiras, sobraçando enormes velas e promessas de cêra, etc., etc. Por conseguinte, a esta hora, aproveitando o lusco fusco da madrugada e a confusão do povo que passa aos cardumes para o cirio, quem te vir com o teu vestido de andar em casa e essa trouxinha ha de pensar que tambem vais pagar a tua promessa ! Coragem ! Zarpemos !

JOANNA

Já que a sorte assim o quer... (*Indecisa*)  
Mas...

FELIPPE

O que tens?

JOANNA, *levando a mão á testa*  
Mas...

FELIPPE

Mas... o que?

JOANNA

Ah! um objecto de que me ia esquecendo.  
Espera um pouco.

FELIPPE, *impaciente, detendo-a*  
Ainda mais esta! Mas, o que é?

JOANNA

Uma cousa impescindível,

FELIPPE, *impaciente*

Oh! Deus do céu! Isto hoje não acaba!

JOANNA, *indo a sair*

Não te zangues, é só um instantinho.

FELIPPE

Nesse caso, espera. (*Joanna volta*). Para não perdermos mais tempo, vou preparar a escadinha de corda lá embaixo; mas, ouve bem: — Se, quando eu voltar, não estiveres prompta, ou por outra, se ainda houver alguma demora, ficaremos mal p'ra toda a vida! Aceitas?

JOANNA

Prometto que me encontrarás promptinha. (*Felippe sae*). Nossa Senhora de Nazareth me valha. Tenho a cabeça á razão de juro, até já me ia esquecendo do espartilho! (*Começa o tympano do telephone a vibrar com toda a força*). Ui! que susto! Agora é que está tudo perdido! O telephone com certeza já acordou a papai. (*Sae*).

SCENA II

SILVERIO, depois FELIPPE

SILVERIO, *entrando*. *Vem de rob-de-chambre, fumando em um cachimbo de grande taquary*

Espera, malvado, não faças tanto barulho. (*Cala-se o tympano*). O telephone póde ser um grande invento, mas não de madrugada, principalmente quando desperta a um sujeito, como eu, que passou mal toda a santissima noite e vai ter a estopada de carregar como promessa, um caixão de defunto, e de quem logo?

do compadre Julião que é alto e gordo, como um elephante! (*O tympano sôa novamente*). Lá está o diabo a zunir. (*Indo ao aparelho*). Não ha remedio senão obedecel-o. (*Pegando no tubo*). Ainda não sei me haver com esta geringonça. Creio que o negocio é assim. (*Leva o tubo á bocca*), e se não me engano, deve-se dar uma pancadinha nesta caixa. (*Faz o que diz*) e dizer alguma cousa. (*Perguntando*). Quem falla? (*Pausa, á parte*). Que diabo! nem resposta. (*Fallando outra vez.*) Quem falla?

FELIPPE, *entrando, sem reparar em Silverio, que espera attento a resposta que ha de ser transmittida pelo telephone*

Ah! que demora!

SILVERIO, *julgando ouvir no telephone*

Que demora! Como demora?... quem falla?

FELIPPE, *voltando com todo o cuidado, de modo a não ser visto por Silverio*

Ui! em que ia cahindo?

SILVERIO, *sempre attento ao aparelho*

Como cahido? (*A' parte*). Não comprehendo! (*No aparelho*). Quem falla? (*A' parte*). Ora bolas! Ainda ha pouco achavam demora e agora não dizem mais nada! (*No aparelho*). Quem

falla?... Oh! senhor!... (*Largando, zangado, e tubo do apparelho e afastando-se*). Ah! quem é não responde? pois passe muito bem, não estou para atural-o. (*N'outro tom*). Já agora aproveito a occasião e vou ver as saúvas. As damnadas estão acabando as roseiras. Mas, por onde andaré o formicida? Ah! já nem me lembrava que o deixei lá fóra. (*Sac, levando o castiçal, que está sobre a mesa*).

SCENA III

JOANNA, depois FELIPPE

JOANNA, *entrando, com cuidado*

Foi-se. Não vá elle encontrar Felipe. (*Vai á porta do fundo, observando*). Ainda bem que está tudo escuro. (*Afastando-se*). O jardim, grande e sombreado como é, só mesmo um acaso faria que...

FELIPPE, *apparecendo á porta do fundo*  
Joanninha?... Oh! Joanninha?...

JOANNA

Jesus! Espantaste-me!

FELIPPE

Que queres? Está lá fóra um frio!... (*Gemendo*).  
Ai!... ai!...

JOANNA

Ai, se o papai nos descobre!...

FELIPPE

Por enquanto não ha perigo. Eile está para o jardim, e por signal quasi abalroamos.

JOANNA

Passou-te o rheumatismo ?

FELIPPE

Qual! (*Gemendo*). Ai!... Ai!... Estou com as pernas que são dous sorvetes.

JOANNA

Coitado ! E tudo isto por minha causa.

FELIPPE

O amor não corhece sacrificios.

JOANNA

E' uma verdade. Se não fosse o amor, eu tambem não estaria como estou. Sinto um nervoso! (*Dando a mão a Felippe*). Vê como minha mão está gelada.

FELIPPE, *beijando-lhe a mão*

Deixa aquecel-a!... Ai, anjo querido, temos de descontar com juro de juro os tormentos porque temos passado! (*Vai abraçal-a*).

JOANNA, *afastando-se*

Ah! não faças isto, o papai pôde vir por ahi.

FELIPPE

Que venha! Gritarei com toda força dos meus pulmões — Pega ladrão!

JOANNA

E' boa. Vê que não estás em tua casa.

FELIPPE

Que importa! Aquelle homem é o ladrão da minha felicidade.

JOANNA

Não, Felipe, eu estou muito nervosa, tem paciencia, volta para o jardim. Lá estarás mais seguro.

FELIPPE

Disso sei eu; mas, com este frio, Joanninha?  
(*Gemendo*) Ai!... ai!...

JOANNA

O que fazer?

FELIPPE

Ha um meio, entrarmos alli para a sala.

JOANNA

Está fechada.

FELIPPE

Então, para aquelle quarto.

JOANNA

Deus me livre, é o meu quarto de dormir.

FELIPPE -

O que tem isso?

JOANNA

O que tem isso? Se para alli entrassemos, seria desnecessario fugir.

FELIPPE

Oh! então, estou condemnado a esperar no jardim? (*Gemendo*). Ai!... ai!...

JOANNA

Que remedio !

FELIPPE

Não para o meu rheumatismo ! (*Gemendo*)  
Ai !... ai !

JOANNA

Ah ! tenho uma idéa !

FELIPPE

Qual é ?

JOANNA

Escondes-te debaixo desta mes.

FELIPPE

Ahi ?

JOANNA

Sim. Não é uma idéa feliz ?

FELIPPE

Muito mais feliz do que as minhas pernas.  
Prefiro o frio.

JOANNA

Bem, adeus! (*Com intenção*). O amor não conhece sacrifícios. Não podemos ficar ma's tempo aqui.

FELIPPE

Deixa-te de nervoso, ouve!...

JOANNA

Nada! o papai póde entrar de um momento para outro. Até logo. (*Já da porta do quarto*). Que a sorte nos proteja! (*Desapparece*).

FELIPPE

E o meu rheumatismo! (*Gemendo*). Ai!... ai!... Ella tem razão, o velho póde apanhar-me, e então é que está o caldo todo entornado. Nada de asneiras, seu Felipe. (*Sae para o jardim*).

## SCENA IV

ANASTACIA, só

ANASTACIA, *que vem envolvida em um chale e com uma caixa de rapé na mão*

Seu Silverio?... ó seu Silverio?... Por onde andaré este homem? Benza-o Deus, não me deixou dormir socegada. Levou toda a santissima noite a chamar-me, para pedir pitadas.

Então, quando eu sentia estremecer os punhos da minha rede, não tinha mais que perguntar, era elle que queria a caixa. E o que é verdade, é que a deixou secca, completamente secca. (*Abrindo a porta da sala, primeiro plano, á esquerda*). Parece-me que o bote de rapé ficou aqui na sala. (*Entra, riscando phosphoros*).

## SCENA V

JOANNA, só

JOANNA, *entrando, com precaução*

Senti rumor aqui. Seria Felippe? (*Vendo a porta da sala aberta*). Oh, a porta da sala está aberta. Quem será? Ou é o papai ou a mamã. Não convem que me vejam. (*Entra para o quarto*).

## SCENA VI

ANASTACIA, FELIPPE e SILVERIO

ANASTACIA, *trazendo um bote de rapé*

Felizmente encontrei o bote logo a mão. O senhor meu marido é que o deixa, seja lá, onde fôr, obrigando-me a sahir a estas horas. Pois elle bem sabe que quem me tira o rapé, me tira tudo. Tambem eu só tomo do grosso. (*Senta-se e deita rapé na caixa*).

FELIPPE, *entrando pé ante pé, á parte*

Por um triz que sou pilhado pelo velho.  
(*Vendo Anastacia*). E agora? Estou aqui,  
estou na ratoeira. (*Vendo a porta da sala  
aberta*). Ora graças a Deus! (*Entra*).

ANASTACIA

Quem está fallando ahi? (*Levanta-se pro-  
curando*). Pois senhores, ouvi perfeitamente  
dizer: — ora graças a Deus! Quem está  
ahi?

SILVERIO, *entrando do fundo, espirrando*

Atchim! ... atchim!...

ANASTACIA

Foste tu que disseste: Ora graças a Deus?

SILVERIO, *admirado*

Eu?! ... Só se foi por ter apanhado esta  
grande constipação. Atchim!

ANASTACIA

Não fallaste ainda agora aqui?

SILVERIO. *deitando o castiçal sobre a mesa, depois de apagar-lhe a vela*

Ainda agora, não ; mas, agora com certeza, sou eu quem está fallando.

ANASTACIA

Mas, seriamente, ainda ha pouco, não fallaste aqui ?

SILVERIO, *recordando-se*

Ah ! sim, fallei no telephone.

ANASTACIA

Ora ! não é isso que pergunto.

SILVERIO

Então, estás malucando. Atchim !

ANASTACIA

O que é certo é que acabei de ouvir uma voz que não era a tua.

SILVERIO

Ora historia ! Isso ou é nervoso ou espiritismo. (*Rindo-se muito*). Ah ! ah ! ah !... Já sei o que foi... ah ! ah ! ah !... Foi o telephone.

ANASTACIA, *admirada*

O telephone ? !

SILVERIO

Sim, ainda ha pouco fallei nelle, e só agora talvez por pirraça, é que o tratante quiz responder.

ANASTACIA

Pois, meu marido, manda tirar essa bruxaria da casa. Uma cousa que falla sosinha !...

SILVERIO, *rindo*

Ah ! ah ! ah !... Quanto mais se visses o *porphónogro* ou *pornóphrogo*, nem lhe sei mesmo o nome. Por estes dias, havemos de vel-o na festa, em Nazareth. Dizem-me que é um bicho que falla, ri, canta, toca musica, emfim, faz o diabo, como se fosse o referido cujo.

ANASTACIA, *benzendo-se*

Cruzes ! não quero vel-o.

SILVERIO

Minha velha, és... (*Espirrando*). Atchim !... atchim !... atch... (*Fica com um espirro suspenso*).

FELIPPE, *atravessando o fundo da scena, da porta da sala para o jardim, de modo a não ser visto por Anastacia e Silverio*

Antes o frio. A sala tem carapanãs, que é um Deus nos accuda !

ANASTACIA

Hein ?... pareceu-me !...

SILVERIO

Não é nada. Foi o echo do meu espirro ! (*Noutro tom*). Mas, como ia dizendo, és uma tola, precisamos não dar a conhecer que chegamos ha dias de Marajó. Vê como a Joanninha creada aqui na cidade, em casa do compadre, nos está a dar lições a todo momento.

ANASTACIA

E' verdade, não a achas um pouco exquisita ?

SILVERIO, *accendendo o cachimbo*

Sim, um pouco nervosa, muito cheia de dengues, mas já sei o que é. O Jeremias contou-me tudo. Ella gosta ahi de um tal senhor Felipe, que ha muito tempo lhe arrasta a aza, e por quem, se nós não abrirmos os olhos, será ella bem capaz de fazer alguma.

ANASTACIA

Meu marido, esse tal de Felipe, não é aquelle daquillo ?

SILVERIO

Justamente, é esse troca tintas.

ANASTACIA

Axi ! E' bom tratarmos de casal-a emquanto antes com o Jeremias.

SILVERIO

E' nisso que penso. A' propria Joanninha já fiz sentir que ella não casará com outra pessoa. O Jeremias, comquanto seja um tanto apalermado, tem bons sentimentos e... (*Faz signal de dinheiro*) algum cobrejo.

ANASTACIA

E' o marido que serve para a nossa filha, que tambem tem bezerro.

SILVERIO

Dizes bem, a nossa filha já tem bastante gado. Perto de seiscentas cabeças.

ANASTACIA, *bocejando*

Que horas são?

SILVERIO

Não sei, mas o jardim ainda está como breu, (*Espirrando*). Atchim! atchim!... Para matar o tempo, fui matar saúvas, e só logrei constipar-me. E' verdade, deixa ver uma pitada.

ANASTACIA, *dando-lhe a caixa*

Já você começa. Se não tivéssemos de ir ao cirio, eu dava-lhe, mas era um suadouro, para passar essa constipação.

SILVERIO

Vamos, então, para o quarto, que ainda é cedo.

ANASTACIA

E' melhor mesmo. Está fazendo um frio!

DUETTO

ANASTACIA

Ai! que frio, meu marido,  
Chega-te bem para mim,  
Põe este chale nas costas  
E a cabeça cobre... assim!...

(*Agasalha a Silverio*).

SILVERIO

Oh ! que espirrar tão massante,  
Isto hoje não tem mais fim,  
Se quero dizer um verso,  
Só comsigo — um a-t-chim !

JUNTOS

Sahir cedo para o tempo,  
E' cousa muito ruim,  
Obriga um pobre christão  
Só a fazer — a-t-chim !

*Espirrando.* Atchim !

Atchim !

Só a fazer — a-t-chim !

*(Sahem pela segunda porta, á direita).*

SCENA VII

JOANNA, depois JEREMIAS

JOANNA, *entrando com a maior precaução*

Desta vez, creio que a casa está socegada.  
*(Espreitando á segunda porta á direita).* Os velhos felizmente estão lá para dentro. O que será feito de Felipe? Coitado ! que noite tem elle tido e que frio não estará sentindo lá fóra. Vamos chamal-o. *(Quando vai a chegar á porta*

do jardim, entra Jeremias offegante e a tremer como quem acaba de raspar um grande susto. Jeremias que é amarello e magro, mostra ter-se levantado de uma molestia; o que não o impede, porém, de trazer o cabello cuidadosamente partido ao meio, e um pince-nez que usa por pedantismo. Vem amortalhado e empunha uma grande vela de cêra).

JOANNA, *espantando-se*

Ai! Santo Deus!

JEREMIAS

Ai!... ai!... nem posso fallar!...

JOANNA

Mas... o que quer dizer isto?

JEREMIAS, *ainda offegante*

Dê-me um copo d'agua, por favor.

JOANNA, *ainda assustada*

Está alli em cima. (*Mostra-lhe o consolo*). Mas, o que foi? o que foi?

JEREMIAS, *depois de beber agua*

Um susto, um grande susto, que acabo de raspar.

JOANNA

Você foi quem me assustou com essa camisola. Fiquei com as pernas, que nem me posso ter em pé. (*Senta-se*).

JEREMIAS, *sentando-se*

Eu tambem. Mas que grande susto!

JOANNA

Mas o que aconteceu? Falle, diga logo o que foi.

JEREMIAS

Um ladrão... um ladrão, que estava no jardim.

JOANNA, *á parte, sorrindo-se*

Ah! já sei, foi o Felippe.

JEREMIAS, *querendo levantar-se*

E' bom fechar bem aquellas portas. (*Indica as do fundo*) E despertar os tios.

JOANNA, *que já tem recuperado a calma*

Não é preciso, sente-se. (*Jeremias senta-se*)  
O ladrão já deve ter fugido.

JEREMIAS

Póde ser... (*N'outro tom*) Sinto uns arrepios!... (*Tomando o pulso*) Quem sabe se já não são as malditas sezões!

JOANNA

Bem feito. Tambem o que faz você tão cedo e nesse feitio, assustando a gente?

JEREMIAS

Não é por culpa minha. O tio hontem á noite, quando eu ia a sahir, disse-me assim: Jeremias, já que tens de ir amanhã ao cirio, pagar a tua promessa. (E é, por isso, que estou neste gosto!)... (*mostra a camisola*) vem bem cedo cá por casa, para despertar-nos. Para não haver desculpa, toma a chave do portão e leva-a contigo. Bem, levantei-me bem cedo e, esperto como sou, preveni logo ao tio, pelo telephone, que já vinha acordal-o.

JOANNA

Falle mais baixo. (*A' parte*) Que cacete!

JEREMIAS

Depois, puz-me na rua, mas, oh! caiporismo! Logo em caminho tropeço e levo um grande rambolhão.

JOANNA

Falle mais baixo. (*A' parte*) Isto não acabará?

JEREMIAS

Pois olhe que na vespera já havia quebrado um dente. (*Levanta-se para mostrar*) Veja! Logo este aqui da frente!

JOANNA, *contrariada*

Sim, sim, já vi. (*A' parte*) Se não tivesse receio de elle ir acordar papai, deixava-o só.

JEREMIAS

Não satisfeito ainda o meu caiporismo, logo ao chegar aqui, depois de fechar o portão, vejo um vulto no jardim. Não me pude conter!... e que pensa a prima que fiz?

JOANNA

Falle mais baixo, oh!

JEREMIAS

Dei um grito e tratei de correr, não por medo, mas porque elle estava armado até aos olhos.

JOANNA

Bem, acabou-se a historia?

JEREMIAS

E o que pensa a prima que elle fez?

JOANNA, *á parte*

Ora, que massada!

JEREMIAS

Elle tambem correu, porém atraz de mim, e deu-me um socco, mas que socco!

JOANNA

Porém...

JEREMIAS \*

E o que a prima pensa que eu fiz ?

JOANNA, *levantando-se*

Não, primo, esta historia já está muito comprida. De tudo o que acaba de dizer, concluo que você teve medo da propria sombra e que no jardim não deve ter ninguém.

JEREMIAS, *erguendo-se formalisado*

Ninguém?! Levasse vocemecê o socco que eu levei pelas costas e já não fallava desta maneira!

JOANNA

Ah! ah! ah! Só isto far-me-ia rir!

JEREMIAS

Ri-se? E' porque a prima não sabe o que me deu coragem.

JOANNA

Como não sei? As suas pernas!

JEREMIAS

Não gracieje, prima. O que me fez conservar a calma, foi... foi o amor que lhe tenho.

JOANNA

Agradecida, não se incommode.

JEREMIAS, *sorrindo-se, com o ar apalermado*

Não acredita?

JOANNA, *á parte*

Como me livrarei desta empada? (*Alto*) Primo, tenha paciencia, ainda é cedo, vou recolher-me.

JEREMIAS

Não faça isso.

JOANNA

Está com medo de ficar sosinho?

JEREMIAS

Eu, com medo? Foi cousa que nunca conheci.

JOANNA

Só ainda ha pouco.

JEREMIAS

Ora esta! Se ainda ha pouco, fiquei ligeiramente assustado, foi sómente por causa da prima.

JOANNA

Adivinhou, então, que eu estava aqui?

JEREMIAS

O coração tudo adivinha!

JOANNA, *á parte*

E elle a dar-lhe! (*Alto*). Bem, primo, apesar de toda a sua generosidade, vou recolher-me. Alli tem a sala, onde pôde ficar á vontade. E' ainda cedo para despertar papai. Peço-lhe até que o não faça, porque elle está um tanto incommodado. (*Vai a sair*).

JEREMIAS

E porque a prima não me faz companhia?

JOANNA

Eu?!

JEREMIAS

O que tem? Não sabe que seu pai quer que nos casemos!

JOANNA, *á parte*

Vá esperando!

JEREMIAS

A sua companhia é tão agradável! Bem podia tocar um pouco de piano.

JOANNA

A esta hora?

JEREMIAS

Não é tão cedo.

JOANNA, *á parte*

O' Deus do céu! como hei de livrar-me desta praga!

JEREMIAS

Vamos até á sala, prima, venha tocar alguma cousa, uma valsa bonita, *The dove*, por exemplo.

JOANNA

*The...* o que?

JEREMIAS

*The dove*, uma valsa ingleza, que em portuguez, quer dizer «A pomba». Não se toca hoje outra cousa.

JOANNA

Tinha graça eu agora procurar «A pomba»; demais, é uma valsa que já está fóra da moda.

JEREMIAS

Pois é bem bonita. «A pomba» ha de estar sempre na ponta da pontissima!

JOANNA

De accordo; mas deixemos isto para outra vez. Até logo. (*Vai a sahir*).

JEREMIAS

Eu tambem não fico aqui sosinho, vou já para a sala.

JOANNA

E feche-se por dentro. E' bom não facilitar. Lembre-se do ladrão.

JEREMIAS

Vou seguir o seu conselho, não por medo,  
mas só para lhe ser agradável. Até logo.  
(*Fecha-se por dentro*).

SCENA VIII

JOANNA, depois FELIPPE

JOANNA, *suspirando*

Ora graças! Felizmente livre-me do cacete.  
O que acontecerá mais hoje?

FELIPPE, *entrando com cuidado*

Oh! minha querida, está tudo perdido!

JOANNA

Como assim?

FELIPPE

Não podemos mais fugir.

JOANNA

Por que?

FELIPPE

Por diversos motivos.

JOANNA

Mas, quaes são elles?

FELIPPE

Todos! todos!! todos!!!

JOANNA

Não te entendo.

FELIPPE

O que sei, é que tudo conspirou contra nós.  
(*Gemendo*). Ai!... ai!... até o meu rheumatismo!

JOANNA

Tens razão. Tem sido contratempo sobre contratempo.

FELIPPE

Ora ouve. Logo á meia noite, uma malta de trovadores de esquina fez com que eu não pudesse entrar para o jardim, obrigando-me a levar umas duas horas, passeiando nas calçadas

de um lado para outro, e debaixo de uma humidade. (*Gemendo*). Ai!... ai!... de que estou sentindo os effeitos; depois foste tu...

JOANNA, *admirada*

Eu ?!

FELIPPE

Tu, sim, que te puzeste com uma porção de novidades, não querendo sahir.

JOANNA, *amuada*

Ora, muito obrigada !

FELIPPE

Mais tarde foi o velho que acordou ; em seguida, foi a velha, que por sua vez, lembrou-se de despertar ; e, para coroar a obra, veio o Sr. Jeremias por-se aqui de conversa... Ah ! se eu pudesse estrangulal-o !...

JOANNA

Caceteou-me até agora.

FELIPPE

Se fosse só isso ! Nem calculas o que fez elle lá por fóra ! Tomou-me por um gatuno, e tal estardalhaço fez junto ás grades do jardim para fugir, que estas ficaram cheias de gente.

JOANNA

Jesus ! de soldados ?

FELIPPE

Qual soldados ! Estes são invisiveis ! Era uma familia que ia passando e que me obrigou a ficar de cocaras, por mais de um seculo, debaixo de um jasmineiro, para não ser descoberto.

JOANNA

E depois para sahires ?

FELIPPE

A familia, felizmente, deliberou ir embora, crente que o supposto ladrão já se tinha escamado.

JOANNA

E porque não vamos agora ?

FELIPPE

Porque o velho Moura, alli defronte, que é aquella linguinha que nós sabemos, já está de janella.

JOANNA

Tão cedo ?

FELIPPE

Que horas pensas tu que são? Já é dia.  
Agora, nem mesmo eu posso sahir.

JOANNA

Não digas isso. O papai daqui a pouco estará  
a pé, e se aqui te encontrasse, nem sei o que  
faria.

FELIPPE

Nada. O que havia de fazer?

JOANNA, *inquieta*

Oh, Felipe, tu não tens pena dos meus  
nervos!

FELIPPE

Não te afflijas. Sabes o que é isto? (*Mos-  
trando a mesa*). Isto não é uma mesa, isto é a  
nossa taboa de salvação!

JOANNA

Porém... o teu rheumatismo?

FELIPPE

Ora, o meu rheumatismo! Já nem me im-  
porto. Hoje não tenho feito outra cousa, senão  
andar de cocaras.

JOANNA

E tudo por minha causa. (*Com transporte*). Oh, quanto te amo !

FELIPPE, abraçando-a

O' Joanninha, quando me fallas deste modo, nem sei se me doem as juntas. Chegas a ser para mim, mais do que...

JOANNA

Um anjo ?

FELIPPE

Não. Mais do que... o iodureto de potassio !

JOANNA

Ai, meu Felippe !

FELIPPE

Mas, quando me lembro que teu pai não quer consentir no nosso casamento...

JOANNA

Para unir-me ao bobo do Jeremias,

FELIPPE

Fico damnado!

JOANNA

E eu fico desesperada! Mas hei de fugir contigo.

FELIPPE

Teu pai assim o quer! . . .

JOANNA

Se elle só pensa em dinheiro.

FELIPPE

Eu logo vi. O dinheiro é a mania de todo o mundo. Adão e Eva nunca o conheceram no paraíso, e foram muito felizes. (*Pausa*). E quem sabe se já não estou rico? Quem nos diz a nós que não me sahiu a sorte grande neste bilhete inteiro de loteria, cuja extracção foi hontem? (*Tira um bilhete de loteria do bolso*).

JOANNA, *vendo o bilhete*

Numero 169. Ah! se nelle sahisse alguma cousa! Só assim obterias de papai a minha mão. (*Restitue-lhe o bilhete*).

FELIPPE

Abandonemos este assumpto, e...

JOANNA

E...

DUETTO

Se puderes  
E quizeres  
Descrever-me  
Teu amor,  
Sem rodeios,  
E torneios  
Faze-o logo,  
Por favor.

FELIPPE

Cá no peito  
Com mui geito,  
Um bichinho  
Mal feitor,  
Foi entrando,  
Descançando  
Sem licença  
Qual senhor!

JOANNA

Mas, Felipe,  
Tal patife  
Penetrando  
Não faz dor?

Com socego,  
Qual morcego  
Elle chupa  
O traidor?

FELIPPE

Quando a gente  
Docemente,  
Vive e morre  
Só de amor,  
Cá no peito  
Faz seu leito  
Esse bicho  
Sugador!

JUNTOS

Que ratice!  
Que tolice!  
Ora façam-me  
O favor!  
O tal bicho  
Tem capricho.  
Tem capricho  
Sim senhor!

FELIPPE

Mas, ó diabo! parece-me que ouvi fallar.

JOANNA, *sobresaltada*

Hein?

FELIPPE

Não ha duvida, é o velho que ahi vem.

SILVERIO, *de dentro*

Quem está ahi?

JOANNA

Jesus ! E' o papai, esconde-te.

FELIPPE

Não ha remedio senão violentar o meu rheumatismo. (*Mettendo-se debaixo da mesa*). Ai!... ai!...

JOANNA

Bem, até logo. (*Vai para o quarto*).

## SCENA IX

SILVERIO e FELIPPE

SILVERIO, *entrando*

Quem está ahi! (*Olhando em torno*). Ninguem!  
(*Pausa*). Pensei que era o Jeremias, que ficou de vir bem cedo... mas, qual! aquillo é um grande dorminhoco. (*Olhando para o telephone e*

*rindo-se*). Ah ! ah ! ah !... Ora eu sou um grande tolo ! Lá está o que foi. Nem me lembrava que o senhor telephone conversa com as almas. Vejamos como está o tempo. (*Vai a sahir*).

FELIPPE, *debaixo da mesa*

Ai, que supplicio !

SILVERIO, *já na porta, voltando-se*

Hein ? Lá está o bruto fallando sosinho. (*Sáe*).

## SCENA X

JEREMIAS, FELIPPE, *depois* JOANNA

JEREMIAS *entrando*

Safa ! Creio que estou sem pinga de sangue. Aquella sala tem carapanãs como nunca vi. Além disso, por meu caiporismo, acabaram-se-me os phosphoros e fiquei ás escuras.

FELIPPE, *á parte*

Ainda mais esta ! Aguenta, seu Felipe !

JEREMIAS

Mas, que é desta gente ? Fizeram-me vir tão cedo para acordal-os e ainda estão todos dormindo.

JOANNA, *entrando*

Oh ! Bons dias, primo. Já passou o susto ?

JEREMIAS

Saiba que eu nunca fui medroso !

JOANNA

Pois o não conheço ? O primo é um valentão !

JEREMIAS

Oh ! lá isso sou !

JOANNA

Olhe, não conte nada ao papai, do que se passou, para não assustal-o.

JEREMIAS

Sobre o ladrão ?

JOANNA

Justamente.

JEREMIAS

Sim, aquillo foi uma cousa á toa, uma ninharia. De resto, não costumo contar as minhas valentias.

FELIPPE, *à parte*

Que patife ! (*Puxa o vestido de Joanna. Jogo este, que fará todas as vezes em que Joanna se approximar da mesa, quer nesta scena, quer nas subsequentes*).

## SCENA XI

OS MESMOS E SILVERIO, *que traz um jornal aberto*

SILVERIO, *deixando o jornal sobre a mesa*

Olé ! Donde surgiste, rapaz ? (*Rindo-se.*) Ah ! ah ! ah ! Parece que fugiste de um hospital !

JEREMIAS

Não se ria da minha promessa. Espero em Deus que Nossa Senhora de Nazareth me livre das taes sezões !

JOANNA

Abenção, papai ?

SILVERIO

Deus te abençõe (*A Jeremias*) Já tinha fallado mal de ti.

JEREMIAS

Pois eu estava naquella sala. Vim muito cedo, e para não incommodal-os, fui deitar-me um pouco sobre um sofásinho, que lá encontrei, e para prova que o achei bem duro !

SILVERIO

De um sofá ? Alli não tem sofá, estás enganado. Se o mandei para o marceneiro !

JEREMIAS

Tem, olé, se tem ! Onde foi então, que eu me deitei ?

JOANNA, *rindo*

Ah ! ah ! ah ! Quem sabe se não foi sobre o caixão de defunto ?

JEREMIAS

De defunto ? Isto não são graças, prima.

SILVERIO

O' diabo ! é isso mesmo ! (*Accendendo a vela*). Quem sabe se o não escangalhaste todo ! Vamos até lá. (*Leva o castiçal*).

JEREMIAS

Hoje é o dia dos sustos. Que mau agouro, que mau agouro, santo Deus ! (*Entram para a sala*).

SCENA XII

JOANNA e FELIPPE

JOANNA

Coitado do meu Felippe !

FELIPPE

Desta vez pago todos os meus peccados. Estou aqui mais encolhido que uma chouriça em lata.

JOANNA

Tem paciencia, vou fazer tudo, para livrar-te o mais depressa possivel desta massada.

FELIPPE

E's um anjo ! Não beijo-te as mãos, porque estou de cocaras !

JOANNA, *mandando-o calar*

Psii ! Ahi vem gente.

SCENA XIII

OS MESMOS, SILVERIO e JEREMIAS

SILVERIO, *deixando o castiçal sobre a mesa*

E's um medroso, rapaz.

JEREMIAS

Medroso? Pois é graça levar eu uma porção de tempo, em cima de um caixão de defunto?!  
*(Senta-se junto a mesa)*

JOANNA

Oh! primo, não chegou a servir!

SILVERIO

O compadre Julião está vivo e gordo como uma paca.

JEREMIAS

Sim, mas sempre são dessas cousas!...

SILVERIO

Ora qual! Esquece-te disso. *(Dando-lhe o jornal)*. E' melhor que nos leia o que diz a « Provincia ». *(Jeremias abre o jornal e Silverio prepara-se para ouvir ler)*

SCENA XIV

OS MESMOS e ANASTACIA

ANASTACIA, *entrando, zangada*

Ora, muito obrigada. Você fel-a bonita, senhor meu marido ! Fui agora dar com a minha barriga toda machucada.

SILVERIO

A tua barriga ? Estás a gracejar.

ANASTACIA, *sahindo*

Pois vem vel-a.

SILVERIO, *acompanhando-a*

Ora esta. Uma barriga que me custou tão cara.

SCENA XV

JOANNA, FELIPPE e JEREMIAS

JEREMIAS, *intrigado*

Que historia é aquella de barriga, prima ?

JOANNA, *á parte*

Que massante ! (*Alto*) E' uma promessa de mamãe, uma barriga de cêra.

JEREMIAS

Am-am-amh ! Agora comprehendo.

JOANNA

Deixa esse jornal, primo. Vá respirar o fresco da manhã, no jardim. E' tão hygienico !

JEREMIAS

Obrigado, estou bem aqui.

JOANNA

Lá já não tem ladrões.

JEREMIAS

E que os tivesse ! (*Deixando o jornal*) Também já vi o que desejava. Não digo que sou um grande caipora ? Deixei de tirar a sorte grande — veja só ! por trezentos e tantos numeros !

JOANNA

Acha pouco ? Mas qual foi o numero feliz ?

JEREMIAS

O 169 !

JOANNA, *sobresaltada*

O que diz ? !. . .

JEREMIAS, *fallando mais alto*

O 169 !!

FELIPPE, *saltando de debaixo da mesa*

Cento e sessenta e nove ! E' o meu ! é o meu !

JEREMIAS

Ai, meu Deus, o gatuno ! (*Cae por terra asustadissimo*).

FELIPPE

Deixem-me ver este jornal. (*Apanha-o*) Que felicidade ! ó Joanninha ! que felicidade !! Ah ! até me passou o rheumatismo.

JOANNA, *contentissima*

Oh ! a sorte começa a proteger-nos !

JEREMIAS, *erguendo-se a tremer*

Ai, que susto ! que grande susto !

FELIPPE, *mostrando o jornal a Joanna*

Aqui está o numero 169! Não ha a menor duvida. (*Gritando satisfeito*). Sou possuidor de vinte e quatro contos de réis! (*Cantarôla e dança com Joanna, ao redor da scena*)

JEREMIAS

Nem sei se me arrebentou a aneurisma! Vou beber um copo d'agua. (*Vai beber agua*)

### SCENA XVI

Os MESMOS, SILVERIO e ANASTACIA  
*Estes já preparados para o cirio*

SILVERIO, *agitado*

O que é isto?

ANASTACIA, *agitada*

O que foi que aconteceu?

JOANNA

Não foi nada, papai.

JEREMIAS, *á parte*

Eu que o diga.

FELIPPE

Eu conto tudo.

SILVERIO

Mas o que quer dizer isto? Como penetrou o senhor aqui?

ANASTACIA

Aqui anda historia!

JEREMIAS, *examinando em torno, a Silverio, em tom confidencial*

Olhe, titio, com certesa elle entrou por alguma parte.

SILVERIO, *a Felippe*

Falle, senhor, explique-se!

FELIPPE

E' o meu desejo. O senhor Jeremias acaba de dizer uma verdade, tendo dito uma asneira. (*Jeremias faz uma careta*) Eu não podia estar aqui, sem ter entrado por qualquer parte. De facto, entrei por aquella porta. (*Indica a do fundo*) Mas antes de transpol-a, já havia penetrado por outra e bem pequena...

SILVERIO, *afflicto*

Céos ! O que diz ?

FELIPPE

A porta do coração de sua filha.

SILVERIO, *suspirando*

Ainda bem que foi uma figura de rhetorica !

ANASTACIA

E achou a porta aberta ?

FELIPPE

Não, minha senhora, fui eu quem a abriu.

SILVERIO

E o senhor ainda o confessa.

JEREMIAS, *á parte*

Que cara dura !

JOANNA

O meu coração não podia ficar fechado toda a vida.

FELIPPE

Acreditem que tenho as melhores intenções, e comquanto saiba que o senhor... (*Designa Silverio*) não sympathisa commigo, não sei porque motivo...

SILVERIO

Tenho as minhas razões.

FELIPPE

Atrevo-me a pedir a mão de sua filha.

ANASTACIA

De madrugada ? Tem graça !

JEREMIAS

Eu não acho nenhuma.

FELIPPE, *á parte*

Estou roubado. (*Alto*) Perdão!... perdão!... Fiz promessa de pedir a mão de dona Joanninha no dia do cirio, e, se vim tão cedo, foi... por modestia.

SILVERIO

Não ponha mais na carta. Indeferido.

JEREMIAS, *á parte*

Sim senhor, isto é que é homem!

JOANNA

Pois dêem ou não dêem, não me casarei com outro!

ANASTACIA

Menina!...

SILVERIO

Retire-se! Lembre-se que eu não pertença á escola positivista.

FELIPPE

Desculpem ser teimoso. Aquella senhora (*Indica Joanna*) tem razão. Não ha uma causa seria, que prohiba o nosso casamento. Eu sou um empregado publico morigerado, ganho trezentos mil réis mensaes, e actualmente, graças á Providencia e a um bilhete de loteria, possuo vinte quatro contos de réis.

JOANNA

Tirados no numero 169!

SILVERIO

Tudo isto é bom, mas o peor é que tenho más informações a seu respeito.

FELIPPE

Não póde ser. Quem lh'as deu?

ANASTACIA

O sobrinho Jeremias, que é um rapaz muito serio.

JEREMIAS, *á parte*

E esta? Agora é que a porca torce o rabo.

JOANNA, *á parte*

Que intrigante! (*Alto*) Explique-se, primo!

SILVERIO

Sim, é necessario que ponhamos isto em pratos limpos.

ANASTACIA

De certo.

JEREMIAS, *atrapalhado*

Eu, a fallar a verdade... sim, a fallar a verdade...

FELIPPE, *com energia*

Termine!

JEREMIAS

Pensava que o senhor... não fosse o senhor!...

ANASTACIA, SILVERIO, FELIPPE e JOANNA

Como assim ?

JEREMIAS, *atrapalhado*

Quando me perguntaram aqui quem era o Sr. Felipe de tal Mascarenhas, eu pensei que tratassem de um sujeito do mesmo nome, fiscal dos bondinhos, tocador de violão, e que toma cada uma ! (*Faz que empina um copo*)

ANASTACIA E SILVERIO, *admiradissimos*

Oh! oh! oh!!!

FELIPPE, *risonho*

Vêm como se escreve a historia?

JOANNA

Este meu primo é muito innocente, está bom para anjo de veronica!

JEREMIAS, *á parte*

Se eu pudesse, punha-me ao fresco!

ANASTACIA, *a Silverio, confidencialmente*

A' vista do exposto, acho que aquillo sobre aquillo daquillo, deve ser desmanchado.

SILVERIO, *no mesmo tom.*

Certamente. (*A Felippe*) Sr. Felippe, devolve uma reparação. Acreditando no que me disse ha pouco a seu respeito, entrego-lhe o coração de minha filha, cuja porta o senhor já teve, como me confessou, o cuidado de abrir.

FELIPPE, *apertando a mão de Silverio*

Agradeço-lhe, reconhecido. (*O mesmo a Anastacia*)

ANASTACIA, *apertando-lhe a mão*

Creia que hei de ser o ideal das sogras!

JOANNA

Meus bons pais! (*Abraça a Silverio e a Anastacia*)

JEREMIAS, *á parte*

E eu fiquei cheirando! (*Alto*) Então, não se vai ao cirio?

ANASTACIA

E' verdade, tratemos de preparar-nos. (*Sae*)

JEREMIAS

De despreparar-nos deve dizer. Eu ainda enho que tirar as botas. (*Tira as botas, deixando ver umas meias furadas*)

SILVERIO

E aprompte-se para me ajudar a carregar o aixeão do compadre.

JEREMIAS

Está direito. Se eu, contra a minha vontade, deitei-me por cima d'elle, é justo que elle, agora, deite-se por cima de mim.

ANASTACIA, *entrando, com a barriga de cera debaixo do braço.*

Vamos indo que eu quero puxar a berlinda.

JOANNA, FELIPPE e JEREMIAS

Vamos! vamos! (*Movimento de sahida*).

SILVERIO

O que é isto ? Não se diz adeus ao respeitavel publico ? Eu não canto alguma cousa, porque estou constipado. (*Espirrando*) Atchim !

ANASTACIA

Canta Jeremias.

JEREMIAS

Os sustos porque hoje tenho passado, me tiraram toda a voz.

JOANNA

Olhe, papai, o meu noivo sabe cantar perfeitamente.

SILVERIO

Tu o deves saber melhor que ninguem.

FELIPPE

Eu canto, eu canto. (*Canta*)

Meus senhores, vos pedimos  
Que desculpeis a massada,  
Pois se a peça correu fria  
Foi por ser *De madrugada*.

*Os outros personagens fazem côro e CÂE O PANNO.*

---

Bibliotheca das Folhinhas Laemmert

---

12

**UMA CULPA**  
E  
**O PRIMEIRO BAILE**

---

Comedias em 1 acto

TRADUZIDAS POR

**JAL**



RIO DE JANEIRO  
COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL  
93 Rua dos Invalidos 93

1907

THE HISTORY OF THE  
CITY OF BOSTON  
FROM THE FIRST SETTLEMENT  
TO THE PRESENT TIME  
BY NATHANIEL BENTLEY

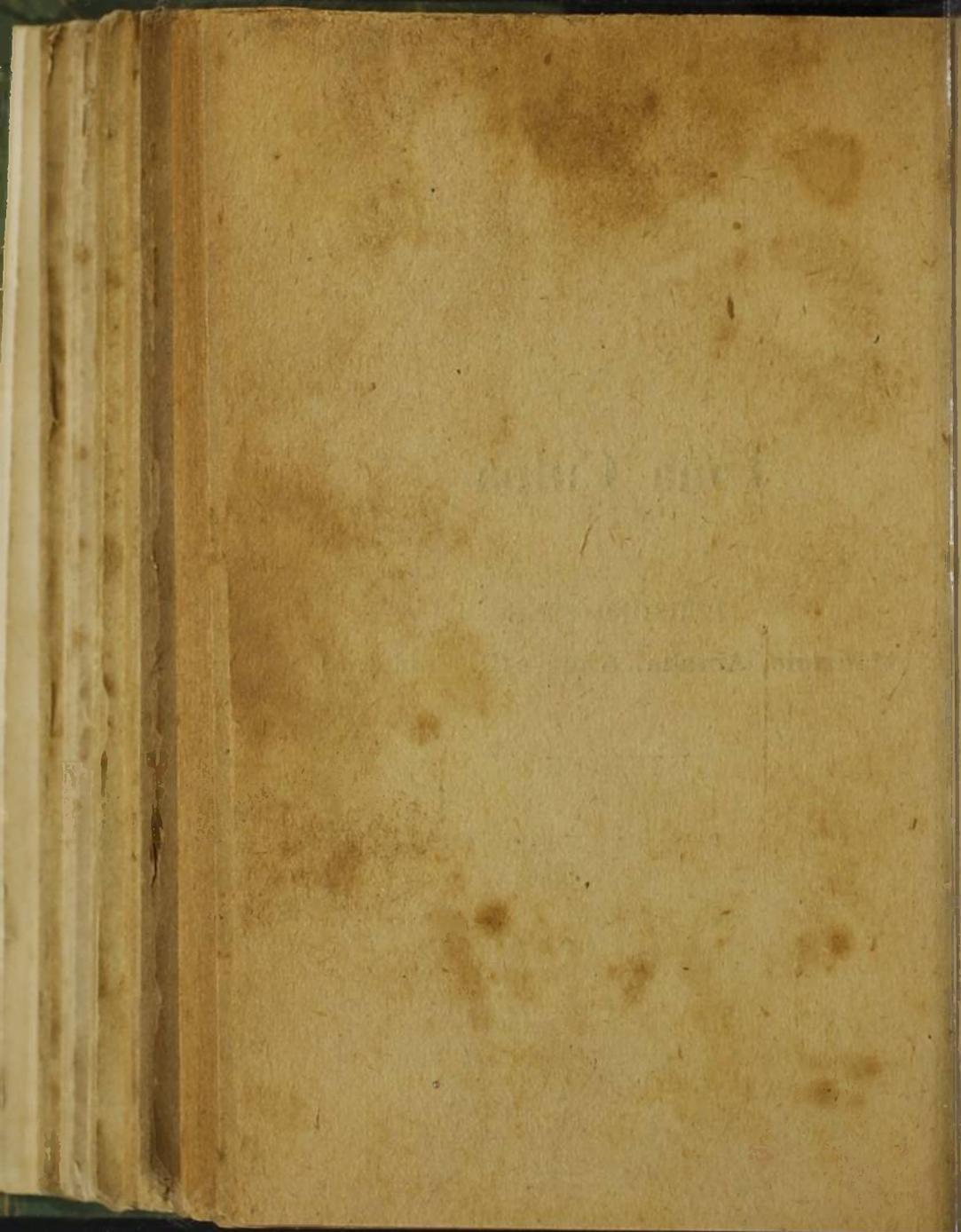
# Uma Culpa

---

PERSONAGENS

Mauricio, Amelia, Anna e D. Carlota.

---





## ACTO UNICO

Uma sala

---

### SCENA I

MAURICIO (*pensativo com a cabeça inclinada*)

AMELIA E ANNA (*que entram*)

AMELIA

Viste o meu canivete, Mauricio ?

MAURICIO

Eu ? Nada vi.

AMELIA

Creio que o deixei aqui . . .

ANNA

Lembro-me de que o trazias hontem quando  
estavamos no jardim. Cortamos algumas flores,  
lembras-te, Mauricio ?

MAURICIO

Eu ? Não me lembro de nada.

AMELIA

Sim, agora me recordo de que hontem cortei flores... Naturalmente guardei o canivete na minha bolsa.

ANNA

Iremos procural-o. Meu tio diz que não se deve perder coisa alguma.

MAURICIO

E' boa ! E' tão facil perder qualquer coisa !  
Eu já perdi duas das minhas bolas.

ANNA

Uma bola rola e é facil achar.

AMELIA

E, depois, uma bola o que vale ? O meu canivete é de madreperola, muito fino e caro ; foi meu padrinho que d'elle me fez presente ; tem duas folhas de aço pontudas, uma para unhas e uma tesourinha...

ANNA

As pontudas são perigosas !

AMELIA

Um canivete rico, muito chic !

ANNA

E' verdade ! Tão bonito ainda não vi.

AMELIA

Mauricio, já que desejas tanto ter um igual,  
ajuda-nos a procurar o meu.

MAURICIO

Eu ? Procurem vocês.

ANNA

Estás hoje com a cara muito amarrada...  
O que tens ?

MAURICIO

Eu ? Nada... O que poderei ter ?

ANNA

Talvez alguma coisa que nos occultes...

MAURICIO

Deixem-me em paz...

ANNA

Qual! Passaste mal a noite. Sê bom rapaz...  
vem ajudar-nos a procurar o canivete...

MAURICIO (*contrariado*)

Ora, bolas! Não quero! Prefiro ficar aqui.

AMELIA

Vem, Mauriciosinho, eu te peço.

MAURICIO (*batendo o pé*)

Arre! Não, não e não!

AMELIA

Grosseiro! maleriado!

ANNA

Estou estranhando o Mauricio hoje! Com certeza está doente! Confessa o que tens, Mauricio.

MAURICIO

Ora, pilulas ! Não vou, já disse ! Safa ! Que aborrecimento !

AMELIA

Vem, Anninha. Elle nos pagará. (*Sahem*).

## SCENA II

MAURICIO (*só, olhando para todos os lados*)

Não, decididamente não vou : percebi que Anna olhava-me com desconfiança...

Qual ! Ninguém sabe que eu achei o canivete. (*Vai ao fundo, espreita a todas as portas, volta e tira o canivete do bolso*).

Ah ! Eu desejava tanto possuil-o ! Desde hon-tem á noite que o admiro ! Já o abri mais de vinte vezes... Que culpa tenho eu de que Amelia o tivesse perdido ? Achei-o na rua do jardim, no meio da arêa. Achei : é meu, muito meu, e tanto peor para Amelia... Vem alguém... (*Esconde o canivete no bolso*). Enganei-me ; não é ninguém. (*Tira de novo o canivete*). Como é bonito ! Qual, minha irmã não o quer tanto como eu ! Decididamente não o entrego. Quasi que não dormi durante a noite, só pensando : entrego ? não entrego ? não entregarei. Mas si descobrirem que eu... Tremo só em pensar

nisso ! tenho medo quando me falam, quando olham para mim ! (*abre uma das laminas*). Ora, que importa ?

Entretanto, quando penso que Amelia ou Anna póde dizer : — « Tens o canivete, elle está contigo ! » — não poderei impedir e disfarçar a vergonha... Si mamãi soubesse... Ora... eu sempre sou um asno ! (*Põe o canivete no bolso*). Ninguem ha de vel-o !

E si apalparem os meus bolsos ? Já pensei em escondel-o, enterral-o, e de quando em quando tiral-o da cova para admiral-o. Por que não me fizeram presente de um, quando sou um bom rapaz ? (*Examina os bolsos*). Cuidado ! muito cuidado ! Podem pilhar-me ! Vamos ! (*Vai para sahir*).

### SCENA III

ANNA

Onde vais ?

MAURICIO

Eu ? Onde quero ir !

AMELIA

Procurar o meu canivete ? Iremos contigo.

MAURICIO

Nada disso ! vou divertir-me...vou brincar...

ANNA

Brincaremos tambem.

AMELIA

Sim, é melhor !...Que tristeza tenho eu.

MAURICIO

Tristeza ? Ora, bolas ! Tristeza por haver perdido um reles canivete ! Vale mesmo a pena.

ANNA

E si perdesse a tua espada, ficarias muito contente ?

MAURICIO

Ninguem póde cobiçar a minha espada, que não serve para brinquedos de meninas, e muito menos um canivete daquelles...Quem poderia tomar a minha espada ?

ANNA

Um gatuno.

AMELIA

Nós não temos gatunos em casa.

ANNA

Eu já vi um...

AMELIA

Viste um gatuno ?

ANNA

Sim, eu estava com papai ; foi um ladrão que havia roubado...

AMELIA

O que ?

ANNA

Não sei...foi na rua que vi. Os soldados de policia prenderam-no e amarraram-lhe as mãos ; o criminoso caminhava de cabeça baixa ; tinha o rosto de metter medo e as roupas despedaçadas. Levaram-no para a prisão. E' muito feio ser ladrão !

AMELIA

Custa a crêr que alguém se lembre de roubar !

ANNA

Os ladrões são máos, não têm amor nem religião !

AMELIA

Como devia estar envergonhado esse infeliz ?

ANNA

Oh ! sim, sim ! Os pequenos gritavam: «E' um ladrão ! »

AMELIA

Tiveste muito medo ?

ANNA

Tive compaixão; medo, não, porque eu estava ao lado de papai.

AMELIA

Todos os ladrões são presos, não é verdade ?

ANNA

Por certo, a policia procura-os por toda a parte.

AMELIA

Diz o dictado: preso, nem para comer doce !

ANNA

Joãozinho, o filho da nossa vizinha, trepava no muro sempre para roubar fructos do nosso pomar; papai o reprehendeu asperamente e disse que o mandaria prender.

AMELIA

Felizmente nunca tivemos ladrões em casa, não é verdade, Mauricio?

ANNA (*para Mauricio*)

Não é exacto, Mauricio?

MAURICIO

E'...é exacto.

ANNA

Falamos de ladrões: já encontraste algum?

MAURICIO

Póde ser...Elles não trazem lettreiro na testa...

ANNA

Apezar disso, são apanhados! Mas...estás pallido.

AMELIA

Estás doente? Eu vou dizer a mamãi...

MAURICIO (*interrompendo*)

Nada tenho... Apre!

AMELIA

Queres agua de flôr com assucar?

MAURICIO

Po's si eu nada tenho!

ANNA

Si nada tens, vamos brincar juntos... abraça-nos!

MAURICIO

Que tolice! Abraçar para que? Que idéa!...

ANNA

Eu quero abraçar-te.

MAURICIO

Não quero. Safa!

ANNA

Olha, Amelia, eu vou abraçal-o á força !

MAURICIO

Deixem-me, pelo amor de Deus ! E' de mais !  
(*Vai para sahir. Amelia e Anna o impedem, rindo-se.*)

ANNA

Ah ! está preso ! O que é que tens no bols, ?

MAURICIO (*empurrando-as*)

Deixem-me, já disse !

ANNA

Eu já sei o que tens !

MAURICIO

Nada... Tu de nada sabes !

ANNA

Adivinhei e vou dizer-te !

MAURICIO

Mas não é verdade...

AMELIA

Ella não disse o que era !

MAURICIO

Ia dizer que é o canivete...

ANNA

Como? Pois acreditas que eu te accusaria? A ti, que tanto aprecio como um rapaz serio e bom? Suppões que nós somos tão perversas e más? Não é verdade, Amelia, que eu nada disse e nem pensei em tal?

AMELIA

Nunca! (*para Mauricio*): Estás enganado, meu querido Mauricio! Choras? Não chores; não ha motivo para isso. (*Mauricio soluça*). Juro-te que nem Anna nem eu fizemos mão juizo de ti, e para consolar-te, prometto emprestar-te o canivete, logo que o encontrar; não falemos mais nisso, e está tudo acabado.

ANNA

Sim, está tudo acabado. E' a hora da nossa merenda. Vem comnosco, Mauricio.

MAURICIO

Não tenho fome.

AMELIA

Pois bem, nós te traremos uma pêra. (*Sahem*)

## SCENA IV

MAURICIO ( só )

Não posso viver com este peso no coração! Desde que guardo este maldito canivete, não socego um momento! Agora nem coragem tenho de tocal-o! Que tentação me levou a apanhal-o? Si quem rouba fructas é ladrão, eu... Ladrão! que palavra feia! Não receio a prisão, mas o remorso, o pezar me entontecem!

Eu não sabia... vi, abri e depois tratei de escondel-o! Não o devia ter feito. Ah! nunca mais, nunca, esconderei o que não me pertence! Tenho vontade de atiral-o ao poço... seria melhor restituir... mas de que modo, sem dar a entender que fui eu? Si eu o puzesse no armario... Meu Deus! que castigo... Ah vou deixal-o sobre a cadeira... E' melhor assim. (*Vai á cadeira, volta o bolso, deixa cahir o canivete, sem o tocar*). Já era tempo! Mas... antes assim, nem quero sentir-lhe o contacto. Ah! já respiro! sou mais feliz! Si os malfeitores e os ladrões sentissem o pesadelo que senti, não seriam tão ruins!

SCENA V

MAURICIO, ANNA E AMELIA

AMELIA

Aqui está a pêra.

MAURICIO

Obrigado. Como és boa! Agora sim, tenho  
appetite.

ANNA

Vejo-te mais alegre!

MAURICIO

Oh! sim! Mas... ainda não acharam?

AMELIA

O meu canivete? Não, e nem vale a pena  
pensar nisso.

MAURICIO

Vamos brincar?

ANNA

O que?

MAURICIO

De chicote queimado.

AMELIA

Pois sim ; mas lá fóra.

MAURICIO

No jardim !

AMELIA

Sim, mas não devemos pisar os canteiros.

MAURICIO

Pois bem ! Aqui mesmo brincaremos.

*(Ficam as duas de costas para um dos lados e Mauricio, depois de enrolar o lenço, esconde-o em cima da cadeira onde está o canivete).*

ANNA *(depois de procurar)*

Aqui está o chicote !

Ah ! Amelia, achei o canivete !

AMELIA

O que ? Achaste ?

ANNA

Sim, no assento da cadeira !

AMELIA

Com certeza cahiu do meu bolso sem eu sentir.

MAURICIO

Com certeza. Estás satisfeita agora ? Eu estou muito contente !

AMELIA (*dando o canivete a Mauricio*)

Aqui o tens, Mauricio. Eu prometti emprestar-t'o. Guarda-o, e si quizeres, fica com elle. Tu o desejavas tanto...

MAURICIO (*aterrado*)

Guardal-o... eu ? Não ! não ! Eu não tenho direito nem de tocar... (*Cae na cadeira soluçando, escondendo o rosto nas mãos. Anna e Amelia, admiradas, chegam-se para abraçal-o, Mauricio afasta-as*). Não me abracem ! não mereço ! eu roubaria a amizade de ambas, como desejava roubar o canivete... sim... eu desejava roubal-o ! (*Apparece ao fundo D. Carlota, que fica occulta*).

AMELIA

Estás doido, Mauricio? Um canivete perdido e achado não póde ser um roubo. De que te accusas?

MAURICIO (*chorando*)

Sim! sim! Quando o acharam na cadeira, elle não estava roubado, é verdade... antes, porém, quando vocês duas procuravam com interesse, eu o tinha em meu poder... A minha algibeira era de um ladrão! Sim! sim! eu quiz ser um ladrão... mas não tive forças!... Então colloquei o canivete na cadeira, para que o achassem facilmente, encobrendo assim a minha falta... Mas não podia occultar as lagrimas, porque, si me arrependi da má acção, fui forçado a mentir. Resolvi contar toda a verdade, e quero que mamãi tambem saiba. Eu não podia ter esse segredo indigno no coração, porque suffocava-me...

AMELIA

Pobre e infeliz Mauricio, podes e deves perdoar a ti mesmo, como nós te perdoamos!

ANNA

Tens soffrido muito, e isso basta para que ninguem te accuse! (*Amelia e Anna abraçam Mauricio, enxugando-lhe com o lenço as lagrimas*).

MAURICIO

Eu não terei,— nunca mais! — coragem para enganar-vos, porque tereis vergonha de mim! E mamãe? mamãe?

*(Durante esta scena D. Carlota vai entrando e ouve tudo; depois encaminha-se para o filho).*

D. CARLOTA

Peccado confessado, meio perdoado! Meu pobre filho, o teu arrependimento,— quem o diz é tua mãe,— lava a tua falta!

MAURICIO

Ah! minha querida mãe! E' verdade? Como estou contente! Como fazem bem este abraço, estes beijos santos, depois de tanto soffrimento! Ah! si soubessem os máos quanto é doloroso o remorso, quando se commette uma falta, ninguém se lembraria de commettel-a!

*(Abraçam-se todos).*

CAE O PANNO



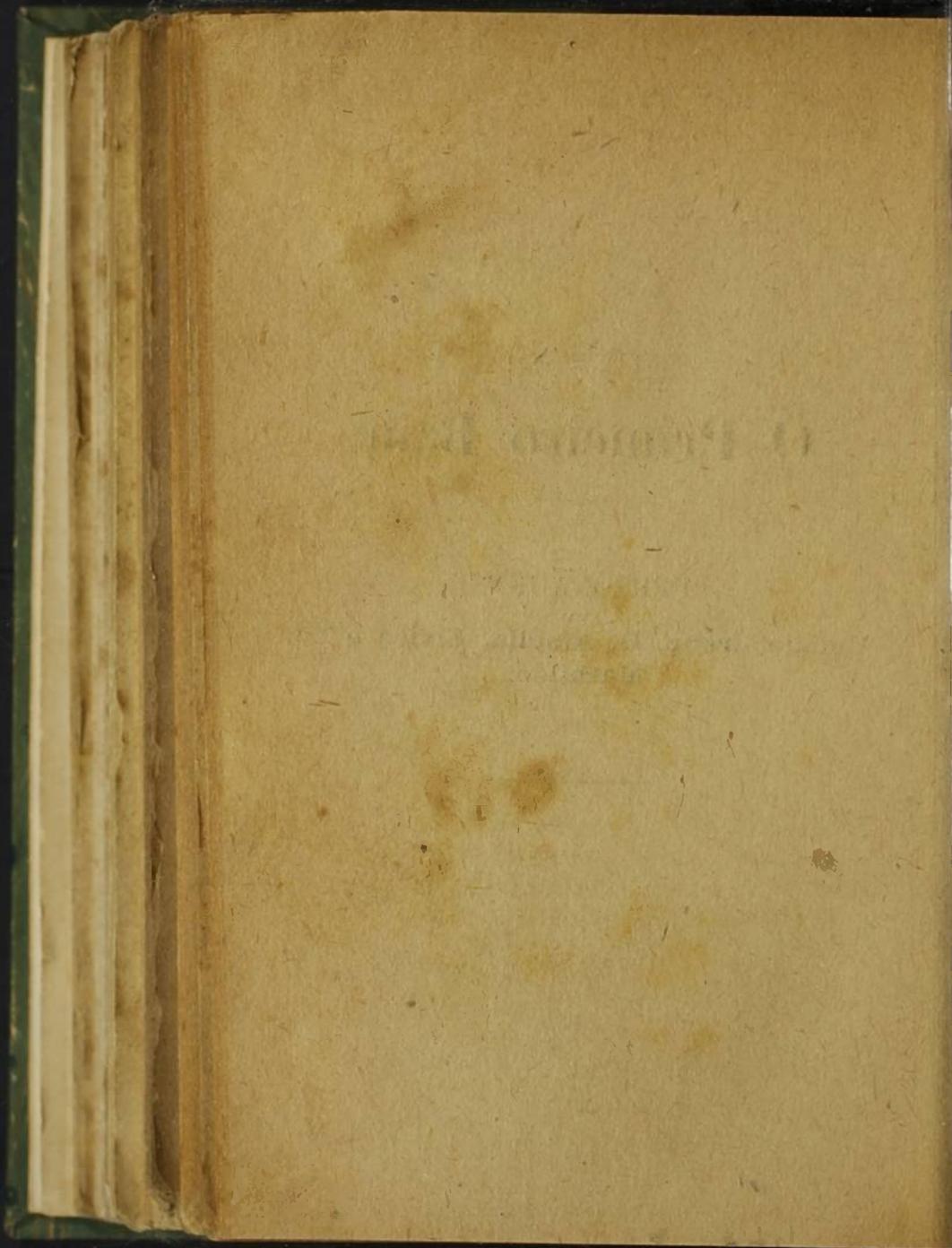
# **O Primeiro Baile**

---

## **PERSONAGENS**

**Cecilia, Irene, D. Amelia, Elvira e Tia  
Mathilde.**

---





## ACTO UNICO

Uma alcova. Toucador com espelho, cadeiras, etc.

---

### SCENA I

CECILIA e ELVIRA

ELVIRA

A' medida que se approxima a hora de fazer a tua toilette, mais inquieta ficas! Confessa, minha boa Cecilia, confessa á tua ama de leite, que lamentas a acção que praticaste!

CECILIA

Não, ama, não! Eu estou triste por lembrar-me de que mamãe e minha irmã vão ficar muito contrariadas por esperarem tanto tempo.

ELVIRA

Isso é verdade ; todo o prazer que pretendiam gosar vai ser toldado ! D. Amelia então que tinha vontade de levar-te pela primeira vez a um baile !..

CECILIA

O que me incommoda mais do que tudo é ser obrigada pela primeira vez a mentir. Essa face da questão é que acho má !

ELVIRA

A tua mentira dura ha oito dias ?

CECILIA

Sim, é uma mentira só, mas muito comprida e... póde arrebentar ! Não imaginas com que anciedade espero o dia de amanhã para dizer toda a verdade !

ELVIRA

Para que esperaremos até amanhã ?

CECILIA

Eu não receio as censuras de mamãe : imagino o desgosto que terá ! Não quero que ella vá ao baile com uma impressão desagradavel.

ELVIRA

Quando penso na avultada quantia que enviou tua avó e que desviaste para fins diversos que não eram os seus desejos ! A tua intensão é excellente ; não acho correcto, porém, que tivesses dado outro destino ao dinheiro enviado por ella. Primeiramente, vás accusar Madame Thomassin, a costureira, de uma imperdoavel negligencia. . .

CECILIA

Oh ! ama, porque me atormentas, em lugar de consolar-me e de me dares coragem ?

Que maldade ! Nada me disseste quando era tempo ainda de remediar !

ELVIRA

E de que serviriam os meus conselhos ?

CECILIA

Imagina que amanhã, findo o baile, a minha toilette rica estaria amarrotada e suja, as flôres murchas e já sem aroma e viço. . . imagina que esse dinheiro não valeria sinão para o prazer de uma noite. . . emquanto que. . . Espero que minha boa mãe me perdoará. . . sim, eu espero ! Irei, pé ante pé, sentar-me á beira de sua cama, até que ella desperte ; depois de muitos beijos e abraços, confessarei tudo !

ELVIRA

Oh ! minha filhinha, quem poderia resistir ?  
Eu, não, por certo, e afinal, sou culpada por  
não haver desmanchado o plano !

CECILIA

Não te crimino, ama; a unica culpada sou  
eu, e não deixarei de dizer que si não pro-  
cedi bem, foi contra a tua vontade.

ELVIRA

Dize-me com franqueza : não tens sentimento  
de ficar em casa, numa noite de baile ?

CECILIA

Estou certa de que me divertiria muito...  
mas...

ELVIRA

E... terás calma para guardar o teu segredo ?

CECILIA

Ah ! Meu Deus ! evitaí que eu diga alguma  
tolice ! Ficarei encalistrada, atrapalhada e...  
Pois si já estou toda tremula !

ELVIRA

Tua mãe e tua irmã talvez se privem da festa com pena de deixarem-te só aqui...

CECILIA

Si tal succeder, revelo o segredo ! Com effeito, ama, parece que tens prazer em assustar-me !

ELVIRA

E' sempre melhor prevenir as cousas. Acalma-te... Ainda bem ! Ahi chega tua irmã.

## SCENA II

AS MESMAS e IRENE (*vestida e penteada para o baile*)

IRENE

Já trouxeram o teu vestido ?

CECILIA

Não.

IRENE

Que aborrecimento! Quando o experimentaste tens certeza de que te assentava bem?

CECILIA

Nada ha que fazer : fica-me com uma luva.

IRENE

Ah! tanto melhor. O vestido de Cecilia é muito bonito, ama? Não o vi ainda, e minha irmã quiz fazer-me e á mamãi uma surpresa, mostrando-nos o seu bom gosto mais tarde.

Será uma grande massada, si não ficar bom, pois não ha tempo para arranjar outro. Felizmente podemos nos fiar em Madame Thomassin e si não fosse isso, eu não deixaria Cecilia fazer o que entende. Tu nunca foste a um baile e não fazes idéa do que é! Dize-me, querida, tens muita vontade de dançar?

CECILIA

Sim... eu...

IRENE

Sei, sei! Estás tão contente que nem podes falar! Eu desejo apenas saber a côr do teu vestido. E' branco?

52077

# HELENA

DRAMA EM 5 ACTOS

ORIGINAL DE

Antonio Nunes Pires

AUTOR DO DRAMA—CORAÇÃO DE MULHER

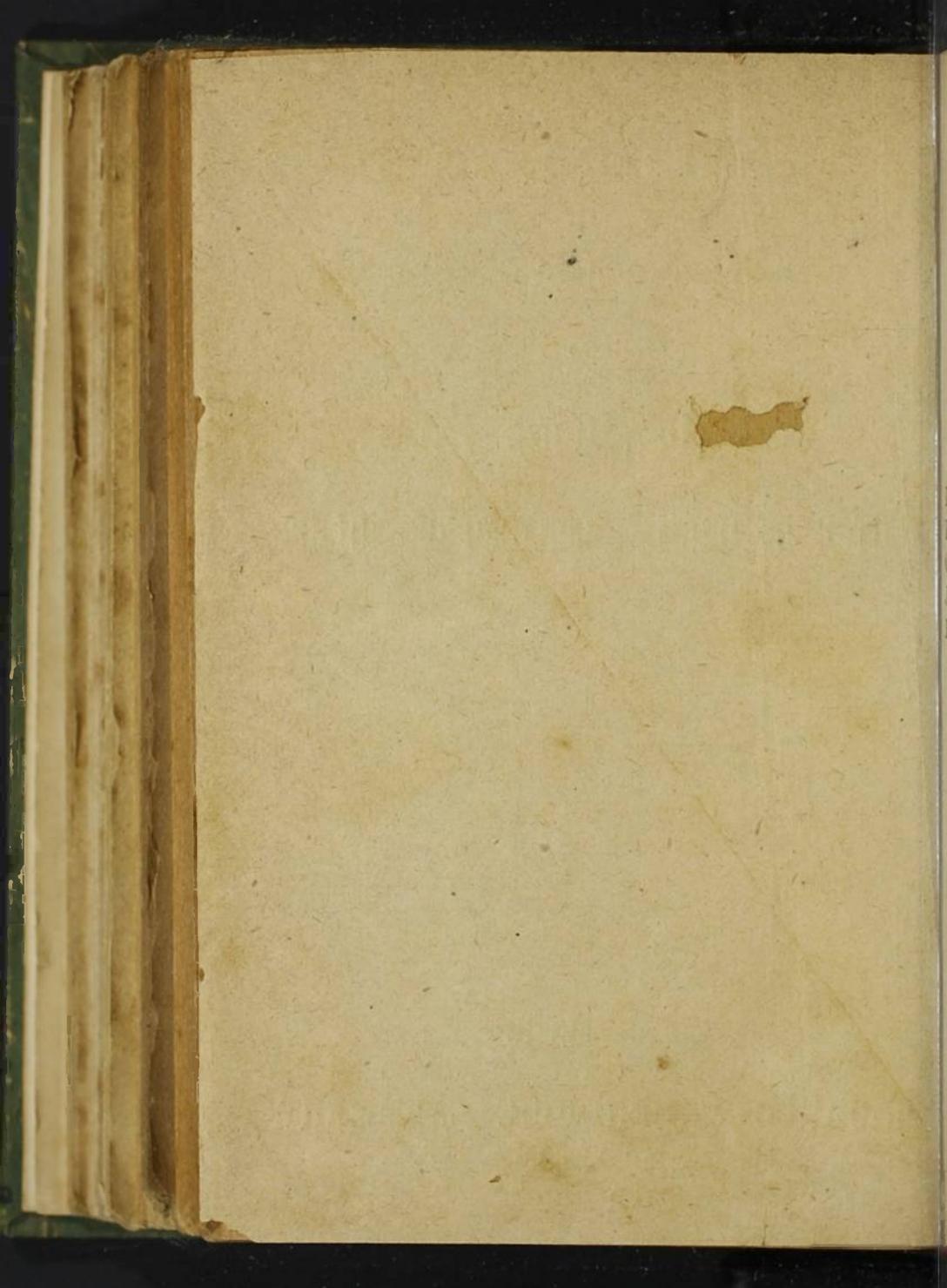
---

RIO DE JANEIRO

PUBLICADO E Á VENDA EM CASA DE

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

66, Rua do Ouvidor, 66

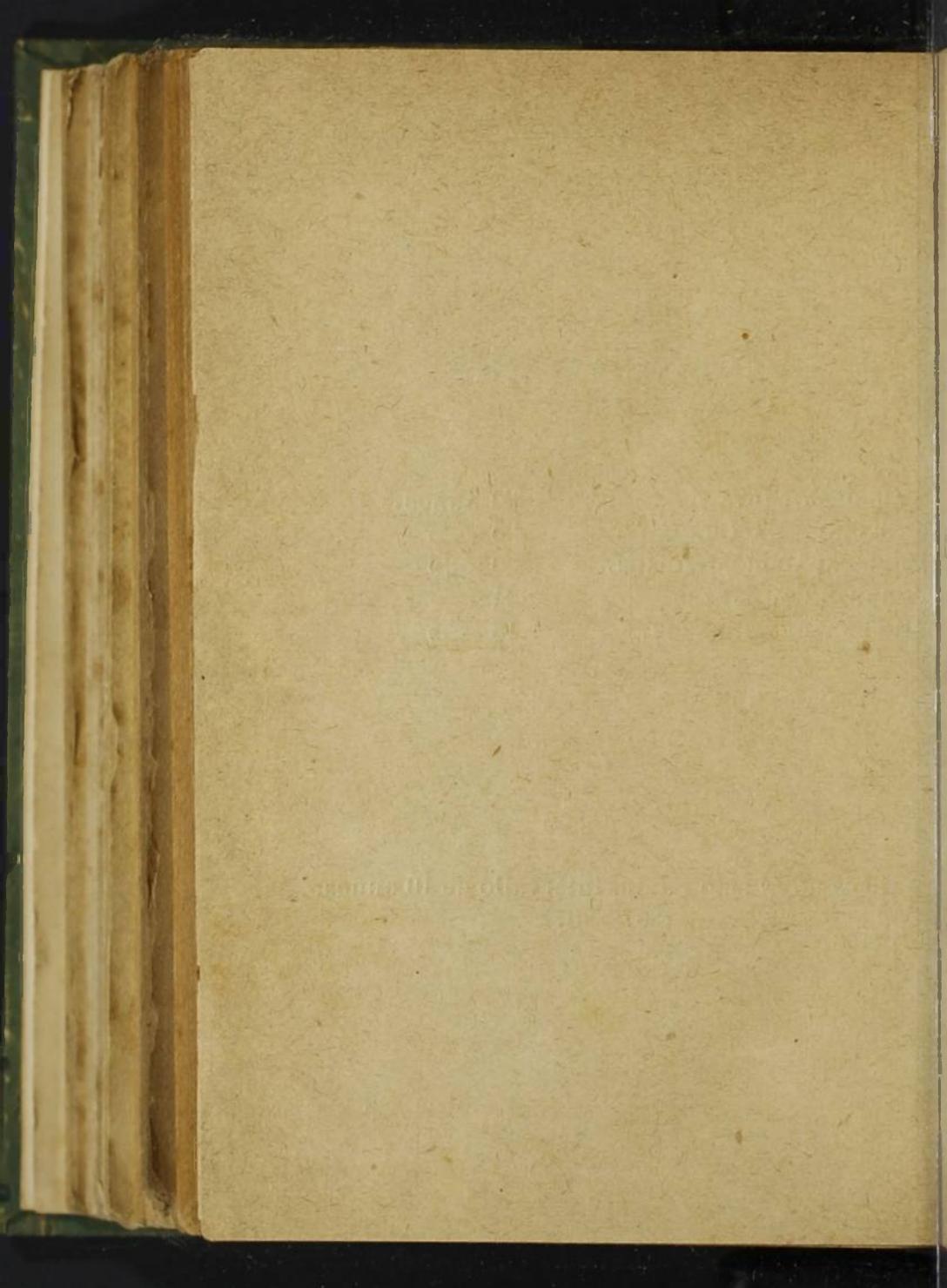


## PERSONAGENS

PAULO DA SILVA.	20	ANNOS.
FERNANDO DA CUNHA.	25	»
COMMENDADOR MENEZES.	50	»
JORGE DE MENEZES.	24	»
HELENA DE MENEZES.	18	»



Do 4º ao 5º acto ha um intervallo de 10 annos.  
1867—1877



## ACTO I

### REVELAÇÕES

(Gabinete. Duas portas ao fundo, duas á esquerda e uma á direita baixa. Á direita alta uma janella. Á esquerda alta uma secretária, junto a qual está Paulo sentado em attitude meditativa. Ao fundo, entre as duas portas, uma mesa com relógio e vasos. Cadeiras. É noite. A lua projecta a sua claridade pela janella.)

#### Scena I

#### HELENA E PAULO

HELENA (*á janella*). — Que noite linda !

PAULO (*indo á janella*). — Mas triste... triste como a derradeira lagrima de um moribundo. Não vê? A lua, que derrama a sua pallida claridade sobre as aguas tranquillias do lago adormecido, parece chorar os jubilos perfumados de uma alegria já morta... O poeta sublime do sentimento disse :

« ..... tudo passa

« a sorte deste mundo é mal segura...

« vem depois dos prazeres a desgraça...

« vem depois das desgraças... »

HELENA (*interrompendo-o*).—Mas que desgraças nos ameação?... Somos tão felizes!...

PAULO.—Felizes!... Quem sabe se esta felicidade de hoje não a fará derramar bastantes lagrimas.. não a fará soffrer bastante?...

HELENA.—Porque? O que fiz eu a Deus para merecer esse castigo?... Ama-lo?... Fazer deste amor uma religião?... Amar não é crime, e sobretudo amar como eu amo; com todas as forças de minh'alma, com todas as esperanças côr de rosa do primeiro amor...

PAULO.—Helena!... (*Outro tom.*) E se eu partir amanhã?

HELENA (*recuando*).—Partir?... Como?... Porque?...

PAULO.—Porque a necessidade é a mais poderosa inimiga das affeições e do amor... Sou pobre, bem o sabe, Helena. Seu pai trata-me mal, e deu-me a entender que...

HELENA (*anciosa*).—Que...

PAULO.—... que pretendia despedir-me de sua casa, porque eu sou um miseravel... Oh! nem pôde comprehender a humilhação que soffri! Senti o sangue queimar-me o rosto, e o coração ficar gelado como um tumulo... Pobre!... e é porque sou pobre!... Mas o que tem isso, se tenho um coração generoso, se tenho a minha honra intacta?... Se nada mais ambiciono do que o seu amor para poder viver?... Oh! hoje fui maltratado... amanhã serei repellido como um cão... Vou partir... não sei para onde... que importa? Mas...

HELENA (*afflicta, interrompendo-o*).—Oh! cale-se!... cale-se!... Porque parte?... porque me abandona quando eu mais necessidade tenho do seu amor?...

PAULO.—Animo, Helena!... (*Tomando-lhe as mãos.*) Para que lagrimas, se lagrimas não bastão para afastar de nós a fatalidade?...

HELENA (*chorosa*).—E eu... Paulo?... e eu?...

PAULO.—A senhora... fica... Chorará no primeiro dia... terá saudades no segundo... no terceiro lembrar-se-ha vagamente do desgraçado, que partio... no quarto...

HELENA.—Oh! por piedade!...

PAULO (*com sorriso amargo*).—E não é sempre assim?... De que servem lagrimas de saudade, se não são eternas?... de que serve uma saudade que não dura mais do que uma hora na vida?...

HELENA.—Basta!... basta!...

PAULO.—Ouça-me... (*Conduz Helena á janella.*)  
Vê estas flôres? Quando o sol amanhã se levantar ardente, ellas penderão esmorecidas nas hastes de-beis, e o vento desfolhará as suas petalas perfumadas no pó abrasador da estrada... Quem chorará o destino das desgraçadas?... Ninguem! Apenas a sua formosa jardineira, olhando para os canteiros despídos de galas e de perfumes, dirá distrahidamente: « Estavão aqui. Hontem ainda brilhavão com todos os seus encantos... O vento levou-as... Que importa?... Outras desabrocharão mais bellas e mais perfumadas!... »

HELENA.—O que quer dizer, Paulo?...

PAULO.—Vê este céu sereno e limpido, que brilha sobre nossas cabeças aos reflexos pallidos da lua? Amanhã, a tempestade envolve-lo-ha nas mil dobras do seu opaco manto de nuvens, mataudo-lhe o brilho e os resplendores divinos... Quem lamentará essa desgraça?... Ninguem! Apenas dirão, com o sorriso da indiferença nos labios:—« Hontem brilhava... A procella empanou-lhe o brilho... Que importa?... Amanhã deslumbrará!... »

HELENA.—O que quer dizer, Paulo?...

PAULO.—Sente a brisa perfumada que passa, embalsamando com seus agrestes perfumes o seu cabelleto negro?... Amanhã ella se transformará em faracão, despedaçará, fremente de raiva, as rosas do

prado e as arvores da floresta... Quem terá saudades da brisa que passou?... Ninguém! Apenas alguém dirá:—« Hontem era doce... Amanhã será divina!... »

HELENA.—Paulo, o que quer dizer?...

PAULO.—Quero dizer que tudo neste mundo tem um fim. Que com o tempo desaparecem as saudades, a desgraça foge, a felicidade surge radiante de seducções e encantos... e a lembrança daquella que partio se esvaece para sempre do coração daquella que ficou. Oh! é bem mais doloroso o soffrimento do que parte!... Sentirmos a approximação de uma hora, que desejamos nunca soasse; ouvimos um soluço, que não se pôde por mais tempo reprimir; ouvimos, aqui, uma phrase cortada por um suspiro, ali, um gemido acompanhado de um stertor; vemos a tristeza e a magua espalhadas nos semblantes de todos que nos são caros... é um martyrio insupportavel!... Sôa, emfim, a hora fatal. Todos rodeião o inteliz, que parte talvez para nunca mais voltar... Então as lagrimas reventão em torrentes, os gritos de agonia succedem-se, os saudosos abraços repetem-se, e o quadro desolador é fechado pelas duas tristes palavras as mais das vezes desmentidas:—« Boa viagem!... »  
—(*Fernando apparece F. E.*)

HELENA.—Oh! basta!...

PAULO.—O que parte vai só... É maior ainda o martyrio... Não se ter um seio amigo onde se deposite os queixumes das amarguras, que vão effervescentes n'alma... olhar-se em roda e vêr-se isolado... Oh!... quanto é mais terrivel este soffrimento do que as saudades dos que ficão!... Estes consoião-se mutuamente... animão-se... amparão-se... mas aquelle é só... só!... Que ancias dolorosas, que tremendas agonias nos não revela esta palavra... só!... É a noite eterna do martyrio sem treguas; é a treva immensa do soffrimento sem

um raio dóce d'aurora; é o inferno sem céu; é a culpa sem arrependimento; é a descrença gellada; é a morte da parte mais sublime da creatura... a morte d'alma...

## Scena II

### PAULO, HELENA E FERNANDO

FERNANDO (*do F. E.*)—Bravo !...

HELENA (*voltando se*).—Ah !...

PAULO (*idem, ironico*).—O Sr. Fernando da Cunha é muito generoso !...

FERNANDO (*descendo*).—O Sr. Paulo não sei de que está impagavel hoje... Ha cinco minutos que, parado áquella porta, ouço-o discorrer, com toda a proficiencia e sentimento, sobre as cousas do coração. Fiquei nervoso, creia. Por mais de uma vez enxuguei algumas lagrimas, que, máo gráo os esforços que empreguei para suffoca-las, subirão-me do coração aos olhos.

PAULO.—O senhor escarnece...

FERNANDO.—Nunca fallei tão seriamente. Se as deixasse correr, devia ainda conservar no rosto os seus vestigios. Mas esqueci-me de... (*Indo a Helena*). Minha senhora, tenho a satisfação de annunciar-lhe que hoje venho...

HELENA.—O que?

FERNANDO.—Solicitar a concessão desta formosa mão...

PAULO (*avanzando*)—A sua mão !... (*Retrahe-se.*)

FERNANDO.—De que se admira? Porventura aqui a senhora não está no caso de merecer o meu amor?... (*Á Helena*). E eu amo-a, minha senhora,

creia. (*Durante esta falla e as seguintes Paulo mostra-se agitado e afflicto.*) Não sei como se apoderou de minh'alma este amor; mas amo-a, não com o amor que vive de esperanças, e alimenta-se de illusões, mas com o amor que não admite refollos, com o amor real, isto é, que só encontra a vida e o alimento na realidade descarnada e nua, embora prosaica...

HELENA.—Senhor...

FERNANDO.—Nunca me apaixonei ao ponto de passar noites em claro, formando castellos tão innocentes como o coração de José, ou chorando a ausencia da mulher amada. Não sei amar assim. Isso é bom aqui para o Sr. Paulo, caixeiro de seu pai, que tem a alma a nadar em poesia, e as algibeiras cheias de téas de aranha, assim como a cabeça. O meu amor é diverso. Nada de sonhos, nada de esperanças, nada de illusões. Quero amar uma mulher que possa indemnizar-me do sacrificio do meu amor ou do meu coração, abandonando-se aos meus carinhos, e...

PAULO.—O senhor é...

FERNANDO.—Um homem que não sabe se viveu hontem, que sabe que vive hoje, porque goza, e que nada espera de novo no dia de amanhã; um homem cujo coração está gasto ou intacto para as grandes emoções; um homem que vive porque o gozo ha de extinguir-se quando se extinguir o mundo. Que me importa o passado?... que me importa o futuro?... Não tenho saudades do passado, nem me dá cuidados o futuro... Aquelle morreu. Não lhe vou chorar sobre a sepultura. Este, hei de amolda-lo aos meus desejos... (*Á Helena.*) O Sr. commendador está, minha senhora?...

HELENA.—Sahio.

FERNANDO.—Bem. Voltarei depois. Sou esperado

em casa da Baroneza da Silva, e não posso demorar-me. (*Apertando a mão de Helena.*) Minha senhora... Como é bella!...

HELENA (*recuando*).—O senhor é um miseravel...

FERNANDO —Um miseravel riquissimo, minha senhora. Até mais vêr. (*Sahe.*)

### Scena III

HELENA E PAULO

PAULO.—Este homem precisa ser punido!...

HELENA.—Não. A sua punição é o seu proprio aviltamento. Adeus. (*Paulo beija-lhe a mão e acompanha-a até á porta.*)

### Scena IV

PAULO

(*Senta-se á secretária e medita. Pausa*). A miseria!... sempre a miseria!... E não poder erguer-me, rojar dos pulsos arroxeados esta cadêa fatal, que me opprime, que me acabrunha, que me rouba todas as esperanças da vida!... (*Ergue-se*). Sou moço e forte... sinto o fogo da mocidade correr-me em lavas ardentes nas veias entumescidas... sinto borbulharem-me no cerebro as idéas grandiosas do genio... e não posso erguer-me, e não posso lutar, e sou vencido como um covarde!...

Oh! a miseria! sempre a miseria!... (*Pausa*)  
Amei... cri um momento que me seria dado possuir  
a mulher dos meus extremos... mas quando esten-  
dia os braços para chama-la a mim... quando o  
triumpho sorria-me... a miseria repelle-me, como  
se repelle um cão, e de envolta com uma gargalhada  
satanica, atira-me á face estas palavras malditas :—  
« Que fazes, insensato! Olha para o passado...  
olha para o futuro!... O teu passado foi a miseria...  
o teu futuro será a miseria!... » (*Pausa*.) E  
eu curvei a fronte febricitante... senti o sangue  
gellar-se-me nas veias.. o meu coração ficar gel-  
lado... porque em toda a parte, velando ou sonhan-  
do, sempre a vejo me estendendo a mão descarnada  
e fria... ouço sempre a sua gargalhada de diabolico  
sarcasmo... (*Esconde o rosto nas mãos e senta-se.*  
*Depois percorre a scena com um olhar vagaroso,*  
*toma um papel de robre a secretária e lê*):

Não vês?—O pranto me requeima a face...  
a febre ardente me escandesce a fronte...  
pulsa-me o seio enfebrecido, e eu choro  
do meu calvario no escaldado monte!...

Caneei!—A rua d'amargura é longa...  
da cruz das dôres prosternado ao peso,  
rasguei a carne... espedacei as vestes,  
das populaças ao venal desprezo!...

Aqui, cahia a soluçar baixinho,  
para que o povo me não visse o pranto...  
curvava a fronte :—se não tinha forças!—  
beijava o chão, que me feria tanto!...

Ali, com os olhos, já sem brilho e vida,  
o céu fictava, no fervor da crença...  
por meus algôzes supplicava humilde...  
e perdoava-os nessa dôr immensa!

Emfim...cheguei ao meu calvario...É noite...  
olho em redor... que solidão de morte!...  
aqui... além... por toda parte—trevas...  
ao sul—borrascas...—temporaes—ao norte!...

(Prevenção.)

E eu era só nessa mudez infinda...  
rotas as carnes... gottejando sangue...  
os hombros nus... a me cortar de frio...  
n'um chão d'espinhos soluçando exangue...

Mas nessa dôr, nesse martyrio longo...  
nessa existencia enfebrecida, incalma...  
em Deus eu tinha o pensamento sempre...  
a crença nunca me fugira d'alma!...

## Scena V

PAULO E FERNANDO

FERNANDO (*que tem se conservado ao fundo desde que Paulo principiou a lêr, adianta-se*).—São bonitos os seus versos, meu caro senhor, muito bonitos mesmo...

PAULO (*que se tem erguido*).—O senhor... (*com raiva.*)

FERNANDO.—Mas previno-o de que não é com versos que ha de obter a posse do dote da filha de seu amo...

PAULO (*avançando*).—Ah!... (*Fernando cruza os braços tomando uma attitude insolente. Paulo retrahese, e leva as mãos á cabeça.*)

FIM DO PRIMEIRO ACTO

## ACTO II

### AMOR E LAGRIMAS

(A mesma vista do primeiro acto.)

#### Scena I

PAULO E HELENA

(Paulo está sentado á secretária com o rosto apoiado na mão.)

HELENA (*da porta*).—Meu pai...

PAULO (*erguendo-se*).—Ainda não veio, minha senhora...

HELENA.—Suppuz encontra-lo aqui. Ouvi o senhor fallar...

PAULO.—Eu fallava?... Ah!... sim... estava trabalhando...

HELENA (*desce*).—Mas o que tem?... Está tão agitado...

PAULO. — Nada, minha senhora... não tenho nada...

HELENA.—O senhor soffre?...

PAULO.—Se soffro!... E pergunta-me se soffro!... Só os felizes não soffrem, minha senhora.

HELENA.—E o senhor...

PAULO.—Oh!... eu sou um desgraçado... um desgraçado sem nome...

HELENA.—Que diz?...

PAULO.—Digo que soffro... que o meu coração já está cansado... Todos me repellem... todos fogem de mim... todos me desprezão... porque?

HELENA.—Todos?

PAULO.—Todos... Seu pai massacra-me... não ha um momento só em que me não lance em rosto o amargo pão que me atira... Seu irmão acabrunha-me com escarneos... insulta-me... suppondo-me talvez um covarde...

HELENA.—E eu?...

PAULO.—É o anjo bom desta casa... Bastantes vezes tenho-a ouvido defender-me; tenho ouvido seu pai e seu irmão reprehenderem-n'a por minha causa... E se soubesse como eu lhe sou grato... como minh'alma lhe agradece os seus sacrificios...

HELENA.—Não faço sacrificios, Sr. Paulo.

PAULO.—Sacrifica-se, sim, minha senhora, e por quem? Por um homem que seria apontado ao dedo como um louco se lhe dissesse:—« Obrigado! »

HELENA.—Sr. Paulo!...

PAULO.—Aborreço-a?... O que quer?... Fica tão alliviado o coração quando desabafamos as nossas dôres!... E eu soffro tanto!...

HELENA.—Mas por que está tão afflicto?

PAULO.—Porque esse homem, que daqui sahio ha pouco, ferio-me o coração... Oh! quando elle disse que vinha hoje pedir a sua mão... senti o sangue subir-me ao rosto... uma nuvem de sangue obscurer-me a vista...

HELENA.—Meu Deus !

PAULO.—Chora?... Chore, Helena, que eu bem mereço as suas lagrimas... Mas, não... não chore!... Para que lagrimas, quando o destino é implacavel, quando o soffrimento é eterno?... Não chore... Massacrem-me... acabrunhem-me... matem-me... que importa?... O mendigo, a quem se atira um pedaço de pão amargo e duro, não merecê lagrimas... é indigno dellas... porque não tem com que paga-las... Folgue a opulencia... (*exultado*) proclame aos quatro ventos a sua infinita grandeza... atire á face do mundo a luva do desafio para a luta do ouro com a honra... Está no seu elemento... Bem se lembra ella dos que gemem, dos que affectos e de pão!... Estruge a tempestade... Enquanto a pobreza humilde prosierna-se nas frias pedras da rua, pedindo misericordia, nas salas deslumbrantes da opulencia maldita ret nem as gargalhadas da ebriedade, trocáo-se palavras de amor impuro... Zomba-se do poder divino...

HELENA.—Paulo!... Paulo!... enlouqueceu?...

PAULO.—A pobreza não enlouquece, minha senhora. Se a pobreza enlouquecesse, perderia a consciencia do soffrimento... Oh! quem me déra a loucura... o indifferentismo para o mundo... o termo dos desejos e dos martyrios... Oh! quem me déra a loucura!...

HELENA.—Silencio, senhor!... Não vê que me mata?...

PAULO.—Perdão... eu de svario... não me fica odiando, não?

HELENA (*vestindo um papel sobre a secretária*).—O que é que estava escrevendo?... (*Toma o papel*). Versos?!

PAULO.—Por quem é, minha senhora, dê-me esse papel...

HELENA.—Porque?

PAULO.—Porque a senhora não os deve lér... Foi um momento de loucura... mas passou já... Esses versos...

HELENA.—Para quem são ?

PAULO.—Julguei-me homem um momento e cri que tinha uma alma para amar e um coração para sentir... mas foi um momento só... Esqueci-me que o pobre não tem alma, nem coração... que não pôde amar... porque quem o amará?... quem amará um homem que não teve passado, que não tem futuro?... Escrevi esses versos suppondo que podia amar e que seriam elles recebidos como uma prova de amor... Adormeci chorando e sonhei... Ha sonhos tão dôces, Helena!...

HELENA.—Sonhou ?

PAULO.—Sonhei... não com a opulencia... não com as ephemeras grandezas da terra, mas com o amor de uma mulher, que vale todas as glorias possíveis... Eu era pobre... bem pobre. Os ricos, quando por mim passavão e que eu estendia a mão mirrada pedindo uma esmola, voltavão o rosto e dizião :—« Trabalha ! »—Os pobres como eu, quando não me davão um pedaço de pão, porque não o tinham, murmuravão com as lagrimas nos olhos :—« Perdôa, irmão ! Coragem ! »—Uma noite...—fria noite de inverno !—estendi os lassos membros sobre as geladas pedras de uma calçada para dormir. Adormeci. De repente uma musica harmoniosa como um côro de anjos ferio-me os ouvidos... Ajoelhada a meu lado estava uma mulher... mas uma mulher ideal, uma mulher... como na terra jámais encontrarei outra...—« Ergue-te, disse-me ella, morrias abandonado como um cão, todos escarneião de ti, porque faltava-lhes o coração para sentir... Vem ; sê meu, men só, porque eu te amo ! »—Despertei... procurei ancioso a mulher dos meus amores... fôra tudo um sonho... mas a sua imagem ficou-me gravada na memoria e no coração...

HELENA.—Ah!

PAULO.—Mas dê-me esses versos, minha senhora... Sinto passos... é talvez seu pai que chega... Dê-me esse papel...

HELENA.—Não, Paulo... não dou... Quero conserva-lo como uma lembrança sua...

PAULO.—Helena!

HELENA.—Ahi vem meu pai... Adeus! (*Sahe*).

## Scena II

PAULO

E ella ama-me tambem... ama-me... mas que fatal amor, meu Deus! (*Senta-se á secretária.*) Pobre martyr! quantas lagrimas amargas não terás de derramar! quanto não terás de soffrer! (*Descansa o rosto na mão. Silencio.*)

## Scena III

O COMMENDADOR E PAULO

COMMENDADOR.—Então o que é isto? (*Paulo ergue-se.*) Deixo-o encarregado de um trabalho importante e venho encontra-lo dormindo?

PAULO.—Sr. commendador...

COMMENDADOR.—A ociosidade é a mãe de todos os vícios. Se continuar assim, ponho-o na rua.

PAULO.—Perdão, Sr. commendador. V. S. não me

deixou encarregado de trabalho algum. E quanto a despedir-me de sua casa, não pense que me faria affronta, porque estou cansado de supporta-lo...

COMMENDADOR.—Insolente!...

PAULO.—Não sou insolente, Sr. commendador: sou um homem honrado que repelle os insultos que lhe lanção em rosto... Não pense que me verá mais curvar a fronte ás suas insolencias e..

COMMENDADOR.—O que és tu, miseravel?!...

PAULO.—Sou um homem, e um homem honrado, Sr. commendador. A pobreza não exclue o sentimento do brio e do amor proprio. Sou pobre. Se sahir hoje de sua casa, amanhã talvez não tenha um pão para matar a fome; V. S. é rico e opulento... mas a minha pobreza não se curvará mais á sua opulencia. Tenho soffrido muito. Ha dez annos, dez longos annos, que soffro as suas grosserias sem dizer uma palavra, que supporto os escarneos insolentes de seu filho, sem estrangula-lo... Suppuzerão talvez os senhores que eu era um covarde... que soffreria tudo porque temeria a sua grandeza... mas como se enganarão! Eu não era um covarde... Não reagi nunca por causa de sua filha...

COMMENDADOR.—De minha filha! falla de minha filha?...

PAULO.—Sim, de sua filha... porque muitas vezes a vi chorar quando o senhor acabrunhava-me lançando-me em rosto o pão que me dava... porque muitas vezes ouvi-a interceder por mim quando o senhor ameaçava-me... Sua filha é um anjo, Sr. commendador...

COMMENDADOR.—Miseravel!... quem és tu para fallar em minha filha?

PAULO.—Nem mais uma palavra, Sr. commendador!

COMMENDADOR.—Ingrato! que te esqueces que te levantei do pó, que te mate a fome ha dez annos!...

PAULO (*pausadamente*).—O homem que lança em

rosto á pobreza os beneficios que lhe faz perde o direito á gratidão. Nada lhe devo, Sr. commendador. De sobejo tenho pago os seus beneficios com a minha submissão, com o meu silencio, quando o senhor e seu filho me acabrunhão sem piedade, quando me matão de dôr e de vergonha. Cansei... A rua da amargura foi longa... enorme o peso da minha cruz... Depois de dez annos de martyrios e de vergonhas, cheguei ao meu Calvario. Lancei dos hombros a cruz... O martyr morreu... Um homem, ferido na sua honra e no seu pundonor, nasceu das cinzas frias do martyr para vingar o morto...

COMMENDADOR.—O senhor é indigno da minha protecção. Vou sahir. Quando voltar não quero encontrar-lo aqui, ou caro pagará. (*Sahe.*)

#### Scena IV

PAULO

Oh! este viver é um inferno!... Mas sahir... sahir desta casa... e ella... Helena... como posso eu abandona-la?... como posso esquecê-la?... Deixa-la é morrer... é perder tudo, porque é perdê-la... Vou trabalhar, resignado a soffrer novos insultos... até que Deus se compadeça de mim!... (*Vai sahir.*)

#### Scena V

PAULO E FERNANDO

FERNANDO.—Uma palavra.

PAULO.—Ainda o senhor?!...

FERNANDO.—Venho prestar-lhe um serviço, e o

senhor receba-me como se fôra eu que lh'o viesse pedir... O procedimento não é bonito, meu caro mancebo.

PAULO.—Agradeço os seus serviços.

FERNANDO.—Olhe que trata-se de Helena...

PAULO.—De Helena!... oh! fêlle! fêlle!...

FERNANDO.—O senhor ama-a realmente?

PAULO.—Se a amo!

FERNANDO.—E porque não se casa com ella?

PAULO.—Porque?... Oh! não me pergunte por-  
que!... Porque ella está muito alto; porque eu não  
devo aspirar á sua posse... porque ella não pôde  
ser minha. . . Ella vive em um mundo de luz e de  
ouro; os seus olhos estão acostumados á luz des-  
lumbradora das salas da opulencia... não podem  
penetrar a obscuridade do meu mundo de trevas...  
Ella é muito rica para amar-me... eu... sou muito  
pobre para merecer o seu amor...

FERNANDO.—Ella ama-o...

PAULO.—Porque é um anjo, porque se compadeceu  
da minha desgraça, porque o seu coração é bom...

FERNANDO.—É para que se apaixonou por ella?  
porque não empregou o seu amor em uma mulher  
que pudesse recompensa-lo?

PAULO.—Porque o meu coração queria amar...  
porque essa mulher subjugou-o... porque eu não  
tive forças para fugir...

FERNANDO.—E o que pretende fazer agora? (*Pre-  
venção.*)

PAULO.—Soffrer... e callar-me...

FERNANDO.—É um covarde...

PAULO.—Um covarde!...

FERNANDO.—É um covarde, sim. Esqueça essa  
mulher... porque o mel não é...

PAULO.—Oh! cale-se! nem mais uma palavra ou  
esmagalo-hei!... Porventura pedi-lhe eu conse-  
lhos?... porventura suppõe que aceitarei os seus  
conselhos?...

FERNANDO.—Não quer seguir os meus conselhos?  
Pois bem: juro-lhe que Helena será minha...  
(*Sahe.*)

PAULO (*avançando.*)— Miseravel!... (*Retrahe-se  
levando as mãos ao coração.*) Meu pobre coração!...

FIM DO SEGUNDO ACTO

## ACTO III

### O INSULTO

(A mesma vista.)

#### Scena I

HELENA

*(Sentada junto da janella, medita. Tem na mão o papel dos versos d' pag. 12).—*Que destino o meu! Eu que devia ter tantas esperanças... um futuro tão bonito... ser condemnada a viver assim... a viver para chorar!... Meu pai!... E é meu pai o meu algoz!... Pobre Paulo!... *(Lé)* :

Não vês ? O pranto me requeima a face...  
a febre ardente me escandesce a fronte...  
pulsa-me o seio enfebrecido e eu choro,  
do meu Calvario no escaldado monte...

Cansei!—A rua d'amargura é longa...  
da cruz das dôres prosternado ao peso,  
rasguei a carne, espedacei as vestes,  
das populaças ao venal despreso...

Aqui, cahia a soluçar baixinho  
para que o povo me não visse o pranto...  
curvava a fronte...—se não tinha forças!...  
beijava o chão, que me feria tanto!...

Ali, com os olhos, já sem brilho e vida,  
o céu fictava, no fervor da crença...  
por meus algozes supplicava humilde,  
e perdoava-os nessa dôr immensa!...

Emfim, cheguei ao meu Calvario... É noite...  
olho em redor... que solidão de morte!...  
—aqui, além, por toda parte—trevas...  
ao sul—borrascas,—temporaes—ao norte!—

E eu era só nessa mudez infinda...  
rotas as carnes—gottejando sangue...  
os hombros nus—a me cortar de frio...  
n'um chão d'espinhos soluçando exangue...

Mas, nessa dôr, nesse martyrio longo,  
nessa existencia enfebreçada, incalma,  
em Deus eu tinha o pensamento sempre...  
a crença nunca me fugira d'alma!...

## Scena II

### HELENA E JORGE

JORGE.—Helena...

HELENA.—Ah! meu irmão...

JORGE.—Que papel é esse?

HELENA.—São versos.

JORGE.—De quem?

HELENA.—De ninguém.

JORGE.—Sobre isso fallaremos depois.

HELENA.—Então...

JORGE.—Desejo em primeiro logar que me explique o seu procedimento de certo tempo a esta parte.

HELENA.—O meu procedimento? Não o compreendo.

JORGE.—Toda a mulher quer subir. A pobre deseja um homem rico para ampara-la. A rica um homem opulento para mais eleva-la ainda. A senhora, não. A senhora desce muito, degrada-se até.

HELENA.—Jorge!

JORGE.—Olhe para meu pai, olhe para mim, e veja se podemos admittir nunca no gremio de nossa familia...

HELENA.—Quem?

JORGE.—Um miseravel, que veio um dia bater á nossa porta, coberto de farrapos, pedindo uma esmola, e que meu pai recebeu por caridade... um miseravel, que foi aqui sempre tratado como um filho...

HELENA (*á parte*).—Um filho!... E pouco falta para lhe cuspirem no rosto!...

JORGE.—E que hoje esquece-se dos beneficios que de meu pai tem recebido para olhar para a filha de seu bemfeitor... E a senhora desce tanto... perdeu tanto o sentimento do brio...

HELENA (*altiva*).—Meu irmão, respeite-me. Veja que sou uma mulher, e que não estou resolvida a supportar as suas insolencias.

JORGE.—Silencio! Desceū tanto, que já nem respeita os cabellos brancos de nosso pai; não lhe respeita uma vida de 50 annos de honra. Antes de lançar-se ao abysmo do aviltamento por que não renegou o nosso nome? Devia te-lo feito, por que só assim não nos degradaria tanto...

HELENA.—Silencio!—digo eu;—esse homem de quem falla é digno do meu amor, e hei de ama-lo sempre. A sua pobreza não é motivo para massacrarem-n'o. Quanto aos beneficios de que fallou ha pouco, Paulo nada deve a meu pai... De sobejo tem

pago o pão amargo que lhe atirão com o suor do seu trabalho. Dez annos de trabalho compensão dez annos de hospedagem, meu irmão...

JORGE — Basta! Dê-me esse papel.

HELENA — Para que o quer?...

JORGE. — Que lhe importa?... Dê-m'o.

HELENA — Não dou!

JORGE. — Dê-m'o, se não quer que empregue a violencia

HELENA — A violencia!. . Oh! seria um tratamento digno do senhor! Empregue-a!... Não a te o!

JORGE. — Helena!

HELENA. — Suppõe ta vez que eu sou Paulo, que supporta os seus insultos, sem levantar a cabeça?... Está en anulo senhor; e ainda mais enganado, se pensa que Paulo res onde-lhe sempre com o silencio porq e o teme... Oh! não!... Desgraçado do senhor, se Paulo quiz sse vingar-se... Mas des-cin-e... Não se vingará, porque é muito nobre para descer até á vingança...

JORGE — É de mais... Dê-me esse papel, ou arranco-lh'o á forç...

HELENA. — Não do!...

JORGE (*segurando-lhe o braço*). — Agora chame o seu D. Juan para defendê-la!...

HELENA. — Jorge!...

JORGE. — Dê-me esse papel!...

### Scena III

#### JORGE, HELENA E PAULO

PAULO (*afastando-o*). — Para longe!... para longe!...

JORGE (*erguendo a mão*). — Ah! finalmente!...

PAULO (*segurando-a*).—Senhor !...

JORGE (*com desprezo*).— Fique descansado. Não mancharei a minha mão no seu rosto. Quando quizer castiga-lo chamarei os meus criados...

HELENA.—Meu irmão... cale-se... cale-se, por piedade!... Que mal lhe fez elle para trata-lo assim?...

PAULO.— Não interceda por mim, minha senhora. São inuteis as suas lagrimas e as suas supplicas para quem tão mal se serve da sua superioridade... (*Altivo.*) Sr. Jorge de Menezes, o caixeiro submisso morreu. Cansei de supporta-lo, e de supportar as grosseiras insolencias de seu pai. Previno-o de que estou resolvido a repellir d'ora em diante as affrontas que me irrogarem. Se pensa que a minha pobreza obriga-me a guardar silencio quando sou insultado, está enganado. Não me atemorisa o seu ouro... não me intimida a sua opulencia! Quando a nossa consciencia está tranquilla, não temos de que nos arreçar. Se sou pobre, é porque sou honrado.

JORGE.—Quer dizer que...

PAULO.—Que tenho visto muita opulencia adquirida á custa das lagrimas da viuvez, á custa das misérias e dos soffrimentos da orphandade, que tenho visto muita riqueza servir sómente para o mal, para a desgraça...

JORGE.—Silencio!...

PAULO.—Hoje insulta-me porque sou pobre... porque não tenho um punhado de ouro para compra-lo... Mas amanhã, se a fortuna me ajudasse, se eu enriquecesse tambem, estou certo que seria o senhor o primeiro a ir bater á minha porta, a es-tender-me a sua mão...

JORGE.—E o senhor...

PAULO.—Oh! então eu seria mais generoso do que o senhor e seu pai. Recebê-lo-hia como um amigo, como um irmão. Esquecêria as injurias passadas para

só lembrar-me que tinha em minha casa um homem que se acolhia á minha protecção. O homem que hoje tanto me tem insultado, amanhã seria para mim um desconhecido...

HELENA.—Meu Deus!

JORGE.—Saia immediatamente!

PAULO.—Não é preciso ordenar-me que eu saia. Eu seique de hoje em diante as portas desta casa se fecharão para mim. Pouco me importaria sair daqui, se não fôra sua irmã. Só a ella devo gratidão, porque só ella tem-se mostrado compadecida da minha desgraça, só ella me tem dado forças para soffrer resignado e ter esperanças de um futuro melhor. Quanto ao senhor e seu pai, só tenho a dizer-lhes que um dia se arrependarão do mal que me têm feito...

JORGE.—Senhor!

PAULO.—Quando a desgraça bater á sua porta, quando se virem, como eu, reduzidos á extrema pobreza, lembrem-se de mim, que fui sempre pelos senhores tão duramente tratado, e vão procurar-me... Na minha pobre mansarda haverá um pão para matarem a fome e uma enxerga para se deitarem. Vão procurar-me. Não têm mão que eu os repilla, como os senhores me têm repellido. Não! Hei de recebê-los com os braços abertos e o coração transbordando da felicidade de poder ampara-los na desgraça...

JORGE.—É de mais!...

PAULO.—Ainda não é tudo. A sorte é vária. Se hoje são os senhores ricos e opulentos, podem amanhã ter empobrecido, podem amanhã vêr-se obrigados a trabalhar ou a pedir uma esmola para viver. Quando passarem nas suas carruagens salpicando de lama a face pallida dos desvalidos da sorte, não lhes estende a mão tremula, pedindo uma esmola para matar a fome que o devora...

JORGE.—Onde quer ir ter?

PAULO.—Não escarneção nunca dos andrajos que cobrem as carnes róxas de frio da misera indigência... não escarneção... porque sob esses andrajos, talvez, quem sabe? palpita um coração grandioso... agonise um genio, que, por falta de protecção, ignorado morre...

JORGE.—Talvez queira dizer que é um genio, não?

PAULO.—Na ininterrompida successão dos annos, no correr tempestuoso ou calmo da existencia, bem vezes varia a sorte... O potentado de hontem mendiga hoje o obolo da caridade publica, para não morrer á mingua... o rei de hoje anda amantã foragido, procurando escapar á punição que o persegue... Oh! não julguem, Srs. potentados, que em alicerces de bronze assentão as columnas de ouro da sua felicidade. O vento da adversidade sopra quando menos se espera, Sr. Jorge de Menezes, e em sua passagem tremenda arrasa palacios... destróe opulencias... e some sob as aréas da morte as ephemeras grandezas da terra. O que é o orgulho, Sr. Jorge? Palavra fatal e vã, arma de dous gumes, que, depois de ferir o humilde, fere mais fundo ainda o orgulhoso...

JORGE.—Basta! Já disse!

HELENA.—Jorge!...

PAULO.—Em que se escuda o orgulho? No ouro? Desapparece. Na posição? Cahe-se... Sr. Jorge de Menezes, do mesmo barro de que fôrão feitos o humilde e o fraco fôrão feitos o orgulhoso e o forte...

JORGE.—Acabou? Se quer acabar de aborrecer-me, repita o que disse...

HELENA (*taião a Paulo*).—Cale-se! (*Prevenção.*)

PAULO.—Não é necessario repetir, porque bem gravadas na memoria lhe ficaram as minhas palavras... Talvez que bem cedo o senhor as repita chorando...

JORGE.—Devia ser bonito! O senhor é propheta de máo agouro?

PAULO.—Não prognostiquei desgraças, Sr. Jorge; lembrei-lhe apenas a inconstancia da sorte. Dei-lhe um conselho. Aceite-o, se quizer, e seja feliz.

JORGE.—Palavra de honra! estou quasi chorando!...

PAULO.—Ainda é cedo. Não faltará tempo para chorar e arrepender-se...

JORGE.—Saia!...

PAULO.—Eu saio, Sr. Jorge de Menezes, mas espero que em breve nos veremos... (*Sahida falsa.*)

HELENA (*afflictissima*).—Paulo!... (*Cahindo em uma cadeira.*) Meu irmão!...

PAULO (*indo a ella*).—Helena!... Adeus!... (*Sahe.*)

FIM DO TERCEIRO ACTO

## ACTO IV

### A MARTYR

(A mesma vista.)

#### Scena I

HELENA E JORGE

*(Jorge de pé, com os braços cruzados, e Helena sentada, chorando.)*

JORGE. — Levante-se.

HELENA *(ergue-se)*. — O que mais quer ?...

JORGE. — Se d'ora em diante eu vir correr de seus olhos uma só lagrima por aquelle homem, vêr-me-hei obrigado a chama-la de novo ao sentimento do dever. *(Sahe.)*

#### Scena II

HELENA

Meu Deus ! para que nasci eu ?... Oh ! isto é um martyrio horrivel !... Paulo !... Para onde iria elle ?... Quem sabe ?... Talvez que o desespero... Oh ! meu Deus !... meu Deus ! velai por elle !...

Scena III

HELENA E FERNANDO

FERNANDO (*da porta*).—E é um anjo!...

HELENA (*com dignidade, faz-lhe signal para sahir*).—Saia!

FERNANDO (*desce*).—Pois tem animo de ordenar-me que saia? Quem é tão bella devia ter um coração de anjo. A sua formosura nada mais é então do que uma mascara, que serve para occultar um coração de gelo?

HELENA.—Senhor!

FERNANDO.—Porque me repelle quando eu tanto a amo? Não sabe que o homem que ama como eu amo não encontra obstaculos no seu amor, e quando é desprezado faz-se amar á força?...

HELENA.—Deixe-me sahir, senhor!...

FERNANDO.—Sahirá, mas depois de ouvir-me. Ha muito tempo já que espero este momento para declarar-lhe que dentro em pouco a senhora será minha, e que é preciso não continuar a repellir-me...

HELENA.—Mas se eu o desprezo?!

FERNANDO.—Por causa do ex-caixeiro de seu pai, não é verdade? Não lhe impeço que o ame; ame-o, mas com a condição de ser menos esquiva para commigo.

HELENA.—Que quer dizer?

FERNANDO.—Não me comprehendeu? Quero dizer que não sou como certos homens que ameaçam céos e terra quando as noivas olhão para outros que não elles. Eu gosto de viver tranquillamente e não de-sejo incommodar-me por cousa alguma. Seu pai, ha bem poucos momentos, concedeu-me a sua mão...

HELENA.—Mas...

FERNANDO.—Não se affija; depois de casados havemos de nos dar perfeitamente. Eu continuarei u

minha vida accidentada, de gosos e prazeres. A senhora fará o que quizer, o que lhe vier á phantasia fazer. Eu sabirei para divertir-me com os amigos e as amantes; a senhora ficará em casa para receber os amigos e os amantes, se quizer tê-los...

HELENA (*á parte*).—Infame!

FERNANDO.—Quando quizer sahir, sahirá, sem dizer-me para onde vai, nem o que vai fazer, porque, fique descansada, não lhe perguntarei nunca. O que eu quero é uma mulher formosa, e nada mais. Não acha que devo ser um excellente marido, isto é, um marido que fecha os olhos a tudo e trata os amantes da mulher da mesma maneira por que trata as suas proprias amantes?

HELENA.—Deixe-me sahir, senhor!

FERNANDO.—Mais uma palavra. A senhora ama verdadeiramente, segundo parece, o ex-caixeiro de seu pai. Por que não o toma para amante, se já não o tomou? São conhecidos antigos e poderão viver, como dous pombinhos apaixonados, no ninho da minha casa. Creia que isso nada me incommodará. Paulo terá um logar á minha mesa, um logar em minha casa, e um logar no seu coração, que é o melhor logar. Nunca se separarão. Andarão sempre juntos como dous amigos... como Orestes e Pylades, e...

HELENA.—Basta, senhor! Nunca pensei que labios de homem proferissem tanta infamia! Vou prevenir meu pai de tudo quanto acaba de dizer-me, e depois veremos...

FERNANDO.—Advirto-a de que, se eu souber que a senhora lhe disse uma unica palavra, Paulo terá de haver-se commigo...

HELENA.—Como?

FERNANDO.—Mata-lo-hei!

HELENA.—O senhor o matará?...

FERNANDO.—Mata-lo-hei! Juro!

HELENA.—Oh! só falta isto... só falta mata-lo

para consummar a sua miseravel obra !... (*Indo a elle.*) O senhor. . .

FERNANDO (*tomando-a nos braços*).—Silencio !... .

HELENA.—Meu pai !... meu...

FERNANDO.—Passou a tempestade ! O Titan da innocencia baqueou sem força !... .

HELENA (*rapida*).—Saiã, senhor ! Se eu o desprezava, odeio-o agora... É inutil perseguir-me, porque o senhor é indigno do meu amor...

FERNANDO.—E Paulo ?...

HELENA.—Oh ! o senhor não o matará !... É muito covarde para...

FERNANDO.—Ah ! ah ! ah ! nem sabe quanto fica divina nesse desespero... Parece uma leôa a que matarão os filhos...

HELENA.—Pois bem, senhor : a leôa vingã-se, e eu me vingarei !... (*Sahe.*)

## Scena IV

### FERNANDO

Vingã-se... vingã se... como se vingará uma mulher bonita ?—Chorando ?—Que me importão lagrimas ?...—Ameaçando ?—Oh ! não temo ameaças !...—São inuteis os teus esforços, minha formosa esquiva ! Jurei que havias de ser minha, e has de ser. Tenho necessidade, não de ti, mas do ouro de teu pai... Nada tenho e preciso viver á farta, á larga... As minhas amantes,—mulheres insaciaveis,—abysmos sem fundo,—já me chamão miseravel, porque não as encho de mimos e teteias, como outr'ora... Oh ! ruinhas seductorã sultãnas, desde que o sacerdote me entregue a chave da opulencia de Helena, vós tornareis a ser opulentã também !... Oh ! meu adorãdo pãno verde, hei de

cobrir-vos com o ouro scintillante do commendador Menezes! Viverei com Helena, enquanto Helena puder fornecer-me os meios de sustentar as minhas paixões... Acabados elles... Adeus, Helena!... Quando a mina não offerece mais ouro despreza-se!... Tenho vivido de expedientes até agora... Ainda hontem escapei de ser descoberto em um roubo pelos companheiros de jogo... Mas esses sustos vão desaparecer, e então...

### Scena V

#### FERNANDO E JORGE

JORGE.—Onde está Helena?

FERNANDO.—Retirou-se incommodada para o seu quarto.

JORGE.—Doente?

FERNANDO.—Sim.

JORGE.—Molestia...

FERNANDO.—Passageira, do coração, que o tempo cura...

JORGE.—Como?... Sabes?...

FERNANDO.—Para que tenho eu olhos e ouvidos?...

JORGE.—E o que pretendes fazer?...

FERNANDO.—Tua irmã é uma criança, Jorge. Sonha ainda. Quando acordar, terá tudo esquecido. Depois de casados, iremos viajar. Sabes que as viagens são o melhor medicamento para a enfermidade de que soffre D. Helena... Irei á França, Portugal, Inglaterra, Hespanha, á China até, para que tua irmã esqueça o passado...

JORGE.—Talvez não seja necessario esse sacrificio... Meu pai já mandou chamar o miseravel que enlouqueceu minha irmã...

FERNANDO.—Para que?

JORGE — Para propôr-lhe o seguinte:—dar-lhe tres contos de réis com a condição de elle deixar para sempre o Rio de Janeiro.

FERNANDO.—E se elle não aceitar?...

JORGE.—Aceitará; e se não aceitar, não nos faltão meios para nos livrarmos d'elle. Quando somos agredidos por um cão, matamo-lo. Ficas?

FERNANDO.—Preciso fallar com o commendador.

JORGE.—Até já.

FERNANDO.—Até já. (*Salta Jorge.*)

## Scena VI

FERNANDO

Muito bem... Chega o momento. O que dirá o commendador?... Esperemos...

## Scena VII

FERNANDO E COMMENDADOR

FERNANDO.—Sr. commendador, preciso fallar-lhe. Póde conceder-me alguns momentos de attenção?

COMMENDADOR.—Falle, meu amigo.

FERNANDO.—Tenho dous pedidos a fazer-lhe, e espero ser attendido em ambos. Quanto ao primeiro, trata-se de...

COMMENDADOR.—De minha filha.

FERNANDO.—Sabe?

COMMENDADOR.—A mocidade suppõe illudir a velhice, mas sahe-se sempre illudida.

FERNANDO.— Pois bem, Sr. commendador, amo sua filha e só do senhor depende a realização do meu maior, do meu unico desejo.

COMMENDADOR.—Já esperava por isto, mancebo. Mas se eu recusar ?

FERNANDO.—Como ? porque ?

COMMENDADOR.—O que fará ?

FERNANDO.—Nada, mas sinto que serei muito infeliz...

COMMENDADOR.—Quer saber a minha resposta ?

FERNANDO.—Sim, uma resposta decisiva, franca...

COMMENDADOR.—Pois bem: (*abre os braços*) abra-lhe os braços, e considero-o meu filho.

FERNANDO (*abraça-o*).—Meu pai!... Obrigado, Sr. commendador; de novo encontrei o pai, que ha tantos annos perdi...

COMMENDADOR.—Minha filha não tarda. Consultemo-la. Vamos ao segundo pedido.

FERNANDO.—O Sr. commendador não ignora que o seu ex-caixeiro...

COMMENDADOR.—Não ignoro. Isso fica por minha conta...

FERNANDO.—Pela segunda vez, obrigado. Tirou me um peso enorme de sobre o coração. Agora posso ficar tranquillo, porque vou ser o mais feliz dos homens... Oh ! não pôde calcular como o meu coração palpita...

COMMENDADOR.—Calcúlo, calcúlo, porque por ahi já passei...

## Scena VIII

### OS MESMOS E HELENA

HELENA.—Meu pai...

COMMENDADOR.—Aproxime-se. Aqui o meu amigo Fernando da Cunha acaba de solicitar-me um favor, que não posso recusar-lhe,

HELENA.—Falle, meu pai. (*Prevenção.*)

COMMENDADOR.—Fernando solicita a sua mão.

HELENA (*altiva*).—A minha mão!... Nunca!...

COMMENDADOR.—Helena!

HELENA.—Nunca, meu pai!... O Sr. Fernando da Cunha é muito infame para merecê-la!

FERNANDO.—Ah!

COMMENDADOR.—Helena!

HELENA.—Meu pai, quer saber o que não ha muitos momentos ainda me disse este homem?...

FERNANDO (*baixo*).—A vida de Paulo está em minhas mãos...

HELENA.—Senhor!... meu pai!... oh! isto é um inferno!... Não!... Nunca serei sua! ..

COMMENDADOR.—Ha de ser. Já comprometti a minha palavra, e hei de cumpri-la!...

HELENA (*cahe de joelhos occultando o rosto nas mãos*).—Ah! meu pai!...

FERNANDO (*á parte*).—Trezentos contos farão esquecer o passado!

FIM DO QUARTO ACTO

## ACTO V

### A PUNIÇÃO

(Uma mansarda toda esboroa-la. O commendador está deitado em uma enxerga, cadaverico e exausto de forças. Ao pé da enxerga um banco sobre o qual se vê uma carteira aberta e vazia, e uma vela, já em meio, presa á boca de uma garrafa, e um canivete-punhal. Helena, pallida, desfeita e com os vestidos rotos, está sentada no chão, com o rosto occulto nas mãos. É noite. A tempestade ruga fóra. Vento forte, relampagos e trovoadas ao longe, que vem pouco e pouco se approximando. O commendador dorme, mas o seu somno é agitado. Á luz de um grande relampago Helena, assustada, dá um grito abafado e ergue-se.)

#### Scena I

#### COMMENDADOR E HELENA

HELENA (*erguendo-se assustada*).—Ah !...

COMMENDADOR (*como sobresaltado*).—Filha !...

HELENA (*indo a elle*).—Meu pai !... (*Chora.*)

COMMENDADOR.—Socega, filha !... Mais cedo ou mais tarde.... agora ou logo.... que importa ?.... Tinha de ser assim....

HELENA.—Não pensemos nisso agora, meu pai...

COMMENDADOR.—Pensemos, filha... pensemos... Não me pesa morrer.... porque já nada espero deste

mundo.... Só me peza deixar a vida com o remorso de ter sido o causador da tua desgraça....

HELENA.—Não.... meu pai!.... O Sr. sonhou a felicidade para mim n'aquella união.... Enganou-se.... Quem não se engana?....

COMMENDADOR.—E sonhei.... sonhei.... filha... mas Deus não quiz que meu sonho se realisasse.... Oh! aquelle homem!.... aquelle homem!.... E não haverá castigo para aquelle homem?.... Maldicto!....

HELENA.—Oh! meu pai!....

COMMENDADOR.—Depois de tamanha opulencia... esta miseria tamanha.... Uma mansarda toda esboroadada e prestes a desabar.... um pedaço de vela quasi a acabar-se.... uma carteira vazia....

HELENA.—Meu Deus!....

COMMENDADOR.—Oh! custa muito, meu Deus!... custa muito!.... E Deus não punirá a quem nos lançou neste abysmo de fome e de horror sem que um sentimento de piedade lhe commovesse o coração.... piedade!.... não por mim.... mas por ella.... meu Deus!.... por minha filha tão boa... tão meiga....

HELENA.—Perdôa-lhe, pai!....

COMMENDADOR.—Perdôa-lo!... perdôa-lo, filha!... Perdoar o crime é commetter um crime ainda maior... Não... não lhe perdôo..:

HELENA.—Mas Deus perdoou, meu pai...

COMMENDADOR (*agitado*).—Água, Helena... dá-me agua... Sinto a cabeça arder-me... estou tão fraco...

HELENA.—Vou buscar, meu pai... Mas descanse. Procure dormir. (*Sahe.*)

## Scena II

### COMMENDADOR

Foi um crime!... Jámais coração de homem concebeu igual sentimento... Jámais o céo analdiçoará

mais ignobil creatura... E o coração não lhe estremeceu no seio... e o remorso não lhe mordeu o coração... Com o sorriso nos labios e os olhos enxutos, contemplou, tranquillo e calmo, a apothose infernal de sua obra maldita... De opulento, que eu era, reduzio-me á miseria... de tão feliz que era minha filha... tornou-a desgraçada... Depois,— quando atirou nos lupanares a minha ultima moeda... abandonou-nos., fugio... não sei para onde... deixando-nos assim... a mim—quasi a expirar... a Helena—quasi sem pai...

### Scena III

#### COMMENDADOR E HELENA

HELENA (*com uma caneca de folha*).—Aqui está. meu pai...

COMMENDADOR (*bebe; forte trovão. Estremece e entrega a caneca á filha. Assustado*).—Tenho medo...

HELENA (*recuando*).—Ah!... por acaso...

COMMENDADOR.—Não deliro, não... filha... Tenho medo... não da tempestade, que fóra ruge, porque Deus é bom... mas delle... delle... Oh! se soubesses a idéa que tive agora...

HELENA.—O que foi, meu pai?...

COMMENDADOR.—Pensei que elle tinha descoberto o nosso paradeiro... que veio... e que...

HELENA.—Oh! falle!... falle!...

COMMENDADOR.—E que terminou a sua obra maldita... assassinando-me...

HELENA.—Meu pai!...

COMMENDADOR.—Socega... Foi uma idéa de louco... Sinto-me tão fraco!... A fome traz tantos phantasmas!...

HELENA.—Durma, meu pai... Bem precisa de descanso... Hoje o tempo não permittio que passasse gente na estrada, a quem eu pedisse esmola;

mas amanhã, com o favor de Deus, seremos mais felizes...

COMMENDADOR (*com amargura*).—Felizes!... felizes!...

HELENA.—Quando tomar algum alimento e recobrar as perdidas forças... ha de ficar melhor... ha de ficar bom...

COMMENDADOR.—Hei de ficar melhor, filha, hei de... mas na outra vida... nesta, não... que a felicidade de passou já para mim ..

HELENA.—Deus é grande, meu pai... Mas durma... durma, que o somno far-lhe-ha bem...

COMMENDADOR.—Mas se eu não posso, filha...

HELENA.—Póde... Faça um esforço, que póde... (*Batem.*) Ah!...

COMMENDADOR.—Quem bate?...

HELENA.—Talvez Jorge, meu pai.

COMMENDADOR.—Abre; mas antes pergunta...

HELENA.—Quem mais póde ser senão Jorge?...

COMMENDADOR.—Pergunta... Quem sabe... tenho medo... tenho medo... Estou tão fraco... Helena... minha.. pobre filha... (*Adormece.*)

HELENA.—Meu pobre pai!... (*Vai abrir a porta.*)

## Scena IV

### OS MESMOS E JORGE

JORGE (*pobrememente vestido*).—Minha irmã...

HELENA.—Jorge, nada arranjaste?...

JORGE.—Um pão... (*mostra*).

HELENA (*toma-o*).—Um pão!... É para nosso pai!...

JORGE.—Espera... Deixa-o descansar... Não o acordes agora...

HELENA.—Mas elle tem fome!...

JORGE (*amargamente*).—Tem fome!... Pobre

pai!... (Raiva). Oh! e não hei de matar aquelle maldito!...

HELENA.—Jorge!...

JORGE.—Sabes?... O miseravel anda foragido... Quando não teve mais ouro, roubou... A justiça procura-o... (Tomando o canivete de sobre o banco.) Ah! que se eu o encontro... desgraçado delle... mato-o sem piedade...

HELENA.—Meu irmão!...

JORGE (atira a arma sobre o banco e aproxima-se do pai).—Meu pobre pai!...

HELENA.—Acordo-o?

JORGE.—Não. Vou sahir...

HELENA.—Outra vez, Jorge?

JORGE.—É preciso... São apenas nove horas. Ainda posso encontrar alguem que me dê uma esmola para matar a fome de nosso pai amanhã...

HELENA.—Como somos desgraçados, Jorge!...

JORGE.—Desgraçados... dizes bem, Helena!... Hoje percorri a cidade em todas as direcções, procurando quem me desse trabalho, e não houve um só homem que me attendesse...

HELENA.—Porque?

JORGE.—Porque?... A fatalidade, Helena!... A fatalidade!... (Pausa.) Fecha a porta... Mais tarde voltarei...

HELENA.—Não tomaste alimento algum ainda?

JORGE.—Não.

HELENA.—Porque não levas a metade deste pão?...

JORGE (com sorriso amargo).—Não tenho fome...

HELENA.—Como me dizes isso, Jorge!...

JORGE.—Adeus, Helena!... (Sahe.)

## Scena V

### COMMENDADOR E HELENA

HELENA.—Pobre irmão!... Tão felizes que eramos e tão desgraçados que somos!... Este pão!...

Oh ! quando meu pai acordar, como deve ficar contente !... (*Rumor fóra.*) Meu Deus !... (*Fernando entra.*) Ah !...

## Scena VI

### OS MESMOS E FERNANDO

FERNANDO (*pallido e em desordem*).—Silencio !...

HELENA (*indo á enxada*).—Meu pai !... meu pai !...

FERNANDO.—Esta mulher !... Helena !...

HELENA (*reparando*).—Fernando !...

FERNANDO.—Eu... sim... mas silencio... sou perseguido...

HELENA.—Saia, senhor !... Por piedade !... Se meu pai o vir aqui...

FERNANDO.—Basta ! Quero occultar-me... Occulte-me... Elles não tardão ahi... O roubo...

HELENA.—O roubo ? !

FERNANDO.—Sim... o roubo... Roubei e sou perseguido...

HELENA.—Oh ! saia !...

FERNANDO.—Por piedade... salve-me !...

HELENA.—Salva-lo !... Oh ! o senhor já se esqueceu do passado...

FERNANDO.—Oh ! mas isto é um inferno !...

HELENA.—Senhor !...

FERNANDO.—Pela ultima vez: salve-me, ou...

COMMENDADOR (*sonhando*).—Helena... perdôa-me, minha pobre filha !... Eu fui o unico causador da tua desgraça... Mas Deus ha de castigar o infame...

FERNANDO.—Que diz elle ?...

COMMENDADOR (*sonhando*).—Fernando... o miseravel que...

FERNANDO (*com os punhos cerrados*).— Oh! basta!.. Silêncio... velho! ou esmago-te sem piedade!...

HELENA.—O senhor ameaça um moritundo!... É um covarde!...

FERNANDO (*segurando-a*).—Mulher!...

HELENA.—Dixe-me, senhor!... Peço soccorro...

FERNANDO.—Ninguem a ouvirá!... Occulte-me, ou mato-a!...

HELENA (*indo á porta*).— Soccorro!... Soccorro!...

FERNANDO.—É inutil... Não quer salvar-me... não é assim?...

HELENA.—Salva-lo!... Oh! nunca!...

FERNANDO (*rojando-a*).—Pois então... (*Jorge apparece á porta e de um salto separa-os.*)

## Scena VII

### OS MESMOS E JORGE

JORGE.—Fernando da Cunha!...

FERNANDO.—Maldito!...

JORGE.—Finalmente nos encontramos, senhor!... Não sabe com que ancia esperava eu este momento!...

FERNANDO.—O que pretende?

JORGE.—O que pretendo? E ainda me pergunta o que pretendo?... Quero vingar-me!...

FERNANDO.—Vingar-se!... E porque?...

JORGE.—Oh! não é preciso que lhe diga porque... O senhor bem o sabe... Veja esta miseria que nos rodeia... olhe para aquelle velho que ali agonisa, quasi sem forças para respirar... olhe para esta mulher... Esta mulher!... Conhece-a?... É minha irmã... é Helena!... Repare na pallidez que lhe cobre as faces... repare nos andrajos que a cobrem... E esta mulher já foi um anjo de belleza...

já trajou como uma rainha !... Veja !... E pergunta por que quero vingar-me !... Quem foi o causador de todas as nossas desgraças ?...

HELENA.—Jorge !...

FERNANDO.—Senhor !...

JORGE.—Quero vingar-me... porque é preciso que o senhor morra !...

FERNANDO.—Eu morrer !... (*Vê o canivete e atira-se.*) Veremos !...

JORGE (*toma a arma*).—Morrer... sim ! mas morrer como um cão !... (*Fernando crroja-se sobre Jorge, que, fóra de si, fere-o. Paulo entra a tempo de vêr o acto do ferimento.*)

## Scena VIII

### OS MESMOS E PAULO

PAULO.—Que fez ? (*A Jorge.*)

HELENA.—Meu Deus !...

FERNANDO (*cahindo*).—Ah !...

JORGE.—Era um cão : matei-o !

HELENA.—Paulo ! ..

COMMENDADOR (*despertando sobresaltado*).—Que é isto ?... Que barulho é este ?... Jorge... Helena... meus filhos... Paulo ! também elle ! Um homem... um homem morto...

JORGE.—É uma vibora esmagada, meu pai ! Mordeu-nos a primeira vez, e fugio... tentou morder-nos a segunda, matei-o...

COMMENDADOR.—Fernando...

PAULO.—Segui ha pouco os seus passos e vi-o entrar aqui, Sr. Jorge. Peço perdão... Sr. commendador, prepare-se que vamos partir quanto antes...

COMMENDADOR.—Partir... para onde ?...

PAULO.—Para sua casa. É impossível, fraco e enfermo como se acha, continuar a viver aqui.

COMMENDADOR.—Para minha casa!...

PAULO.—Sim; para sua casa. Leia. (*Dá um papel.*)

COMMENDADOR (*lê e depois ajoelha-se a custo*).— Perdão!... É um castigo, mas um castigo nobre, digno de uma grande alma... Eu expelli-o injustamente de minha casa, e o senhor faz-me doação dessa mesma casa de onde foi expellido... oh! é muito!...

JORGE E HELENA.—O que diz, meu pai?..

COMMENDADOR.—Lêão, meus filhos, e aprendão... (*Dá-lhes o papel. Prevenção.*)

PAULO.—A sorte ajudou-me, Sr. commendador. Trabalhei e enriqueci...

HELENA (*de joelhos*).—Oh! obrigada! muito obrigada!

JORGE (*á parte*).—E eu insultava-o!... Oh! maldito que eu sou!...

PAULO.—Levante-se, minha senhora. Não tem que me agradecer. Não foi um beneficio que fiz: foi um dever que cumpri; uma dívida de honra que paguei. Seu pai amparou-me da miseria durante dez annos... É justo que eu agora o ampare tambem da miseria!... (*Paulo entre Jorge e Helena, que lhe apertão as mãos, e o commendador com as mãos unidas olhando para o céu.*)

## FIM DO QUINTO E ULTIMO ACTO

ELVIRA

Sim, como o dos anjos...

IRENE

Nos quadros, ama, os anjos têm mantos azues.

ELVIRA (*rindo-se*)

Com effeito, assim é; costumam arrancar um pedaço de nuvem para se vestirem.

IRENE

Branco ou azul, esta rosa não ficará mal; foi mamãe que a deu. Achas a minha bem collocada?

CECILIA

Muito bem.

IRENE

Aqui estou para pentear-te, para que só tenhas o trabalho de te vestires.

CECILIA

Temos ainda muito tempo.

IRENE

Não, Cecilia, a hora aproxima-se! Senta-te.

CECILIA (*sentando-se defronte do espelho*)

Parece-me que o meu penteado está bom...

IRENE

Muito bom para ficar em casa. Quero que a minha querida irmã fique encantadora! (*Desmancha os cabellos de Cecilia*). Que bellos cabellos tem a tua filhinha, ama!

ELVIRA

Sim, não só os cabellos como tambem uma bella figura.

IRENE

As tranças são tão grossas, que é preciso um batalhão de grampos para contel-as!

ELVIRA

Aqui os tem.

IRENE

Tens tudo á mão! Onde queres, Cecilia que eu colloque a rosa?

CECILIA

Onde quizeres.

IRENE

Olha-te ao espelho: és, na verdade, muito chic! Vou ficar orgulhosa de entrar contigo nos salões! Já prometti em teu nome tres contra-danças. Levanta-te: ensaia um sorriso e vamos a ver como te portas dançando. Dá-me á mão. (*Danças uma valsa*). Muito bem! muito bem! Danças com graça.

CECILIA

Oh! como é divertido tudo isto! Achas que estou bem ensaiada e que não envergonharei a familia?

IRENE

Admiravelmente... e com espirito! agora uma mazurka! (*Danças*).

CECILIA (*fugindo de Irene e indo sentar-se*)

E' inutil, basta!

IRENE

Já sei, não te queres fatigar!

ELVIRA

Olhem que a gente fica de bocca aberta vendo as duas dançarem!

CECILIA

Que horas são ?

IRENE

Que impaciencia ! Sentes não estar já no baile ! E o teu vestido que não chegou ainda ? Vai com Cecilia, ama, afim de que se prepare e esteja prompta quando a costureira chegar.

CECILIA

Meu Deus !

IRENE

Não te aborreças. A costureira é muito pontual e sabe que vás estrear hoje na sociedade. Comprehendes que não faltaria em taes circumstancias. Vai, minha querida ! (*Cecilia e Elvira sahem*).

### SCENA III

IRENE e depois D. AMELIA (*em toilette de baile*)

IRENE

Cecilia está afflicta e tem razão. Como está linda !

D. AMELIA

Onde está Cecilia ?

IRENE

Ella foi preparar-se e espera apenas o vestido. E' tão tarde !

D. AMELIA

Está alegre ou triste ?

IRENE (*rindo-se*)

Acho-a muito commovida e pouco fala. E' a emoção natural de quem vai pela primeira vez a um baile. Ah ! como está tardando o vestido, e como estou anciosa para ver o gosto que teve Cecilia ! Com certeza mamãi ajudou-a na escolha !

D. AMELIA

Não ; deixei que ella o escolhesse e o mandasse fazer á vontade. Aflanço-te que tudo sahirá bem.

IRENE

Tanto melhor ! Mas esta demora é inexplicavel !

SCENA IV

D. AMELIA, IRENE, CECILIA e ELVIRA

D. AMELIA (*para Cecilia*)

Approxima-te, para que eu possa admirar-te. Estás muito bem penteada. Mas... o que significa essa pallidez? Soffres?

CECILIA

Não, senhora ; apenas um pouco nervosa.

ELVIRA

Commovida...

D. AMELIA

Por ter de ir ao baile em companhia de tua mãe e de Irene? Isso não é motivo...

IRENE

Eu vou completar a minha toilette; volto já.  
(*Sae*).

D. AMELIA

Tenho prazer e orgulho de levar as minhas duas filhas, que são as minhas joias.

O baile vai ser deslumbrante: flores em toda a parte, pessoas cobertas de diamantes, sedas, enfim um luxo phantastico; mas, olhando para tudo isso, nada invejarei, porque as minhas adoradas filhinhas não serão offuscadas.

ELVIRA

Vossas filhas não ficarão no segundo plano...

D. AMELIA

Cecilia, prometto-te muitos divertimentos. Espero que não terás gasto toda a enorme quantia enviada por tua boa vovó e para o fim de te apresentares bella. Será possível que nada reste?

CECILIA (*embaraçada*)

Não, mamãi...

D. AMELIA

E' preciso que te corrijas, de modo a prevenir ou não fazer despesas desta ordem: a simplicidade é o melhor gosto de uma menina.

CECILIA

Ah! minha querida mamãi, tudo o que a senhora diz toca-me o coração!

D. AMELIA

Sim? E' verdade? Fala-me da tua alegria.

ELVIRA

Alegria? Eil-a: ahi está chorando! (*Batem á porta*).

D. AMELIA

Batem. Vê quem é, ama, e manda entrar.

ELVIRA (*á meia voz*)

Felizmente vai tudo ser descoberto! (*Abre*).

## SCENA V

CECILIA, D. AMELIA, ELVIRA E TIA  
MATHILDE

CECILIA (*á parte*)

Meu Deus! Ella? A Tia Mathilde!...

TIA MATHILDE

Desculpem... queiram perdoar, si as importuno a esta hora...

CECILIA

Sim... na verdade é bem tarde. Mamã, é uma pobre senhora, uma pessoa que costumo visitar. Hoje não póde ser; amanhã, tia, si quizer...

D. AMELIA

Nós temos tempo. Fale hoje a minha filha.

TIA MATHILDE

Sua filha? E' um anjo, minha senhora!

D. AMELIA

Já lhe fez algum beneficio?

TIA MATHILDE

Beneficio? Diga antes que nos salvou!

CECILIA

Peço-lhe por tudo, senhora! Vá se embora! Não temos tempo agora para attendel-a!

TIA MATHILDE

Apenas duas palavras. Acabamos de saber que nós temos a chave da casa á rua Monceaux. Este beneficio tão grande é mais um que lhe devemos, pois assim ficamos a coberto de vexames.

CECILIA

Mas não fui eu...

TIA MATHILDE

Não ha duvida que fostes vós ! O proprietario disse-nos: « Devem tudo isto a Mademoiselle Cecilia Maury. » Fiquei tão alegre, que num momento cheguei aqui dizendo a mim mesma : « A vossa bella menina vai saber da nossa felicidade antes de todos ». (*Para D. Amelia*) : Porque, minha senhora, nós lhe devemos a vida ! Eu já não tinha uma moeda, meu marido muito doente, meus filhos quasi nós e tiritando de frio ; apparece como um anjo tutellar a vossa filha ; fornece roupa ás cinco crianças, chama o medico para ver meu marido e paga todos os remedios. Vai á padaria e abre-nos um credito de cem mil réis e, — não é tudo ainda ! — em vez de palha, temos camas, colchões e cobertas. E eis-nos todos felizes, abençoando esta encantadora menina, e eu não quiz dormir sem vir agradecer-lhe ! Agora, Mademoiselle, retiro-me pedindo mil perdões... Ah ! afasta-se?... Córa ? Que bondade ! que coração ! Consinta que uma pobre mãe, desamparada hontem, sem pão, sem roupa e na miseria extrema, hoje venha aqui beijar a mão da sua protectora !

D. AMELIA

Podeis abraçar minha filha.

TIA MATHILDE

Já que consentis! (*Abraça Cecilia, chorando*)  
Ah como é bom dizer: Obrigada, muito obrigada! (*Saúda D. Amelia e sae*).

## SCENA VI

CECILIA, D. AMELIA, ELVIRA e depois  
IRENE

ELVIRA

Antes assim! Está tudo descoberto! D. Amelia sabe agora o motivo porque não temos vestido para o baile. Este segredo nos pesava tanto...

CECILIA (*espantada*)

Mamã! Mamã! Eu peço perdão de lhe ter occultado...

ELVIRA

Sim, sim, todo o dinheiro recebido da boa vovó... todo...

D. AMELIA

E acha muito correcto occultar a sua mãe, qualquer acção, ainda que seja boa?

CECILIA

Eu deveria dizer tudo... não vos deveria enganar... Agora é que me arrependo...

D. AMELIA

Sim... porque deves saber que a verdade é tão bella como a caridade.

CECILIA

Mamãe, juro que d'ora em diante não mentirei mais! Tenho soffrido muito! Mais tarde saberá tudo...

ELVIRA

Acreditavas, minha innocentinha, que D. Amelia tudo ignorava? Não, minha querida, Elvira a tua boa ama, só tem na vida um caminho — e esse é o da verdade. Eu disse á mamãe o teu plano antes executado. Si não procedesse assim, seria acaso digno de sua confiança?

E depois, Cecilia, eu vou dizer-te ainda uma cousa: a mamãe já tem um emprego para o pobre marido da boa Mathilde tão depressa elle se restabeleça.

CECILIA (*lançando-se nos braços de D. Amelia*)

Perdôa, mamãe!

D. AMELIA

Bem! bem! Está tudo acabado, e para castigar-te, minha dissimulada, vás ficar em casa

como a gata borralheira, enquanto eu e tua irmã vamos ao baile.

CECILIA

Já que não está zangada, eu, apesar de punida estou contente como nunca ! E' justo que eu pague a minha falta e a satisfação do acto que pratiquei.

ELVIRA

Sempre boa e meiga, minha senhora !

## SCENA VII

AS MESMAS e IRENE

IRENE

O que ? Cecilia não está prompta ? O teu vestido . . .

D. AMELIA, *(fala em segredo a Elvira, que sae)*

Cecilia não encommudou o vestido ; acabo de saber que ella distribuiu o dinheiro, que tinha por pessoas pobres e honradas, e esse procedimento salvou-as da miseria.

IRENE

Fez mal... mal... não propriamente porque praticou uma boa acção, mas porque o caso é muito complicado. Pois bem, mamã: si entende que nós devemos tomar parte na acção, digna de applausos, de Cecilia e tambem no castigo de ficar em casa, ficaremos com ella. Oh! mamã, eu vos peço, fiquemos com... (*Indo á Cecilia*). Pobre Cecilia, deixar-te aqui sosinha, e irmos dançar longe... Nunca!

CECILIA

Eu não quero, mamã, não quero absolutamente! Ficando só, terei grande alegria como vós tambem a tereis indo á festa. Por Deus! partam, partam, que já é tarde!

ELVIRA, (*voltando com uma caixa*)

Pois bem! ellas vão partir, mas tambem tu irás! (*Abre a caixa e tira um vestido de baile*). Eis o teu vestido: está prompto... e nada de demoras...

CECILIA

O que? Este vestido ó meu? Pois ha um vestido feito para mim?...

ELVIRA

Sim, e então? A mamã tinha tambem um segredo: estava no seu direito.

CECILIA e IRENE, (*abraçam a D. Amelia*)

Oh ! mamãe é muito boa !

D. AMELIA

Basta, basta, minhas queridas ! E' tarde. Depressa, ama, veste Cecilia.

ELVIRA

Ella está chorando de alegria.

D. AMELIA

Não chores. Vãs ficar com os olhos vermelhos e eu quero ver-te gentil.

IRENE

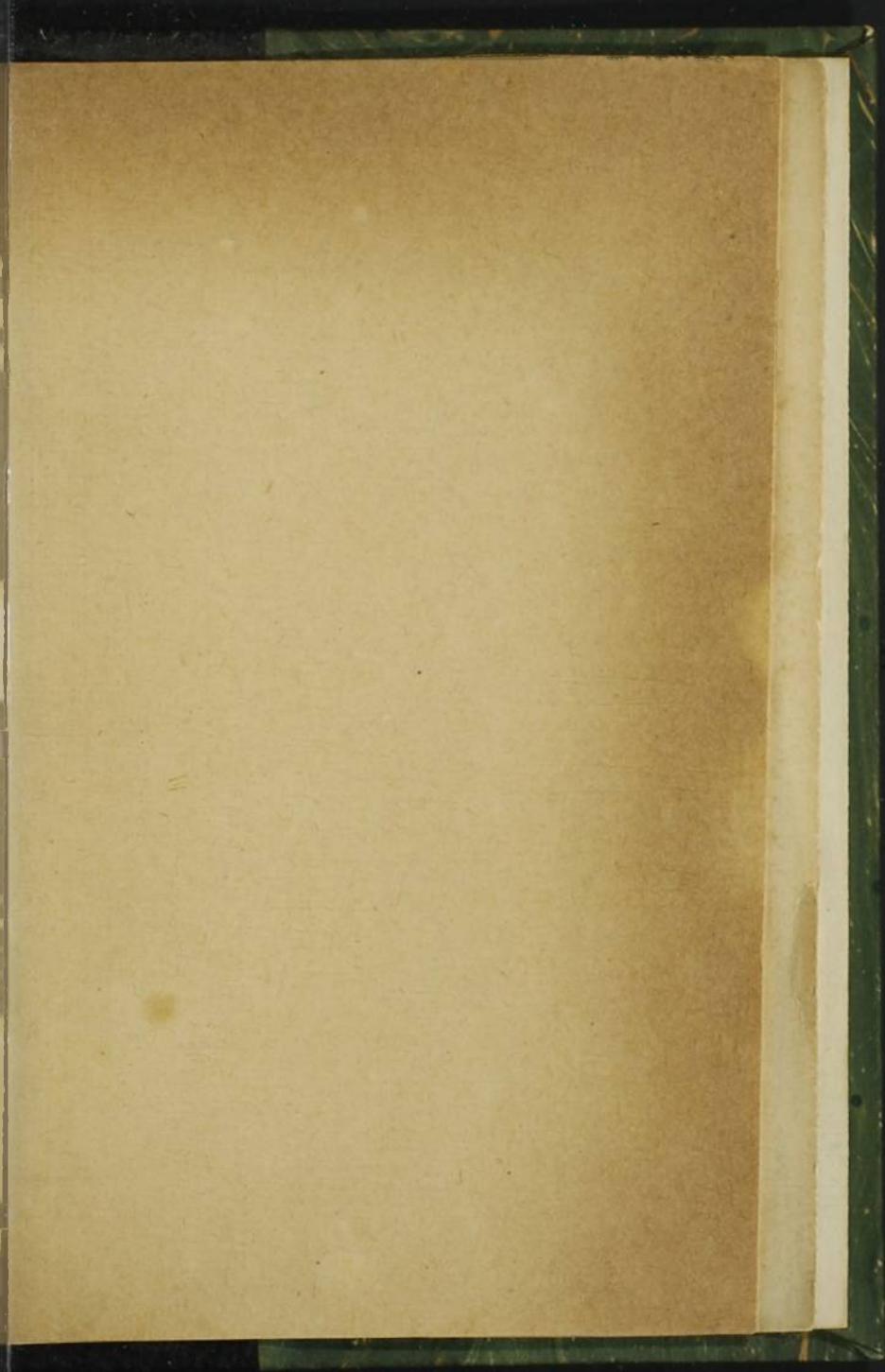
Como agradecer-vos ?

D. AMELIA

Indo ao baile, divertindo-se muito. Qual o prazer de uma mãe, si não ver as filhas alegres ? Ao baile ! ao baile !

CAE O PANNIO

52078



19068

